



Conversas sobre

TRIGUEIRINHO

FIGUEIRA DESPERTA

 IRDIN
EDITORA

ANA REGINA NOGUEIRA

Conversas sobre
TRIGUEIRINHO
FIGUEIRA DESPERTA

Ana Regina Nogueira

Conversas sobre
TRIGUEIRINHO
FIGUEIRA DESPERTA



IRDIN

2024

Copyright © 2024 Ana Regina Nogueira da Costa

IRDIN É UMA EDITORA SEM FINS LUCRATIVOS

PROJETO GRÁFICO

Ana Regina Nogueira

REVISÃO

Equipe de voluntários da Associação Irdin Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nogueira, Ana Regina

Conversas sobre Trigueirinho : Figueira desperta / Ana Regina Nogueira.
– Carmo da Cachoeira : Irdin, 2024. – (Conversas sobre Trigueirinho ; v. 3)
388p. : il.

ISBN 978-65-88468-61-6

I. Trigueirinho Netto, José. 2. Biografia. 3. Narrativas pessoais.
4. Espiritualidade. 5. Vida em Comunidade. I. Título. II. Série.

CDD: 361.7

Direitos reservados à

ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA

Cx. Postal 2, Carmo da Cachoeira

MG, Brasil, CEP 37225-000

Tel.: +55 (35) 3225-2616

www.irdin.org.br

SUMÁRIO

| | |
|------------|---|
| 11 | PREFÁCIO DA EDITORA |
| 13 | PREFÁCIO DO CONSELHO |
| 17 | INTRODUÇÃO |
| | FIGUEIRA REVELA-SE |
| 23 | Árvore-mãe Figueira |
| 25 | A chegada |
| 29 | 1987 e 1988 — Anos-semente |
| 37 | Sete vigílias noturnas |
| 39 | Princípios originais |
| 51 | Casa 1 |
| 57 | Casas na cidade, portais de Figueira |
| 59 | Mutirões em F1 |
| 69 | Abelhas em Figueira |
| 77 | Conselhos |
| 85 | Energia essênica e eras |
| | FIGUEIRA ELEVA-SE |
| 89 | Nasce o Centro Espiritual |
| 91 | Estradas e caminhos |
| 99 | Casa do Pátio |
| 111 | Vida Criativa |
| 121 | Área Luz |
| 125 | F2 — Fazenda Figueira II |
| 137 | F3 — Área Silêncio |
| 145 | Trigueirinho em F3 |
| 153 | Oca da Vigília Permanente |
| 157 | Núcleo Sohin |
| 163 | Terras do Sol |
| 167 | Terras da Irmandade |
| 173 | Labirintos |
| 177 | Lagos |
| 181 | Morro do Cristal — Colina das Aparições |

BUSCA DO SAGRADO

- 187** Silêncio
- 189** Figueira, um laboratório
- 195** Resposta ao chamado
- 199** Vida
- 201** Mirna Jad
- 205** Observar o céu noturno
- 209** Mantras e orações
- 213** Retiros
- 215** Vigília Mensal
- 217** Troca de nomes

SETE MONASTÉRIOS

- 223** 7 Monastérios em Figueira
- 231** Aqueles que se doaram
- 245** Monge então monge agora *de Frei Luciano*

INSTRUIR E DIFUNDIR

- 253** Colóquios
- 257** Palestras públicas
- 265** Sobre a publicação da obra de Trigueirinho e de residentes de Figueira na Editora Pensamento
- 271** Escrita dos livros
- 277** Partilhas, instrução viva
- 289** Encontro Geral — EG
- 295** Perguntas e respostas
- 297** Um mar de temas
- 299** Estudos e cursos
- 307** Livrarias, bibliotecas, quadros de aviso
- 309** Irdin Editora
- 317** Gravar e reproduzir
- 323** Editar com José
- 327** Difundir o ensinamento

EXTENSÕES DE FIGUEIRA

- 341** Núcleo-Luz em Belo Horizonte
- 347** Núcleo-Luz em São Paulo
- 353** Núcleo-Luz em São Carlos, SP

FIOS DE OURO

- 361** José Trigueirinho

ANEXOS

- 366** Gratidão
- 367** Áreas e casas
- 371** A prole de Trigueirinho
- 373** Dados e índice — nove pioneiros
- 376** 89 dos que escutaram o chamado
- 377** Livros de Trigueirinho

A Trigueirinho, humilde
e grandioso servidor do
Plano Evolutivo, que nos
indicou o Propósito deste
planeta e o de nele estarmos.

PREFÁCIO DA EDITORA

*Trata-se de ir além,
Muito além do que se pode.
O possível é obra de entediados.*
VERSOS LIVRES – OBRA PÓSTUMA, Trigueirinho

ESTE LIVRO CONTA A HISTÓRIA DA REALIZAÇÃO DO IMPOSSÍVEL.

Em *Figueira Desperta*, terceiro volume da coleção *Conversas sobre Trigueirinho*, Ana Regina Nogueira dá sequência ao relato da saga do instrutor de almas que, junto com seus discípulos e seguidores, plasmou na superfície da Terra princípios de vida comunitária até então concebidos tão somente no âmbito das ideias arquetípicas.

A partir de ampla pesquisa traduzida pelos vários fac-símiles de documentos, cartas e bilhetes de próprio punho de Trigueirinho, fotos, esboços e ilustrações, a autora vai conduzindo o leitor pelos meandros da construção material e imaterial da Comunidade-Luz Figueira iniciada na década de 1980 no interior de Minas Gerais e, até os dias de hoje, referência de vida grupal baseada no convívio fraterno, na interação respeitosa com os Reinos da Natureza, no serviço ao próximo e na prática espiritual.

A narrativa é clara, simples, cativante, poética; entremeia o depoimento de dezenas de colaboradores com a voz daquela que testemunhou e vivenciou os fatos sobre os quais escreve com sensibilidade e amor. O gosto pela precisão, a leveza de linguagem, o cuidado na escolha das palavras e a beleza do design gráfico são atributos cultivados pelo mestre, que se refletem na obra da discípula e amiga, em gratidão e reverência.

Figueira Revela-se, a primeira parte do livro, expõe como foram levantados os alicerces sobre os quais se assentou a fundação da Comunidade, desde a escolha metódica da localização física de casas e prédios e de sua concepção arquitetônica segundo leis energéticas da sagrada geometria, à adesão irrestrita dos primeiros grupos de colaboradores ao audacioso projeto destinado a implantar novos padrões de conduta que serviriam de modelo a toda a humanidade.

Um a um, os depoimentos coletados vão contando a história dos pioneiros que, atraídos pelo magnetismo de Trigueirinho, deixaram para trás famílias, profissões consolidadas e a vida comum. Relatam os passos dados na senda em direção ao mundo interno, conforme trabalhavam a construção dos espaços externos, estradas, labirintos, jardins, plantios, alojamentos, auditórios, instalações onde a energia criativa e intuitiva de José — como a ele se referem os que privaram de sua convivência mais próxima — ia distribuindo tarefas, estabelecendo rotinas e ritmos de trabalho, orientando sobre os aspectos mais singelos do viver ou instruindo sobre temas da ciência cósmica.

Na segunda parte, *Figueira Eleva-se*, a narrativa segue a ordem cronológica do avanço das construções e da implementação das diversas atividades de serviço e de conexão com o Alto, permitindo acompanhar cada etapa da concretização dos fundamentos filosófico-espirituais captados por Trigueirinho de dimensões imateriais.

As áreas adquiriram a forma apropriada para expressar sua energia específica: criaram-se ambientes para promover a cura de humanos e animais; espaços para retiros e vigílias; laboratórios para desenvolver medicamentos; recintos destinados à música, à oração, à meditação e à mantralização; auditórios, bibliotecas e a Irdin Editora, para albergar e difundir a instrução.

Sob a guiança amorosa e firme de seu instrutor, as almas alcançaram patamares evolutivos mais elevados, vencendo obstáculos impostos pela personalidade. Monastérios foram instituídos; ampliou-se o canal de contato com as energias emanadas da Fonte Única, e Figueira tornou-se o templo sagrado de onde a Divindade passou a transmitir mensagens dirigidas à humanidade.

Figueira estava preparada para perpetuar seu destino. Deu frutos. Dela originaram-se outras instituições, uma Obra que se expande por países e continentes, sustentada externamente apenas por doações espontâneas e trabalho voluntário e, internamente, pela ação oculta de potentes energias cósmicas.

Gratidão a José Trigueirinho Netto e a Ana Regina Nogueira, a escritora forjada em amor pelo eterno mestre, um dos frutos maduros.

Irdin Editora

PREFÁCIO DO CONSELHO

Vosso treinamento consiste em construir o canal para contato. Nessa fase, é o silêncio que constrói. Não tenhais pressa. A pressa é filha do desejo.

PORTAS DO COSMOS, Trigueirinho

COMO DESCREVER MOMENTOS TÃO MARCANTES na vida de cada um de nós, os que chegamos para ajudar a materializar a nossa amada Figueira e as demais Comunidades-Luz?

A etapa do pioneirismo marcou profundamente todos os que se colocaram para abrir caminhos, firmar alicerces e levantar paredes, tijolo por tijolo, dessa grande construção, uma construção interna e externa. A alegria e o entusiasmo nos permeavam por estarmos adentrando o espaço físico, que também era um nível de consciência desconhecido e imponderável.

Acompanhar Trigueirinho nesse projeto de amor levou-nos a ter de superar muitas das nossas velhas estruturas, então arraigadas, representadas pelos aspectos resistentes e por nossos condicionamentos, pois mesmo que dia a dia nos esforçássemos, encontrávamos muitas dificuldades para nos transformar.

Trigueirinho, com seu amor, muita paciência e determinação, impulsionava-nos, evocando em nós a devoção e o amor pelo ser, pelo autoconhecimento, pela cura verdadeira e profunda.

Desde os primeiros momentos da fundação de Figueira, e até hoje, a energia do José sempre nos instruiu e nos fortaleceu em tudo, com harmonia e organização. A comunidade foi crescendo, dando os passos necessários, acompanhando o fluxo determinado pela Hierarquia, que habita os níveis internos mais profundos do coração de Mirna Jad.

A reverência pelo sagrado, expressa em todas as nossas ações e na simples cerimônia de comunhão com a Natureza, foi a nota importante

que soou vivamente do ser de Trigueirinho, que nos dava exemplos a cada instante para vivermos como alma, como espírito. Claro que como aprendizes nos esforçávamos para viver e ser o que sabíamos, compreendendo as leis universais, porém nem sempre alcançávamos esse estado de consciência, mas a consciência de Trigueirinho estava continuamente ali como exemplo, sempre nos orientando, nos encorajando no caminho da evolução.

Anos antes de vir para a Figueira, conheci José em um momento em que me perguntava o sentido da vida; muitas dúvidas, muitas incertezas e muitas insatisfações. Mesmo que externamente estivesse bem, não via sentido em nada.

Nessa ocasião, José me convidou para ir com ele para São Paulo e conhecer o espaço que havia sido ofertado para a implantação da comunidade, e, como era só por um período, eu aceitei.

Foi quando me mostrou o projeto do que seria a futura comunidade e apresentou-me a proposta para a sua fundação e os primeiros passos da obra que estava nascendo.

Um pequeno grupo passou a residir na cidade de Carmo da Cachoeira, em uma casa ofertada por uma colaboradora, e, a partir daí, demos início ao projeto da Hierarquia.

Muitos trabalhos internos, sintonias e vigílias noturnas começaram a acontecer a fim de ancorar a energia que vinha do Alto, canalizada por José. Tudo foi acontecendo e se desenvolvendo, passo a passo, sob seu olhar e acompanhamento vigilantes.

Dia após dia, Figueira plasmava-se no plano físico. A Lei da atração e a da manifestação apresentavam-se em abundância diante de nós. O novo, o belo, o harmonioso surgiam no plano físico, resultado do alinhamento com os níveis superiores do José e de seus companheiros de caminho.

Frei Supremo do Rei Jesus

Janeiro de 2024

TRIGUEIRINHO

BASEADO NO OPÚSCULO **INSTRUÇÃO**

A cada instrutor corresponde um grupo que, para avançar, usufrui a energia que atua por seu intermédio.

Estável nos níveis internos da consciência, o instrutor mantém sábia conduta. A necessidade mesma dos estudantes faz emergir do seu interior a maneira adequada de supri-la.

O instrutor evolui ao ajudar a evolução dos coligados a ele. A energia impulsiona-os em conjunto, de modo que avancem em ritmo sincrônico e harmonioso.

Quem tem a tarefa de instruir é um escultor de almas. O exemplo, a palavra, a ação firme e amorosa e a disponibilidade inabalável de ajudar servem-lhe de cinzel para remover as camadas que encobrem o verdadeiro semblante dos que estão sob seus cuidados.

Embora a instrução se inicie nos níveis materiais, na personalidade, depois ganha o âmbito da alma e, finalmente, o do espírito imortal. Não é uma atividade acadêmica e restrita, mas diz respeito a todos os que estão na senda evolutiva. Começa em um indivíduo e depois se amplia aos que a ele estão unidos.

A instrução flui de elo a elo de uma corrente de almas doadas a princípios de fraternidade.



TRIGUEIRINHO em F3, ao lado de casa.
Comunidade-Luz Figueira, Carmo da Cachoeira, MG, 2006

INTRODUÇÃO

Ireis sentir-vos felizes diante da elevação das âncoras, diante das velas ao vento. Vossa barca navegará sem saber para onde ir; todavia, a fé será o farol que a conduzirá ao porto seguro.

PADRÕES DE CONDUTA PARA A NOVA HUMANIDADE, Trigueirinho

EM LATIM, COR OU CORDIS SIGNIFICA CORAÇÃO. *Re-cordis*: recordar, quer dizer *voltar a passar pelo coração*. Daí, dos corações, brota a memória ardente da história do filósofo espiritualista José Trigueirinho Netto.

O livro *Figueira Desperta* foca os vinte primeiros anos de formação da Comunidade-Luz criada por ele em fazendas montanhosas ao sul de Minas Gerais. A voz grupal de uma centena de pioneiros, em distintos graus de evolução espiritual, recorda-se de construções, plantios e beleza surgindo à flor da terra seca. Cada canto, cada recanto foi pensado para facilitar o contato com o lado interno da vida.

Pelos capítulos se entremeiam citações daquele que repetia: *A grande mudança começa em nível individual. Cada indivíduo consciente de seu próprio papel (consigo mesmo e perante a humanidade e o planeta) conta mais que milhares de pessoas inconscientes. Não são necessários muitos para atrair, do Cosmos, a ajuda de que o mundo tanto precisa. Alguns chamam esse trabalho de “oração”.*

Conectado a planos subjetivos, Trigueirinho tinha os pés bem calcados no mundo concreto no intuito de elevá-lo e de impulsionar o Plano Evolutivo. Ampliar a consciência através do conhecimento é o foco primordial da comunidade. Trigueirinho oferecia dois ou mais estudos semanais, e convidava palestrantes a darem os mais variados cursos.

Além de estudos reflexivos, Figueira oferece tarefas práticas aos membros, todos voluntários, que as desenvolvem em casas na cidade, em distintas áreas rurais — cerca de 550 ha, nos quais se incluem reservas naturais —, e em Núcleos-Luz, inicialmente implantados em Belo Horizonte, São Paulo e São Carlos, SP. Em todos os espaços se adota o sistema de doações espontâneas e o de troca de bens, sem estabelecer atividades comerciais e lucrativas.

Figueira é a mãe, o modelo que inspirou a abertura de cinco Comunidades-Luz no Uruguai, na Argentina, em Portugal, nos EUA e mais outra no Brasil. Núcleos-Luz, a Rede-Luz Planetária, Associações Civas de Serviço e Religiosas são seus desdobramentos e compõem a prole de Trigueirinho. Cofundada por ele, instituiu-se a associação civil sem fins lucrativos Federação Humanitária Internacional, em 2010, que acolhe as filiadas acima e atua em 28 países.

Trigueirinho nasceu em São Paulo no dia 6.2.1931. Protegido por um lar harmonioso e a disciplina de um pai militar, aprendia vendo os pais ajudarem os semelhantes. Foi cineasta precursor do Cinema Novo brasileiro, no decorrer de intensas buscas na juventude, entre o Brasil e a Europa nas décadas de 50 e 60. Ao mesmo tempo se deixava guiar pela instrutora espiritual em Roma, Itália. Sobre o ciclo, escreveu: *A minha formação espiritual diz respeito ao cultivo da união com os níveis suprafísicos de consciência, com os níveis espirituais de consciência e com os níveis intuitivos. Era uma vida simples, de observação dos fatos que aconteciam (e principalmente de auto-observação). Entre nós, o silêncio era considerado um dom precioso, tanto que limitávamos nossas palavras ao necessário, embora ali jamais o mutismo tenha sido praticado.* Recolhia-se em retiros espirituais e, aos poucos, acendeu a chama do próprio mundo interno.

Já em 1976, morando em São Paulo, formou grupos de oração e estudo que rapidamente se multiplicaram país a fora. Em capitais, oferecia cursos sem cobrar por eles. Também estabelecia colóquios com quem o procurasse. Um número crescente de seguidores aderiu a suas instruções e retiros espirituais, quando, em 1978, ele viveu uma crise e viajou para a Europa entristecendo os que deixava. Na comunidade Findhorn, na Escócia, uma das fundadoras e guia espiritual o questionou: *O que é que está fazendo aqui? Seu trabalho é no Brasil! As almas estão te esperando!* Após um retiro na Suíça com a instrutora, o grupo nascente teve a alegria de receber dele carta com a notícia de que logo voltaria.

Na década de 80 e até agosto de 1990 ampliou o trabalho público levando palestras, *workshops* e retiros a capitais e cidades do país. Enquanto isso, com nove jovens precursores, abriu a experiência comunitária em Nazaré Paulista, SP, em 7.3.1982, da qual se retirou em 1º de janeiro de 1987. Esse ano foi crucial. Lançou os primeiros dois livros

dos 84 publicados. Acrescentou viagens a províncias argentinas a fim de ampliar o grande chamado ao despertar. Além de tudo, reconheceu e disse *sim* à localização espiritual, geográfica e humana de onde apareceria Figueira. Logo depois lhe foi revelado que o plano suprafísico do local ancora o Reino de Mirna Jad.

Em 8.8.88, quatro oitos, iniciou-se a transição material da vida planetária. No período, Trigueirinho passou pelo Batismo Cósmico no Vale de Erks, na província de Córdoba, Argentina, em presença de Sarumah e outras Hierarquias. O instrutor estava agora pronto para avançar. Lançou alicerces da trabalhosa construção de Figueira e tornou-se porta-voz de nova informação, que revelou em livros e palestras.

Com o linguajar simples e acessível, discorria sobre a Criação, o passado da Terra e a sua humanidade futura. Revelou mistérios sobre centros planetários intraterrenos, outros planetas, outras galáxias, o Universo. Para mentes racionais, o dito parecia ficção científica. Todavia, os de coração aberto sabiam estar diante da mais profunda verdade.

Quando o ciclo de palestras pelo Brasil e Argentina se encerrou, ele veio residir na comunidade, em 1990. Primeiro, preparou o grupo em virtudes, caráter, princípios. Corrigia-o com o amor de um pai enérgico. Ensinou-o a doar-se ao próximo e aos Reinos da Natureza. Abria mentes, alma e espírito para o desconhecido caminho de retorno ao Cosmos, além da escala planetária, intraterrena, extraplanetária.

Como reflexo da conduta exemplar de seu governante, Figueira cresceu levando uma vida simples. Todavia, dentro de um *modus vivendi* avançado, inteligente, preciso, sem desperdício nem ostentação. Nasceu vegetariana. Terras e imóveis se multiplicaram.

A família espiritual se firmou. A rede de servidores tudo ergueu com as próprias mãos e doações espontâneas, pois nem o mestre nem Figueira jamais cobraram por um serviço. Médicos, arquitetos e demais profissionais prestam assistência sem custos à Obra. Participam de seu ritmo intenso. Por dias ou períodos maiores, chegavam à comunidade até 600 colaboradores, sobretudo para o *Encontro Geral, EG*, bianual, que recebia cerca de 1.200 pessoas.

Sobre o vasto e sagrado serviço, compilamos de *Ishivaitun Cartilha Interna nº 2*, 16.10.1991: *Existem, já plasmados nos planos internos, muitas formas que estão prestes a se manifestar dentro da campânula Figueira. Nossos mensageiros estão permanentemente atuando, mesmo que não possais vê-los e detectar suas presenças. Agem nos elementos materiais e etéricos de todos os seres e de todos os reinos presentes neste campo magnético especial para o planeta que habitais. Poucas são as áreas na superfície da Terra que permitem levar a cabo uma tarefa como essa, com a colaboração, ainda que parcial, da humanidade de superfície. Sois partícipes de um processo de sutílização da densidade material e da materialização de uma realidade sutil. Podeis atuar como polos terminais de nossa corrente. Essa tarefa há de se completar.*

Para ampliar o contato com a vida interior, em 1991 abriram-se os primeiros Monastérios de Figueira. Sete se manifestaram durante a década: os da *Entrega do Ser*, *Igualdade*, *Transcendência*, *Ação Abnegada*, *Cura*, *Devoção Ardente* e o do *Governo de Si*.

Trigueirinho preparou o grupo para enfrentar com inteligência a turbulenta transição que o planeta cruza, enquanto energias poderosas trabalham para sua sutílização. Avisou em partilhas, ano após ano, que a energia feminina ancoraria em Figueira. Enfim ela se estabeleceu, em aparições da Virgem Maria, através da chegada da instrutora uruguaia Madre María Shimani. Com valentia, a Madre, como é chamada, dá continuidade ao trabalho instituído por ele. Conduz o grupo para o sagrado retorno do Cristo.

Figueira Desperta sintetiza um universo de espiritualidade e dinamismo prático vivido no correr da formação de áreas e setores. A comunidade reflete a vida luminosa de Trigueirinho que, na matéria e no invisível, espelhou ideias de Hierarquias e de Conselhos internos.

A passagem do tempo nos faz amá-lo cada vez mais. Ele não nos deixava esquecer: *Estais num planeta escola. O Cosmos vos chama*. Em resposta a seus esforços, o grupo persiste. Avança.

FIGUEIRA REVELA-SE

De 1987 a 1990 vivemos a primeira etapa da materialização de Figueira como Centro Espiritual, quando foram construídas suas instalações básicas e se reuniram colaboradores estáveis. Nessa fase formaram-se grupos de centenas de voluntários que dão sustentação aos vários setores do trabalho.

Trigueirinho



Foto: Paulus

Figueira, árvore sagrada, nobre e evoluída. Simboliza fertilidade espiritual e abundância, no sentido de nunca nos faltar o que realmente necessitamos.

ÁRVORE-MÃE FIGUEIRA



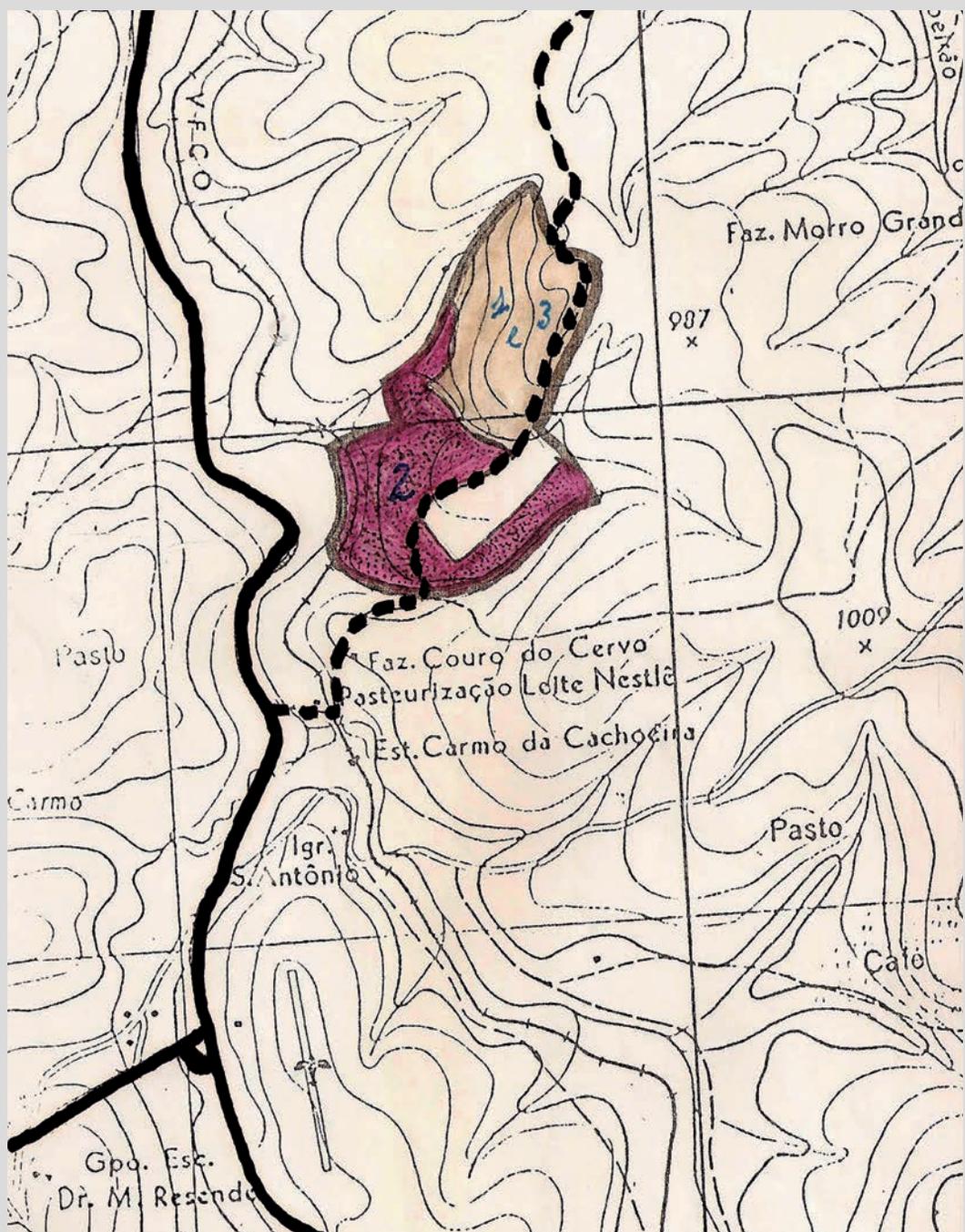
*A figueira é um símbolo espiritual valioso.
Aqui ela reuniu almas preciosas, que assumimos
para que pudessem frutificar.*
Trigueirinho

NA PRIMEIRA VISITA À FAZENDA, TRIGUEIRINHO encontrou-se com uma figueira centenária, o tronco rasgado por um raio. Soube na hora: o Centro Espiritual a ser ali elevado se chamaria Figueira. A presença e o nome da árvore sagrada, cujas folhas se movem à menor brisa, impulsionariam a ascensão dos que respondessem ao chamado. Protegidos por sua copa, receberiam seiva de vida profunda.

Na partilha *Figueira no símbolo e na vida*, de 2007, que inspirou este capítulo, ele diz que árvores simbolizam um conhecimento oculto. Cada uma tem sua tarefa, um sentido desconhecido pela botânica e há uma hierarquia entre elas. Através de algumas, entidades nos emitem raios benéficos. São relacionadas ao que outrora se chamavam *deuses*, ou seja: energias que conduzem diferentes setores do Universo.

A figueira (*Ficus religiosa*) é venerada no Oriente e no Ocidente, por budistas e cristãos. Na Índia, em meados do século V. a.C, Gautama meditou e alcançou iluminação. Tornou-se o Buda sob uma figueira, lá denominada *Bo* ou *Bodhi*. Os hindus a consagraram à divindade Vishnu, segunda pessoa da Trindade e manifestação da energia solar, que encarnou apenas dez vezes antes de tornar-se Krishna, o condutor da energia crística para a Terra, mais de 3000 anos antes de Jesus. Já em uma parábola, Mateus faz a analogia entre as folhas que brotam na figueira e a vinda do Filho do Homem em grande glória.

A verdadeira vida evolui nos planos sutis e se reflete em níveis materiais. Há símbolos a desvendar. Raízes da figueira, voltadas para o céu, expressam o ser supremo, a raiz do cosmos. Assim deve ser a comunidade Figueira. Deve ter *raízes nos céus* assim como um dia toda a humanidade terá. Cada ramo da copa voltada para a terra equivale a um indivíduo que se desligará do mundo antes de ascender à origem.



Figueira, F1, nome dado por Trigueirinho à área colorida do mapa, que ele dividiu em três seções.

A CHEGADA

Na Lei do Amor, não seria possível para aqueles que vivem as realidades suprafísicas permanecer mudos diante dos passos que seus irmãos devem dar.

MIRNA JAD, Trigueirinho

A PRESENÇA VIVA DE TRIGUEIRINHO PALPITA no dia a dia do grupo que o ama e segue sua instrução rumo ao portal da Luz Imperecível. Inspirado por mundos sutis, ele fundou Figueira. O centro de cura e resgate impulsiona servidores a darem atenção constante ao processo interno. A doar-se ao outro, à Natureza, ao Plano Evolutivo.

O mestre tinha 56 anos quando deu início, em 1987, à missão de atrair impulsos imateriais para a vida concreta da comunidade. Assim abriu portas para a chegada de uma Nova Humanidade, a que um dia viverá o projeto genético original, desenhado pelo Criador.

O instrutor detinha o saber sobre a vida prática e sobre vias transcendentais. Captava ideias pairando em altíssimos níveis e as apresentava de forma simples em palestras, livros, no dia a dia grupal. A consciência humana começa a aceitar mistérios e fatos inusitados como muitos por ele apresentados.

Ele criou a comunidade Nazaré Paulista em 1982 e ainda a coordenava, em 1986, quando contava aos próximos sua visão de um novo trabalho a ser fundado nas montanhas... A Alan Berkovitz, em carta de 26.10.1986: *“I feel there is a new Center to be found now” — Sinto que há um novo Centro a ser fundado agora.* Marilda Pellegrino, que lhe repassara as terras de Nazaré, ofereceu-lhe: *Aqui ao lado há um lugar alto. Posso doar a área...* Trigueirinho refutou: *Não é onde vi.*

Em leitura do futuro, além das terras anteviu edificações em carta de 23 de julho de 1987 a Huberto da Veiga Lima: *Embora as construções não comecem já, é bom irmos criando a forma-pensamento para que se manifestem, no plano físico, no momento adequado. Tenho sinais de que elas estão prontas.*

Assim foi: ao sul de Minas Gerais, Huberto caminhava sozinho por morros herdados do pai há 15 anos. No mais alto topo da região, cercado de vales e serras longínquas, interrogava-se. Amava o céu aberto, brumas matutinas, a vida do cerrado. Olhou a paisagem ondulada. O vento soprava de um lado, em vales e florestas. O vento soprava do outro lado, em culturas de café e na cidadezinha lá embaixo.

Cavalos pastavam pelo capim abandonado. Não queria ser fazendeiro. *O que fazer?* Trabalhava no Rio de Janeiro. Vivia com a esposa Clysse em Niterói onde, em casa, reuniam um grupo de audição de fitas cassetes gravadas com palestras de Trigueirinho que, 10 anos antes, em Belo Horizonte, fora padrinho de casamento do casal.

Huberto cresceu entre oito irmãos naquela fazenda, Couro do Cervo. Via o pai, médico caridoso e espírita, não cobrar consultas a necessitados, fornecer-lhes medicamentos, chás e compostos elaborados no casarão azul onde viviam. Na cidade, a 5 km, não havia hospital. Por isso, noutra casa sua Dr. Veiga lá assistia enfermos carentes.

Volta e meia o pai visitava com a família um tio numa fazenda do outro lado do morro. Subiam a cavalo ou de carro pela estrada municipal. Lá no alto o pai pressagiava: *Esta área é boa para um convento, um seminário. Respeitem tudo. Aqui chegarão muitas pessoas.*

O amor venceu enquanto Huberto conjeturava sozinho pelas terras: *De repente me veio aquele ímpeto, aquela força, e me deu na cabeça escrever pro Trigueirinho sobre essa coisa comigo. Que tinha achado o trabalho de Nazaré Paulista muito bonito. Quem sabe as terras daqui servem para um Centro Espiritual?*

Tudo realmente vem na hora certa, é conduzido. Eu soube que ele acabava de sair de Nazaré. Logo respondeu pedindo-me a localização de Carmo da Cachoeira. Achou interessante o município estar num triângulo, com distâncias parecidas. A 250 km de Belo Horizonte, 400 km do Rio e 340 km de São Paulo. Desenhou a cidade na América do Sul, sua correspondência a pontos cardeais da bússola, Norte, Sul, Leste, Oeste. E combinamos a visita para ele examinar a fazenda.

Trigueirinho e Huberto saíram para vasculhar a área. O fácil acesso era um dado importante, pois o instrutor aguardava muita gente. Ao lado da Rodovia Fernão Dias, BR-381, bastava consertar-se a danificada estrada municipal de terra vermelha que, no momento, o visitante e o visitado subiam de automóvel. Logo pararam o veículo.

E Trigueirinho conheceu a figueira à direita da estrada e batizou o futuro trabalho: *Vamos chamá-lo Fazenda Figueira*. Huberto, sóis e estrelas testemunharam o ato de amor.

Prosseguindo caminho acima, ele sentiu a presença suprafísica justo onde há décadas Dr. Veiga antevira um convento ou um seminário: *A energia está aqui*. Huberto prossegue: *Eu me lembro direitinho de ele depois contar que olhou para o céu na hora de ali demarcar o terreno da primeira obra, a Casa de Retiro. Viu uma auréola em torno do Sol, que confirmou o ponto de energia*.

Após construída, a Casa de Retiros foi chamada Casa do Pátio. Ao centro de seu jardim interno, apareceu uma porta interdimensional, pela qual o instrutor ingressou com a consciência, conta ele em livro. E três anos após a primeira visita, foi-lhe revelado que a cadeia de montanhas abrange a civilização intraterrena do Reino de Mirna Jad.

Perguntaram-lhe numa partilha, em 2001, o porquê do nome Figueira, ao que respondeu: *No simbolismo espiritual, um nome indica uma tarefa, contém o sentido da tarefa sendo desenvolvida. Dentro do nome Figueira está incluído que ela deve dar frutos porque, pelo simbolismo tradicional, a figueira é citada como uma árvore nobre do Reino Vegetal e, se não der frutos, é cortada. Assim está nas Escrituras. Então, a Figueira deve dar frutos, que são o desenvolvimento espiritual dos seres, a preparação interna dos indivíduos para uma vida de serviço externo. E, com o grupo interno, deve colaborar com o plano evolutivo. Outro fruto que se espera dessa árvore é o de uma irradiação que purifique as camadas psíquicas do planeta, que nutra, através do que irradia, os campos astral e etérico planetário. Figueira é um trabalho de ligação com o espiritual. É um centro de cura com a tarefa de resgate não só de corpos físicos, mas de resgate de mônadas, que devem ir evoluindo do material para o imaterial. É esse o foco aqui*.

A família Veiga conta a visitantes a primeira visita do instrutor à sede da fazenda antiga. O casarão azul beira a direita da estrada, que inicia na Vila da Estação, cruza o mata-burro e a linha de trem desativada e sobe o morro. Por aí passam todos os que se encaminham às terras cedidas, F1, que iniciam 1.100 metros acima do casarão.



Sede da fazenda Couro do Cervo. Em janeiro de 1988, parte da fazenda foi cedida a Trigueirinho em regime de comodato e, em junho de 2011, adquirida pela Associação Comunidade Figueira. Foto: Renata Andrade, 7.5.2022

Na imponente sede, Trigueirinho encontrou a mãe de Huberto, Dona Alexandrina, conhecida como Dona Netta. O último sobrenome dele é o mesmo: Netto. Sentados à longa mesa, sorriu-lhe com candura: *Dona Netta, somos uma só família, todos aqui presentes. Estamos nos reencontrando. Sou como um filho da senhora.* Revelava-lhes relacionamentos estabelecidos em vidas anteriores; todavia, o extraordinário estava por aparecer, um Caminho anunciado aos poucos com delicadeza.

Quando ofereceu as terras, Huberto não sabia que Trigueirinho havia convocado seguidores a buscarem um local para se implantar a nova comunidade. Intuiu, deu o passo justo, e atingiu um dos propósitos para o qual nasceu.

Passadas três décadas e meia, observa-se a admiração da família pela Obra. Quem imaginaria que, nascida com tal simplicidade, tomaria tamanha proporção, com prolongamentos internacionais em nações latinas, nos Estados Unidos, na Europa, na África?

1987 E 1988 — ANOS-SEMENTE

*Para que, por intermédio de um grupo de servidores,
a manifestação do Plano Evolutivo possa consumir-se
é necessário que seus componentes silenciem suas projeções
humanas e se recolham, de modo que permitam à própria
energia interior e sutil plasmar os passos a serem dados.*
Trigueirinho

PULSAVA, NA TERRA, A URGÊNCIA DE UM SERVIÇO grupal valente que elevasse a consciência humana. Figueira veio. Respondeu à premência de um espaço entregue à vida superior. Reúne monges, residentes, colaboradores e visitantes que amam a humanidade, aspiram a servi-la e renová-la a partir da própria transformação.

Um ano chave, 1987. Em seu primeiro dia, Trigueirinho se retira da experiência grupal Nazaré Paulista. Os que elegem segui-lo saem aos poucos para as cidades de origem aguardando suas orientações antes de darem o passo seguinte. Ele passa a anunciar que estavam entrando em outra volta da espiral evolutiva. O trabalho em Nazaré Paulista fora preparatório. O serviço em Figueira seria planetário.

Nesse ano ele inclui o chamado espiritual em cidades argentinas em sua agenda anual lotada, que planeja com meses de antecedência. Além de oferecer palestras, cursos e retiros espirituais em Buenos Aires e capitais brasileiras e de fundar Figueira, torna-se escritor. Lança *Nossa Vida nos Sonhos* e *Energia dos Raios em Nossa Vida*. Todos os seus livros eram publicados em espanhol logo após saírem no Brasil.

Numa reunião com os próximos, em Belo Horizonte, explica a nova fase e que Figueira, por achar-se em um ponto central de um triângulo entre as capitais de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, seria um vínculo entre os três estados. Sugeriu que alguém se ofertasse a alugar e assumir as despesas de uma casa em Carmo da Cachoeira, que serviria de apoio à chegada do grupo básico no início das obras.

Ninguém nunca ouvira falar daquela cidade, porém Satya de imediato disse *sim* ao convite. De alma abnegada, acompanhava Trigueirinho há 10 anos e morara em Nazaré Paulista. Foi primeiro ter com Germano, que estava com a irmã Clélia na cidade vizinha, Três Corações.

Saíram os dois num fusca para localizar as terras cedidas e, em setembro, Satya alugou por um ano uma casa pequena na Rua Presidente Antônio Carlos, 225. Ela e Germano foram os primeiros moradores. Reservaram um quarto para Trigueirinho, que os orientou a, desde a chegada, estabelecer o ritmo grupal diário. Repassou-lhes os horários das sintonias, das tarefas práticas e das refeições.

Entre constantes viagens, o instrutor lá ficava. Satya lhe escreve em carta de 23.7.1988: *Com muita alegria e amor, aqui em casa terá sempre um quarto reservado para você usar como quiser.*

Os pioneiros chegavam aos poucos. Sofia e Pedro passaram por Satya e foram instalar-se em barracas num patamar acima de onde subiria a Casa de Retiros. Elza, que veio a se chamar Íbis, montou outra barraca e tornou-se guardiã da área Vida Criativa, onde fica a figueira centenária.

Como a casa de Satya não tinha telefone, um membro da família Veiga cedia o de seu casarão na praça da igreja, lembra um vizinho. Ele se recorda também que Satya batia manteiga e fazia iogurte para o grupo.

CIRINEU PINTO Mudei para Carmo no ano em que Trigueirinho chegou aqui. Satya alugou a casa da Dona Alvina e passava todo dia com a leiteirinha pro curralzinho do Antônio Jacinto. Ia pegar leite lá embaixo da rua.

Daí, uma chuva de vento descobriu a casa em que eles moravam e Pedro me chamou para ajudar a pôr as telhas no lugar. E comecei a trabalhar para Trigueirinho. Fui o primeiro funcionário de Figueira, roçando debaixo do ipê amarelo da Casa do Pátio. Desde o começo fiz cerca, limpei represa, plantei árvore com a minha turminha de uns oito. Sabe a palmeira grossa, que ninguém abraça? Plantamos a mudinha deste tamanhinho. Trabalhei dezenove anos de carteira assinada. Muita herança deixamos lá.

Trigueirinho combinou com Huberto convocar um encontro na cidade para anunciarem a chegada de Figueira. Deu-se no início de novembro, com a presença de autoridades locais, membros do grupo básico e colaboradores vindo de fora. De Três Corações foram três carros, com cinco pessoas em cada um. Para os ouvintes, essa é considerada a *partilha nº 1 de Trigueirinho em Carmo da Cachoeira.*

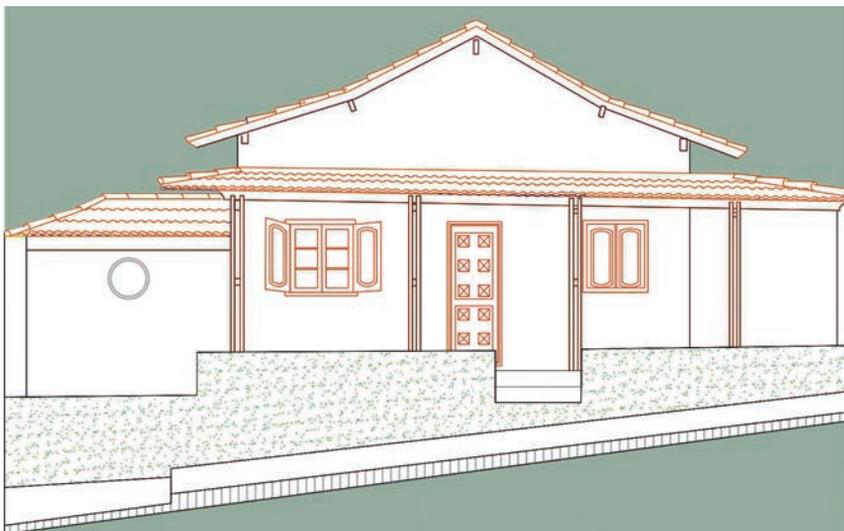


Ilustração atual da casa alugada por Satya para receber pioneiros, onde Trigueirinho tinha um quarto.

O casarão azul de Dona Netta também hospedava alguns pioneiros. Para o encontro, Ana Maria Souza, Maria e a coordenadora do grupo belorizontino Walma Gomide, que Trigueirinho visitara há pouco. Diz Walma: *Imagine que, na adolescência, fui colega da irmã de Huberto. Estive no casarão em duas férias. Subíamos a cavalo a estrada de F1! Quando eu disse a Trigueirinho que lá passa o rio Cervo, ele quis saber se era escrito com C ou com S. Perguntou-me ainda sobre a vibração local.*

HUBERTO VEIGA Fizemos a reunião num cinema em frente à escola Pedro Mestre. Foram o prefeito e autoridades locais. Apresentei Trigueirinho, expliquei mais um pouco e passei a palavra para ele. Enquanto falava, desabou um temporal, muitos trovões. Um raio, num grande estalo, assustou a todos. A luz apagou, mas logo se acendeu. Os olhos do público se depararam com Trigueirinho sorrindo, feliz: *Até os céus estão se manifestando! É uma confirmação.* Na época, o grupo estudava exatamente sobre os Sete Raios.

WALMA GOMIDE Alguém então perguntou a Trigueirinho se ele era combatido por seus ensinamentos e por sua maneira de viver. Ele calmamente respondeu: *Nós não somos combativos. Trabalhamos a inofensibilidade.*

Na época, moradores observavam os peregrinos com desconfiança. Inventavam medos: *Cuidado com esta seita!* Com os anos sentiram alívio e superaram a desconfiança.

Em 23 de julho de 1987, o instrutor avisou a Huberto e Clysse que, na manhã de 1º de setembro, sairia de automóvel de São Paulo com dois colaboradores. Passariam pela fazenda e, após o almoço, seguiriam para uma reunião às 19h em Belo Horizonte. Também confirmou nova passagem por Carmo da Cachoeira entre 1º e 6 de dezembro: *Acho interessante José Maria e Maria estarem presentes nesses dias. José Maria, que coordenará pesquisas e a saúde, precisa conhecer a fazenda e o mato virgem.* Assim foi.

Trigueirinho foi escolhido por Hierarquias da Luz para ser porta-voz do ciclo cósmico, preparado há tempos por consciências estelares e intraterrenas. Estando em Buenos Aires, foi convidado pelo médico Dr. Angel Cristo Acoglanis que, nos planos internos, é Sarumah, Hierarquia solar e membro do Conselho Alfa e Ômega.

Assim sendo, em maio foi guiado por Sarumah até Erks, na província de Córdoba. Teve o primeiro encontro com Hierarquias planetárias e cósmicas em 11.5.88 e, em 5.11.88, viveu o Batismo Cósmico, a transmutação de sua Mônada por uma mais evoluída. Ele comenta em *Sinais de Contato: Meus amigos acharam que eu havia mudado muito. Sentia uma nova vibração circulando em mim e, a partir daí, mesmo que me esforçasse, não podia mais emocionar-me como antes. Um sentimento profundo de união interna, de abertura, de gratidão e de paz jamais me abandonava. Pude, assim, passar três semanas como se o tempo e o espaço fossem rarefeitos, sem peso, sem gravidade, sem nenhum tipo de apego.*

Ao final de cada palestra pública que eu proferia, vinha-me a confirmação de uma grande unidade interna com tudo e com todos, e a onda energética que fluía por meu intermédio e por intermédio do que eu dizia era diferente da anterior. As pessoas notavam-no e referiam-se abertamente a essa transformação. Contudo, nada disso foi acentuado nem dramatizado; a vida prosseguia normalmente, embora muitos soubessem que eu tivera contato com o Vale de Erks.

Os fatos ocorridos na “noite do Batismo” prepararam o meu eu superior para estabelecer um contato efetivo entre a minha consciência física e a astral-emocional. Daquele momento em diante, toda a atividade emocional poderia ser controlada com inteligência. A mente, por sua vez, pôde ampliar suas capacidades, fazendo uma ligação entre sua área pensante

e sua área abstrata. Na alma, ou eu superior, já brilhavam expansões de luz dos níveis supramentais. Na vida externa, o serviço seria ampliado, e esse era o fato central que mais me tocava, no meu atual temperamento.

Ao sair do Vale de Erks, o que disse *Sim* ao Plano Maior hospedou-se por um mês na Satya. Até a voz era outra.

ANÁLIA CALMON Trigueirinho veio cumprimentar-me, sempre gentil, sempre delicado. Eu o conhecia há dez anos. Quando olhei seu olhar, era tão diferente do outro Trigueirinho! Mais luminoso. Em contato com a aura dele, sua vibração potencializada me fazia sentir flutuando. Era forte o que vinha daquele ser. Houve uma mudança energética enorme depois de ele ceder o veículo físico para Hothohuma. Era nítido.

Fui recolher roupas no varal e comentei com Satya. Ela notou que até o timbre da voz era diferente. Dá para perceber se comparamos palestras gravadas antes e depois de 1988. Lembro-me dele quietinho, observando um passarinho tomar banho...A pureza daquele Ser... dava valor a um gesto tão delicado!

O mestre vivia em unidade e comunicação com a Natureza. Ao contemplá-la, contatava seu arquétipo divino, o pensamento perfeito de Deus. No ato de comungar com a alegria do passarinho, irradiava paz e união para quem estava em torno, assim como para a consciência planetária. Ao viver o amor pela ave, expandia vias para os Reinos evoluírem.

Tanto se comenta sobre seu olhar resplandecente! Sintetizamos a explicação que ele mesmo deu no livro *Tempo de Retiro e Tempo de Vigília: Vossa comunicação com a Mônada poderá vir da fluidez com que vos comunicais com vossos irmãos; vossos passos serão dados sob os raios luminosos da Luz Evolutiva, toda a carga e esforço tornando-se alegria em oferecer à Lei a vossa própria vida para que, assim, possais aprender. Os que vos rodeiam verão em vós um novo brilho, uma nova luz que fulgurará através dos vossos olhos, pois tereis encontrado as chaves e conhecido os caminhos que vos conduzirão ao Caminho ascendente das Leis Evolutivas. Estareis livres dos laços e ataduras que antes vos prendiam, e podereis então visualizar a solução real. Ao brilhar em vós a luz, ela dará início às vossas tarefas.*

Aqueles que chegavam à pequena cidade eram notados por moradores, com quem Germano e Satya tinham trocas afetuosas. Uns eram arredios. Outros se abriam ao primeiro toque, como a professora carmo-cachoeirense, que comenta sobre o olhar de Trigueirinho:

LUZ HELENA Meu contato com Trigueirinho foi maior através da energia do olhar. Ele pegava passagens no guichê da minha irmã, na rodoviária de Carmo. Na primeira vez em que o vi, eu estava substituindo-a. Germano pediu o bilhete para São Paulo, e ele ficou olhando-me através do vidro de proteção.

Vendi a passagem e observei bem o olhar diferente. E me lembrei do olhar profundo e tranquilo do Dr.Veiga, que salvou minha vida quando eu tinha 2, 3 anos e era o antigo dono das terras de FI passadas para Trigueirinho. Nisso, minha irmã chegou. Ele a cumprimentou. Quando os dois senhores saíram, perguntei-lhe quem eram. Eles estavam chegando para iniciar uma comunidade. *Como será isso? Por causa daquele olhar, pensava daí em diante: Meu Deus, esta comunidade vai fazer muita diferença aqui em Carmo da Cachoeira.*

Fiquei com aquele olhar no pensamento. Intuí que Trigueirinho veio ancorar na região a energia do alto que Dr.Veiga tinha trazido. Nas vezes em que o encontrei, a gente se cumprimentava em silêncio, e o olhar dele falava tudo o que eu precisava saber; interiorizava-me.

Minha cunhada era dona do bar da rodoviária e me disse que, sempre depois de ele comprar passagem, entrava para tomar um cafezinho com pão de queijo; gostava do pão de queijo dela. Mas essa parte, eu nunca vi.

Como circulo por estas terras, fui sendo guiada. Anos depois fiz a entrevista e comecei a participar de Figueira. Se não tivesse ouvido os ensinamentos dele, estaria só ligada à vida material. Hoje sei que sou uma alma e não apenas um corpo físico. Quero evoluir espiritualmente da maneira que corresponda à Vontade Divina.

Uma coisa se desenvolveu em mim depois que o conheci. Observo o olhar das pessoas com quem converso. Aprendi a valorizar a expressão do olhar.



Satya foi a primeira a se instalar na cidade. Com Germano, a pioneira desbravou horizontes. Prosseguiu em Figueira até o final da vida, em 2022. Sua filha a visitava, participando do trabalho desde os primeiros passos:

ANÁLIA CALMON Meu coração bate forte com essa história. Em julho de 1988, eu estava de férias com a família e passamos uma semana em Carmo da Cachoeira, um mês gelado.

Não havia quase comércio. Somente a Pioneira, de material de construção, e uma mercearia bem rústica na esquina, com um balcão de madeira e vidro. Vendia tudo a granel: arroz, feijão, farinha, fubá. Também pão sovado. Estevão, meu esposo, é engenheiro e dessa vez foi analisar a marcação da represa da Vida Criativa.

Mais de 20 anos depois, numa reunião em F3 sobre a escola infantil a ser aberta na comunidade, vieram dizer-me que Trigueirinho convidava Satya para morar na Casa do Pátio. O imóvel estava passando por uma reforma antes de iniciarem um novo ciclo de trabalho.

A administradora geral de Figueira me perguntou o que deviam mudar no quarto para melhor atender mamãe. Falei que, primeiro, a porta do banheiro, para a cadeira de banho entrar. Tudo o que orientei foi feito, pela deferência de Trigueirinho por mamãe, a primeira paciente a residir na Sagrada Casa Irmão Pio, em 2012. Aí Trigueirinho me chamou em F3, onde morava. Sentamos em frente à sua casa, sob uma árvore, e falou: *Você não conhece o coração de Satya. É um coração abnegado.*

Contou que, nos anos 70, época em que fazíamos retiros na Casa de Retiro São José, em Belo Horizonte, a coordenadora chegou com um envelope dizendo que era da esposa do piloto. Quando o abriu, lá estava um cheque, uma verdadeira fortuna, segundo ele. Um bilhete dizia que o valor estava sendo entregue para que ele manifestasse o Plano Divino na Terra.

Satya foi a primeira pessoa que acreditou no meu trabalho e o endossou. Agora conto com você para ajudá-la em tudo, porque ela precisa ser muito bem cuidada para levar uma boa impressão da Terra para a sua Estrela de origem. Imagine...

Acho que a vida toda mamãe tinha juntado esse dinheiro numa poupança. Eu ignorava a história, mas sabia que em 1984 Trigueirinho sugeriu abrimos um trabalho em BH, e Satya lhe ofertou dois lotes para sediá-lo. Mas ele não aceitou porque ficavam num condomínio fechado e haveria interferências. Então ela vendeu os lotes e lhe enviou o valor.

Ele me dizia que mamãe estava em sua última encarnação na Terra e que: *Almas pioneiras como a dela se ofertam para transmutar o que o grupo não é capaz. Sabedoria assim, só de um instrutor autêntico, como nosso amado Trigueirinho!*



Segunda casa, esta emprestada, onde Trigueirinho esteve enquanto a Casa 1 era reformada. Nela escreveu livros. Foto: 8.11.2010

Pioneiros de Figueira são cuidados com amor. Desde 2012, alguns idosos com problemas de saúde que ajudaram a construir a Obra receberam tratamento na Sagrada Casa Irmão Pio. Em 2017, foram residir na Casa Luz da Colina onde, em 2021, ganharam a residência Casa de Restauo 2, construída para eles.

Após um ano, quando a proprietária pediu de volta a casa alugada por Satya, os pioneiros seguiram para uma emprestada por Huberto a Figueira durante anos, à rua Dr. Veiga Lima, 225, próxima à praça da matriz Nossa Senhora do Carmo.

Assim, até a reforma da Casa 1 ficar pronta, Trigueirinho nela se hospedou quando vinha à cidade. Às vezes, passava noites datilografando na máquina de escrever, pousada na escrivaninha adquirida por Satya. No período, lançou quatro títulos em 1988 e nove em 1989, pela Editora Pensamento, de São Paulo, e pela Editora Kier, em Buenos Aires.

Ele encarregou Satya de montar essa e outras casas. Jeitosa, ela as cobria de plantas, trabalhava o quintal, mandava fazer beliches, com-prava cobre-leitos. Gestos de amor de milhares de voluntários manifestaram o Centro Espiritual.

SETE VIGÍLIAS NOTURNAS

Vigília é uma prática assumida por alguns aspirantes e discípulos no sentido de conscientemente oferecerem-se ao Plano Evolutivo, permanecendo despertos naquelas que seriam suas horas de sono, sintonizados com os níveis profundos do próprio ser.

MIRNA JAD, Trigueirinho

O PRIMEIRO TRABALHO INTERNO SE REALIZOU no início de dezembro de 1987. Tarde da noite e sete madrugadas seguidas, Trigueirinho, acompanhado do Dr. José Maria Campos — mais tarde chamado Clemente —, Sofia, Germano e outros dois caminharam pelas terras. Uns, não diariamente. Passados quatorze anos, a experiência foi comentada, em 2001, no *Boletim Sinais de Figueira*, que condensamos:

Quando chegamos às terras de Figueira, nelas havia apenas o solo e a vegetação sob o manto do firmamento. Membros do grupo, com espírito repleto de gratidão, caminhavam pelas áreas, reconhecendo suas energias e unindo-se a elas.

Como as abelhas que, antes de começarem nova colmeia, se dirigem a um lugar alto e permanecem silenciosas e imóveis até estabelecer sintonia com os padrões arquetípicos da construção, o grupo buscava ser instrumento dócil das mais puras energias criadoras. A partir desse trabalho, a função das primeiras

áreas de Figueira tornou-se mais clara. Algumas casas da cidade seriam o portal de acesso a este Centro Espiritual: acolheriam e proporcionariam calor e restauro aos que dele se aproximassem.

A área rural, a que chamamos Vida Criativa, reuniria condições para o florescimento de um convívio grupal com base em novos padrões de conduta. A área a que chamamos Pátio forneceria as bases para retiros espirituais e para a cura interior. A área preservada, a maior parte das terras, simbolizaria a ligação do grupo com o Insondável.

À medida que essas áreas iam revelando suas qualidades, a vida de serviço do grupo ia-se consolidando, e expansões foram fazendo-se notar. Chegou então o momento de os que comungavam desse processo de crescimento entregarem-se mais plenamente ao caminho evolutivo. Foi quando esse

impulso à consagração os levou à vida monástica. O Monastério que surgiu em Figueira é expressão dessa entrega.

Desbravavam a fazenda em silêncio. Por encostas ou matas iniciavam o serviço para elevar a vibração da estrutura etérica do terreno, imprimindo a energia da paz no trajeto. Sentiam o perfume das plantas e aromas sutis. Detinham-se. Formavam um círculo para orar. Nem todos os cinco acompanharam a vigília madrugada adentro. Cansavam-se, iam cochilar no automóvel. Porém, Trigueirinho vivia sob outras leis.

No livro *Mirna Jad*, ele escreveu acerca de uma das caminhadas noturnas que empreendia pelas fazendas com diferentes pessoas, nos anos seguintes: *Um verdadeiro trabalho de cura era feito tanto nas paradas quanto na caminhada. Entráramos em outro sentido de tempo e de espaço e não sentimos as horas passarem, nem cansaço físico pela longa distância percorrida.*

Em seguida às sete vigílias noturnas, Trigueirinho viajou. Avisou por carta para os hospedados na Satya que, de 1º a 10 de janeiro de 1988, veriam qual seria o ritmo para o ano: *Será trabalhoso, porém, tão benéfico! Espero estar cumprindo a tarefa a mim designada com harmonia; e não me esqueço de dar graças por tão valiosos e amorosos companheiros de caminho.* Finalizou a missiva com o clamor: *Que as Energias possam fluir, e que nós sejamos canais condignos.*

1988: no primeiro dia do ano foi assinado entre o comodante Huberto Corrêa da Veiga Lima e o comodatário José Hyppólito Trigueirinho Netto o comodato da gleba de terras rurais com 98.51.00 ha, situada na fazenda denominada Couro de Cervo, município de Carmo da Cachoeira. Com prazo de duração de 50 anos, o término seria em 1º de janeiro de 2038; contudo, veio a ser adquirida pela Associação Comunidade Figueira em junho em 2011.

O previsto no contrato se cumpriu. O comodatário utilizou o imóvel para sede de uma sociedade beneficente, filantrópica, educacional, cultural e para uma fundação. Também para retiros e pesquisas de caráter espiritual. Acolheu hóspedes e moradores. Introduziu edificações e construiu templos. Fez terraplenagens, perfurou poços, abriu caminhos pavimentados ou não, instalou hortos, pomares, colmeias e afins. E todas as despesas correram à sua conta exclusiva.

PRINCÍPIOS ORIGINAIS

É a Fé suprema e a total entrega do próprio ser que devem ser buscadas. Não é apenas a intenção de servir e de ser bom que torna um indivíduo um instrumento das Hierarquias da Luz.

DAS LUTAS À PAZ, Trigueirinho

O INSTRUTOR DATILOGRAFOU O CONJUNTO DE PADRÕES a serem expressos no futuro Centro Espiritual em três etapas. A primeira em fevereiro, seguidas das outras duas em março e setembro de 1987. Distribuiu-o a alguns membros do grupo, inclusive Huberto, a quem nos primórdios remetia circulares, plantas arquitetônicas, cartas sobre os principais movimentos. Sempre demonstrou reverência por cada um que contribuiu para a materialização da Obra.

Alinhados a Leis Universais e cósmicas, eis os princípios de Figueira:

FIGUEIRA É um estado de consciência representado, no plano físico, por uma área onde se aspira à meditação, contemplação, pesquisa, trabalho, estudo, colaboração e hospedagem, sem interesses de afirmação dos níveis humanos e de personalidade; ali se faz uma busca espiritual consciente, e o ritmo da vida existe em função dessa busca.

Nesse lugar, almeja-se o contato com a própria alma, que, em interação com as outras, forma uma alma-grupal. A alma individual e essa alma-grupal são o Caminho, a Verdade e a Vida para o homem, neste estágio de sua evolução. Portanto, a telepatia superior, a síntese do pensamento universal e as formas de trazer a consciência mais alta para os níveis mais densos da manifestação são também metas – embora o escopo principal, individual e grupal seja o contato consciente com a alma e com os níveis superiores de vida.

Quem vive em Figueira tem a Verdade como aspiração consciente. Os instintos são para ser transmutados, transformando-se, assim, tudo o que causa sofrimento e miséria. A vontade do Espírito deve predominar acima de tudo e sobre qualquer movimento dos desejos e das paixões, sobre a busca do prazer, do conforto e do gozo material.

A ordem geral é mantida com a alegria, com a força dos corações e com a ajuda da Hierarquia. Nessa ordem, a educação é permanente, grupal-espiritual, e visa ao desenvolvimento do indivíduo não só sobre a Terra, mas, também, nos níveis sutis do universo.

O dinheiro, nesse contexto, é considerado energia espiritual materializada, e não um senhor todo poderoso e influente – tanto assim, que é usado nos contatos externos, sem precisar circular entre os residentes de Figueira. Um caixa comum provê a todos do necessário.

O supérfluo é dispensado, e o sustento é ganho sem preocupações, manifestando-se como decorrência da busca espiritual de cada um. As capacidades individuais são desenvolvidas nesse sentido e para o serviço à Humanidade e a todos os Reinos da Natureza, considerando-se a existência de uma única Vida Onipresente.

Cada membro de Figueira procura proporcionar aos demais inspiração, colaboração e convivência fraterna; porém, as corretas relações humanas irão decorrer do contato de cada um com a própria alma, que, interagindo com as outras, manifestará a união.

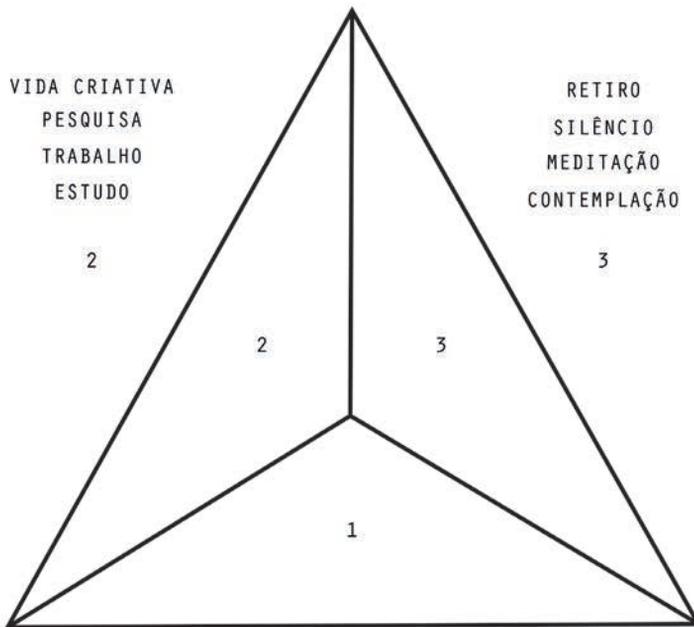
Figueira é composta de três Seções: uma área preservada e ecológica, uma de retiro e vida contemplativa, e uma de vida criativa – que pode ser individual, familiar ou mais amplamente grupal.

A Seção de vida criativa só será implantada quando a casa de retiro e vida contemplativa for uma realidade no plano físico, inclusive. Quanto à área preservada, foi criada para funcionar o quanto antes, em função do equilíbrio planetário, inclusive no campo da ecologia.

Figueira surge concretamente num momento de caos externo, para ser útil a esta época, dentro e fora do tempo mental conhecido.

Três é um número misterioso. As terras foram subdivididas em três Seções, cada uma representada por uma face da figura geométrica triade. No livro *Glossário Esotérico*, de 1994, ele escreve sobre o símbolo: TRIÂNGULO O serviço realizado pela Hierarquia planetária e pelos grupos internos normalmente se alicerça em triangulações energéticas. Representam e espelham o arquétipo diretor da manifestação neste universo, a Tríada Original. Os antigos diziam que o triângulo é a base do universo. Impulsiona a busca da senda da luz, a impassibilidade, a neutralidade, a concentração em

FIGUEIRA



ÁREA PRESERVADA E OBSERVATÓRIO

1

1 e 3 = 375.600 m²

2 = 468.400 m²

Total de áreas aproveitáveis e imediato: 844.000 m²

2 = 468.400 m²

Total de áreas aproveitáveis de imediato: 844.000 m²

Total da área em potencial: 1.034.200 m² (constante do comodato)

PRINCÍPIOS DE FIGUEIRA

Cada face do triângulo triedro, captado por Trigueirinho em planos internos, representa uma Seção das primeiras terras da comunidade:

Seção 1: Área preservada e observatório.

Seção 2: Vida criativa, pesquisa, trabalho, estudo.

Seção 3: Retiro, silêncio, meditação, vida contemplativa.

metas supranaturais, o fortalecimento dos votos internos e a abertura para a filiação à Hierarquia espiritual.

Em termos simbólicos, pode-se dizer que um triângulo de energias orna a frente do Senhor do Mundo e que, ao longo da evolução do universo planetário, elas exprimem sua potência, radiância e essencialidade cada vez mais perfeitamente. Ao fim, deverão ter-se transformado em um único fecho de luz. Cada ser, cada chispa vivente na Terra contém em seu núcleo mais profundo uma réplica desse triângulo de energias e, na sua trajetória evolutiva, vai descobrindo novas nuances do relacionamento entre elas. Contata-as e reconhece-as sob vestes progressivamente mais sutis e sagradas, até que possam fundir-se, desvelando a síntese essencial.

No mês seguinte, março de 1987, surge o esboço da Seção 3, o texto explicativo e croqui em que Trigueirinho delineou a construção da Casa de Retiros e a da Sala de Meditação. O material, liberado para circulação, após revisto e aprovado pelo primeiro Conselho de Figueira, orienta sobre a estrutura e a meta do trabalho a ser ofertado.

SEÇÃO 3 DE FIGUEIRA

A vida contemplativa baseia-se no ritmo interno dos indivíduos. Nessa seção não há horários pré-determinados para meditação, para o despertar, nem para o recolher, a não ser para os hóspedes em ritmo especial. Dentro de uma ordem geral, tendo sido o Bem Comum já assumido, cada um encontra o próprio ritmo.

Hóspedes e residentes – além de visitantes que busquem silêncio – são admitidos a fazer retiro nessa área, por algumas horas, um dia, ou períodos mais prolongados, segundo a necessidade real. O tempo de retiro, pré-fixado, pode ser alterado.

Oferece-se, entretanto, a possibilidade de retiros especiais, seguindo ritmos do corpo físico, do emocional e do mental, respectivamente, de 23, 28, e 33 dias; e ritmos esotéricos, de 38, 43, 48 e 53 dias. Os exercícios espirituais são subjetivos, ficam a cargo de cada um e não são controlados.

A alimentação é baseada em cereais, grãos, frutas, verduras e legumes, chás e água pura, sem produtos de origem animal ou açúcar. Se for imprescindível para alguns, leite, queijo, iogurte e ovos são usados, porém só durante os

meses de inverno. Todo esse processo não é baseado em dietas normais, mas em princípios da evolução espiritual – e será sempre seguido por um serviço médico especializado, que oferece assistência e meios práticos para se realizar o retiro com segurança.

O trabalho externo, junto aos residentes da área, é facultativo e conforme a consciência e a necessidade interna real daquele que faz o retiro. As refeições são individuais e encontram-se à disposição, permanentemente, na cozinha. Havendo hóspedes por períodos prolongados, alguns residentes farão refeições em comum com eles, para apoiá-los, até que estejam ambientados.

Havendo necessidade, serão organizadas meditações grupais, além dos estudos periódicos. Essas atividades visam, inclusive, ao fortalecimento de um canal vertical de ligação com os níveis abstratos de consciência.

Os hóspedes podem ser convidados para as partilhas entre residentes, quando for o caso.

CASA DE RETIROS Casa quadrada com uma entrada principal e também entradas na cozinha e no depósito; lateral externa: 40 metros; lateral do jardim interno: 25 m a 27 m; largura da varanda: 2,50 m aproximadamente; quartos: 2,60 m x 4 m; nº de residentes: 9 (incluindo os não efetivos e as visitas); nº de hóspedes: 12; wc residentes: no próprio quarto, 2 m x 1,10 m; wc hóspedes: coletivo, masculino e feminino; toailete individual para visitantes; recepção; pequena sala de estar para entrevistas; biblioteca; sala de trabalhos; cozinha; despensa; depósito; refeitório/copa; lavanderia; rouparia; pequeno consultório médico à parte, na entrada da Seção, onde as pessoas que vão entrar em retiro fazem a lavagem intestinal prévia, esquema criado pelo Dr. José Maria.

A *Casa de Retiros*, primeira construção de Figueira, tornou-se a *menina dos olhos* de Trigueirinho, que nela residiu no início e nos últimos meses de vida. A unidade logo foi renomeada como *Casa do Pátio*. Mais outra vez, em 2011, como *Acolhimento da Esperança*. Dois anos depois ganhou o nome atual, *Sagrada Casa Irmão Pio*. Chovia muito naquela sexta-feira, dia 20 de dezembro de 2013. Idosas internadas chegaram de guarda-chuva ao jardim interno para assistir a uma Aparição Extraordinária de Maria, Santíssima Senhora da Figueira, transmitida ao vidente Frei Elías. Sintetizamos a mensagem recebida:

Hoje um novo Portal Divino se abre sobre a Sagrada Casa Irmão Pio. Ela recebe esse bendito nome para que tanto os servidores como os que serão curados imitem o caminho da humildade do coração de São Pio. A humildade permitirá que a humanidade enferma espiritualmente possa curar-se. Os Céus hoje reúnem seus anjos, e esses celebram o surgimento da sagrada morada que lutará dia e noite para que os corações mais sofridos sejam aliviados e sintam Minha Paz.

Sou a Sagrada Senhora da Figueira, o Sol do Universo, que vem ao mundo para retirá-lo da obscuridade e, por Meus filhos, cumprir a Vontade de Meu Senhor. Abençoa-os, cura-os e os perdoa, Sua Mãe.

SALA DE MEDITAÇÃO DA SEÇÃO 3 O desenho da sala de meditação e de estudo individual foi inspirado na forma-pensamento que existe para as escolas de meditação que vão materializar-se no século futuro. O projeto adapta-se à realidade presente, mas abre-se para o futuro, nesse campo.

Entrada pela face Norte; 7 a 10 boxes para estudos individuais; 6 bancadas para livros importantes, gráficos e símbolos; círculo para meditação grupal, com quatro entradas protegidas por cortinas; área de circulação e para deixar sapatos. E mais um canto para plantas e pássaros.

O círculo interno, em tijolo aparente, não chega até o telhado; vai só até certa altura, para permitir a ventilação, por cima. Fora do círculo, sobre as outras áreas, deve haver aberturas no telhado, para iluminação. Aberturas com vidros. É importante que o local seja bem arejado, não, porém, devassado. Em volta do edifício, que deve ser muito simples, haverá vegetação a certa distância, criando um bosque, porém sem possibilidade de umedecer o prédio.

Em setembro de 1987, Trigueirinho apresenta ao grupo os esboços datilografados da Seção 1 e da Seção 2.

SEÇÃO 1 DE FIGUEIRA: área preservada e observatório

O reencontro do homem com as energias da Natureza e a colaboração inteligente com todos os Reinos são a nota-chave desse setor de Figueira. As plantas, os animais, as aves e os elementais terão aí um *habitat* que será cuidado de forma amorosa; o reflorestamento, o respeito pela água, o equilíbrio da terra e a purificação do ar estarão sempre em sintonia com o ritmo dos seres humanos que se dispõem a assumir esse trabalho. O Reino Angélico é considerado presente, desde o princípio.

Os animais que forem criados ali soltos pelos campos, pastos e matas, jamais serão exterminados quando deixarem de produzir bens de consumo para o homem; carneiros, cabras, abelhas e outros que se forem integrando ao trabalho serão respeitados e cuidados, enquanto durar sua vida física terrena. Daí a necessidade de discernimento ao incluir esses animais no setor, cuidando, inclusive, para que com o tempo não haja superpopulação.

Um observatório astronômico existirá nessa região, para possibilitar o estudo do corpo físico do universo; essa observação telescópica dará à imaginação criativa de cada indivíduo elementos para sua integração no ritmo das energias fundamentais para a vida.

Para maior preservação da área, não serão construídas casas de residência. Evita-se, assim, o escoamento de águas e esgotos que comprometem o solo e o subsolo. A única construção feita será o observatório. Eventualmente, o coordenador residirá fora da área, entre os residentes da seção 3. Nenhum detrito deve ser atirado ou enterrado, considerando-se lençóis de água ali existentes. Quando colaboradores ou visitantes transitarem pela área, que levem em conta a necessidade de harmonia externa, em todos os sentidos. O trabalho dévico, nessa região, poderá tornar-se perceptível a todos os que se interessam pela cura do planeta Terra.

Harmonia; beleza; silêncio; estudo do corpo externo do universo; convívio com o Reino Mineral; convívio com o Reino Vegetal; convívio com o Reino Animal; convívio com o Reino Elemental-natural; convívio com o Reino Angélico; cuidado com as nascentes de água.

SEÇÃO 2 DE FIGUEIRA: vida criativa

Quem vive na Seção 2 ou a frequenta tem profunda aspiração pelo desenvolvimento da consciência do seu próximo e facilita o seu progresso em geral. Quanto menos exigir para si os resultados do próprio trabalho, “e quanto mais suas necessidades forem supridas, não por seu próprio trabalho, mas pelos dos outros”, melhor para o grupo todo. Se ninguém pretender para si o fruto do próprio trabalho, e se esse fruto for revertido em benefício do todo, o grupo estará bem equilibrado. Diz a Lei que “quem trabalha para si, cai, com o tempo, nas mãos do egoísmo”. Quanto menos egoísmo houver, maior o bem-estar geral.

A Seção 2 é uma situação criada para possibilitar a cada um fazer livremente o que lhe cabe, na medida das suas possibilidades e forças. Como toda a sua

estrutura estimula uma visão espiritual da vida, haverá sempre abundância de oportunidades espirituais e de bens materiais que as apoiem.

A agricultura é uma atividade comum a todos. Os que cultivam a terra são anualmente substituídos pelos recém-chegados, de forma que todos passem por essa experiência criativa, porém, havendo renovação da mão de obra. Quando há colheitas, todos vão realizá-la, sem exceção de ninguém; assim, grandes grupos trabalharão juntos. O mesmo ocorre com a manutenção das estradas, sempre que for necessário.

As crianças também aprendem a arte agrícola, na escola e nos campos, onde vão ver serem trabalhados ou vão colaborar com eles, sem, entretanto, serem forçadas a isso. Além da agricultura, todos os que moram e se hospedam em Figueira aprendem ofícios manuais: constroem, trabalham a madeira, tecem, cozinham, costuram, sem aquela distinção de trabalhos determinados só para homens ou só para mulheres.

Não há ociosidade; entretanto, ninguém trabalha excessivamente, para não embrutecer o espírito nem o corpo físico. O tempo entre o horário de trabalhos práticos e as refeições e o sono, cada qual o emprega à vontade: descansa-se variando as ocupações e atividades. Seis horas por dia são empregadas em trabalhos materiais de necessidade grupal: três antes do almoço e três à tarde. Duas horas de repouso, após o almoço, são previstas – e oito a nove horas para o sono.

Todos se ocupam com trabalhos vitais para o grupo, sendo o desenvolvimento das faculdades intelectuais previsto e assumido, bem como a meditação.

Na Seção 2 há, pelo menos, uma meditação grupal diária; e todos os residentes assumem, internamente, o compromisso individual com essa ciência.

Antes de o sol surgir são abertos os cursos e os estudos. Todos podem assisti-los, mesmo esporadicamente e sem seguir os programas. Os residentes e hóspedes assumem o estudo como ponto essencial para o desenvolvimento do ser.

Anualmente troca-se de casa ou de quarto. É preferível fazer uma espécie de sorteio, distribuindo assim as acomodações disponíveis. Havendo possibilidade de escolha de aposentos, a decisão fica livre e a critério dos indivíduos, ou do grupo. Toda casa recebe hóspedes de Figueira, porém, sempre em quartos individuais. Se uma família vem visitar Figueira, os membros poderão se

hospedar em casas diferentes, adaptando-se às possibilidades de acomodação oferecidas e visando ao melhor para o propósito espiritual de todos. Tem-se a oportunidade de praticar o desapego às preferências tanto de lugar quanto de pessoas, sendo essa liberação vista com naturalidade.

Existe um setor especialmente encarregado de contatar os hóspedes, efetivar as reservas e marcações de datas, e localizar as acomodações de cada um, levando esses pontos mencionados em consideração.

Os estragos materiais são consertados logo que aparecerem, para que a manutenção das construções se dê sem desperdício de energia. Todos, em Figueira, aprendem a consertar e a preservar.

Há um local onde se encontram todas as utilidades. Os produtos do trabalho são depositados ali, bem como os objetos doados. Cada um procura ali o que necessita e deposita o que lhe é supérfluo, seja novo ou usado, desde que esteja em bom estado.

O dinheiro em caixa é comum a todos. Não há propriedade privada – há comunidade de bens e do solo. O sistema de trocas é estimulado, inclusive com o mundo externo a Figueira. O trabalho não é remunerado e não há gastos supérfluos nem luxo. Há um setor específico para administrar o dinheiro das doações e a produção em espécie.

Assim, o dinheiro não precisa circular na Figueira. A abundância de todas as coisas materiais e da energia espiritual em si, pura, é, inclusive, fruto dessa vida de alinhamento e de atividade altruísta. O bem-estar, em todos os sentidos, reparte-se igualmente por todos.

Durante as refeições, as crianças reúnem-se em local à parte, para se alimentarem. Há quem as assuma, naquele horário, para que os pais possam estar liberados dessa tarefa. O regime é estritamente vegetariano, embora alguns produtos animais, como o leite, o iogurte, os queijos frescos, os ovos e o mel, possam ser incluídos na dieta. O desjejum, pela manhã, é individual, nas respectivas casas; o almoço é servido comunitariamente, num restaurante central, de maneira simples e breve. O jantar é tomado individualmente ou em grupo – e é mais propício para conversas e encontros.

Levam-se em conta os ritmos cósmicos básicos. Assim, sabe-se que das 22h30 às 2h30 é noite profunda, o que facilita o sono em profundidade; e que dessa hora da manhã em diante, já é dia. Sabe-se também que, para estar em sono profundo às 22h30, é necessário estar à disposição do sono duas horas antes.

A poligamia, as drogas e o álcool não existem em Figueira. O fumo e o sexo usado como prazer são obstáculos a esta ioga. O registro em cartório e as cerimônias formais, externas, não são requeridas, para duas pessoas fazerem vida matrimonial. A separação externa, em família, é possível – não impedindo que o “casal” separado mantenha a desejável harmonia entre todos os membros do grupo.

A educação das crianças é grupal: todos se responsabilizam por elas. Se uma criança quiser passar um período, curto ou prolongado, com outros membros do grupo, mudando inclusive de casa, poderá fazê-lo, em harmonia com os pais e com o grupo. Se uma criança necessitar alimentar-se com o leite que não seja de sua própria mãe, essa colaboração deve ser dada o melhor possível, de forma que haja uma verdadeira partilha espiritual entre todos os indivíduos relacionados com esse processo.

A “escola” é o mundo todo. Porém, há um local, em Figueira, onde as crianças e os adultos podem partilhar elementos e temas de estudos. Nesse local, nenhum sistema educacional específico é adotado, embora se use, quando for útil e oportuno, os processos de educação já conhecidos. Não há intenção de comprometer a educação das crianças com o ensino oficial e vigente, mas será feita a tentativa da educação experimental, quiçá com o apoio de setores governamentais do país, do estado, do município – ou mesmo dos órgãos internacionais especializados.

Sempre que haja uma proposta feita ao grupo, é preferível estudá-la ou refletir sobre ela, individualmente ou em conjunto, pelo menos após 24 horas da sua apresentação.

ÁREA DE VIDA CRIATIVA, PESQUISA, TRABALHO E ESTUDO

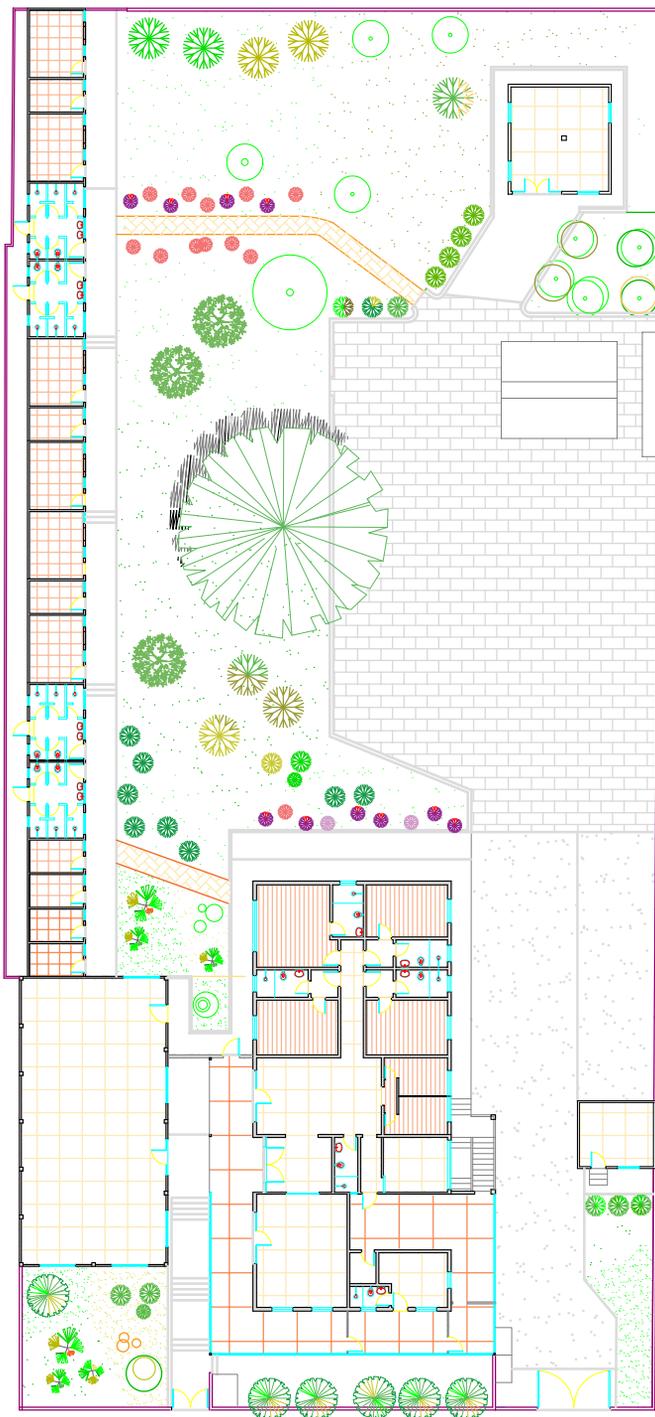
(A ordem a seguir não exprime valores): harmonia; beleza; ecologia; vida individual; família espiritual; vida grupal; hospedagem; alinhamento da personalidade com a alma; educação; meditação; pesquisa; estudo individual e grupal; trabalho espiritual – concentração; trabalho intelectual e mental; trabalho físico; alimento, em função do processo evolutivo do indivíduo e do grupo; medicina, psicologia e astrologia, facilitando o trabalho da alma no indivíduo e no grupo.

Estrutura do serviço: coordenador geral, coordenador da vida grupal (residentes), coordenador de hospedagem (hóspedes), coordenador da meditação (colaboradores), coordenador de pesquisas, coordenador de estudos, coordenador de trabalhos, coordenador de saúde, coordenador da alimentação, coordenador de recursos.

Em meio à Natureza, o poder de construir do instrutor, somado ao de mulheres e homens trabalhando com ele, criou a Obra do Plano Evolutivo. Orientados por Trigueirinho, membros que almejassem avançar espiritualmente ganharam o ambiente belo, a dinâmica vida prática e a instrução avançada, ousadamente acrescida de revelações que, por milênios, estiveram retidas entre pequenos grupos.

Em suma, a sagrada pedra fundamental Figueira alicerçou-se sobre o espírito do serviço e do amor. Tem o propósito de impulsionar a evolução de todos os Reinos. Resgata o profundo dos seres, seus espíritos. Redime quem se abre ao Alto.

A cada ciclo, a árvore figueira multiplica os frutos.



Casa 1, planta do pavimento superior.

Hoje o imóvel é conhecido como Federação, após nele se instalar a instituição Fraternidade - Federação Humanitária Internacional (FFHI).

CASA 1

Precisamos chegar ao conhecimento de como atuar no plano etérico (e em outras dimensões), para que, através disso, consigamos ampliar nossa ação consciente neste mundo e em outros mais sutis.

CAMINHOS PARA A CURA INTERIOR, Trigueirinho

COM O COMODATO DA FAZENDA ASSINADO, Trigueirinho avisou que necessitavam de uma casa grande em Carmo da Cachoeira. O carro deslizava pela rua em declive quando apontou qual, bem na frente do hospital: *Esta. Preciso falar com o proprietário.* O chofer afligiu-se: *Cara demais!* Após conversarem, o dono do imóvel inacabado afirmou que só o venderia para ele, e faria qualquer negócio.

Com fé absoluta, Trigueirinho anunciou a proposta de compra aos mais próximos. Previa que essa e outras casas da cidade chegariam para o trabalho — hoje há quinze. *A verba virá de quem?*, perguntava-se então o grupo básico. De manhãzinha, saindo da casa de Satya para impulsionar as obras na fazenda, passavam de carro em frente à almejada casa grande de 2 781,60 m². Diante dela, Sofia repetia alto, atraindo doadores: *Esta casa vai ser nossa!*

Não tardou e um casal ofereceu sua casa em Uberlândia, que tentava vender há tempos. Rapidamente surgiu um comprador e a de Carmo foi adquirida em *cash* por Tarcísio Borges Freire, hoje fazendeiro vizinho de Figueira. Em 14.5.1988, Trigueirinho com ele assinou o comodato de 50 anos, vigente até 1º de junho de 2038, diante das mesmas testemunhas do comodato da fazenda: Edson Germano Resende Pinto e Deoclecia Amorelli de Carvalho.

O imóvel na Rua Presidente Antônio Carlos, 400, foi designado Casa 1. Disse o instrutor sobre sua função interna, em 1992:

A Casa 1 é o transformador central das energias do trabalho na cidade. Tem, nas outras casas, os seus prolongamentos. Cada um desses prolongamentos tem suas próprias características, mas devem funcionar, juntamente com o “transformador central”, como um único corpo.

Antes mesmo de a Casa 1 chegar oficialmente, o instrutor havia escrito uma carta para Satya, em 20.1.88. Planejava a primeira horta comunitária no seu quintal, ao lado da esplendorosa árvore jatobá: *Penso que será oportuno contatarmos o Sr. Isaías, de Varginha, quando a nova casa estiver disponível e tivermos lá a possibilidade de fazer uma horta. Ali pode acontecer o princípio do que será na fazenda, e, ao mesmo tempo, será introduzida uma nova energia no trabalho. Veremos isso melhor em fevereiro; enquanto isso, sintonizemos internamente com o assunto.*

Para reger as obras e levantar o auditório de partilhas à esquerda da escadaria de entrada, Trigueirinho designou uma senhora do Rio de Janeiro com qualidades essenciais para a tarefa, expediente, firmeza e ordem. Ofereceu-lhe o nome Magda, abreviação de Magdalena, reflexo de sua mudança de vida. Também ela se hospedava na Satya.

Magda trabalhou até concluir a obra. Adquiria o necessário, como o aplainador manual da madeira usado no guarda-corpo antes de envernizado. Depois ensinava os voluntários a fazer o que jamais fizeram: lixar, envernizar, pintar. Apoiou, inclusive financeiramente, a subida de treze dormitórios individuais ao fundo do terreno, entre o jatobá, roseiras e o muro vizinho à Escola Pública Estadual Pedro Mestre.

No que a casa se tornou habitável, Trigueirinho se transferiu para ela com parte do grupo básico. Circundando o segundo piso foi construído um varandão envidraçado em forma de U. Fecharam uma parte e instalaram seu quartinho com um escritório e saleta. Ele se divertia: *Arranjaram um aquário para eu morar...*

Primor, limpeza e ordem permeavam cada recanto da casa. Nela surgiu o primeiro recinto sagrado da comunidade, a Sala de Meditação. Quando Trigueirinho planejou acarpetá-lo, o engenheiro Estevão, de Belo Horizonte, que ajudava a demarcar imóveis da fazenda, perguntou-lhe a cor. Mostarda, tom semelhante ao das camisetas dos atuais residentes de Figueira. Estevão calculou a metragem do tapete e partiu de caminhonete para Varginha, a 60 km, uma das cidades vizinhas em que o grupo faz compras e usa diversos serviços.

Ao centro da Sala de Meditação havia um vaso de plantas. Reinava silêncio no ambiente cercado de almofadas cor de vinho. As pessoas trocavam os sapatos por babuchas de tecido vinho, acomodadas numa cesta junto à porta. A meditação grupal acontecia em horários estabe-



Fachada da Casa 1, Rua Presidente Antônio Carlos, 450, Carmo da Cachoeira, MG

lecidos. A vibração sutil conduzia os buscadores ao profundo. O ritual prosseguia um movimento implantado na comunidade Nazaré Paulista e Trigueirinho logo o encerrou mudando a sala de nome e de função.

Mas antes, em dezembro de 1988, aí leu a carta enviada do Vale de Erks por Sarumah *aos queridos irmãos da Figueira* (leia no *Conversas sobre Trigueirinho — Livro 2*). Cada pessoa recebeu uma cópia datilografada, com o primeiro parágrafo: *Em nome do Comandante Shikhuma e em nome da Hierarquia de ERKS aqui presente com sua cidade iluminada, enviamos a todos vós a sublime essência do seu Amor, para que, neste novo despertar, conheçais a realidade do caminho cósmico, revelador das verdades sublimes que o homem está buscando. Trilhando esse caminho, através da luz dos espelhos e da luz das nossas naves, sem dúvida nenhuma tereis junto de vós nossos mensageiros, que estarão aí presentes para compartilhar convosco da tarefa a ser empreendida.*

O Salão de Partilhas, mesmo sem portas nem janelas, funcionava aos sábados, às 16h, quando ele vinha a Carmo. Os ouvintes se sentavam em cadeiras marrons de desarmar, como as de hoje, que balançavam no cimentado ainda irregular. Tão logo o soalho foi instalado e brilhou com sinteco, deixavam-se os sapatos de fora.

Enquanto o instrutor enfatizava a importância do silêncio, novos padrões de conduta se instalavam em visitantes e colaboradores vindos sós ou em grupo, para ouvi-lo. Chegavam de capitais brasileiras, da Argentina, de cidade vizinhas como Três Corações — em uma combi lotada, e depois um miniônibus com vinte pessoas. Vários acampavam ao fundo da casa nascente. De Belo Horizonte, chegaram:

MARIA DAGMAR Trigueirinho nos ensinava por seus atos. Aprendíamos com ele do básico ao profundo. Pena que, com o tempo, desaprendemos coisas significativas. Bem no início, muitos se hospedavam na Casa I. Bem cedinho passava uma combi para irmos capinar o terreno da Casa do Pátio. Aguardávamos no passeio em frente ao portão e exatamente na hora marcada o veículo estacionava. Quem não estivesse ficava para trás. Era uma instrução, uma ação precisa, sem perguntas ou comentários nem na hora nem depois. Foi uma grande aprendizagem, a de seguir ritmos, ser pontuais, cumprir com o tratado. A precisão de Trigueirinho se manifestava nos detalhes. E íamos para a fazenda sentados ao lado dele em silêncio.

RONER Partilhas memoráveis aconteceram na cidade. Trigueirinho, sempre paciente, respondia a todas as perguntas. Para complementar as partilhas punha músicas clássicas marcantes. Passei a apreciar Beethoven, a apreciar Mozart, e pela primeira vez ouvi a introdução da *Missa Solemnis*, em latim, uma peça longa, considerada a mais sublime escrita na face da Terra em todos os tempos. Não esqueço, era tão belo, tão intenso.

O padre marcava missa para a hora da partilha. O sino tocava chamando os fiéis, ligavam o alto-falante em alto volume. Lendas circulavam. O povo não sabia quais eram as intenções de Trigueirinho. Uns achavam que se candidataria a um cargo político, que queria dominar a cidade. E ele contornava tudo com calma.

A enfermeira de Maceió, Soraia, hoje Madre Gethsemani, escreveu preocupada: *José, não posso viver aqui. Pessoas chegam com um vasto caudal de conhecimento e nunca li livros esotéricos nem tenho noção sobre este tipo de vida.* Ler sua resposta foi um alento: *Graças a Deus! Isso quer dizer que você está aberta para novos conhecimentos, para nova vida.*

Já Hannuah tinha conta permanente em aviões pois passava todos os finais de semana e as férias no Centro Espiritual. Na época foi uma das coordenadoras em Salvador, BA, e agora reside em Figueira.

HANNUAH Dormi nos quatinhos ao fundo da Casa I, com um pano como porta; uma delícia. Trigueirinho vivia na casa e tomava as refeições coletivas conosco, num refeitóriozinho. Às quatro da manhã, ele nos reunia do lado de fora para, mesmo sentindo frio, ficarmos tranquilos. Treinava nossos corpos porque éramos da classe média, umas criaturas acostumadas ao bem-bom, a facilidades. Em Figueira chegaram sobretudo pessoas da classe média e alta. O carma dele foi esse. Só vim a limpar um banheiro aqui. Aqui sim, faço coisas do dia a dia. Trabalhei demais nas construções, lixei, envernizei tijolinhos. Ainda vejo José nas obras conosco, empurrando carrinho de mão. E Sofia também.

Caminhões subiam a rua e o salão ficou pequeno para o número de buscadores. Foi então construído o auditório da Vida Criativa, e as partilhas transferidas para a fazenda. O salão da Casa I tornou-se um dormitório coletivo e desde então acolhe diferentes tarefas, segundo o ciclo.

Em agosto de 1990, uma jovem viajou de Goiânia a Brasília com quatro pessoas para assistirem à última palestra pública de Trigueirinho da década. O conteúdo de um livro dele e o que acabava de ouvir, despertaram-lhe memórias adormecidas. Saiu determinada a ir a Figueira e lá esteve naquele ano. Quase três anos depois, em abril de 1993, a jovem saiu de casa para Figueira sem data de volta. Nunca retornou.

MADRE MARÍA DE LA SANTA CRUZ Na primeira visita hospedei-me na Casa 1 e no outro dia fui fazer uma tarefa na fazenda. No que o caminhão parou para carregar, corri até a porta de entrada da Casa do Pátio. Encaminei-me em direção ao jardim. Parei, respirei fundo, senti como se estivesse em casa. Percorri os olhos pelas quatro varandas vazias em torno. Não havia ninguém. O silêncio era quase total. Ouvei pássaros. Repentinamente uma porta se abriu na varanda oposta à que eu estava. Trigueirinho seguiu para outra porta, porém, antes de abri-la, voltou-se e fixou o olhar em mim. Estampou um sorriso suave. A alegria da alma acelerou meu coração e ela respondeu com um largo sorriso. Ele seguiu e voltei rápido porque o transporte ia sair.

Em 1993, cheguei a Figueira por tempo indeterminado e primeiro fiquei num quarto individual da Casa I. Minha tarefa era harmonização geral da casa, incluindo a área externa, jardim e quintal. Havia o refeitório, a Secretaria Geral e uma sala reservada para Trigueirinho receber pessoas, quando ia à cidade. A gente ficava observando-o com tanto amor, chegar, sair, passar.

Daí a uns dias fui para uma tarefa na Secretaria Geral, mas Clemente me chamou em seguida para coordenar o Laboratório da Casa do Pátio.

Ela chegou do interior de São Paulo:

MARINA A primeira vez que subi a escada da Casa 1, algo dentro me falou: *Você não veio para ficar nem para ir embora, você veio para conhecer Deus.* Fui ficando, Germano me ajudava muito. Eu pedia mais quinze dias e mais quinze até ele perguntar se eu gostaria de passar mais tempo.

Eu cuidava da Casa 1 em 1993, na época em que Trigueirinho saiu da Casa do Pátio e voltou a morar lá. Nossa! Ficamos quase a noite toda ajeitando o quarto para ele, a cortina torta. Avisou: *Vou ser uma vitrine, não me envolverei com nada.* Tinha dito isso, mas no primeiro dia já implicou com o portão.

Usava robe dentro da casa e estava vestido assim, indo entregar um papel na Secretaria, quando um médico de Belo Horizonte o viu da recepção através da parede de vidro. O moço falou: *Meu mestre!* E se jogou no chão. Trigueirinho ficou com uma vergonha tão grande, sem jeito, ajudando o rapaz a se levantar. Sempre disse que não era mestre de ninguém, que cada um tem seu mestre interno.

Outra vez, numa reunião, estava gente de vários lugares e setores. Ele havia ganhado umas bolachinhas. Tudo o que ganhava, dividia, e disse: *Vamos comungar.* E cada pessoa pegou uma.

Ao longo dos anos, a Casa 1, ou seja: *o transformador central das energias do trabalho na cidade*, vem tendo coordenadores brasileiros e argentinos. Abrigou setores. Recepcionou, alojou e encaminhou milhares de pessoas para outras casas e áreas da comunidade.

Tornou-se enfim sede mundial da Fraternidade – Federação Humanitária Internacional (FFHI). A associação civil sem fins lucrativos atua em 28 países e reúne 27 filiadas — associações civis nacionais e internacionais que realizam ações de caráter voluntário, humanitário, ambiental, cultural e filosófico. Exerce papel fundamental na integração, acompanhamento e suporte ao serviço desenvolvido pelas filiadas.

Assim foi que a Casa 1 passou a ser conhecida com Federação.

CASAS NA CIDADE, PORTAIS DE FIGUEIRA

*Tudo o que nos cerca e tudo o que somos precisa
converter-se em instrumento de serviço e ser
utilizado de maneira adequada.*

Trigueirinho

SOLICITAVAM HOSPEDAGEM OS QUE VENCIAM obstáculos dentro e fora de si. Entravam sem temor na Casa 1. Para acolhê-los, desde o final de 1988 imóveis na cidade foram doados, emprestados, alugados. A maioria é identificada por números: Casa 2, Casa 3... e renumerada por Trigueirinho conforme modificava sua função.

Beatriz Beleza, outra pioneira incansável, coordenou e fez florescer a Casa 2, até, em 1995, ser conhecida como Casa do Mel e acolher o Grupo do Apiário. Adquirida em 2005, em nome do Germano, em 2018 foi transferida para a FFHI, assim como a maioria das fazendas e imóveis da Comunidade-Luz.

O trabalho possui hoje quinze casas em Carmo da Cachoeira. Além de nomes, têm energias distintas. Trigueirinho esclareceu no início dos anos 90: *Não é apenas uma casa de tijolo, cal, pedra, cimento. Isso é a aparência. Casa é outra coisa. A casa tem alma. A casa tem espírito. A casa tem um alinhamento com o alto. Se você vive no chão, vai ver uma casa construída. Só isso. E o que se passa lá materialmente. Mas precisa que vá se elevando, que vá se erguendo para ver a casa em outros níveis, em outros pontos dela, onde o serviço é outro, onde o trabalho é outro, onde há coisas para se fazer além das físicas.*

Anuncia um trecho do informativo *Figueira*, amplamente distribuído em junho de 1989:

INFORMATIVO Todas as atividades da Figueira são mantidas por voluntários e não há fins lucrativos ou associativos. Na cidade existem três casas usadas para hospedagem e trabalhos ligados a Figueira.

Em outras partes do país e da Argentina, há grupos de apoio abertos para fornecer informações aos que desejam contribuir de alguma forma, seja com

materiais, recursos financeiros ou trabalho voluntário de rotina ou de construção de casas. As plantas das construções bem como os programas de encontros periódicos na Fazenda ou na cidade estão disponíveis aos interessados nos grupos de apoio de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Maceió, Recife, Salvador, Buenos Aires.

Perguntaram ao instrutor, em 1992, como ajudar a descida da Energia aos níveis concretos das casas, ao que respondeu:

A área da Cidade deveria funcionar como polo receptor das pessoas que se dirigem a Figueira. Ao mesmo tempo, como estação de transmutação e adequação das forças e energias daqueles que se destinam ao trabalho em outras áreas. Deveria ser o Portal de Figueira e, portanto, habitada pelos "guardiães desse Portal", simbolicamente falando.

Por estar dentro da cidade, proporciona um campo vibratório com voltagem e qualidade indicadas para certas transições, sendo também um dos polos da base F1 / F2 / F3 e cidade, que se complementam mutuamente. Esses polos são mais que áreas físicas — representam diferentes fases a serem manifestadas, que devem aprofundar em pureza de expressão.

Qualquer dúvida, comparação, ambição ou inércia em responder ao chamado repercute em toda a aura grupal e, portanto, na materialização daquilo que é o Plano para Figueira.

Sendo inspirada interiormente por energias intraterrenas e extraplanetárias, Figueira representa uma conjuntura energética cósmica e estelar. Tem em seus espelhos as chaves da liberação, possibilitando ao homem de superfície o assumir da vida cósmica. Trabalhando com energias monádicas, todo e qualquer envolvimento com forças da personalidade representa um adiamento daquilo que, nos planos divinos, aguarda a resposta do homem terrestre para se materializar.

MUTIRÕES EM F1

*Ouvistes o chamado?
Respondei, pois, à altura do
que vos está sendo oferecido.*
A CRIAÇÃO, Trigueirinho



GRANDE É O VALOR DE MUTIRÕES. A notícia sobre a abertura do Centro Espiritual alastrava-se, atraindo um fluxo crescente de peregrinos. Atraídos por sintonia interna, divisavam formas grupais de se estar na vida.

Em meados de 1989, lia-se no primeiro parágrafo das três mil circulares distribuídas entre os estados: *Figueira é um centro de serviço em colaboração com novas energias e sementes da vida futura. Meditação, convivência fraterna, estudo, pesquisa e trabalhos práticos são instrumentos básicos para essa experiência. E mais: Quando a alegria se manifesta, o trabalho nos nossos centros etéricos se intensifica, e muitos passos são dados, do ponto de vista do funcionamento da energia nos corpos do indivíduo.*

Através dos tempos, cada instrutor da humanidade busca atualizar as formas de conduzir grupos e expressar verdades eternas. Mutirões são usados há séculos. Por sua vez, Trigueirinho lançou um convite internacional a brasileiros e argentinos, no final de 1989, para servidores impulsionarem a edificação física e espiritual de Figueira.

Grandes mutirões todo fim de semana provocaram um *boom* no cenário local. Trezentos, quatrocentos passageiros desciam em júbilo de ônibus fretados em frente à Casa 1 ou nas fazendas. Denominados *Grupos de Sustentação*, vinham da Argentina, Brasília, Campo Grande, Curitiba, Espírito Santo, Nordeste, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, enfim, de vários lugares. Nos primeiros e terceiros finais de semana, grupos de Belo Horizonte; no segundo, o de São Paulo; no quarto, o do Rio. Apoiavam construções, hortas, plantios, reflorestamentos, reparavam estradas.

Sextas à noite, Trigueirinho os recebia e no dia seguinte encabeçava mutirões. Abria-se um círculo com os participantes e o focalizador explicava as tarefas. Trabalhavam concentrados imitando o mestre, que descarregava caminhões com telhas, empurrava carrinhos de mão.

MARIA DAGMAR Acrescente-se aqui a imagem daquele que era nosso instrutor, com chapelão de palha construindo ou capinando conosco. Quem teve a bênção de tê-lo como companhia nesses momentos observou quanto, em tudo que fazia, era um exemplo de precisão, de reverência, de simplicidade, de alegria, de coligação com o Mais Alto.

Quem o vira atrás de uma mesa proferindo palestras para grandes auditórios se admirava. Respeitavam-no ainda mais. Em 1990, após encerrar o vasto trabalho público pelo Brasil e a Argentina, o governante de Figueira nela se instalou definitivamente.

Sobre coordenar, diz: *Uma autoridade autêntica, espontânea, é inerente aos que superaram em si certos jogos de forças e podem então auxiliar os demais a trilhar o mesmo caminho. Baseia-se na humildade e no reconhecimento da lei evolutiva. Seu campo energético irradia uma onda vibratória que, como um diapasão, afina a sintonia dos seres e conjunturas que com ele interagem no cumprimento de uma tarefa.*

A energia grupal executava as tarefas e até ia além do previsto. A ação era iniciada e encerrada pontualmente. Uma beleza, o resultado final! Comenta-se que eram *mutirões do céu*. São recordados a seguir, em oito relatos de residentes e colaboradores:

RESIDENTE DESDE 1989

MADRE ISABEL Trigueirinho cuidava com zelo da chegada dos participantes dos mutirões, que se organizavam para apoiar-nos. Reunia-nos antes para ensinar-nos como recepcionar cada grupo que, dizia, precisava ser acolhido de uma forma diferenciada, por ter a própria característica.

Devíamos interiorizar-nos para saber qual a necessidade daquele que estava para chegar. Isso era o mais lindo! Fomos aprendendo a reconhecer a energia de cada um. Entrávamos tanto nisso que sempre um de nós tinha um sonho sobre como receber certo grupo, e aquilo nos marcava porque era um aprendizado vivo.

Para um grupo do Nordeste, Trigueirinho me pediu que preparasse um alimento bem nordestino. Para um da Argentina, sugeriu uma refeição especial, servida no dia da chegada. Depois eles se integravam em nosso ritmo, mas sempre eram recebidos com algo fraterno e amoroso.

F3 02.04.95

Irmã,
você gostaria de chamar-se
ZARA? Representa 2 sí-
labas do nome Zarathustra,
símbolo de sabedoria.
O nome poderá ajudá-la
na Lei do Silêncio, e em
tudo o mais que encontrar
em você abertura.

Com gratidão,
Trigueirinho

F3, 2.4.95

Irmã,
você gostaria de chamar-se
ZARA? Representa duas
sílabas do nome Zarathustra,
símbolo de sabedoria.
O nome poderá ajudá-la
na Lei do Silêncio, e em
tudo o mais que encontrar
em você abertura.

Com gratidão,
Trigueirinho

RESIDENTE DESDE 1990

ZARA Como acompanhei a manifestação de Figueira? Na primeira palestra de Trigueirinho a que assisti, em Belo Horizonte, ele colocou que os mutirões teriam início. E me inscrevi. Fui e continuei voltando. Aquilo me atraía. E na hora de ir embora, queria ficar.

Na vivência das tarefas grupais, Trigueirinho era uma referência e participava de todos os mutirões. O jeito dele me encantava, o silêncio. Todo mundo fazendo aquilo com boa vontade, ritmo, da hora de começar à hora de terminar. Que importância ele dava em irmos todos aos mutirões! Ele os vivia, falava sobre isso. Depois almoçávamos e, na partilha explicava sobre a importância do trabalho feito. A cada vez, impulsionava-nos mais a participar. Às terças-feiras, dava partilhas na Casa I. Resolvi não trabalhar esse dia e vinha de BH para ouvi-lo. Então, entrei de férias no banco e fui passar quinze dias na comunidade. Só que os quinze dias continuam até hoje. Não consegui voltar. Fiquei.

O mais bonito foi acompanhar Figueira ser construída em ritmo rápido, uma área nova, uma casa nova atrás da outra. Nunca parou de caminhar. Do princípio ao que é hoje, a minha mente não conseguiu acompanhar. Parece que estou em outro tempo, em outro espaço, em outro lugar.

COLABORADORAS DE SÃO PAULO, SP

MARIA DE FÁTIMA GUARNIERE Quando Trigueirinho falou sobre as terras, viemos de São Paulo, um pequeno grupo, ver do que se tratava. Gente do céu, a cidade era precária! Os moradores viviam praticamente da colheita de café, gente muito humilde. Saíamos da rodoviária, descíamos a rua, e as fazendas já começavam. Tudo era rústico mesmo, entende?

As terras de Figueira eram um mato só. Aquela vilinha da estação no caminho para lá e a passagem do trem, tudo estava abandonado. Tivemos de consertar para passar. Aí descobrimos o lago onde foram instalados três *trailers*, porque Trigueirinho, Artur e Clemente queriam estar dentro da fazenda. Limpamos a área, fizemos telhadinhos sobre cada um, porque *trailer* é muito frio no inverno e muito quente no verão. Construímos a instalação, o abastecimento de água. Só uns anos depois os *trailers* foram usados para retiros.

O primeiro local onde ficamos, nas vindas de São Paulo, foi na Casa 1. E, quando vimos a necessidade de ativar o trabalho das construções na fazenda, armamos uma vila com 24 barracas enfileiradinhas, abaixo da mata da Casa do Pátio. E as deixamos lá para dormirmos quando voltávamos nos mutirões. Ninguém tem foto de nada disso, porque Trigueirinho não permitia fotografias.

O contexto de Figueira era de estudos e plantios para uma vida autossustentável. Ele queria que não se consumisse absolutamente nada de fora.

Após o uso, as ferramentas tinham de ser limpas e colocadas nos devidos lugares em ordem, para o grupo seguinte encontrá-las prontas para o serviço. Era a mesma coisa com os quartos, que deixávamos tão harmonizados quanto os recebíamos.

MARÍA CARIDAD Acompanhei o trabalho de Trigueirinho com um amor profundo desde 1984; eu tinha 24 anos. Bem no ano em que surgiu Figueira, tive uma bebê. Como ele dava palestras públicas em São Paulo, eu assistia à instrução ao vivo, mas, quando se encerraram, vi-me impelida a conhecer Figueira. A comunidade tinha um 7º Raio incomparável.

Em 1990 se formou o Grupo dos Mutirões, um pedido de Figueira, que precisava ser sustentada por grupos fortes. Com sede de participar de tudo, conheci Genny Paglia, braço direito do Trigueirinho, ela e a Maria Helena Rolli. Genny tornou-se inseparável. Fizemos muitas tarefas juntas. Na primeira, coordenamos os ônibus de mutirões. Tínhamos uma reunião semanal na casa dela para estudarmos cada parágrafo dos livros de Trigueirinho. Depois orávamos. O encontro tinha a parte prática de dividir tarefas. Fazíamos manualmente as lista-



Mutirão em Figueira. 2.4.2015

gens minuciosas dos passageiros e as datilográvamos para serem submetidas à empresa locadora de ônibus. Bem trabalhoso, mas o grupo era eficiente, doado, alegre, e tudo fluía bem. Voltando de uma viagem, já organizávamos a seguinte.

Dois ônibus lotados saíam na sexta-feira depois do almoço e retornavam domingo à noite. Figueira nos aguardava com tudo ordenado, a recepção, depois o jantar antes de dormir. No outro dia cedinho, havia a abertura com orações antes do desjejum e tarefas até meio-dia. O grupo preferia estar nos plantios e em tarefas na manutenção. Depois do almoço descansávamos. Às cinco da tarde, éramos brindados com a partilha de Trigueirinho. No domingo de manhã seguíamos na mesma tarefa, almoçávamos, e Trigueirinho nos oferecia a partilha de encerramento antes de embarcarmos.

MARIA RITA Durante uma partilha de José em São Paulo, ele falou sobre mutirões para Minas. Coloquei meu nome na lista dos interessados e fui pela primeira vez a Figueira em 1990.

Chovia forte ao chegarmos. Samuel e um residente foram à cidade avisar-nos que não seria possível irmos de ônibus até a Casa do Pátio, por causa da lama. Seríamos transportados num caminhão com tração, tipo de boia-fria, com a carroceria coberta de lona laranja. Subimos por trás, entramos numa portinha e sentamos nos bancos de madeira laterais. A chuva não parava. No primeiro mata-burro, logo depois da linha do trem, onde depois instalaram uma imagem de Nossa Senhora, o que aconteceu? Uma roda afundou no barro. O caminhão não ia. Quatro homens saíram lá de dentro. Nós quietos, naquela escuridão

com barulho de chuva. Conseguiram desatolá-lo. E andou. Eu, sem saber para onde ia, quem estava me levando, sem conhecer absolutamente ninguém... A sensação foi a de cruzar uma dimensão e entrar em outra, como se tivesse dando o passo para uma nova vida se apresentar.

Enquanto a minha construção interna estava em processo, eu ia mensalmente com o mutirão. Nos outros finais de semana, fazia trabalhos no Núcleo de Figueira Granja Viana, em São Paulo.

Noutra vez de chuva intensa, passamos o final de semana catando feijões, umas sessenta pessoas sentadas uma ao lado da outra, em uma mesa comprida, na varanda da Casa do Pátio. Trigueirinho se sentou a meu lado em silêncio profundo. Trazia a energia da ordem.

Algo ligado à nova criação acontecia naquela egrégora de convivência grupal. Uma energia que não faz parte deste plano se instalava no mundo da forma, que nos elevava a outra consciência. À medida que catávamos grãos, cada um fazia um montinho de resíduos, que jogava em lixeirinhas. Ao final, seguiam para o composto.

Eu me lembro muito bem. Joguei o meu lixo na lixeirinha. Aí peguei o de alguém ao lado e mais o da pessoa à frente. Nisso, fiz menção de também tirar o de Trigueirinho. No que levei a mão, ele o tampou. Não me deixou retirar. Seu gesto me trouxe uma compreensão interna enorme. Eu tinha de dar conta do meu próprio lixo, e não querer controlar o do outro. Tinha de trabalhar e transmutar o que era meu. Entendi na hora. A lição ficou clara. Trigueirinho fazia um trabalho com a alma, a essência de cada um. Foi forte.

Meu contato com ele acontecia no nível de ligação energética e de transformação interna. Nessa fase, ele trabalhou conosco no plantio de erva cidreira para evitar erosões num morro da Vida Criativa, onde foram feitas curvas de nível e depois, plantadas bananeiras e outras espécies frutíferas. As tarefas tinham um coordenador, e aquele nos instruiu como plantar. Éramos profissionais morando na cidade, não pessoas do campo. Tínhamos uma vida completamente diferente da de um agricultor.

Ao final do trabalho, envolvida em fazer exatamente como o coordenador explicara, enquanto o grupo recolhia ferramentas para guardá-las, vi mudas fora do lugar indicado e fui consertá-las. Trigueirinho veio. Pôs a mão no meu ombro e falou: *Você não precisa fazer esta tarefa. Já fez a que deveria ter feito. Essa tarefa, vamos deixar para os deusas.* Observei as mudas, olhei pra Trigueirinho, olhei pras mudas, pra ele, e dei um sorriso. Tudo bem. Obedeci. Nesse dia de 1991 percebi que eu tinha o hábito de querer dar conta de tudo, essa coisa

do fazedor, de ver uma coisa e sair fazendo. Para tudo existe limite. Há um ponto a partir do qual não podemos ir, porque no universo existe uma ordem, existe uma aceitação. Temos de respeitar o que é feito pelo outro, a maneira como o outro faz, a maneira como se expressa. Inclusive, o meu livre-arbítrio vai até onde inicia o livre-arbítrio do outro.

No início dos mutirões, as tarefas eram enumeradas e distribuídas entre os presentes. A partir de certo momento, foi feita outra proposta. Cada um chegaria sabendo com o que trabalharia. O grupo da manutenção das casas cuidava da parte hidráulica e elétrica. Outro, da manutenção das estradas. Havia o grupo do plantio e o da poda das árvores, e assim ia. A gente se colocava em qual deles gostaria de estar.

Surgia o impulso: Neste! Estive com o Grupo da Horta um período. Depois em serviços pontuais, sem fazer parte de nenhum grupo. Com isso, conheci várias tarefas e vários grupos, inclusive a dinâmica do suporte dado aos que chegavam e a tudo que a vida comunitária abarcava.

Particpei dos grupos de manutenção da casa, dos ambientes, da área externa, da pintura, da preparação dos alimentos, da colheita para preparação dos alimentos, da colheita de frutas — muitas vezes nos vizinhos, que colocavam pés de fruta à disposição, e lá íamos nós.

Particpei do grupo de plantio das gramas pelos caminhos da Vida Criativa e da Casa do Pátio, da plantação de eucaliptos entre o portão de entrada e a Casa do Pátio, para conter o terreno. Antes usado para pasto, aos poucos cobrimos de plantas a terra exposta das terras de F1.

LÍGIA DA EIRA Uma coisa era boa demais: mutirões com Trigueirinho! Ele participava de todos. Lógico, era mais novo, tinha uns 60 anos. Idoso, não.

A gente acordava às quatro da manhã para reuniões de mantras, mas os residentes às três e meia, tinham outras reuniões. Isso pertencia à prática da disciplina. Íamos na maior tranquilidade, na maior alegria, no maior amor. Era comum ter umas 300 pessoas na comunidade, em dia normal — não só em eventos. Isso, direto. Entre o Natal e o Ano Novo então, lotava!

Em setembro de 1991, o primeiro mutirão do Rio de Janeiro seguiu para Minas. Os seguintes ocupavam às vezes dois ônibus, além de carros lotados.

COLABORADORA DO RIO DE JANEIRO, RJ

LILIA MAYNARDES Assumimos a responsabilidade como Grupo de Sustentação a Figueira, onde tudo funcionava com concentração no amor, dentro de um plano perfeito para a Terra. Trigueirinho andava a passos largos à frente, levando-nos pela mão. Foi o guindaste de que nosso ser interno precisava para nossas vidas avançarem.

Uma vez apareceu uma cobra coral, nós ali num mutirão gigante com ele, fazendo limpeza dos galhos de uma plantação de café. Ele explicou: *Olhe, ela tem alma grupal. Sabe que não deve estar aqui, porque os animais também recebem ordens internas. Então, podemos desencarná-la com a intenção de que venha mais abençoada numa próxima encarnação. Assim, as cobras do grupo dela vão receber esse recado.*

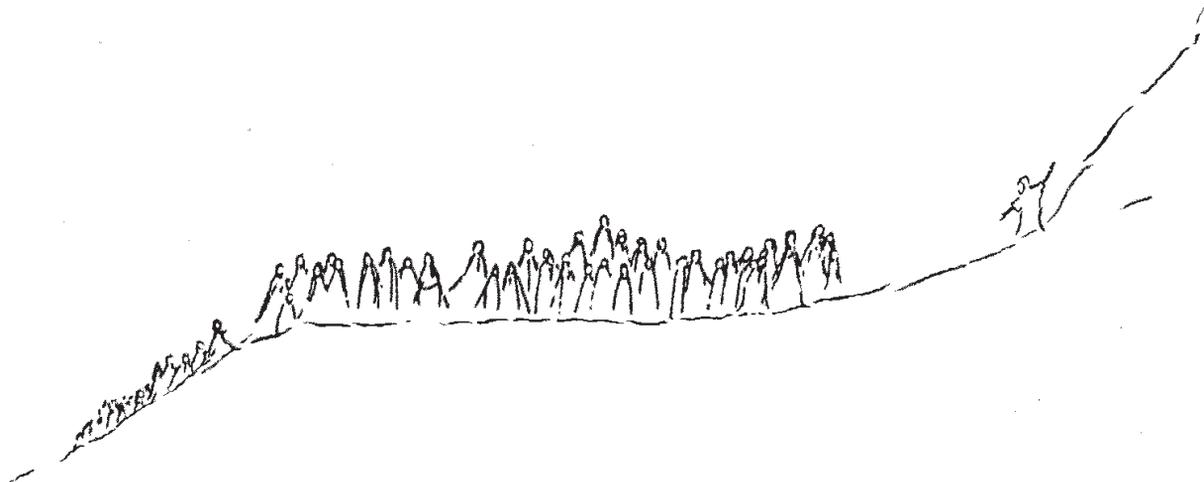
COLABORADORA DE BRASÍLIA, DF

EVA CLÁUDIA MARINHO Em Figueira renasci, tive curas e aprendizagens profundas! Ir lá era o sonho da minha vida, que se realizou em agosto de 1991, no primeiro mutirão do grupo de Brasília. Fretamos um ônibus Itapemirim; imagine, lotado, sucesso de público. Mas, antes de ir, precisei passar por uma entrevista, e minha maior preocupação era ser reprovada.

Menina, Figueira ficava longe. Hospedamos na Casa do Pátio, e a tarefa era na VC, no estacionamento perto dos silos, da padaria, do galpão. Havia uma lona imensa de plástico azul estendida no cimento, coberta de vagens de feijão. Era o mutirão do feijão. A gente debulhava naquele frio horroroso, desde bem cedinho. Eu me lembro até do casaco que usava naquele vento. E todos em silêncio. O que me tocou, antes de qualquer coisa, foi o silêncio.

Vou partilhar o que se passou em meu coração. Toda a vida, escolhi trabalhar na UTI porque lá estamos em silêncio. Apesar de o povo dizer coisas esdrúxulas nas mídias, a gente faz silêncio, menos nos momentos de grande aperseio. Sempre me entoquei nas UTIs e nem sei por quantas já passei. Para quê? Pra não ficar conversando, pra não falar com os acompanhantes e porque eu gostava mesmo era de tratar paciente grave, não os de enfermarias abertas.

Nem sei com que palavras explicar como, em Figueira, tudo invadia o meu ser, e eu me encontrando naquela ordem. A concentração, a doação, o som do debulhar, os cheiros, o frio, a atmosfera. Fui sentindo-me parte daquela aura. Não sei... encontrava Deus. Nunca soube dizer o que Figueira é. Todo mundo calado, atencioso, educado. Pensei: *existe um lugar assim neste planeta?*



Tinha já ouvido todas as partilhas de Trigueirinho, todas. Mas o *grande tchan* era vê-lo ao vivo instruindo à tarde, depois de acordar cedo, fazer as tarefas, harmonizar o ambiente e, em silêncio, agradecer por tudo.

EM FIGUEIRA ENTRE 1991 E 2000

RESIDIU NO NÚCLEO SAGRADO CÉU, EM BH, ANTES DE RETORNAR

JOSÉ DE ARIMATÉIA Aconteciam situações surpreendentes. Uma vez, coordenei um mutirão para escavar uma valeta e aterrar a cordoalha de cobre de um para-raios, lá embaixo, perto dos lagos da Casa do Pátio. Informamos à distribuidora da tarefa que precisávamos de trinta pessoas. Ela indicou quinze senhoras idosas vindas num mutirão da Argentina. Até reclamei. *Como cavar 120 m de valeta de 40 cm de profundidade com as senhorinhas?* Bem, saímos com enxadões. E foi o mutirão mais harmonioso de que já participei, sabe?

A terra era a mais dura que escavamos em Figueira. Cada senhora tirava um tantinho, e conseguiram! Uma coisa fantástica! Uma, de uns 70 anos, ao final se deitou no chão com os braços abertos em cruz, olhando para o céu, no cansaço saudável de quem cumpriu a tarefa abrindo-se para ser trabalhada pela energia. No dia seguinte, só voltei para abrir o trecho da travessia da estrada.

Tenho problemas na coluna e não posso pegar muito peso. Mas entrei num mutirão na curva da estrada, próxima ao casarão azul. O trabalho era assentar pedras porque no trecho se atolava. Carreguei pedras num esforço enorme. À noite, percebi por um bom tempo o corpo sendo trabalhado, os músculos estirados. No dia seguinte acordei sem nenhuma dor!

Desde 1990 os mutirões prosseguem como atividade constante. A certa altura, não mais com grupos vindos de fora. Os presentes na comunidade são convidados, e a participação é opcional. No *Cadernos de Sinais* nº 3, de 1998, lê-se um convite aberto a interessados externos à comunidade que quisessem participar:

Nos mutirões, grande número de pessoas se une para realizar atividades simples e essenciais, quase sempre em contato com a Natureza. Integrados por um ritmo de ação unificado, os participantes têm a possibilidade de transformar o trabalho comum em algo sagrado e profundamente renovador. Embora os mutirões eventualmente requeiram certo esforço físico, nos dias posteriores torna-se evidente o efeito sutil vitalizador da doação do grupo.

Estão previstas, em Figueira, as seguintes tarefas em ritmo de mutirão: Setembro: plantio de abóbora, adubação de mamoeiros, manutenção de estradas. Outubro: adubação de bananeiras, de cítricos, do pomar nativo e colheita de trigo. Novembro: plantio de dois novos pomares de mamões, dois de cítricos, manutenção de estradas. Dezembro: capina dos pomares, capina e adubação de bananeiras.

Inscrições com a Secretaria-Geral de Figueira.

Os grupos assistiam às partilhas de Trigueirinho antes de, no domingo, retornarem aos locais de origem. Na saída, ele se punha à porta da casa ou ao lado da entrada dos ônibus. Abençoava cada um com o olhar reluzente, oferecendo-lhe um ramalhete de ervas secas para chás colhidas em Figueira, embrulhadinho com capricho.

O valor de mutirões no Centro Espiritual Figueira não é apenas o de suprir necessidades concretas. A ação tem um sentido elevado. Segundo a abertura de cada ser, no decorrer da tarefa grupal acelera-se o despertar da consciência.

Com botas e chapéu de palha, Trigueirinho deles participou até 2002, quando a Hierarquia lhe indicou parar.

ABELHAS EM FIGUEIRA



Devemos ser como as abelhas, que trabalham de modo a espelhar perfeitamente a Ideia transmitida pela Consciência Superior que as rege.

AS CHAVES DE OURO, Trigueirinho

ABELHAS DE FLOR EM FLOR NÃO APENAS AS POLINIZAM. Misteriosamente, polinizam consciências. Espargem atributos de irmandade na consciência do mundo.

Aprendemos com Trigueirinho que simbolizam uma ligação grupal consciente com a Vontade Cósmica. A ciência oficial afirma que surgiram há milhões de anos e, através de estudos exotéricos, sabemos que sua essência, ou seja, o aspecto imaterial, foi trazido do planeta Vênus.

Abelhas não têm livre-arbítrio, não sentem medo e levam em si o amor primordial. Na colmeia, a rainha ancora o que podemos chamar de *alma*. Ela é o centro das atenções, mas submissa aos comandos do Espírito Luminoso da colmeia, manifestado pelas operárias.

Com a intenção de na aura da comunidade refletir a vida grupal quase perfeita das abelhas, Trigueirinho convocou um grupo de oração de Belo Horizonte a instalar apiários em Figueira, em 1989. Da estrada se viam as primeiras colmeias enfileiradas ao sopé do Morro do Cristal. Por as terem instalado próximas ao trânsito de pessoas, os voluntários ainda inexperientes tiveram de mudá-las para uma clareira bonita, mais abaixo, na Vida Criativa. Atualmente, seis apiários se distribuem pelas fazendas F1, F2, F3, Terras do Sol, Terras da Irmandade e Núcleo Coração Sagrado, antigo Sohin.

Diz o membro mais antigo do Grupo do Apiário, dos ativos hoje:

PAULA M F BORGES O apiário nasceu em base sólida, edificada por orações semanais silenciosas de grupos que, ao longo de 11 anos, se reuniam no apartamento de Marisa Barreto, na rua Alagoas. Conheci Trigueirinho no dia 1º de fevereiro de 1983, quando assisti ao curso dado por ele, *A família na Nova Era*, na sala da professora de ioga Neide Inecco, na rua Marquês de

Maricá, onde, depois, acompanhei audições de suas palestras aos sábados à tarde. Quando vinha a Belo Horizonte, Trigueirinho se hospedava num hotel próximo e comparecia sem convite a nossas reuniões. Sua chegada era uma grande alegria. Muitas vezes, fomos premiados com sua presença, sentado na sala, atento aos planos de construção do Céu Azul — Núcleo de Figueira em Belo Horizonte — e, mais tarde, resolvendo questões do apiário.

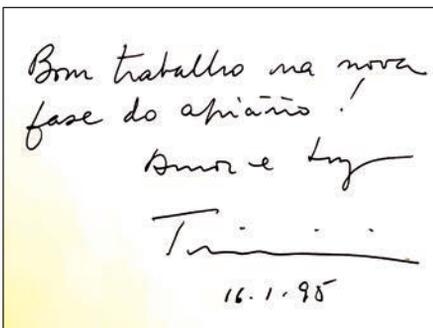
Nosso grupo de apoio a Trigueirinho contava com uns vinte membros. Ele sempre pedia nossa ajuda. Marisa Barreto teve papel importante na manifestação física do Céu Azul. Doou os primeiros lotes e conduziu sua construção de 1985 a 1987. Esse foi o trabalho mais importante da vida dela. Participei junto. Mas, assim que a obra ficou pronta, ela se retirou e entregou a coordenação a Aparecida Barquete, a Mira.

Na sequência, Marisa foi fazer um curso de apicultura. Assim, o embrião do apiário nasceu no mesmo grupo fundador do Céu Azul. Nossa primeira sede em Figueira, a Sala do Mel, ocupava ambientes do andar inferior da Casa do Pátio. Mas os ritmos do grupo não seguem horários comuns, saímos para o campo sem hora de voltar, porque é um trabalho em sequência e nunca sabemos que imprevistos encontraremos. Isso dava problemas com Sofia, coordenadora da área, pois nos atrasávamos para o almoço e para outros ritmos.

Para evitar o não cumprimento de horários, Trigueirinho considerou que o Grupo deveria ter sede própria, e nos ofereceu a Casa 4, que teve o nome trocado para Casa 5. Ficamos um ano reformando-a e equipando-a, mas lá trabalhamos pouco tempo. Quando, de surpresa, ele nos avisou que a casa seria vendida e o dinheiro ajudaria na compra da Casa 3, o grupo viveu uma experiência dolorosa. Depois de pronta, entregamos a casa reformada!

Foi então que Trigueirinho nos passou a Casa 2 em definitivo. Não corria risco de ser vendida. Em 1995, o apiário entrou nela e ainda permanece.

As instalações eram inferiores, com bom espaço e boa localização. Germano conseguiu o desmembramento de um lote ao fundo, sem saída para a rua, que comprei e coloquei em nome dele. O terreno dá o apoio essencial ao processo. A extração do mel é a culminância de um ano de trabalho. Quando as vinte ou trinta caixas com mel chegam do campo à Casa 2, são



Bom trabalho na nova fase do apiário!
Amor e Luz
Trigueirinho
16.1.95



Etapas da extração do mel. Casa 2, Carmo da Cachoeira. 2011 e 2022

depositadas na sala da extração, onde o mel é desoperculado na grande centrífuga e guardado em baldes, para ser envasado devagar ao longo dos meses. O envase é outro processo.

As caixas e os quadros de madeira dos quais o mel é retirado são levados para o lote ao fundo. Atraídas, abelhas da região vêm lambe as sobras. Isso cria uma concentração delas e um zumbido forte, que poderia incomodar os vizinhos. Graças a Deus o lote é apropriado, e a vizinhança não se sente ameaçada porque as abelhas ficam circunscritas àquele espaço.

Trigueirinho se reuniu com o Grupo do Apiário e nos convidou para ir a Aurora, no Uruguai. Fomos Cléia Marise, Beth Picorelli, Marisa Barreto, a Dra. Márcia Veiga e eu, entre 5 e 14 de outubro de 1990. Às tardes, caminhávamos 5 km a pé até a estância La Aurora, de Angel Maria Tonna, o porteiro e guardião de Aurora, que nos recebia de forma calorosa na varanda da casa. Gostou do grupo e ficava falante e alegre.

Ele nos autorizou a entrar em áreas extensas onde naves pousavam e deixavam as marcas que estão no livro *Aurora – Essência Cósmica Curadora*, de Trigueirinho. À tardinha nos despedíamos e íamos para uma casinha em um ponto alto da estância para descortinar o movimento noturno das naves, onde hoje se situa a Casa Redención, o Centro Aurora. A luminosidade da área vazia, desabitada, um deserto geográfico, era como o de uma grande cidade, por causa das luzes que subiam e desciam. Na região magnetizada, Nossa Senhora fez Sua primeira aparição, em 2007.

Devemos essa e tantas outras experiências a Trigueirinho. Tendo retornado ao Brasil, ele nos avisou que fomos o último grupo a entrar na área preservada. Muitos estavam aproximando-se, e isso prejudicava o etérico. Andar reverente pela área sagrada foi determinante. Sempre pertenci a este trabalho, com persistência, e, em Aurora, ganhei solidez interna.

Satya abriu, em sua casa de Carmo da Cachoeira, uma audição semanal de fitas cassete de palestras de Trigueirinho, assim como fizera em Belo Horizonte. Ele lhe dizia quão importante era pescar almas locais. Duas pessoas da cidade participavam. Elzio, por anos, que trabalhava no supermercado e tornou-se colaborador voluntário em F1.

Marisa contava. Ao ver aquele homem alto e forte trabalhando, percebeu quanto seria útil no Apiário que, bem no início, não contava com seres em corpos masculinos como membros efetivos. E o chamou. Elzio tornou-se peça fundamental. Esteve com o grupo até desencarnar, cerca de um ano antes de Trigueirinho, que dizia: *Elzio vale por muitas almas*. Conversavam com frequência sobre assuntos profundos, e o instrutor chegou a visitá-lo em casa.

O grupo de colaboradores se diversificava ao longo dos anos. No início, todos, menos Elzio, eram membros do grupo belo-horizontino de oração. Trigueirinho comumente lhes enviava correspondências. A convite dele, na época alguns integrantes colaboraram no reflorestamento do atual Bosque da Vigília.

O último boletim *Sinais de Figueira*, lançado em 2011, foi dedicado às abelhas. Esclarece sobre as duas faces do trabalho na comunidade: *A face externa segue as linhas e técnicas da apicultura tradicional. Alojamos as famílias em caixas de madeira, de acordo com os padrões internacionais, e seus produtos — o mel, a cera e a própolis — são colhidos de modo usual. A face interna — o verdadeiro trabalho — apresenta-se logo na primeira diferença em relação à apicultura tradicional: a não comercialização dos produtos, que ficam à disposição de Figueira para uso interno e doação. Todas as necessidades materiais para o trabalho prático são espontaneamente supridas pelos integrantes do grupo. Livres dos laços com a energia monetária, podemos aprofundar a conexão com o reino das abelhas, ainda carregado de mistérios para a nossa mente concreta. A postura que o Grupo do Apiário adota diante de sua tarefa é a de profunda reverência por esse reino, de modo que, mantendo-se aberto à irradiação do Espírito da Colmeia, o trabalho transcorre como se fosse uma “oração física”. De certa forma, os integrantes do grupo agem como se fossem abelhas.*



Grupo no campo do Apiário Sohín, Núcleo Coração Sagrado. 2020.

Paulo Antônio vinculou-se ao Grupo do Apiário em 1991.

PAULO ANTÔNIO MACHADO Minha mãe estudava a obra de Trigueirinho e ia a suas partilhas públicas, em Belo Horizonte. Tentava chamar minha atenção para assuntos abordados por ele, até que resolvi verificar do que tratava. Comecei a ler *Miz Tli Tlan*. Percebi que ali estava uma verdade profunda. Isso, em meados de 1989. Passei a assistir a suas partilhas em BH e a ler seus outros livros. Tornei-me vegetariano em seguida, numa decisão imediata. Cheguei a me *despedir* da carne na véspera do dia em que parei de consumi-la. Daí a seis meses vim a frequentar o Céu Azul e conheci Figueira em 1991. Ao chegar, num quadro de avisos estava o mapa de FI com a localização do apiário. Na segunda vez em que estive na comunidade meses depois, já me tornara um dos vinte membros do Grupo do Apiário.

A coordenadora tinha a característica de ser pioneira. Dava o impulso, mas não conduzia *para sempre*. Entregou a coordenação do apiário para outra pessoa do grupo de oração e, em meados de 1992, para mim. No que assumi, passei a ter contato direto com Trigueirinho, mas raramente — isso porque o Grupo do Apiário sempre foi considerado independente, e não precisávamos de orientações diretas dele; tomávamos as próprias decisões. Ele dava sugestões e sempre nos consultava e ouvia.

Eu fazia parte do corpo docente do Departamento de Matemática da UFMG e, de 1993 a 1994, estive na UNICAMP para o doutorado — era uma exigência. Relutei em aceitar, porém, recebi uma ordem interna quase audível, e descobri os porquês dela.

Em Campinas fiz várias pesquisas para Figueira. Na cidade, um grupo em formação, coligado ao Centro Espiritual, pediu-me ajuda. Alguns membros, escolhidos a dedo, chegaram a se integrar ao trabalho do Apiário. Nesses dois anos, eu tinha tempo livre e passava períodos mais longos em Figueira. Cruzei umas vezes com Trigueirinho nos corredores da Casa 1, onde ele estava morando, e sentávamos para conversar. Um dia me disse que seria bom termos um membro permanente do Apiário na comunidade, não eu, que não moraria lá mesmo. Ele sabia das coisas...

Em Campinas, eu morava com dois colegas. Um sabia sobre o trabalho de Figueira. Atendeu a um telefonema e chegou a meu quarto lívido, dizendo: *Trigueirinho quer falar com você...* Fui atender a chamada. Perguntou-me se eu poderia ir a Carmo da Cachoeira avaliar uma casa nova que se manifestava ao lado do hospital, e talvez fosse adequada para o Apiário. Expliquei-lhe que não seria conveniente, por estar em uma região central, de muito movimento.

Em 1993, tivemos uma reunião com ele e Clemente na Casa 5, no início da noite. Era dia de extração de mel, cheio de atividades. Cheguei atrasado e sujo, ainda com o uniforme do Apiário. Trigueirinho sorriu e disse, ao abrir a reunião, que não nos encontrávamos muito, e isso era um sinal de que a coligação interna estava ativa. Perguntou-nos o que achávamos de abrir o grupo para receber novos interessados. Concordamos, e depois demos duas palestras explicando como era o trabalho. Poucas pessoas se ofertaram, mas, dessas, algumas permanecem conosco. Embora fascinante, o trabalho com as abelhas exige uma postura interna e uma energia não comuns de se encontrar.

De Campinas, prossegui os estudos em Salvador, onde trabalhei com colaboradores de Figueira. Então, Maria Rita assumiu a coordenação do Apiário. Enfim, desde 1997, de volta a Belo Horizonte, retornei às atividades com abelhas.

Nos anos 2000, apresentei em Figueira palestras sobre abelhas, algumas sugeridas por Trigueirinho, que assistiu a uma ou outra. Fazia-me perguntas que achava importantes para a plateia. Ele abordou o conteúdo de duas em suas parilhas, uma de 2004 e outra de 2011, gravadas nos CDs *Conversas com Trigueirinho 243* e *Conversas com Trigueirinho 766*.



A Casa 5 recebia hóspedes enquanto o Grupo do Apiário não estivesse ali trabalhando. Maria Rita, colaboradora de São Paulo, fora designada cuidadora da casa nos vinte dias de férias do trabalho, que passava em Figueira. Nisso, o grupo chegou. E Maria Rita seguiu junto pela primeira vez para atender colmeias da mata por onde peregrinos atualmente sobem até a Colina das Aparições. Paulo Antônio já havia insistido para ela se somar ao grupo e, após essa experiência, surgiu-lhe a clareza. Ela se doaria às abelhas.

MARIA RITA CARELLI Eu precisava conhecer o universo da colmeia de abelhas *Apis Mellifera*. Para me aprimorar, inscrevi-me em cursos. O primeiro, na USP, na área de Biologia. Em paralelo, participei de um grupo de estudos na casa de Leontina, uma das colaboradoras que iniciou a criação do Núcleo de Figueira em São Paulo. Além das *Apis Mellifera*, ela também cuidava de abelhas indígenas, sem ferrão, que são naturais do Brasil. Com ela estudávamos o universo sutil das abelhas, não apenas o universo técnico.

Fui sentindo que uma nova fase interna começava a se apresentar. Antes, muita coisa precisava ser limpa em mim, precisava ser retirada, para que eu conseguisse entrar em contato com tarefas que as abelhas desempenham no planeta desde que vieram para cá. Estão aqui para polinizar, para ajudar a

transmutar. Sem elas, os alimentos não teriam essa quantidade, essa qualidade, tanta diversificação. As abelhas estão incluídas no processo de todos os que sobrevivem no planeta. A raça humana e a raça animal devem isso a elas.

A convivência com elas traz certeza interna e percepções sutis. Transforma nosso corpo emocional de uma forma forte, tão clara! O mental vai ficando mais leve. Pode até mudar padrões mentais antigos, que muitas vezes fazem parte do pensamento coletivo, e não de nossa consciência atual.

Quanto mais trabalhamos com as abelhas, mais entendemos a interação entre elas. A única tarefa que realizam sozinhas é quando nascem. Dentro do alvéolo, passam pelas fases de ovo, larva, pupa, até ficarem adultas e com asinhas. Daí rompem a capinha do alvéolo e limpam o espaço em que hibernaram, o próprio bercinho, e se integram às tarefas coletivas. As fases seguintes são grupais. Podem cuidar da limpeza, cuidar da rainha, da alimentação da rainha. Podem ser o indivíduo que sai da colmeia para procurar floradas, os campos de néctar ou os campos de pólen.

A colmeia é um organismo como o humano, composto por vários órgãos ou “departamentos”, que trabalham juntos. A convivência grupal é priorizada, e cada tarefa dentro da colmeia é respeitada por todos e tratada como primordial.

Trago para meu cotidiano as experiências que vivo com as colmeias em Figueira. Cada ser humano é de um jeito, cada um se expressa de uma forma, tem uma tarefa, tem um tom e um som. Deve ser respeitado e observado sem julgamentos nem críticas. Tento aprender com as abelhas sobre a forma melhor de viver em grupo.

O segredo está na interação amorosa entre a espécie humana e o Reino das Abelhas. Certas de que são bem acolhidas em Figueira, com o tempo enxames de abelhas nativas foram abrigando-se em telhados, interiores de forros, ocos de árvores. Se necessário, irmãos humanos recolhem as famílias instaladas e as encaminham a uma nova morada.

Espelhos da unidade grupal, grupos de abelhas multiplicam-se. Animam os corpos das colmeias e nos ajudam a ultrapassar obstáculos que nos separam da Criação.

CONSELHOS

O “véu” já nos foi tirado por muitos instrutores que transmitiram verdades eternas. Porém, tais ensinamentos de nada valem se não nos decidirmos a colocá-los em prática e a deixar-nos levar sem as máscaras e os obstáculos do orgulho, da vaidade e de tantos outros aspectos humanos.

MIRNA JAD, Trigueirinho

TRIGUEIRINHO CONVIDOU OS DOZE MEMBROS do primeiro Conselho de Figueira entre a rede de colaboradores atraída até ele. Por ter conhecimento interno sobre cada um, elegeu quem mais se adequava a sustentar o ciclo inicial. No Céu Azul, núcleo de Figueira em Belo Horizonte, os doze reuniram-se pela primeira vez. Era 1987.

Conselhos são entidades que representam e protegem diferentes setores do Plano Evolutivo. Captam e adequam o que cada grupo a eles coligados deve manifestar. E o impulsionam a realizar o propósito, ele escreve no *Glossário Esotérico*. E apresenta verbetes sobre uma série de Conselhos maiores:

O *Conselho Celeste Central* expressa o próprio Governo Celeste Central, ou seja, a *consciência de Deus, o Criador*, que rege a Irmandade Cósmica e os destinos das partículas do mundo manifestado. O *Conselho Alfa e Ômega*, presente no cosmos e na Terra, colabora diretamente com o Centro Espiritual Figueira e tem doze membros libertos da evolução material, sendo Sarumah um deles. Os *Conselhos de Anciãos*, existentes em civilizações intraterrenas e supraterrrestres evoluídas, expressam elevada sabedoria, que vertem sobre a humanidade terrestre. O *Glossário Esotérico* esclarece ainda sobre *Conselhos do Cosmos, Conselhos Intergalácticos, Conselhos Interplanetários, Conselhos Internos do Planeta*, todos com um papel para elevar a humanidade.

O Conselho de Figueira, um Conselho menor, uniu-se internamente a essa grandiosidade através da consciência transcendente de Trigueirinho. Fazia duas reuniões anuais para tratar de assuntos relacionados à comunidade e a núcleos coligados. Alguns membros entravam e saíam, mas um grupo básico permanecia. Em 1987, Trigueirinho aclara o sentido e os compromissos desse Conselho:

CONSELHO DE 12 MEMBROS Existe para ficar sintonizado com o Plano Divino para o planeta e a humanidade, e para manter viva a inspiração, irradiando-a para o grupo de trabalho que está a serviço do Plano de Deus.

O Conselho representa o Centro Espiritual do grupo e tem a visão geral dele, sem nenhuma exclusão. Representa o propósito e o objetivo do trabalho, e mantém-se unido a esse propósito em todas as circunstâncias. Vê os passos a serem dados, coordena recursos e observa os efeitos que circunstâncias e desafios podem produzir.

O Conselho funciona como um departamento dentro do trabalho, que conta com tantos outros. Para ele, todos os setores têm a mesma importância. Consciente dos ritmos e das prioridades de cada um, permanece concentrado no todo, atraindo a Manifestação.

Estuda os pontos que afetam a vida do grupo e do trabalho, o que traz segurança, maior compreensão sobre os fatos e confirma a Luz existente entre todos. O Conselho leva os assuntos ao grupo e acolhe pontos de vista. Dentro da Lei do Amor, suas decisões representam a unanimidade e o propósito profundo de cada membro. Não é positivo que o grupo todo — residentes e colaboradores — se distraia de suas tarefas, interna e externa, que exigem concentração e inteireza, com assuntos que devem ser estudados amplamente, dentro de uma visão global.

Coordenadores podem ser convidados a participar de alguma reunião do Conselho, se isso for de real utilidade e para o bem geral ou individual.

O membro do Conselho deve ter visão ampla e ser capaz de impessoalidade. Autodisciplina, alinhamento e sintonia com os propósitos do trabalho e do grupo são requisitos para um indivíduo ser membro dele. Dado que certos desafios necessitam ser preservados das atenções gerais para que possam amadurecer e ser esclarecidos dentro da máxima harmonia possível, os membros do Conselho têm sua tarefa como confidencial, e o andamento das sessões não é propalado.

A entrada ou a saída de conselheiros é decidida pelo próprio Conselho, em colaboração com o superintendente; o superintendente responsabiliza-se pelo bom andamento dos trabalhos do Conselho.

Para a tomada de decisões importantes, poderá haver partilhas sobre o tema, entre os coordenadores e residentes; nesse caso, o Conselho clareia o assunto e apresenta as soluções percebidas para o grupo todo estudá-las.

O Conselho parte do princípio de que os eus superiores de cada membro do grupo tomam parte em todas as decisões, e de que a alma do grupo se fará sentir tão logo haja interação entre todos os membros e concentração na meta única, que é espiritual: a união com o Espírito e o contato com os níveis superiores de consciência.

Decisões definitivas cabem ao Conselho, sendo o superintendente sempre consultado e participante delas.

O SUPERINTENDENTE Representa a clareza diante do Plano para a humanidade e para o grupo de residentes, colaboradores, hóspedes e visitantes. Representa também a capacidade de harmonizar energias e canalizá-las de forma que facilitem a manifestação do Espírito.

O superintendente é o principal encarregado das relações do grupo e do trabalho com o governo do país, e com as leis federais, estaduais e municipais. As Leis Espirituais são conhecidas do superintendente, que as põe em prática ao tratar de assuntos relacionados ao trabalho e ao grupo.

O superintendente renuncia a qualquer tendência política, religiosa ou doutrinária, representando o grupo e o trabalho dentro e fora das áreas da forma mais impessoal que lhe for possível.

É um adepto da meditação, do estudo, e deve ser reconhecido como indivíduo amoroso e não envolvido com assuntos alheios.

O tempo corre, e Trigueirinho anuncia a ampliação do Conselho de Figueira de 12 para 18 membros, em carta a Huberto, de 12.1.1990:

Querido Huberto,

O Conselho, que se compunha de 12 membros, foi ampliado para 18. Assim, fica mais protegido esse canal, ampliando as possibilidades de percepção das necessidades e prioridades, bem como apoio ao trabalho de Figueira.

Este passa a ser o quadro completo do Conselho, conforme foi visualizado na sua última reunião e após a aquiescência dos novos membros, que foram já ouvidos a respeito: Ana Maria Soares (Belo Horizonte), Huberto (Rio), Aparecida/Mira (Belo Horizonte), Ilma (Rio), Artur (Figueira), José Caribé (Salvador), Célia Huberman (Buenos Aires), José Maria (Figueira), Deoclécia (Belo Horizonte), Maria (Figueira), Elida Orono

(Buenos Aires), Morris (S. Paulo), Elza Trapp (Figueira), Sofia (Figueira), Erna Régnier (Rio), Tereza (Salvador), Germano (Figueira), Vera Beatriz (Rio). A Secretária do Conselho continua sendo Magda (Figueira). O Coordenador Geral, Trigueirinho (Figueira).

A próxima reunião do Conselho está marcada para o dia 21 de abril próximo. Pedimos aos membros que estejam em Figueira na véspera ou antes e que não viagem antes de passadas pelo menos 12 horas após a última reunião, para que haja clima de calma, recolhimento e partilha, como vem acontecendo nessas preciosas oportunidades de contato.

Amor e Luz, Trigueirinho

Membro do primeiro e do segundo Conselho, a juíza Deoclecia conversa com Anália Calmon, via celular, e recorda:

DEOCLECIA: Na reunião do Conselho eram deliberadas as mudanças de maior importância para a comunidade, como as novas construções e as trocas de coordenações. Sobre a parte jurídica, Trigueirinho conversava comigo. Não queria nada dentro do modelo comum. Buscava o novo. Eu não via saída e me preocupava com o que pudesse acontecer. Que fique bem claro: ele não queria nada fora da lei, mas sim algo novo, sem ferir a lei.

ANÁLIA CALMON: Bem no estilo dele! Aquariano traz o novo!

DEOCLECIA: Eu insistia para que Figueira se tornasse uma pessoa jurídica: uma fundação, uma associação... sistema que, aliás, existe hoje, como Federação. Mas o trabalho estava nascendo, e ele não queria vínculo ou envolvimento com dinheiro.

ANÁLIA CALMON: Trigueirinho sempre transparente e fiel ao plano espiritual.

DEOCLECIA: Havia um modelo jurídico de que ele gostava e que admitia. Era o comodato. O proprietário de um terreno ou de uma casa os cedia para uso por 30 anos ou mais. O comodatário era ele próprio ou um residente. Esse era o ideal que eu também amava! Depois me afastei do trabalho, e diferentes advogados vieram dando-lhe assistência.

Colaborei também quando houve a implantação do serviço de rádio, o primeiro sistema de comunicação interna de Figueira. Fui a Brasília com um colega do Tribunal, que gostava e entendia de telecomunicação, para entrar com o procedimento no Ministério de Telecomunicações.

O Conselho de Figueira é uma Entidade e não mais corresponde à sua manifestação exterior. Etapas são vividas e cumprem o seu ciclo, e as determinações interiores hão de ser seguidas fielmente. O Conselho é aquela Entidade que recebe o Impulso e o Propósito diretor do trabalho, dinamiza-os e os retransmite às outras partes do Grupo que têm como tarefa a manifestação desse Propósito. Nem todos os membros do Verdadeiro Conselho de Figueira estão encarnados em corpos físicos. Na etapa anterior uma oportunidade de contato com a energia dinamizada por esse Núcleo foi dada a alguns indivíduos, mas o calendário cósmico prossegue seu pulso e os sinais deverão ser reconhecidos.

Figueira, 26.09.91

Queridos Vera Beatriz e Huberto,
você já devem ter recebido o convite para a próxima reunião do Conselho de Figueira, a realizar-se na Fazenda dia 8 de novembro vindouro.

Nessa oportunidade, faremos os nossos contatos internos também à luz da reflexão acima transcrita, anotada por nós em recente data.

Nossa percepção interna é que passe a existir um Conselho assim organizado:

| | |
|--------|------------|
| F1 | 3 membros |
| F2 | 3 membros |
| F3 | 3 membros |
| Oracão | 3 membros, |

O Conselho de Figueira é uma Entidade e não mais corresponde à sua manifestação exterior. Etapas são vividas e cumprem o seu ciclo, e as determinações interiores hão de ser seguidas fielmente. O Conselho é aquela Entidade que recebe o Impulso e o Propósito diretor do trabalho, dinamiza-os e os retransmite às outras partes do Grupo que têm como tarefa a manifestação desse Propósito. Nem todos os membros do Verdadeiro Conselho de Figueira estão encarnados em corpos físicos. Na etapa anterior, uma oportunidade de contato com a energia dinamizada por esse Núcleo foi dada a alguns indivíduos, mas o calendário cósmico prossegue seu pulso, e os sinais deverão ser reconhecidos.

Vinte e dois meses após o Conselho dos 18 ser formado, surge o terceiro Conselho de Figueira. Trigueirinho comunica então aos membros, pessoalmente ou na correspondência de 23.10.1991, que teria 14 membros e a seguinte estrutura: três em F1, três em F2, três em F3 e três membros pertenceriam ao Conselho-Oração. Vera Beatriz, coordenadora do grupo Rio de Janeiro, seria a secretária e suplente. Ele lhes escreve: *Os doze + Vera + Trigueirinho, somamos 14 (2x7). Serão criados também o Conselho do Céu Azul e o da Granja Viana, em São Paulo.*

Aguardo notícias de vocês antes da próxima reunião, que deveria ocupar-nos mais com aspectos interiores desses remanejamentos e com o estudo das novas etapas, já bem à vista.

Estamos, neste momento, para efetuar a compra de parte da nova fazenda F2, que vocês conheceram — sem interrompermos os já programados trabalhos aqui nas áreas de F1. O prédio da manutenção, que diz respeito a toda a Figueira, já está nos alicerces e Carmona virá de Recife, em novembro, para coordená-lo.

Quanto às novas terras de F2, serão coordenadas por Rita Souto. Edson, de São Paulo, irá se encarregar da parte prática. Naquele local, daremos início, no plano físico, a um trabalho com elementos contemplativos.

Um grupo básico se revezou no Conselho de Figueira até chegar Madre Shimani: o casal Kittie e Roberto Abutara, Germano, Genny Paglia, Huberto, Maria Helena Rolli, Mira, Vera Beatriz. E Trigueirinho, o coordenador do Conselho, prosseguiu até o final.

Após 2007, chegaram mais videntes à Obra. Através de um deles, em 18.1.2009, a Hierarquia Sarumah e outro Ser, possivelmente de Miz Tli Tlan dirigiu-se ao Conselho de Figueira:

AO CONSELHO DE FIGUEIRA CABE HOJE

1. Zelar pela manutenção do equilíbrio vibratório no Centro Espiritual;
2. Cuidar da proteção energética do Instrutor e da Instrução;
3. Ser divulgador do Ensino, de forma que possa chegar, nesta fase de transição, a lugares estratégicos do planeta;
4. Apoiar a manifestação dos Centros Planetários na superfície do planeta, com atenção especial às respectivas fases de implantação. O apoio consistirá em criar uma pequena rede de colaboradores que plasme o que for necessário

materialmente para a realização de viagens e que torne viável a permanência de núcleos de serviço e de monastérios em locais físicos correspondentes. Além do apoio material, membros do Conselho deveriam dispor-se a transitar por esses lugares para ajudá-los com suas presenças. Os membros do Conselho que se dispuserem a passar períodos nos locais de implantação servirão de canais e importantes elos entre os Centros Planetários e Mirna Jad.

5. Cada membro do Conselho deve ser um prolongamento do Instrutor, que hoje coordena as operações entre os Centros e os Retiros. Deve estar incondicionalmente aberto às diferentes formas de manifestação de cada Centro Planetário, pois é na diferença que se atrairão os servidores.

6. Os membros do Conselho devem estar atentos aos jovens. Eles trarão impulso para que possa vir à luz a construção de monastérios em vários pontos do planeta. Apoiar e ser guardiões desses seres jovens são tarefas dos membros do Conselho.

7. Os membros do Conselho devem orar muito, e a vida de orante deve ser sua prioridade. Não há membros de Conselhos internos que se limitem à tarefa e escolham hora e lugar para servir.

8. O Conselho é uma consciência que vê, ouve e obedece às Leis e aos impulsos das Hierarquias.

9. O Conselho é uma tarefa principalmente de consciência e de fidelidade ao arquétipo da Vida Divina em um Centro Planetário, mas também deve atuar para plasmar o modelo de Amor e Fraternidade das Hierarquias na Terra.

10. Não se iludam pensando que uma reunião mensal de pessoas bem intencionadas possa cumprir o que carmicamente cada um se propôs realizar antes da encarnação atual. É necessário muito mais que isso para que haja Luz suficientemente potente para atrair a nova Terra nos tempos vindouros.

11. Os membros do Conselho são seres conectados com a Vontade do Eu Superior e obedientes à Vontade do Pai Criador.

12. O Conselho atual é composto de seres estáveis, peregrinos e itinerantes. Estáveis na fidelidade ao chamado, peregrinos de Mainhdra pelo mundo, itinerantes que se deslocam para onde a Hierarquia propuser.

A partir de 2010, a Obra sai da informalidade e torna-se pessoa jurídica. Sobre essa parte da história, as novas denominações, a estrutura e os conselheiros, conversei com as duas coordenadoras do Setor Jurídico do trabalho:

ELIZABETE MASON MACHADO e IRMÃ MARIA DE DIOS
Conhecemos a obra em 2012, mas tivemos acesso a atas e estatutos anteriores a essa data, tanto da Ordem Graça Misericórdia (OGM) quanto da Fraternidade – Federação Humanitária Internacional (FFHI). Em 2010, ocorreu a constituição formal da OGM. Então existiam três conselheiros: Trigueirinho, Frei Artur de Paula e Madre María Shimani. Quando Frei Artur deixou o trabalho, foi substituído por Frei Supremo. Mais tarde, ocorreu a inclusão de Frei Luciano e, por último, a da Madre María del Salvador. O Conselho passou, desse modo, a funcionar com cinco membros. Com o desencarne de Trigueirinho, quatro, até hoje.

O Conselho é primeiro designado dentro da Ordem Graça Misericórdia. Só depois vai replicando-se para outras associações da Obra, sempre com os mesmos componentes, mas recebe nomes diferentes. No Brasil, dentro da Ordem, é chamado de Conselho de Guiança Permanente. Já na Federação Internacional, chama-se Conselho de Regência. E, nas demais associações brasileiras, é denominado Conselho Deliberativo.

No plano espiritual, que é a grande tarefa, cabe aos conselheiros darem o impulso a todo o trabalho, sempre atendendo aos pedidos e orientações das Hierarquias, especialmente aos de Cristo Jesus, da Mãe Divina e de São José Castíssimo.

Concluindo, desde 2018 o Conselho é constituído por quatro monges da Ordem Graça Misericórdia: Madre María Shimani de Montserrat y de la Preciosísima Faz de Cristo, Frei Luciano da Puríssima Mãe, Madre Maria do Salvador do Sagrado Coração e Frei Supremo do Rei Jesus. Os quatro conduzem o grupo pelos portais de consagração a uma vida superior, além de amparar as filiadas da FFHI.

Trigueirinho explicou, em uma partilha de dezembro de 2014, que a Hierarquia Cósmica é composta de Conselhos. As Consciências que os formam não são escolhidas por ninguém. Emergem do maior grau de experiência que tiveram no decorrer da vida cósmica. Isso significa que, caso um instrutor enuncie que certa Hierarquia passou uma mensagem em nome de Conselhos Cósmicos, o comunicado veio das Consciências mais maduras, mais antigas das que instruem no nível cósmico.

Quanto a aprender com o que nos deixou o instrutor, o fundador, o primeiro, o de sempre, o conselheiro-mor até o fim!

ENERGIA ESSÊNIA UNE ERAS

A energia do vosso trabalho se expande por toda a aura planetária e, cumprindo sua tarefa, se irradiará por éons. Ainda hoje o desempenhais, ajudados, em parte, pelo que os essênios plantaram em vosso planeta.

Trigueirinho



PARTE DA HUMANIDADE CLAMA POR LUZ. O mundo clama por auxílio. Desconhece quanto entidades elevadas incansavelmente o assistem desde sempre, e nele semeiam a sabedoria eterna e o chamam à busca superior.

Há milênios, chegou à Terra uma energia extraplanetária com a intenção de preparar sua aura etérica para receber o Cristo Cósmico. A energia primeiro impulsionou grande desenvolvimento na consciência intraterrena que, ao atingir certo grau evolutivo, enviou um grupo de seres intraterrenos para encarnar perto do Mar Morto, na Palestina, e formar a comunidade essênia.

Deste ponto em diante, apresentamos textos em itálico sobre os essênios, de Trigueirinho. *Não nasceram da evolução natural de uma raça ou de um povo conhecido, mesmo que historicamente conste que fossem judeus. Tinham afins em várias comunidades da Síria, da região hoje denominada Israel, e do norte da África.*

O povo essênio surgiu, parece, dois ou três séculos antes de Cristo e perduraram por um século após a Sua Ressurreição. Vivia longe das grandes cidades, e segundo leis da fraternidade. Em união perfeita entre as vidas interna e externa, era inspirado pelo Reino Angélico. Trabalhava na agricultura grande parte do dia, de forma ordenada, colhendo frutas e verduras no deserto. *O celibato era uma de suas regras. Por seu espírito bondoso e hospitaleiro, viviam com humildade e modéstia, recebendo a todos como irmãos. Não cultivavam a separatividade, mesmo em relação àqueles que tinham outra conduta ou que almejavam ideais diferentes. Também por isso eram amados por todos os povos. Não tinham empregados, faziam de tudo, o que não era normal porque na sociedade da época existiam inclusive os escravos. Foi o primeiro grupo, que se conhece, que deu um testemunho desestimulando a escravidão e o trabalho pago.*

Conhecidos pela devoção, adorar ao Criador era a primeira Lei. Os essênios faziam sete comunhões diárias com o que chamavam de o Anjo do Sol, o Anjo da Água, o Anjo do Ar, o Anjo da Terra, o Anjo da Vida, o Anjo da Alegria e o Anjo da Mãe Terra. *Tinham grande cuidado com o uso do som, considerando-o o condutor e a expressão do Verbo.* Um dos significados dados à palavra essênio é terapeuta. Além de atuar na cura de doentes, o povo tinha o propósito de curar a humanidade e a vida na face da Terra.

São José esteve com eles quando jovem. E Trigueirinho era um instrutor essênio quando o Menino Jesus viveu entre eles. *Há relatos de que Jesus permaneceu um período entre os essênios. Entre eles não havia mulheres, contudo Maria, mãe de Jesus, fazia parte de um grupo que se reuniu a eles. Para que um indivíduo pudesse ser aceito no seio dessa Irmandade, ele deveria preencher alguns requisitos, e estes eram encontrados em Maria. Após a transposição da energia do Cristo para os planos internos com a crucificação de Jesus, alguns dos apóstolos reuniram-se aos essênios, passando em seguida a cumprir a tarefa de semeadores que lhes havia sido designada.*

Há inúmeros essênios encarnados nesta época, em especial no Ocidente e, de modo particular, no Cone Sul, que se põem a serviço da elevação do mundo. A consciência essênia deu origem a Mirna Jad e à consciência Figueira. Se vissemos tudo como energia, diríamos que os essênios, Mirna Jad e Figueira são manifestações da mesma energia, só que em épocas diferentes, em ciclos diferentes do seu desenvolvimento. Seria incorreto nós aqui repetirmos as experiências de vida dos essênios, porque a mesma energia evoluiu. Assim como não podemos estar manifestando o que Mirna Jad, como Centro Intraterreno, manifesta porque Mirna Jad tem um papel, e este seu prolongamento, que é Figueira, tem um outro papel diante da mesma energia, mesmo estando coligados.

Essa energia está também presente em textos antigos, como nos *Vedas* e nos *Upanishads*, e em trechos captados por H. P. Blavatsky, Helena Roërich e Alice A. Bailey. Neste capítulo, compilamos as partilhas de Trigueirinho: *A Vida dos Essênios*, de 1989; *Consciência Essênia no Grupo e Conversas com Trigueirinho 153*, ambas de 2003. Além de passagens de livros escritos entre 1991 e 1994: *O Livro dos Sinais*, *Mirna Jad*, *As Chaves de Ouro*, *A Cura da Humanidade*, *Aos que Despertam*, *Glossário Esotérico*.

FIGUEIRA ELEVA-SE

A magnificência da obra de criação dá igual valor a todas as expressões de vida que vêm à manifestação segundo o Plano Divino.

A vida de Figueira não é só no plano físico. Cada área tem uma tarefa oculta, propõe uma pergunta-chave e tem sua energia específica para irmos entrando em contato com outros planos de consciência. Cada uma acolhe um apiário que irradia, na aura da comunidade, a vida grupal quase perfeita das abelhas.

Trigueirinho

Terras do Sol

COMUNIDADE-LUZ FIGUEIRA
ÁREAS RURAIS: F1, F2, F3,
Terras do Sol,
Terras da Irmandade
ÁREA E CASAS URBANAS:
Casa Luz da Colina,
mais 15 casas

F2

Rodovia Fernão Dias

BH

Terras da Irmandade

Área Silêncio
F3

F3
Área Jardim

F3
Núcleo Coração Sagrado

Colina das Aparições

Sagrada Casa Irmão Pio
F1

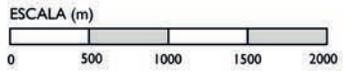
Vida Criativa
F1

Área Luz



Carmo da Cachoeira

- △ Casa Luz da Colina
- △△ Sítio dos Reinos



SP

NASCE O CENTRO ESPIRITUAL

*Construir as bases, elevar as paredes
e, então, entregar a Nova Morada.*

Trigueirinho

TRATORES APLAINAVAM A TERRA VERMELHA. Paredes subiam. Cada detalhe avançava sob a supervisão minuciosa de Trigueirinho. À medida que fazendas eram doadas e telhados cobriam imóveis, ele batalhava em silêncio, junto a Hierarquias, pela formação interna do grupo.

Estimulava a construção espiritual enquanto abria espaços físicos. Elevou autoconvocados a voos cósmicos. Revelou-lhes informações sobre Centros Intraterrenos e os estimulou a contatar leis imateriais. Assim nasceu a Obra com repercussão planetária.

Tem bases no cosmos e é a manifestação física do Reino Intraterreno Mirna Jad. Ele disse: *Figueira é um centro de resgate em todos os planos da consciência.* Explicou que três membros da Hierarquia a inspiraram: *Antuakh, Mishuk e o Sacerdote Maior Visnuk são os fundadores de Figueira, aqueles que respondem por nós perante leis superiores. Estimulam a humanidade na vivência do Amor-Sabedoria.*

Voluntários trabalham por amor. Doam a si mesmos enquanto fortalecem o contato com a alma. Consagram-se ao plano evolutivo. Sustentam a comunidade monetariamente. Ao terminar um imóvel, iniciavam outro. Antes de cada novo prédio subir, seguiam Trigueirinho e Clemente, geralmente em Encontros Gerais, em longas filas silenciosas. De mãos dadas, faziam um círculo enorme em torno do terreno demarcado, e oravam abençoando-o.

Segundo o instrutor, muitas das construções feitas correspondiam às estruturas internas do Reino de Mirna Jad. *Foram assim projetadas intuitivamente, pois não tínhamos, na ocasião em que as concebemos, conhecimento consciente do seu significado.*

Esta segunda parte do livro conduz o leitor pela linha do tempo de áreas e locais sagrados. Os títulos dos capítulos seguem a ordem cronológica do início das construções. Em 1988, duas subiram praticamente juntas: a **Casa do Pátio** e logo depois o **Módulo**, na Vida Criativa, primeira a ser finalizada. Em sequência: **Área Luz**, em 1991; **Figueira 2**, **F2**: 1992; **Figueira 3**, **F3**: 1993; **Oca da Vigília**, em 1998; **Núcleo Sohin**, em 2000, **Terras do Sol**, em 2002 e **Terras da Irmandade**, em 2003.

Figueira pertence ao grupo. O instrutor a chama *nossa amada Figueira*. Tem casas na cidade e uma área rural de 556,9 ha. Desses, 27,28 ha são de reserva legal. Há espaços intocados, como a Área Jardim. O atual administrador, Eduardo Lima, classifica as áreas:

Área Luz e Vida Criativa comportam áreas de movimento, alegria e atividades práticas: beneficiamento de nossos grãos, produção de farinhas, melado, pães, leite de soja. Guardam a manutenção, o transporte e distribuem o que as fazendas e casas consomem;

Sagrada Casa Irmão Pio (antiga Casa do Pátio) resguarda a energia de oração. Nela se planeja e se divulga a Obra Mariana e Cristã. É sede da Ordem Graça Misericórdia/OGM, da Associação Maria, e do Centro Mariano na Colina das Aparições, antigo Morro do Cristal;

Núcleo Coração Sagrado (antigo Núcleo Sohin) e **F3** têm a energia da cura cósmica do espírito;

Terras da Irmandade recebe pessoas que vêm pela primeira vez e famílias. A área descontraída se oferta para plantios de grãos;

Em **F2**, hoje ocorrem eventos de até 2 mil pessoas relacionados aos Mensageiros Divinos, às Missões Humanitárias e aos Plantios e Sementes. Tem duas áreas vizinhas: **F4**, de plantios, conhecida como Área Estrela, e **Terras do Sol**, que concentra a maior produção de grãos.

Em 1988, no Vale de Erks, a Hierarquia Sarumah falou a Trigueirinho sobre a Cidade Figueira. De volta, ele sintetizou: *A Cidade Figueira se encontra em outra dimensão e pode começar a surgir nesta etapa da Terra. Somos chamados a encontrá-la primeiro em nosso mundo interno, preparando sua manifestação no plano físico. Cabe-nos a decisão de colaborar ou não. Tudo está para ser construído.*

Figueira veio a tornar-se a escola que abriu caminhos para o surgimento de Comunidades-Luz coligadas a centros intraterrenos: Auroara, no Uruguai; Erks, na Argentina, e Lys-Fátima, em Portugal.

ESTRADAS E CAMINHOS

*No amor e na devoção estão as chaves
dos passos que deves dar.
Nada é perdido nesse caminhar.*
Trigueirinho



AO VER DUAS SENHORAS PEDINDO CARONA, O INSTRUTOR pediu que o motorista parasse. A Toyota não tinha ainda toldo nem bancos na carroceria. O passageiro lá ia em pé, ao vento. Mal o veículo freou, ele desceu rapidíssimo e subiu lá atrás. Nem sequer deu tempo para argumentações.

Choferes o conduziam para partilhas, tarefas, reuniões. Pedestres cruzaram com ele pelas estradas de terra vermelha. Trocaram olhares, acenos de mão, de cabeça. Eventualmente, seu carro parava. O vidro baixava. E ele trocava uma palavrinha com o passante: *A gente entrava no céu, passava o resto do dia feliz.*

Figueira tem 28 porteiras verdes. Dez se abrem para a estrada municipal que cruza F1. Vem da Vila da Estação, passa pelo casarão azul e entra em F1 onde hoje fica a estátua branca de Nossa Senhora. Já a estrada municipal para F2 sai da Fernão Dias, atravessa um mata-burro e sobe 1 km de terra até a porteira verde. Antes, em tempos de chuva e lama só trator passava. Reformá-las tornou-se prioridade.

Caminhos e trilhas são símbolos, pontos de encontro com o visível e o invisível. Trigueirinho dedicava-se ao conhecido e ao desconhecido. Nos primeiros anos, andava com pequenos grupos a altas horas. Tomavam atalhos até locais de contato com Hierarquias à margem de um lago, numa mata ou no cume do Morro do Cristal. No livro *Mirna Jad*, relata:

Certa vez, caminhando, descemos por uma encosta até alcançarmos a estrada que atravessava uma floresta. Paramos ali e, interiorizados, entoamos mantras. Prosseguindo a caminhada, vimo-nos, pouco adiante, defronte de um Portal. Sua estrutura etérea podia ser observada com os olhos internos. Detivemo-nos, e ali formamos um círculo. O estado

de oração e de entrega era buscado por todos os presentes, em diferentes graus. Havia uma potente energia atuando, e no centro do grupo surgiu, quase no nível físico, um ser feminino. Daquele Portal descia, terra adentro, uma longa escada cujo final não podia ser percebido. Dava acesso ao Mundo Interior. Era como se o grupo estivesse sendo convidado a ingressar nele, como se estivesse sendo preparado para isso.

Irmãos de outros planos de existência acompanhavam-nos de perto, e diferentes aromas foram sentidos durante todo o trajeto, mesclando-se com os perfumes naturais da floresta. A noite sem lua deixava bem visíveis várias naves trabalhando nos céus.

Há sempre certa tensão inevitável, decorrente de expectativas e apreensões que o mecanismo humano cria, e que necessita ser dissolvida. Ao alcançarmos a estrada principal, clara e conhecida, pudemos, então, ficar mais relaxados. Nessa altura, um aroma de rosas nos saudou. Paramos um pouco e permanecemos em silêncio. Logo depois, subindo de volta à casa, era o aroma de gerânio que inundava a estrada, elevando nossa consciência. A energia de todos estava reunida nesse momento, e qualquer dificuldade que porventura tivesse surgido durante o trajeto fora dissolvida. Foi então que, de outro plano, dois seres retiraram-me do corpo físico e levaram-me em consciência para o Alto. Percebi, naquele momento, um vórtice de energia que ascendia, elevando o grupo a uma vibração sutil. De volta a meus aposentos, adormeci.

Outro percurso noturno é descrito no Livro dos Sinais:

Em determinado ponto da caminhada, após uma grande árvore, sentimo-nos entrando em certo “ambiente”; era como se tivéssemos cruzado uma porta etérea. Podíamos perceber os guardiães daquela área, verdadeiras colunas de energia que ladeavam a estrada. Internamente, ressoavam em nós alguns mantras. Não pudemos registrá-los, mas eram de louvor e de oração.

Antes de uma aurora, uma colaboradora recebeu a dádiva:

MARIA RITA CARELLI Fora das datas de mutirões, fui anos a Figueira para tarefas específicas. Nas sextas, depois do trabalho, pegava o ônibus na rodoviária de São Paulo. Às vezes, com outro colaborador. Descia ao lado da



A estrada municipal que atravessa FI foi restaurada e é mantida pelo Grupo das Estradas. Árvores e arbustos plantados para ocultar as casas ladeiam a cerca de arame. Após três décadas, formam um túnel verde, onde nuvens de poeira desenham trilhas em raios do sol penetrando ramagens. 2010

pontezinha do rio da Fernão Dias, às 3, 4h, e caminhava uns 2 km. Dormia na VC ou na Casa do Pátio por uma hora e iniciava a tarefa às 5h30. Realmente não sentia cansaço, uma energia impressionante me restaurava. Eu, como Maria Rita, não teria condições de fazer o que fazia.

Numa madrugada, subi a estrada com outra pessoa, em silêncio; nem tínhamos vontade de conversar. Depois do trilho de trens, vimos luzinhas nas árvores. Conforme andávamos, os brilhos aumentavam. Milhares de vagalumes dançavam entre os galhos das árvores, em ritmo de câmera lenta. Era noite escura. Eles iluminavam a estrada, nem acendemos lanternas. Nunca demoramos tanto naquele trajeto. Ficamos iguais às crianças, dando risada à toa, encantadas com a dança dos devas. Olhe, nunca mais vivi aquilo. Foi uma graça, entre todas as que vivemos em Figueira.

A memória dos anos de ouro vividos com José acende-se. Eu o pegava de carro em F3 para trabalharmos na Irdin Editora os projetos gráficos que solicitava. Levando-o de volta um dia, ambos em silêncio, disse-me do nada que eu não gostava de cozinhar. Concordei. E mais: que estivera em casa pensando quais alimentos aprecio. Surpresa, respondi: *azeite*. E contei-lhe maravilhas sobre o galão de azeite puro ganho de uma prima portuguesa, vindo de uma quinta ao norte de Portugal. Ele pôs-se a lembrar dos bolinhos de arroz que comia na Itália, deliciosos, e disse que eu gostaria daqueles bolinhos.

Dias depois, fui interrompida ao dar um curso sobre a morte na Casa Luz da Colina. Ele, ao telefone, perguntava se eu estaria na partilha da tarde. Ao entrar no salão, fez um gesto chamando-me à sua mesa e entregou-me uma sacola contendo um litro de azeite, um vidro de azeitonas e um de mel. Alimento dos essênios, eu compreendi.

Vira e mexe, Trigueirinho indicava se parar o veículo e ia catar objetos atirados em cantos de estradas, plásticos, latinhas. Choferes se preveniam levando sacolas de lixo. Um deles revive, sorrindo:

EDUARDO LIMA Por uns anos peguei Trigueirinho de carro pontualmente, às 15h, duas horas antes das partilhas de quartas e sábados. De F3 até o salão da Vida Criativa, levávamos cinco a dez minutos. Até o de F2, vinte. Havia dias em que ele vinha mais concentrado, noutros chegava assobiando e raras vezes cantava. Conversávamos pouco. Ele comentava uma coisa ou outra, de um jeito bem preciso. Sempre que o deixava de volta, agradecia. Podia dizer *espere aí*; entrava em casa e trazia-me chá preto da Índia, um pão enorme assado pela esposa de um colaborador, presentes que ganhava.

No início, ele morava sozinho e íamos só nós dois. Depois, foi indicado um carro de apoio acompanhando-nos. A princípio, ele não gostou nada. Ficou até bravo. Com o tempo, aceitou. Alguém lhe fizera uma pergunta agressiva, e foi visto que ele deveria ter um guardião permanente, devido a fanatismos.

Primeiro Adrian dirigia o carro guardião, depois alguém do Grupo Solar. Era um dilema. *Vai na frente ou atrás?* Se vai na frente nos joga poeira. E de que adianta ir atrás? Tem de ser protegido na frente, caso alguém o aborde. Era uma história...



Caminho para a Oca da Vigília. 2010

E tinha o caso das porteiras. José gostava de abri-las. Alguém do carro acompanhante também. Era uma corrida engraçada. Mal que eu parava o carro, José, rapidinho, saía e geralmente chegava na frente!

Até que suspenderam o carro acompanhante porque monges foram morar com ele, e então vinham conosco, Frei Bernardo e, mais tarde, Frei Sebastian, que se tornou o secretário de Trigueirinho. Carregava a pasta dele e tomava providências antes ou depois das partilhas. Quando José começou a se recolher, os próprios monges o levavam, mas às vezes me pediam para dirigir.

Num sábado, fui pegá-lo. Ele levava um poema de Francisco de Assis nas mãos e avisou para pararmos junto ao portão de saída em F3, que alguém sempre nos abria. Desceu do carro para cumprimentar calorosamente um senhor com quem trocava cartas e o convidara a se hospedar ali, pois acabara de deixar a igreja católica. E Trigueirinho lhe leu o poema.

Às vezes, Madre Anastácia, antiga no trabalho, gostava de superprotegê-lo. Ao chegar, eu estacionava e o aguardava de fora do portão do jardim, para não o incomodar. Mas ela vinha: *Meu filho, espere Trigueirinho junto da porta da casa.* Obedeci, mas vi que ele não gostou nada de encontrar-me ali de plantão.

E me disse que o esperasse à distância. Ele terminava um ritual. Acabava de tomar o chá e jogava o restinho na grama. A madre, daquele jeito... Íamos os três e, na hora de ele abrir a porteira, ela suspirava *ai meu Deus, coitadinho...*

Quando se implantou o Monastério da OGM em F3, aos poucos ele perdeu a liberdade. Os monges o acompanhavam quase o tempo inteiro. Um ou dois dormiam na casa dele. Já estava com a saúde frágil, mas, durante o dia, trabalhava em casa sozinho. Foi um recluso desde que fez votos de ficar ali a vida inteira dedicado a este trabalho. Até para ir ao banheiro, nas partilhas, era acompanhado. Perdeu a pouca liberdade que ainda tinha.

Através dos anos, vários choferes conduziram Trigueirinho em viagens. Numa saída ao amanhecer pediu para o automóvel parar. Agilmente, fechou uma porteira que alguém deixara escancarada, e comentou: *A porteira fechada é um símbolo. Indica que o local está resguardado física e sobretudo energeticamente. A porteira tem essa tarefa e devemos colaborar para que prevaleça.*

Numa sala de espera, alguns assistiam a notícias nada extraordinárias na TV, e ele instruiu: *Vejam... a apresentação de notícias é feita de forma a deixar aquilo preso à mente; sem que perceba, o ouvinte se envolve sutilmente... Ver notícias exige um exercício de neutralidade.*

Lucinei levou Trigueirinho ao aeroporto para aguardar Madre Shimani, quando veio pela segunda vez do Uruguai trazendo quatro pessoas para permanecerem um período longo em Figueira.

LUCINEI Fiquei anos levando José em viagens. Íamos à Editora Pensamento e muitas vezes buscar visitantes em Guarulhos. Foi um presente!

Na primeira, ele ia dar uma palestra, fiquei empolgado. Só eu e José no carro por cinco horas! Estava com a criatura de Deus a meu lado! Fui lhe perguntando e ele começou a responder falando de coisas que eu não fazia a menor ideia o que eram. Aprendi a ficar quieto, não questionar nada, não interferir em nada.

Daí começou a falar certas coisas: *Vai chegar um tempo em que vamos ter frio extremo e calor extremo no mesmo dia. Sem mencionar ninguém, previa mudanças em Figueira. No aeroporto, dizia: Vamos ter problemas com as águas.*

Repetia que no Armagedom teríamos ora muita, ora pouca água e neve. *Mas não se preocupe, o epicentro é Mirna Jad.* Hoje já vemos o noticiário mostrando carros, casas e bairros arrastados pela chuva...

Olhe a estratégia do José. Íamos para Belo Horizonte, quando me perguntou: *Lucinei, você acha que este carro dá conta de chegar a tempo?* Dirijo rápido, mas, até então, com ele diminuía a marcha... Olhei para o José: *Vai dar sim.* Ele me passou o recado, essa lenga-lenga não dá. Acelerei. Mostrei que o carro andava. Passei a só andar rápido e ele ficava feliz. Já tínhamos os pontos de parada para ele tomar café com aquele pão de queijo. Essa é parte da história.

A juíza federal conheceu o instrutor aos 4 anos, nos anos 70. Em 2009, foi encarregada de levar Trigueirinho pela autoestrada.

FLÁVIA PELLEGRINO Senti uma emoção grande ao ir a Figueira buscar Trigueirinho para a partilha *A Arte de Viver nos Dias Atuais*, que deu no Memorial da América Latina, em São Paulo.

Sempre lhe contei minhas vivências espirituais mais fortes — uma presença, um sonho, uma visão — pedindo-lhe confirmação se aquilo era positivo e o que queria dizer. Ele não impunha nada. Mostrava o outro lado e deixava o livre-arbítrio nos guiar.

Então lhe narrei que, cerca de dois meses antes, vivi uma experiência. Eu tinha uma pergunta frequente sobre o que é o Amor de Cristo. Qual a diferença entre o amor que Cristo sente pelos outros e o amor que sentimos pelo filho, pelo cachorro, pela mãe? Falava: *Cristo, quero saber como é esse amor.* Sempre que possível, eu ia orar no Núcleo de São Paulo, na Granja Viana, que agora é a Casa da Mãe Paulista. Orávamos ali para energizar a cidade.

Uma manhã, eu ali sozinha, tive uma visão interna. Cristo apareceu noutra dimensão. Primeiro vi a túnica clara, um tom creme e um tom azul. Vi Seus cabelos castanhos e a pele. Vi os olhos. Nesse momento, Ele uniu as duas mãos, uma palma contra a outra, e tocou o meu coração.

Então, senti o que é o Amor de Cristo, um Amor arrebatador, que não tem nada a ver com o amor que a gente sente. Ele nos inunda inteiramente, realmente nos domina de um jeito que só se consegue sentir aquele amor. Perto daquilo, nada tem importância, nada é grave. É realmente diferente de tudo o que sentimos aqui no plano material.

Quando Cristo tirou as mãos, pedi: *Quero sentir mais um pouco, por favor.* Ele repetiu o movimento de unir as duas palmas, colocar na região do meu coração, e eu novamente senti a sensação arrebatadora.

E a imagem desapareceu. Eu estava bem acordada, foi às 11h e, de lá, eu fui trabalhar no fórum.

Não falei com ninguém sobre a experiência; ficou guardada em mim. Depois que contei a Trigueirinho, ele disse: *Sim, foi Cristo. Veio ensinar-lhe o que é o Amor d'Ele. Pedi e serei atendido, essa é uma Lei. Realmente, Ele sentiu, acho, a sinceridade de seu pedido.*

Ele confirmou, foi Cristo.

O cuidado de Flávia Pellegrino diante do que viu justifica-se pela dificuldade em distinguirmos uma visão verdadeira da falsa. Trigueirinho reconhecia a diferença, separava o joio do trigo. Como a mente humana ainda não está iluminada pela consciência transcendente, ao longo dos anos o instrutor advertira sobre falsos contatos com seres que aparecem em outros planos.

Para além dos trajetos sobre terra, pedra e asfalto, caminhos invisíveis nos conduzem ao Único Caminho, o de regresso à Fonte. Trigueirinho descreveu distintos graus da senda infinita. Na humanidade, uns sequer entraram na primeira via, a do caminho longo, em que a personalidade se esforça para avançar. Outros, já trilhando o caminho breve, seguem com passos ousados e vão sendo absorvidos pela energia da alma. Aqueles que chegaram à trajetória do fogo rompem obstáculos e movem-se em ascensão contínua.

Trigueirinho, grande consciência ofertada ao serviço planetário, ascendeu ao caminho cósmico. Em Figueira, pisou o mesmo cascalho que o grupo pisa. Desbravou-lhe caminhos. Criou uma série de serviços para cada buscador escolher qual trilho, atalho, via ou estrada lhe é mais adequado para avançar rumo à eterna Luz.

CASA DO PÁTIO

Lidais com energias e consciências.

Lidais com o FOGO.

MIRNA JAD, Trigueirinho



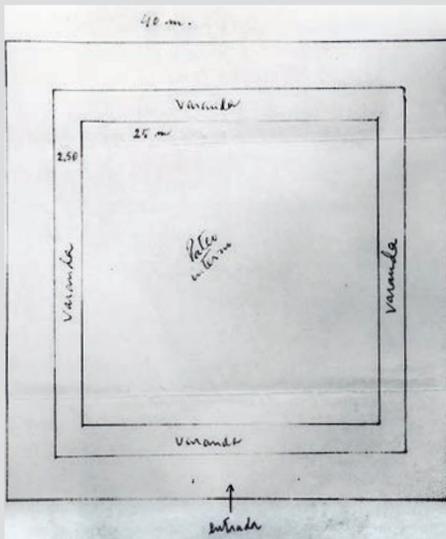
ACONTECIA DE REPENTE. PESSOAS ALEGRES quebravam paradigmas. Reconectando-se com a terra e com o eu interno, florescia para a vida ardente. Alojavam-se em barracas, capinavam, empurravam carrinhos carregados de tijolos. Trabalhando ao sol, buscavam expressar uma forma inédita de viver irrigada pela oração silenciosa. Foi assim que pastos e o solo árido se transfiguraram na densa mata que hoje envolve casas grupais; as primeiras, feitas com tijolinhos à vista.

Havia pouco dinheiro para as obras, que subiam conforme entravam doações financeiras. Íbis, por exemplo, vendeu seus imóveis em Maceió e o recurso transformou-se no alicerce 40m x 40m da *Casa de Retiro*. Essa primeira construção da comunidade despontou em 1988 e logo foi denominada *Casa do Pátio*.

Trigueirinho esboçou sua planta e entregou-a à arquiteta. Previu um caminhar orante por corredores largos em torno do pátio interno quadrado. O antevisto se deu: a área ancorou a vida contemplativa, monatérios, retiros, vigílias. Também a Sala de Gravações e trabalhos de cura voltados para a purificação física e sutil dos buscadores.

Com a Casa do Pátio construída, para aí ele se transferiu e nos mundos internos lhe foi sendo apresentada a civilização intraterrena Mirna Jad na cadeia de montanhas e vale em torno. No livro *Mirna Jad*, escreve: *Percebi uma ligação interior entre a casa onde estava e as outras em que trabalhávamos. Essa ligação vinha dos mundos intraterrenos; era como se “saísse” do jardim daquela casa e, pelo mundo interior, se conectasse com as outras.*

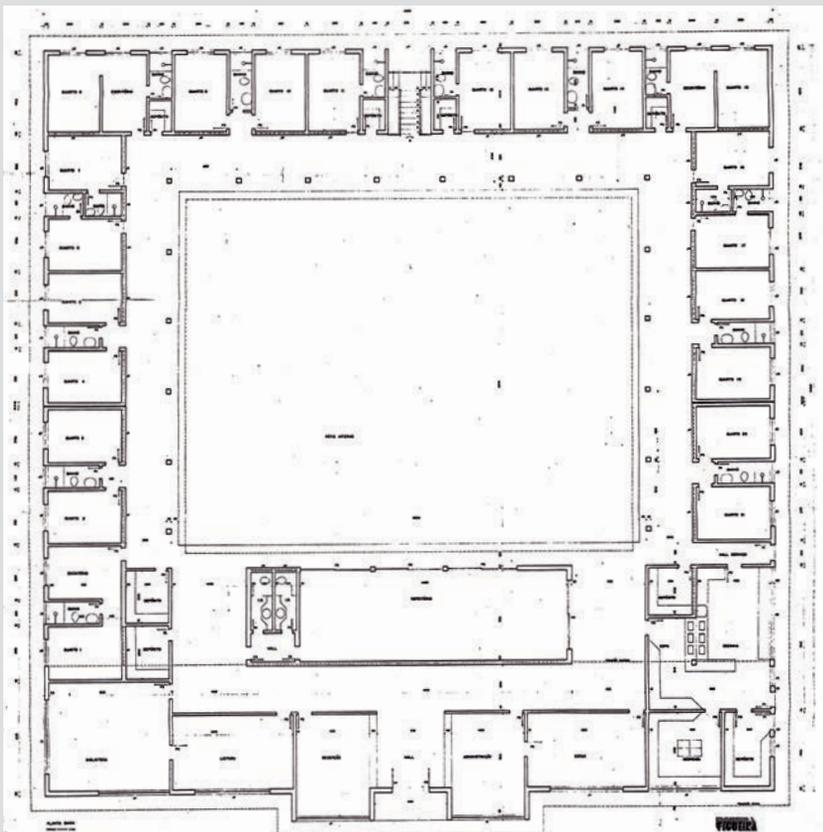
Em outro ponto da obra, relata a visão que teve em uma vigília: *...vi uma intensa luz sob toda a montanha próxima à área onde se encontrava a casa em que nos reuníamos. Só mais tarde, no contato com*



O esboço ao lado, traçado por Trigueirinho, contém a ideia básica e as medidas da Casa de Retiros – depois denominada Casa do Pátio –, que pertence à Seção 3 de Figueira 1.

A figura geométrica com quatro lados iguais simboliza o equilíbrio na forma e a busca de perfeição na vida material.

Em 9.7.1987, o desenho seguiu para Berenice, em Ilhéus, BA, que executou o projeto arquitetônico.



o Templo que agora descrevo, pude constatar que tal casa era uma contraparte dele. Aliás, muitas das construções que havíamos feito no plano físico correspondiam às estruturas internas do Reino de Mirna Jad.

Percebi que um outro setor de Mirna Jad irradia a Luz da Chama Dourada, e que é através dele que recebemos os ensinamentos sobre a construção interna e externa da contraparte física desse Reino. Sim, pois a futura civilização da superfície deverá refletir padrões de vida avançados — como os das cidades intraterrenas que estão, desde já, entrando em contato conosco.

Uma das mais antigas residentes da comunidade, que mora em Figueira desde 1990, dá flashes sobre a primeira edificação:

ANA MARIA SOUZA Desde que Trigueirinho foi transmutado, em 1988, comecei com impulsos de querer tudo novo. Nesse ano vim aqui várias vezes nas folgas do trabalho. Só havia mato, e minha primeira hospedagem foi na lombada, onde é hoje a Associação Maria. Montaram ali três barraquinhas: duas para os estáveis Sofia e Pedro. Fiquei na dos visitantes. Entrávamos nelas engatinhando. Sofia, uma alma antiga, cuidava do acampamento. Pedro era jovem e engenhoso. Bombeou água pura da nascente ao pé daquela serra onde estão hoje os três lagos. E perto armaram rodas d'água.

A primeira obra foi um quadradinho de tábuas 1 m x 1 m, sobre o qual Sofia cozinhava numa panela só. Havia um escorredor, três pratos e três garfos. Cada um ficava com os seus e os lavava em bacias com água sem sabão. A vida era realmente monástica. O banho frio, de caneca, economizando água ao máximo. Depois Pedro instalou um chuveirinho sobre pedras de brita.

Toda noite, Trigueirinho passava por ali e subia sozinho até o alto do Morro do Cristal, através de uma passagem no terreno onde, daí a dez anos, surgiu a Oca da Vigília. Acredito que ele tinha contato com naves.

Mais abaixo, o terreno começou a ser terraplanado, recebeu um corte e o muro de arrimo. À medida que as paredes da casa subiam, Sofia instalou o primeiro alojamento. Sem portas nem janelas, os beliches e tudo o mais eram feitos com tábuas de construção.

Menina! Eu era uma jovem geóloga de 38 anos... Eu ia para o campo com um grupo de alemães altíssimos, dirigindo combi na Chapada Diamantina. Em Figueira, tudo era também uma aventura e minha alma se encontrava! Claro

que dormir nas coisas improvisadas foi ótimo... e também observar cada vez mais pessoas chegando à comunidade!

Mira, de nome civil Aparecida Barquete, coordenava o trabalho em Belo Horizonte desde 1984 e, entre 1987 e 2005, assumiu o Núcleo de Figueira na cidade. Ela relata a história da irmã Sofia, pioneira que residiu em Nazaré Paulista, sustentou a fundação de Figueira, ajudou o setor Administração e ingressou no Monastério Eremítico.

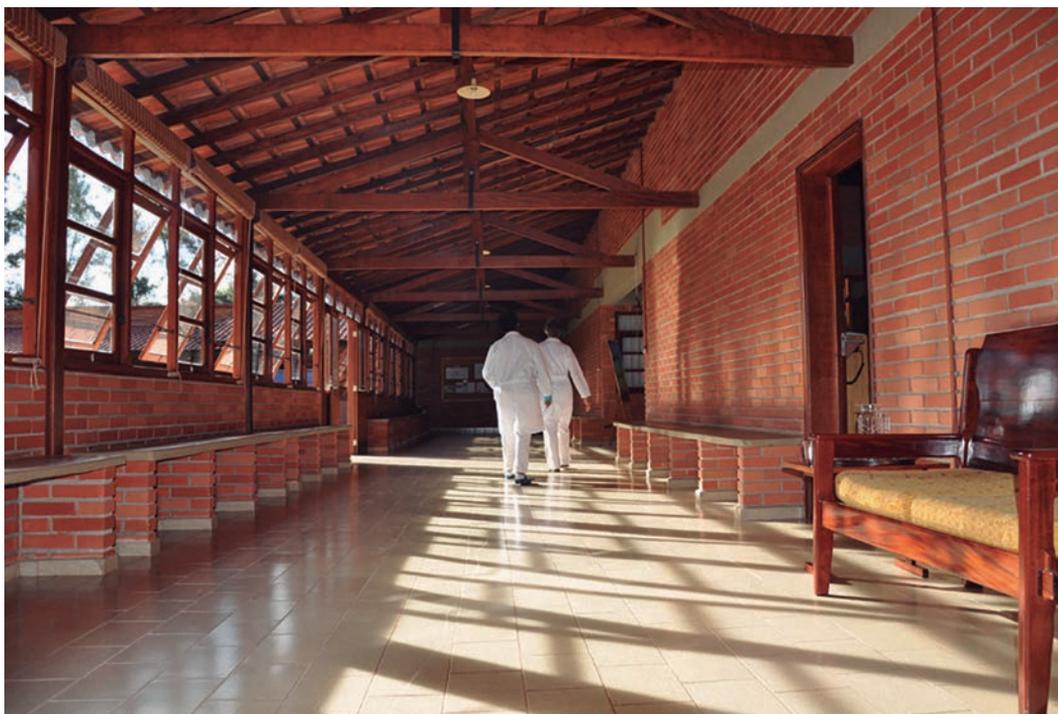
MIRA Tive uma irmã freira, Áurea, da mesma idade de Trigueirinho. Na infância era a preferida do nosso avô. Na adolescência foi internada no colégio interno da congregação das Doroteias e voltou para casa com 18 anos, determinada a ser religiosa. Nossa mãe se sentiu realizada através da filha porque também quis ser freira, mas seu pai, farmacêutico e mandachuva da família, arranjou-lhe um casamento. Ele também não aceitou que Áurea se tornasse freira.

Nossa mãe era costureira e, como para o convento tinha de se levar um enxoval de solteira todo branco, ela e Áurea o prepararam escondido. Com tudo pronto, ela avisou ao avô *estou indo ser noviça*. Na hora ele rompeu relações com Áurea e determinou que ninguém a visitasse. Nossa mãe ficou 10 anos sem vê-la. Mas quando a família foi convidada para os primeiros votos da neta, o avô, já bem velhinho, decidiu que iríamos todos para a cerimônia.

Durante 40 anos, ela passou por vários conventos. Dinâmica, organizada, foi diretora de colégios difíceis. Até que teve um glaucoma sério e veio para Belo Horizonte porque um médico daqui atendia as doroteias. Foi operada imediatamente. Assim, em 1980, Áurea e uma freirinha hospedaram-se comigo.

Eu mergulhava no trabalho de Trigueirinho quando ele vinha a BH. Ela me via em movimento, mas não comentei nada, até virei as capas de livros para não a impressionar. Porém Áurea era curiosa. Tirei uns dias de férias e na volta vi os livros em sua mesa de cabeceira; descobria um mundo novo. Nisso, as doroteias decidiram que ela permaneceria num colégio da ordem na capital e nós duas nos encontrávamos toda semana. *Blá-blá-blá, blá-blá-blá*, ela perguntava, e eu contando tudo sobre o trabalho de Trigueirinho.

Quando ele voltou a BH, Áurea quis assistir à palestra *O Caminho Breve e o Caminho Longo*. Perguntei a Trigueirinho o que achava: era uma religiosa e usava hábito. *Claro que pode trazê-la!* Ela simplesmente amou. Continuou voltando e conseguiu liberação do colégio para participar de dois retiros, um no Espírito



Primeira edificação iniciada em Figueira, em 1988, atualmente recebe um Monastério masculino da OGM. 2011

Santo. Daí, foi transferida para o Rio de Janeiro. Mas a sementinha semeada em terra fértil havia brotado em seu coração.

Passou a se corresponder com Trigueirinho e a conjecturar sair da congregação. Tinha votos perpétuos, e as religiosas estranharam, mas, quando ela narrou a própria história para um bispo, ele a liberou: *O que me está contando é muito verdadeiro, e acho que tem toda a razão.* Ela saiu dessa conversa em estado de graça. E aguardou a autorização do Papa João Paulo para se desligar. Tudo isso, entre 1980 e 83. Assim que o Papa a liberou, partiu para ajudar o início da construção do núcleo Nazaré Paulista. Vestia uma saínia abaixo do joelho e nunca usou calça comprida. Tentou explicar a mudança para nossos pais que, na cabecinha deles, nunca aceitaram. Em Nazaré, ganhou o nome Sofia através de Trigueirinho. E quando seguiu para Figueira, primeiro se hospedou na Satya.

Desde o início, o grupo de BH fez um ritmo mensal, pôs pedra sobre pedra para construir Figueira. Primeiro ficava na área da Casa do Pátio. Lembro-me das barracas da Sofia e do Pedro, e do filetezinho gelado de água para tomarem

banho. Numa ida, ela bateu um bolinho para nós, sem ovos. Assou a massa numa pedra quente pelo sol. Sofia era amorosa. Mas brava!

Em 1988, desmontamos a casa da família em Conceição do Rio Verde, onde nascemos, e enviamos para Figueira os móveis antigos, num caminhão de mudança. São os escuros, de madeira de lei, com mármore carrara no tampo, que estão na Casa 1, em F2 e nas Terras do Sol.

Trigueirinho tinha reverência por Sofia. Num dos primeiros livros se referiu a alguém – não deu o nome, lógico – que foi resguardada durante 40 anos para depois seguir o verdadeiro objetivo da alma. Era ela. O universo é perfeito!

Sofia coordenou algumas casas e esteve mais tempo em F3. No final da vida, bem fraca, ficou acamada na Vida Criativa. Assim que nos avisaram que seria internada num hospital em Varginha, duas irmãs nossas dormiram lá em casa para viajarmos na madrugada. Naquela noite, ela me apareceu num sonho dizendo que estava muito bem, para eu não me preocupar. Pegamos a estrada. Chovia a cântaros. Logo dois pneus arrebentaram juntos e voltamos para BH num caminhão reboque. Não chegamos a tempo nem de estar com ela nem do enterro. Ela piorou rápido, foi para a UTI e faleceu em seguida.

Ainda em Figueira, na saída para o hospital, Sofia havia entregado uma bolsinha com um dinheirinho para a acompanhante dizendo-lhe que ela saberia o que fazer. Quando o cozeiro falou: *Só veio a senhora...* a moça lhe deu: *Aqui está o dinheiro que ela reservou para o senhor.* Esse detalhe me marcou...

Assim como Sofia, Beth Gontijo viveu na comunidade Nazaré Paulista, mas a deixou em 1984. Cinco anos depois, saiu de Belo Horizonte em grupo para conhecer Figueira e assistir a uma palestra na Casa 1: *Vim e voltei no mesmo dia. Encontrei-me com Sofia: "Olhe a experiência de fatura que tivemos em Nazaré, Beth, e agora, aqui, comemos capim e mandioca". E ela, maravilhosamente feliz, convidou-me a ir morar lá... mas levei 20 anos para ter coragem de dar o passo.*

Outra pioneira, hoje Madre Isabel, mudou-se para a Casa do Pátio em agosto de 1989. Tornou-se monja da primeira e da segunda experiência monástica da Obra. Trocou o nome civil pelo que recebeu internamente: Mariá. *Pedi confirmação para Trigueirinho, que acrescentou o H. Por um tempo assinei Mariáh. Comentei com ele que umas pessoas achavam o acento excessivo, e o tiramos.* Ela recorda:

MADRE ISABEL O que eu percebia no interno sempre teve valor. Desde bem jovem, o que meu coração sentia norteou minha vida. Sou de Belo Horizonte, de uma família de cinco filhos, e meu pai faleceu quando eu tinha 4 anos. Nossa mãe teve de trabalhar para nos sustentar e ficávamos com o irmão mais velho, de 8 anos. Outro irmão estava com 6 anos; uma irmã com 2 e a menor com 1 ano, uma escadinha. Meu irmão mais velho era bem rigoroso; ele nos educava, fazia com que nos sentássemos para estudar, tomássemos banho, trocássemos de roupa, e nos alimentássemos corretamente. E a avó veio morar conosco.

Meu pai era espírita e um estudioso nato. Deixou livros instrutivos no sótão e, por meio deles, fui conhecendo um pouco sobre o mundo interior, o universo. Na adolescência, fui estudar ioga e tinha afinidade com práticas e a filosofia do Oriente. Trabalhei em pequenos grupos de ioga e dando ioga para crianças excepcionais. Foi uma trajetória linda.

Até que conheci um grupo, que está até hoje no trabalho, e por uns dois anos estudamos o Tibetano, através de Alice Bailey. Soube da existência de Trigueirinho nesse grupo e com ele fui a Nazaré Paulista.

Frequentei a comunidade algumas vezes, em fins de semana. Trigueirinho nos recebia aos sábados à tarde numa sala grande. A gente sentia sua vibração amorosa acolher-nos. Sentávamos em silêncio procurando ouvir o que acontecia no espaço externo e no interno.

Numas férias fui passar um período maior em Nazaré, mas percebi a energia da comunidade muito diferente. Não me preenchia. Senti algo errado, fora do lugar. *O que está acontecendo aqui?* No momento em que soube da saída de Trigueirinho, descobri minha profunda ligação com ele.

A certa altura fui com o grupo conhecer as terras de Figueira. Passamos o dia ajudando as obras e os plantios. Assistimos a uma partilha dele e voltamos para BH. Em 1989, consegui mudar-me para lá. Eu e Sofia acampávamos rusticamente na parte de baixo da Casa do Pátio, na pequena laje onde construíam a lavanderia.

Foi um período majestoso, abençoado, numa área pura, iniciante, com muita tarefa, tudo por construir. Estávamos em um pasto, a vegetação começando a crescer. Um grande ipê amarelo em cima do barranco era visto de longe. O médico José Maria instalou uma barraca sob a árvore. Em torno, era tudo devassado. Os ventos vinham fortes e levavam a barraca para longe. Ele saía procurando-a e a rearmava no lugar em que o vento a deixasse.

Trigueirinho deixou de viajar e veio morar conosco. Eu me lembro exatamente do dia. Nós o aguardávamos com tanta alegria! A chegada foi um grande evento para a gente. Organizamos tudo para recebê-lo. Ele nos cumprimentou muito contente. Os primeiros residentes da Casa do Pátio foram ele, Sofia, Pedro, Clemente, Germano, Artur e Mariah. Depois chegou Samuel, o Frei Supremo.

A vida verdadeira dentro de Figueira iniciou no final de 1989, quando Trigueirinho se fixou na comunidade, ao encerrar o ciclo do grande chamado. Ficou nos quartos conjugados 7 e 8 da Casa do Pátio. O imóvel estava em final de obra. Faltava finalizar cômodos, envernizar tijolinhos à vista, a limpeza final.

Foi quando tantos se doaram à formação do jardim interno. Dr. José Maria, Clemente, e Tereza Schlosser criaram o projeto. A desenhista carioca e estudante adiantada de astrologia Tereza morava em Figueira. Alcançava silêncio profundo ao meditar. E Clemente conhecia astronomia. Unidos às estrelas e inspirados por mosteiros renascentistas, formaram o jardim monástico com ajuda de voluntários.

Trocou-se o solo desvitalizado. Mutirões carregaram terra, plantaram grama e mudas de flores. Ana Luiza, do interior de São Paulo, entregou anos da própria vida mantendo as plantas ornamentais do jardim, sempre sobrevoado por andorinhas. Segundo Trigueirinho, essas aves *plasmam padrões sutis nos éteres... enquanto percorrem vórtices de energias, como se traçassem no espaço o que deve ser ali formado.*

Nesse centro do jardim vibra a contraparte sutil da casa, que se abre para um monastério invisível e a nutre espiritualmente. Integran-tes da tarefa sagrada, ali orando, tiveram visões ao penetrar na aura de comunicação entre planos internos.

ANÁLIA CALMON A Casa do Pátio nem tinha piso. Forrávamos o chão com jornal para melhorar a friagem que subia pelo colchonete. Quando os tijolinhos foram envernizados, Trigueirinho me pediu para subir uma escada e cuidar de um detalhe, que precisava ser perfeito. Eu morria de medo de altura, mas ele a segurou e na hora fui curada desse medo. No que a casa ficou pronta, Clemente instalou suas pesquisas. Satya se encarregou das salas do L I. Ajudou a implantar o primeiro Horto de Ervas, numa área próxima, e recebia ervas recém-colhidas para secagem. Dedicava-se com tanta alegria à tarefa!



A Casa de Retiros teve o nome mudado para Casa do Pátio e, desde 2013, Sagrada Casa Irmão Pio. Morro acima surgiram mais três casas. Morro abaixo, sete casinhas acolheram o primeiro monastério feminino. Descendo a encosta, levantou-se o Alojamento, prédio que hoje abriga um monastério feminino, e três lagos. 29.7.2022

LILIA MAYNARDES A barraquinha! Será que alguém contou sobre a barraca de meditação, antes de existir a Casa do Pátio? Três, quatro de nós entrávamos para meditar. Desde o início, tentávamos fazer tudo em silêncio. Clemente passeava por todo canto escutando indicações dos devas. Percebíamos claramente estarmos sendo guiados pelo sutil. Essa era a nota que Trigueirinho imprimia em cada um de nós.

Um dia, com ele já morando na Casa do Pátio, que então recebia pouca gente, escrevi-lhe um bilhete: *É justo eu ficar aqui ao invés de em casa educando meus filhos?* Trigueirinho parecia um vento. Foi ao quarto dele e voltou como um furacão. Escreveu no mesmo papel, que ainda tenho: *Isso é muito velho em você, que sempre volta com o assunto. Não perca seu tempo. O mundo está à beira de uma catástrofe nunca vista antes. ORE.*

RAQUEL GERBER Cheguei a Figueira em 1991. E o que sucedeu foi uma transformação profunda em minha pessoa. O aprendizado do silêncio, o respeito profundo por todos — de qualquer origem ou educação —, o sentido da economia nos gestos, na alimentação, na palavra, nos pertences pessoais e, sobretudo, a vivência do amor.

Certa vez trabalhei na cozinha da Casa do Pátio com a nossa querida Maria. Uma mesa com o alimento era colocada no saguão da entrada. Trigueirinho almoçou conosco e veio sentar-se perto de mim, num banco da varanda. Perguntou: *Lembra quando nós conversamos, em 1975, sobre o genocídio das populações indígenas originais das Américas, sobretudo na Argentina, Peru e América Central?* Respondi: *Sim, falamos sobre a cultura brasileira, sobre os novos nacionalismos.* Aí ele disse: *Sabe que essas almas que passaram pelo genocídio são, hoje, comandantes das centenas de naves que sobrevoam o Centro Planetário de Erks, Cidade Intra-terrena e Centro Galáctico, em outras coordenadas de tempo e espaço? Ou seja, é um Encontro de Remanescentes Cósmicos Siderais.* Esse era o momento em que começavam a ser revelados, para o grupo, os Centros Planetários Terrestres, onde vórtices de energias imateriais e cósmicas se ancoram em nosso planeta. Sou sintonizada com a tarefa de sustentação dessas energias.

Trigueirinho nos levou por um caminho inexorável e sem volta, de evolução e redenção contínua de nossas almas, de nossos carmas humanos, terrestres. Ele nos falou do retorno às origens cósmicas e de nossas tarefas e serviços na vida terrestre planetária. Fez-nos descobrir a verdadeira conexão com nosso mundo interior, porque é ali que temos as grandes respostas para qualquer dúvida. Ensinou sobre o nosso pertencimento a escolas internas, sobre a oração. Ligou-nos a universos de conhecimento superior advindos de outros níveis de consciência e de mensageiros divinos.

Uma vez, ele me disse: *Raquel, não se preocupe com os seus problemas e desafios, se você acredita nos níveis superiores de consciência, nada vai conseguir destruí-la.*

Poucos metros à frente da entrada da *Casa do Pátio*, sobe-se a encosta por uma escada de cimento entre o bosque de árvores nativas. A certo ponto, ela se bifurca.

Pela esquerda se chega aonde nasceu a *Casa da Purificação*, ao término da Casa do Pátio. Preservado da passagem de pessoas e veículos, o pequeno e calmo imóvel dedicou-se a banhos, retiros e pernoites. Veio a chamar-se *Casa do Silêncio*. Ali morou Clemente e, uns 15 anos mais tarde, Madre Shimani, época em que a casa acolheu o *Monastério do Recolhimento*.

Seguindo-se a mesma escada de cimento da encosta, chega-se à *Casa da Harmonia*, de tijolinhos à vista e forma oitavada. O salão foi inicialmente dedicado aos mantras e, pelo chão, havia apenas almofadas.



Fachada da Casa do Pátio. 15.4.2011

Mudou de nome e função algumas vezes. Denominado *Anexo* por um tempo, recebeu divisórias para procedimentos de saúde coordenados por Clemente. Não havia cozinha, mas um *trailer* ao lado, onde se preparavam chás e o necessário para suprir o intenso movimento de cura.

Tornou-se o Monastério da Cura, onde ficavam Íbis, a Madre Anastácia, Clemente e Nihos, o Frei Luciano. A *Irdin Editora* ocupou-a no início do século XXI. Tornou-se *Casa da Práxis*, recebeu outros setores até, na década passada, ali se instalar a *Misericórdia Maria TV* e, enfim, segmentos da *Ordem Graça Misericórdia*.

A construção da *Casa do Ipê*, que fica um patamar abaixo, teve início em 2000, após o ipê amarelo cair durante um temporal, enquanto o grupo assistia a uma partilha de Trigueirinho em F2. Precisou ser cortado, contudo dele cresceu um broto vigoroso, e a árvore dá flores. Tem mezanino, salão, cozinha e quartos de hóspedes no subsolo. Foi sede do *Coral* antes de abrigar a *Associação Maria*.

Do lado oposto, ao fundo da *Casa do Pátio* surgiram, em 1992, as 7 Casas do primeiro Monastério de Figueira, feminino. As jovens monjas permaneceram em reclusão por três anos. Em outubro de 1991 iniciou-se a obra.

GHAMMA Eu estava chegando para viver como residente em Figueira e fui convocada a integrar a equipe de construção do Monastério Feminino. Nunca havíamos chegado perto de uma colher de pedreiro, quando Trigueirinho nos posicionou: Luiz Cláudio, um professor de História, como mestre de obra; Luiz Cláudio, Stela e eu – ambas de BH, – como pedreiros.

Feita a terraplanagem, cavamos valetas para os alicerces. Um grupo de quatro senhoras vinha de BH todo final de semana, empurravam carrinho com brita e areia para o concreto, na época feito à mão.

Vinham colaboradores de longe. Um espanhol partilhou comigo ter trazido dinheiro em papel para doação; teve receio ao passar pela alfândega, mas não o revistaram. Foi a quantia exata para cobrir o custo dos telhados, assentados na etapa seguinte. Só os telhados foram entregues a uma empreiteira.

O grupo construiu as sete casinhas iguais com um quarto, banheiro, cozinha/lavanderia e a varandinha na frente. Mais a portaria para receber marmitas e encomendas. Cimentou a calçada entre elas e foi feita uma cerca em torno da área do Monastério.

Entregamos a obra em seis meses! Vivenciei o milagre da concretização.

Em 1995, em um patamar quase ao pé do morro e acima dos três lagos, iniciou-se a construção do *Alojamento*, que se tornou a *Casa Espelho*, de hospedagem, retiros, orações e mantras. Ali fica hoje o *Monastério da Transubstanciação*, feminino, da OGM.

Atento ao futuro, ao formar as primeiras terras de Figueira, Trigueirinho nelas espelhou três faces de um triângulo. Na área da Casa do Pátio, a Seção 3, instalou o retiro, silêncio e vida contemplativa. Sobre o alicerce da cooperação, nela se ancorou a vida monástica, como profetizado pelo pai de Huberto Veiga, há décadas.

Enquanto isso, a cerca de 1 km, descendo a estrada municipal, nascia a Vida Criativa, símbolo de outra face do triângulo.

VIDA CRIATIVA

Ao reconheceres uma necessidade autêntica, dedica-te a supri-la.

Trigueirinho



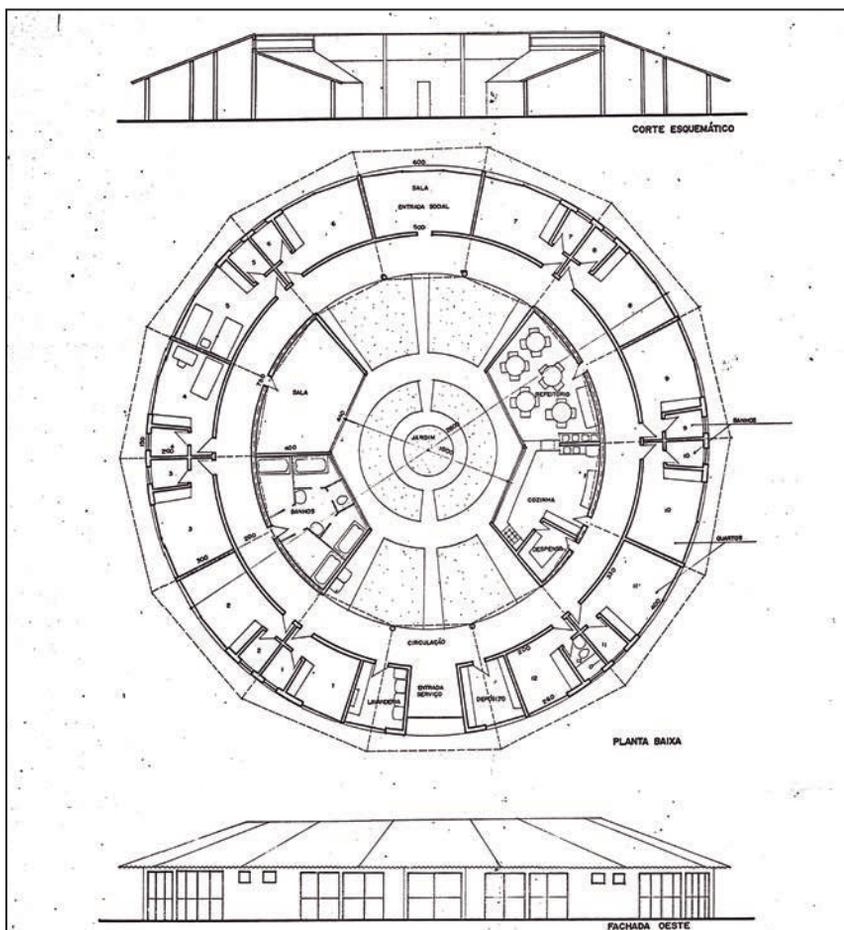
VIVAM COMO OS PÁSSAROS DO CÉU. ELES CIRCULAM. *Reflitam bem sobre o que é viver como os pássaros do céu*, disse o fundador. Com fé no porvir de aves flutuando em correntes aéreas, Elza, a Íbis, armou uma pequena barraca ao pé de uma árvore. Em torno havia um pasto coberto de capim braquiária. A uns cem metros, rente à estrada de terra, a árvore figueira.

Antes de o movimento de obras iniciar, em cada área moravam pioneiros solitários com o propósito de atrair vibrações imateriais e construir canais de energias sutis.

A construção de um Centro Espiritual desce aos poucos de planos internos. Meses antes de Elza viver na barraquinha, Trigueirinho descrevera o que seria implantado na área — veja capítulo Princípios Originais — Seção 2: vida criativa, pesquisa, trabalho, estudo. Na *escola viva e teórica para residentes e hóspedes adultos e crianças*, aprender-se-ia a trabalhar em colaboração tanto a arte agrícola como ofícios manuais. Assim ele previu, assim vem cumprindo-se de forma singular.

O pasto foi limpo e iniciou-se a segunda edificação da Fazenda 1, F1: um módulo redondo de tijolinhos aparentes. O projeto original tinha doze módulos, cada um conectado com uma região do universo, criando um desenho arquetípico. Ali se desenvolveria um projeto familiar que quebrasse a dependência mútua e sexual entre casais e despertasse uma relação diferenciada entre pais e filhos. Isso acabou não se dando.

A Hierarquia regedora de Figueira indicou então o recebimento de crianças com problemas especiais, e o Módulo foi preparado com uma grande estrutura hidráulica para tratá-las em amplas banheiras. A psicóloga Elza abriu com alegria o serviço, apoiada pelo também psicólogo Samuel, hoje Frei Supremo, seu conterrâneo de Maceió que ela apresentara a Trigueirinho seis anos antes.



Planta baixa do *Módulo*. Iniciada após a *Casa do Pátio*, foi finalizada antes. Ambas são de tijolinhos à vista e têm um jardim interno..

Elza foi a primeira coordenadora da Vida Criativa, renomeada Íbis e depois Samátha, através de Trigueirinho. Por meio de Frei Elías ganhou anos depois o nome Madre Anastáxia, *Ser que traz o Reino de Deus à Terra*. Desde o início, recebia voluntários e alguns acampavam. *Por que estou aqui? Tudo é difícil, árduo...* uma carioca se perguntou. Contra a lógica comum, o sacrifício os plenificava, e mais pessoas chegavam.

Mutirões de fins de semana finalizaram o *Módulo*, em 1990. Em palestras públicas lotadas, nas capitais, Trigueirinho convidara o público para um trabalho com seres mongoloides ou necessidades especiais.



Módulo da Vida Criativa. 21.9.2022

Provenientes de planetas aquáticos, essas crianças têm dificuldade em se adaptar à vida terrestre. Pequenos grupos se mobilizaram com entusiasmo. Na Vida Criativa, além de se preparar o Módulo para recebê-las, na descida para o lago colocou-se uma piscina grande entre pés de mexerica, pois são crianças que gostam do contato com água. De BH vinham médicos atendê-las. Em SP, sete voluntários as levavam religiosamente a uma piscina, aos sábados, e reuniam-se algumas noites com os pais na galeria de arte de uma prima de Trigueirinho. Diz uma servidora:

CONCEIÇÃO MARTIN Na última partilha que fez em São Paulo, no Teatro Cultura Artística, Trigueirinho anunciou o trabalho. Depois do serviço preparatório de integração das crianças e de suas famílias conosco, fomos convidados a levá-las à VC. Em 1991, tínhamos um ritmo mensal em que elas se relacionavam com Clemente e colaboradores. O movimento fez despontar servidores-pilares de Figueira, como Maurício. Após o encerramento do trabalho, continuei indo muito a Figueira; seu silêncio me atraía.

Quando o mestre interrompeu a bela iniciativa, em 1993, participantes se decepcionaram. Esclareceu. Os pais, apegados aos filhos amorosos, não conseguiam acompanhar a proposta de deixá-los em Figueira o tempo necessário para melhor se conectarem ao mundo interno.

Finalizado o serviço, o Módulo tornou-se espaço de hospedagem. Atualmente recebe residentes estáveis. Também visitantes de fora ou de outras áreas para pernoitarem.



Vida Criativa: Galpão, Módulo, Padaria/cozinha, Casa da fornalha ou Casa da Farinha, Casa da Horta ou Casa do Pomar, 2022.

Umam cem pessoas apoiaram o mutirão de julho de 1990. O Módulo acabara de subir. Tijolos que sobraram estavam em seu terraço. Cinquenta metros abaixo, atrás do barranco, iniciava-se a reforma de um galpão-garagem, para se tornar o Salão de Partilhas. Trigueirinho era o primeiro da corrente humana. Sempre foi ativo. Pegava, um após outro, tijolos da pilha gigante e os passava adiante. De mão em mão cada tijolo descia a escada em espiral, saía do imóvel e seguia até o destino.

Sofia foi a primeira coordenadora do Galpão da VC. Cuidava de todos. Com o tempo, o imóvel foi reformado. Para acomodar o número crescente de ouvintes, recebeu quartos de hospedagem e banheiros no mezanino. No térreo, cozinha, refeitório, lavanderia, mais banheiros. No início, recebeu a marcenaria, depois transferida para a Casa do Eucalipto, em terra vizinha. As duas obras estreadam paredes com blocos de cimento, por serem mais baratas. Até então, eram de tijolinhos à vista.

Na área foram surgindo a padaria, a Casa da Horta, a sementeira, o pátio e galpão de grãos, a Casa da Farinha e fabricação de leite e tofu, dependências de apoio: tanques de água, depósitos de ferramentas.

Ao mesmo tempo, a cobertura verde era formada. Mantiveram-se as matas nativas e reflorestaram, plantaram-se frutíferas, surgiu a horta.

Dr. José Maria Campos, Clemente, coordenava o plantio. Mutirões colaboravam, como um vindo de Campo Grande, a 1.050 km, que ajudou a instalar as bases para duas piscinas armazenarem água para regas.

No início da década de 90, Figueira era austera. Não tinha atrativo para jovens. Porém, atraía os idealistas. Uma jovem carioca se tornara vegetariana sem saber bem por quê. A irmã mais velha, Eya, morava em Figueira há um ano. A mãe lá passava quinze dias e quinze em casa. Todos da família haviam-na visitado. Após ler *Erks e Miz Tli Tlan*, e assistir, no Rio, à fala do instrutor ao vivo, foi ao Centro Espiritual e solicitou a permanência. Entre amigos, mesmo os esotéricos, houve incompreensões: *Ele fala coisas que ninguém nunca falou em tempo nenhum... Que é Miz Tli Tlan? Homens moram dentro da Terra?*

DELIANE BARBOSA Todo jovem tem a vontade forte de melhorar o mundo, e eu, com 22 anos, sentia que o melhor a fazer seria me engajar nesta Obra, que busca construir uma vida sintonizada com a Vontade de Deus. Quando cheguei, em 1991, na cidade havia as Casas 1, 2 e 3. Na Vida Criativa, o Módulo. A Casa de Retiro estava em acabamento. Vivi por um mês numa das três barracas montadas no quintal da Casa 2. Depois, na Casa 1, em um quatinho. Saía cedo para a Vida Criativa e retornava ao final do dia no transporte dos trabalhadores. Minha primeira tarefa foi nos plantios. Dr. José Maria Campos veio conversar comigo, e quando lhe falei que era bióloga, a gente se aproximou. Colaborei na horta grande cuidando da sementeira, em contato com a Natureza, com o silêncio, sendo permeada pela energia sutil, os sons naturais ecoando em meu ser.

Figueira plasmava-se. Vivenciei o intenso desenvolvimento espiritual ao se iniciarem trabalhos com Mantras em Irdin. O impulso se refletiu na vida material e fez surgir o primeiro Monastério. Sou um ser privilegiado por ter participado desse florescer.

Outra jovem carioca levou a família.

CATHIA FIGUEIREDO Foi difícil convencer meus pais a me deixarem ir sozinha a um lugar desconhecido, com pessoas desconhecidas, fora de nossa cidade e onde se falava de naves. Nada poderia me impedir e viajei do Rio para Minas à noite, por 7h! Cheguei antes de o Sol sair, em 7.3.91. Vi um cruzeiro iluminado no morro, varredores limpando as ruas. Tive uma visão bem romântica da cidade minúscula, antes de tocar campanha na Casa 1.

Fui bem recebida, olharam minha ficha e me levaram até o dormitório externo, junto a um jardim bonito. Segui para o desjejum, *shoyu, tahine*, pasta de tofu, não conhecia nada disso. E alimentei a ideia de estar em um mundo extraterrestre de pessoas caladas, com cabeças baixas... pelo menos um, eu jurava, era. Soube que no sábado haveria partilha de Trigueirinho na mesma casa. Ele morava ali, ao final do L do varandão com janelas de vidro.

Nos intervalos do almoço, descobri os estudos dele em fitas cassete e ouvi um atrás do outro, anotando, fascinada. Meu coração era puro júbilo. Durante a partilha, senti que tudo se movia dentro de mim em alta velocidade. Entreguei-lhe uma carta sobre meus processos internos, mas a resposta não veio. Fui embora fortalecida. Conte a experiência para a família e lhe disse *não podemos comer cebola nem alho, escutei num cassete. Vocês têm de ouvir, precisam ir a Figueira. Não volto lá enquanto não forem; e quero voltar, por favor!* Dali para frente mudamos os hábitos alimentares.

Dois dias depois, chegou uma carta de Trigueirinho. Guardo-a até hoje. Abri a preciosidade. Além de responder minhas perguntas, indicou-me uma obra de Paul Brunton, enviando junto dez folhas xerocadas do livro. Pronto! Figueira se tornou o lugar mais importante de minha vida.

Tatiana, minha irmã, viajou comigo em julho e ficamos do dia 8 a 11. Voltou extasiada. Vivemos uma cena marcante. Num desjejum, Trigueirinho apareceu de robe e chinelo procurando quem lhe levaria uma correspondência urgente ao correio. Desde então, nós duas relaxamos um pouco, porque ficávamos tensas, sem saber como nos comportar. Compreendi que eu poderia ser eu mesma e, mais tarde, descobri que só assim ele alinharia meu prumo. Em agosto de 91, foi a vez de meus pais irem ao encontro do que mudou nossas vidas.

Participávamos de audições de fita no Rio e, em setembro, entramos para o Grupo do Mutirão. Tatiana e eu estávamos no primeiro ônibus, e meus pais, no segundo. Em junho de 92, entramos para o Grupo de Sustentação. Todo mês íamos participar de trabalhos práticos, assistir partilhas e voltávamos renovados.

Lembro-me bem do dia em que fui à fazenda pela primeira vez, chacoalhando num caminhão, comendo pó, e eu adorando! E me encaminharam para os iglus. Carreguei carrinho de terra, tijolos, lixei paredes. Era duro. Por que estava adorando e não me cansava? Descobri o porquê em estudos de Trigueirinho: porque trabalhávamos com alegria, o maior combustível.

No lanche delicioso tinha chá, pão integral, pastinha de banana; sempre frutas. O que eu precisava para ser completa? Continuar no grupo, voltar a Figueira, ver novamente Trigueirinho.



Os 12 iglus da Vida Criativa, parte da fazenda F1. 2022.

Construídos após o Galpão, os 12 iglus foram projetados por uma arquiteta suíça de passagem por Figueira. Trigueirinho incumbiu-lhe o projeto, afirma Paulus, um holandês vivendo na comunidade há 30 anos. Eram cobertos de piaçava vinda de Ilhéus, Bahia. Para instalar os telhados, de lá veio um especialista. Após fazer oito, pediu para ir a sua cidade, e lá faleceu. Faltava montar quatro. Pólux e Rogê o haviam ajudado... foi difícil. Pólux pensava: *12 iglus/12 trabalhos de Hércules... Não somos nós que fazemos, é Deus quem faz, Sua energia faz através de nós. Enquanto isso, ajudava Iosaph na marcenaria ao lado do Salão de Partilhas, fazendo as camas e os armários dos iglus.*

Paulus, ao chegar, residiu em um iglu e, após viver duas décadas em outras casas da comunidade, está de volta:

PAULUS Respondi a um chamado interno autêntico, irresistível, e vim para Figueira. Os iglus ficaram prontos em 1992. Fui acolhido em um deles. O miniespaço de 6 m² foi uma bênção para iniciar a vida solitária. Independente de ter três filhos, pus os dois pés na mesma canoa, Figueira. Quando a gente se dispõe a apoiar um trabalho tão profundo, os seres divinos cuidam de nossas famílias. Tenho confirmação disso.

Resolvi descobrir os números ocultos num iglu e pesquisei o verbete *Números*, do *Glossário Esotérico*. O nº 12 transmite a energia da vontade. O nº 1 é

portador do aspecto vida. O 2, do aspecto consciência. Somados, formam o 3, portador do aspecto forma, a base da manifestação cósmica. O 2 também irradia a capacidade de ligação, canaliza o Amor-Sabedoria para os níveis terrestres; contém a dualidade e a maneira de transcendê-la.

Os números representam energias, e suas combinações desvelam a maneira como se manifestam. Somei as medidas da porta do iglu, deu o nº 7. A soma das medidas das duas janelas dá 6. A altura do iglu também soma 6. Seu teto tem 12 divisões com uma madeira redonda ao centro. Um dia entenderemos a inter-relação desses números, ao conhecermos a ciência oculta dos números trazida por Pitágoras, mas que com ele desapareceu.

Construções falam através de números, símbolos de forças criativas internas. Uma arquiteta da comunidade explica:

VANILDA GONTIJO Já me aconteceu criar um desenho livre, à mão, de uma casa e, quando coloco as medidas no computador para fazer o traçado técnico, surge certa conjuntura numérica. Os números dão sinais, enviam uma comunicação objetiva dentro da expressão da arquitetura. Em Figueira, isso se manifesta com clareza. Quando trabalho de forma livre, eles vêm. Aparecem: *Oi, estou aqui*. E podemos estudar o significado profundo que cada um traz.

Quando ela mudou-se para Figueira, residentes participavam de ritmos semanais ou mensais para apoiarem setores da Vida Criativa:

MADRE MARÍA DE LA SANTA CRUZ O dia a dia da Vida Criativa era dinâmico, seus setores supriam toda a comunidade. Alimentação, padaria, elaboração de farinhas, lavanderia. Às quatro horas da manhã iniciava-se a elaboração dos pães, e colheitas na horta, a partir das cinco. Semanalmente, a Lavanderia Geral lavava roupas dos residentes estáveis. A produção da horta, dos plantios de grãos e dos pomares era distribuída entre as áreas, segundo o número de pessoas presentes em cada uma. Mas, ao longo do tempo, alguns setores migraram para outras áreas, e cada uma se tornou responsável pelo próprio almoço.

O Bosque do Pêndulo, de eucaliptos plantados detrás dos iglus, faz divisa com a Área Luz. Numa partilha dada no Galpão da VC, em 2010, Trigueirinho o cita como um dos lugares sagrados da comunidade. Seleccionamos partes da fala: *Alguns anos atrás nós tentamos dinamizar*



O Bosque do Pêndulo, Vida Criativa. 21.9.2022

o Bosque do Pêndulo. Convidamos uma pessoa para se encarregar dele, e a resposta de quem deveria estar lá foi viajar e ir embora.

O Bosque do Pêndulo simboliza a vida criadora. Contém aspectos da transcendência do tempo. Temos de nos preparar para o tempo real, e esse bosque pode ajudar-nos a transcender o tempo cronológico, o tempo material. Ali existe a alma de um bosque, que mexe com o nosso processo de perceber o tempo e pode ajudar a encurtar a expiação de nossos débitos cármicos. Ali há uma Hierarquia cuidando disso. Não sabemos se dévica, se angélica. É um lugar para reflexão profunda.

O Bosque do Pêndulo absorve e transmuta as dívidas nossas para com o universo. O que trazemos para equilibrar em uma encarnação é a mínima parte do que devemos. Nossos débitos para com o universo são tão grandes e tão amplos que seriam impagáveis se fossem acontecer no tempo normal.

*Sintetizamos uma partilha de Trigueirinho, realizada em 2010: Cada área de Figueira, à medida que se manifesta, coloca uma pergunta chave para cada ser que esteja nela resolver. A Vida Criativa é rica em tarefas e tem também uma tarefa oculta. A energia da área coloca a indagação: **Qual é a minha tarefa?** Não é aprender a limpar vidro, aprender*

a fazer pão. O importante é descobrir qual é a tarefa na vida. O que você veio fazer no mundo? De repente, se você está realmente unido à área com amor e buscando dentro, descobre. Aí sim, vai viver criativamente.



PAULO ANTÔNIO MACHADO Trigueirinho várias vezes afirmou que um trabalho espiritual como o de Figueira não prospera sem a presença de abelhas, e o apiário foi uma das primeiras atividades aí implementadas. O primeiro da comunidade, com vinte colmeias, ficava na VC, à beira da estrada que subia para o alto

do Morro do Cristal. Como esse local era inapropriado, ele foi trasladado para uma clareira. Apesar de ser úmida e propensa a sofrer com geadas, as abelhas tinham vitalidade devido à energia dévica presente. Tempos depois foi preciso encontrar outro local. A coordenadora foi explicar a razão da mudança para Trigueirinho, que lhe disse que havia um Espelho naquela clareira, protegido pelas abelhas. Ele ia lá trabalhar com certos grupos. Marisa então combinou que deixaríamos algumas colmeias guardiãs na clareira. Enfim resolvemos deixar apenas uma como guardiã, trasladando as outras. Essa guardiã tornou-se uma das mais fortes de nossas famílias. Um dia enfraqueceu, e a retiramos, movimento coincidente com o fechamento do local pela mata, também com o encerramento de um ciclo do trabalho com os Espelhos.

Quando mostramos para Clemente o novo local, na encosta do Morro do Cristal, vimos que precisaria ser aberta uma estrada de acesso. Isso dependia da disponibilidade de uma patrôla que prestava serviços para prefeituras. Milagres acontecem. Dias depois recebemos um comunicado dele. A estrada fora aberta! Na época, serviu também de acesso a uma área de plantios de FI. É a que passa na base do Morro do Cristal e serve de retorno do circuito de quem sobe a Colina das Aparições. Hoje ali estão três famílias, guardiãs preciosas da Colina das Aparições.

Trigueirinho deu partilhas no Galpão da Vida Criativa por 25 anos, e partiu. Buscadores da verdade abrem a porteira verde. A Natureza vibra. A vida material e a oculta crescem entre casas, árvores e jardins cercados da mata. A luz e a chuva abençoam a escola viva, que ensina a se viver entregue, como os pássaros do céu.

ÁREA LUZ

A luz prossegue. A matéria compreende. A luz prossegue. A matéria rende-se. A luz prossegue. A matéria acolhe o encontro com a luz.
Trigueirinho



LUZ, O TERMO DESIGNA UM ESTADO PURO DE CONSCIÊNCIA. Imagine o fulgor, imperceptível aos olhos, visto pelo instrutor para batizá-la *Área Luz*, em 2011. Que vibração penetrara a substância local para isso ser possível? Que convite traz a palavra Luz? Antes chamada de *Eucaliptal*, por 20 anos, a área oferece serviços e ensina o dom da humildade.

Quem sobe a estrada municipal pelo túnel de árvores, mal percebe a entrada que dá no portão verde. Aberto o cadeado, segue em frente devagar para não levantar poeira. Passa pelas casas do Setor Costura OGM e a do Eucaliptal. Faz a curva à esquerda sob eucaliptos altíssimos, plantados na chegada do grupo, e entra no largo do Galpão de Serviços. Seguindo encosta acima, avista as quatro casinhas do Monastério, atravessa o terreno de cultivos, vai rente ao conjunto de caixas d'água e, no topo, chega ao Bosque do Pêndulo, divisa com a Vida Criativa.

A Casa do Eucaliptal, de 1991, foi a obra-semente da área. A 1 km do casarão azul, mãos voluntárias a levantaram. Suas moléculas contêm o poder do esforço grupal. Contudo, a falta de conhecimento técnico deixou-lhe problemas estruturais. Feita de blocos de cimento, teto de amianto, caiada de cimento, ao sol da tarde ficava quentíssima. Para sombreá-la, o grupo cercou-a de eucaliptos. A casa tinha uma copa pequena, e moradores e hóspedes alimentavam-se no refeitório da VC. Tornou-se sede do Setor Manutenção e recebeu o Almojarifado Central, espécie de loja de materiais de construção usados no dia a dia ou enviados, a pedido, para outras áreas. Para lá se mudou a marcenaria, que funcionava das 5 às 22h. A partir de árvores secas encontradas nas matas preservadas, Iosaph fabricava bancos, armários, prateleiras, porteiros, todo móvel para Figueira, inclusive as primeiras mesas e bancos altos, de madeira clara, usados por Trigueirinho em partilhas.

Perto de um cafezal velho, em 1992 fizeram a rampa com ligação de água para lavar carros, com ajuda do Grupo da Construção, de Belo Horizonte. Junto se instalou um toldo laranja, que não servia na Toyota, para guardar utensílios de lavar, e um *vap* ganho de doação. Os transportes se sediavam por ali. O grupo reformava, consertava, até pintava veículos. Raramente chamava um mecânico de fora.

Os anos passavam. Surgiu o canil para a cachorra Shanti e, em 2001, Trigueirinho liberou a obra do almejado Galpão de Serviços. Na encosta que dá na VC foi plantada a segunda grande horta de F1, porque a primeira, a caminho do lago, ficou infestada de tiriricas. Depois virou pomar, cheio de pés de caqui, poncã. Hoje o terreno recebe uma rotação de culturas de adubação verde, que é incorporada ao solo.

VANILDA GONTIJO Ao longo dos anos, a comunidade ganhou carros menores, veículos de trabalho e coletivos, como o ônibus *Águila de Luz*, que peregrina com monges e a equipe de difusão entre Brasil, Uruguai e Argentina. Todos estacionam no Galpão de Serviços. Tratores ali aguardam, em garagens, a hora de apoiarem a manutenção das estradas ou serem deslocados para plantios das Terras do Sol, de F2 ou os das Terras da Irmandade. Aí se lavam veículos e há um tanque de combustível diesel para abastecê-los. Também se estocam implementos agrícolas, material elétrico e hidráulico.

Além disso, no local são semanalmente distribuídas a colheita geral de todas as hortas da comunidade e a dos grãos plantados, beneficiados e ensacados em outras fazendas. Da Área-Luz seguem para as casas da comunidade ou para doações a necessitados da cidade e da região. Por vezes, tecidos, roupas e outros objetos são dali também encaminhados para doação.

Em 2011, na Área Luz morou o grupo dos principais coordenadores de Figueira, dos setores Administrativo, Financeiro, Secretaria e Acolhimento. Foi visto que essas atividades, até então desenvolvidas na Casa 3, da cidade, deveriam estar na fazenda. Tive a oportunidade de projetar e acompanhar a construção do bloco Administração, onde trabalhavam, e de suas quatro casinhas individuais, inseridas dentro do caquizal. Ganharam certa privacidade e independência. Hoje, as casinhas acolhem o Monastério Virgem Maria, feminino.

Planta da Área Luz: 1) estrada municipal 2) porteira 3) Bloco da Administração 4) Casa de Costura 5) Casa do Eucalipto 6) Sementeira 7) Rampa de lavar veículos 8) Galpão de Serviços 9) quatro casinhas



Na Casa do Eucaliptal fica hoje a sala do Setor Projetos e Obras. Sua parte mais antiga guarda a provisão de objetos pessoais para monges, bem como utensílios para as casas dos monastérios.

A sementeira tornou-se depósito assim como, após pequena ampliação, refeitório e banheiro dos trabalhadores.

Com a presença do Monastério, surgiu o Setor Costura OGM, que confecciona os hábitos dos monges. Funcionou em Carmo da Cachoeira até São José indicar sua mudança para a fazenda, em 2013. Em seguida, a casa de costura foi manifestada.

A Área Luz acondiciona e distribui suprimento básico e alimentação. Refletir sobre isso reforça nossa gratidão por esse espaço que, apesar de ter importância básica para a comunidade, fica um pouco esquecido. Muitos nem sequer o conhecem.

MENORAH Na Casa do Eucaliptal está também a Sala de Suprimento, de costura, onde confeccionamos roupas de cama, mesa, banho e cortinas da comunidade e dos monastérios.

Fazemos a triagem de toda a doação de roupas que chega a Figueira. Residentes ou estáveis nos avisam o que necessitam e buscam conosco, por exemplo, uma calça jeans, um moletom, uma camiseta, um tênis.

Uma fábrica de Belo Horizonte nos envia rolos de tecidos em bom estado, a cada ano. Seleccionamos e passamos adiante para o Crer-Sendo o que não usaremos, como panos sintéticos, que quase não usávamos antes; se bem que agora sim, porque a situação está ficando tão difícil, tão crítica no planeta.

Uma vez, Trigueirinho me chamou para mostrar um colchonete fino com lençol puído. Não permitia que alguém se deitasse num colchão estreito coberto com um lençol velho. A preocupação dele era termos um estoque de roupas pessoais e de casa.

Na Área Luz, servidores treinam aceitar com humildade e autoesquecimento as aprendizagens trazidas pela vida. Esses atributos, segundo Trigueirinho, brilham à distância. Silenciosamente iluminam o caminhar dos demais. Por isso, talvez, tenha batizado a área de *Luz*.

F2 — FAZENDA FIGUEIRA II

Pontos magnéticos de alcance planetário estão surgindo para auxiliar o trabalho de liberação. Passarão a revelar-se, interiormente, aos que sinceramente buscam a Realidade.

DAS LUTAS À PAZ, Trigueirinho



NOVOS CAMINHOS PARA OUTROS EVOLUÍREM, Trigueirinho os via em mundos internos antes de materializá-los. Ao intuir, no início de 1992, que o trabalho deveria se ampliar em um ponto do outro lado da Rodovia Fernão Dias, talvez precisasse de uma confirmação sutil sobre a compra. Assim, pediu para instalar um *trailer* no quintal da sede da fazenda do casal possuidor da terra, Seu Osvaldo e D. Terezinha, atrás do restaurante do Nem. Lá passou um mês, e se tornaram amigos. Um portador de F1 lhe entregava a refeição e D. Terezinha trazia-lhe, à tarde, broa de fubá, cafezinho, pão de queijo. Anos depois o casal frequentou partilhas. Seus herdeiros ainda moram ali, no mesmo local vizinho a F2.

Ao longo do processo de negociação das terras eleitas, a Fazenda Giovana — depois denominada Fazenda Figueira II — Trigueirinho levou o futuro doador das terras para visitar o casal. E também residentes da comunidade. Uma se recorda:

RITA SOUTO Até a aquisição de F2, fui convidada várias vezes por Trigueirinho para com ele visitarmos os proprietários. Eram simplíssimos. D. Terezinha passava dos 60 anos. Servia o café com tanta delicadeza, que nela senti a bondade originária. Eu observava olhares de gratidão de Trigueirinho para ela. E o sorriso dele nas conversas com Seu Osvaldo Naime, às vezes hilárias, com conteúdo de humanidade.

Posteriormente, depois do casal se mudar para Nepomuceno, estive bastante com D. Terezinha, pois se tornou uma das representantes das quatro bases de trabalho da Rede de Serviço em cidades vizinhas. Ela me contou. Estava na janela do quarto da fazenda, às duas horas da manhã, angustiada e triste porque seu filho morrera afogado na lagoa da fazenda, antes de a venderem. Ela olhava o céu e, de repente, veio uma estrela aproximando-se e, quando chegou bem perto, ela sentiu algo tão diferente, e a estrela desapareceu.

Na época, era praxe relatarmos para Trigueirinho experiências vividas internamente. Supus que ela deveria contar-lhe, mas, como não sabia ler nem escrever, ofereci-me para escrever-lhe. Respondeu, com tanta beleza: *Precisa não, boba, a estrela era ele*. Sabe, há coisas que desmistificam a ideia que temos sobre pessoas espiritualizadas ou não, cientistas ou não, devotas ou não. Ali estava a fraternidade real, que é a fraternidade na quarta dimensão.

Sem demora, o paulista Roberto Abutara e a esposa Kity Luiza Soubihe Abutara adquiriram a gleba de terras de 38,29,60 ha, a Fazenda Figueira II, em 11.11.1991. Em 1997, foi arrendada por 50 anos para José Hippolito Trigueirinho Netto, e voluntariamente doada para Germano em 2004, que a transferiu em 2013 para a Associação Comunidade Figueira.

ROBERTO ABUTARA Aconteceu o seguinte: eu e a Kity pertencíamos ao Conselho de Figueira. Então tínhamos contato íntimo com Trigueirinho, que sempre trocava ideias conosco. Perguntou se a gente poderia comprar essas terras. E o que acontece? No meio de uma noite acordei, e veio uma intuição, uma energia muito forte que me disse para comprarmos a terra e a doarmos para o trabalho. Telefonei para ele de madrugada e logo cedo falei para o Germano preparar a papelada no cartório, que íamos lá pagar.

Trigueirinho queria que fôssemos morar junto a F2, na casa do Seu Naime, que colaborava com a gente em tudo e tinha outra fazenda ao lado. Até fomos vê-la, mas, com filhos pequenos, era inviável atender a esse pedido.

Íamos frequentemente a F2 passar uns dias com Trigueirinho. Ele, no *trailer*. Eu, a Kity e Terezinha Luzi em barracas, aos pés dele, que sempre se reunia conosco para conversar. Eu e Kity andávamos pela área. Um dia, ele nos disse que, numa dimensão suprafísica, acima de onde veio a ser feito o labirinto, havia a Cidade Figueira, que vertia energia para a região.

Em São Paulo, numa noite anterior a uma reunião com ele em nossa casa, sonhei com as áreas de Figueira. Quando ele abriu uma planta em cima da mesa, pedi: *Posso falar antes de você mostrá-la? Sonhei que, na planta que está apresentando agora para nós, um túnel unia F1 à cidade de Carmo, à área que estamos comprando e a mais uma área que ainda será agregada ao trabalho.*

Efetuada a compra, o instrutor deixou a Casa do Pátio, onde morava. Fora com Roberto ao vizinho lhe pedir a ligação de água e luz para o *trailer* de F2, onde permaneceu em torno de três meses. Esteve na amplitude sem benfeitorias, povoada por mato e 20 mil pés de cafés

abandonados, em contato com outros níveis de vida, por onde transitava com naturalidade. Emanava vibrações sagradas pelo espaço prestes a tornar-se uma Ilha de Salvação.

RITA SOUTO Memórias belas estão vindo em enxurrada. Quando Trigueirinho iria morar em F2, eu estava na Vida Criativa. E nos foi passada a organização do *trailer*, que chegara de doação, como um milagre, entre aspas. Pensei com companheiras de caminho como montá-lo com o básico, e apelamos para o pessoal de São Paulo, que à distância mantinha-se atento a toda necessidade que emergisse. Chegaram canequinhas para chá, para água, panos de prato, toalhas de bandejas, de um bom gosto! Trigueirinho andou doando quase tudo, ficou com o mínimo... a lição de despojamento veio instantaneamente. E o *trailer* foi ordenado segundo os critérios dele de renunciar ao que não fosse essencial.

Enquanto viveu à margem da estrada municipal implantando a energia, era buscado apenas para dar partilhas. Os veículos a custo subiam e desciam os quase intransitáveis 1.400 metros até a Fernão Dias. Motoristas se desviavam com perícia das crateras espalhadas por todo lado.

Começava-se do zero. Com tudo bem concatenado, Trigueirinho designou ao grupo pioneiro passar o dia destocando pés de café cobertos de mato, com ajuda de um trator. A madeira arrancada seguia para alimentar o fogo da padaria de F1. Em seguida, terraplanou-se o terreno para a casa e se abriram as principais vias de acesso e o grande estacionamento.

A certa altura, alinharam-se seis *trailers*. Do número 4, Trigueirinho governou cada detalhe da grande transformação. Ladeando os *trailers*, ele mesmo plantou o pinheiro *Pinus elliottii* e coroas-de-cristo.

Conversamos com um dos quatro designados a dar início à etapa de implantação. Foi um dos primeiros monges sem hábito do Monastério Masculino, semi-recluso, que o instrutor acabara de fundar.

ESTÊVÃO O Monastério Masculino iniciou com Yosaf, Bruno, Pedro e eu, em F1, porque não havia onde ficarmos em F2. No primeiro momento, três de nós seguiam na combi diariamente para iniciar a área com colaboradores. Uns poucos trabalhadores contratados vinham ajudar-nos.

Quando o espaço ficou relativamente habitável, com água, infraestrutura, ter-
raplanagem, chegaram seis *trailers*. Trigueirinho alojou-se em um grande. Nos
três pequenos, Pedro, o marido da Zara e a arquiteta de F2. No quinto, bem
maior, ficamos o Bruno, o Yosaf e eu. Mikael chegou a F2 mais tarde, com a
casa quase pronta, e coordenava o Monastério 2, que era semi-recluso.

Antes de iniciar as construções, Trigueirinho convidou moradores
da comunidade para conhecer F2 e juntos entoarem mantras, como fazia
antes de iniciar cada área. Para lá iam, a princípio, pessoas selecionadas
por ele e também alguns mutirões.

Ali marcou um encontro com o Grupo de São Paulo, ao qual
compareceram umas trinta pessoas. Revelou-lhe seu profundo vínculo
com F2, convidando-o a sempre ali ter um representante ao longo da
fundação. Os membros passariam por provas e venceriam lutas. Assim
se montou o Grupo de Implantação de F2, focalizado por Kity. O sexto
trailer foi reservado para esses servidores paulistas, que se revezavam:

MARÍA CARIDAD Que período intenso e maravilhoso! F2 era um
descampadão com *trailers*, difícil de chegar. Estradas horríveis! Carros volta
e meia encalhavam. Se chovia, patinavam. Cada membro de São Paulo ficava
três, quatro dias, uma semana e era imediatamente substituído. Nunca o *trai-
ler* ficava vazio. Às vezes tínhamos mais de um colaborador no mesmo perí-
odo e um acampava em barraca. Kity, com toda a sua delicadeza, coordenava a
escala junto com Roberto Abutara.

De dia, tínhamos muitas tarefas práticas. À noite, o silêncio era entrecortado
pelas batidas à máquina de Trigueirinho escrevendo livros. Podia datilografar
a noite inteira. Era um presente de Deus estar perto dele.

Qualquer ação grupal se tornava uma cerimônia, seguia um ritmo.
Havia horários para as refeições, para participar de partilhas, recolher-se
após o almoço e à noite. Escuro ainda, os presentes na área acordavam.
Atravessavam o pasto e o cafezal estéril até a clareira onde veio a surgir
o labirinto. Formavam um círculo e mantralizavam. Ao amanhecer,
encaminhavam-se para o encontro de distribuição de tarefas, antes do
desjejum. Nele se perguntava: *Há alguém de primeira vez?* Caso hou-
vesse, ao final a pessoa era acolhida em particular. Cada tarefa tinha seu
coordenador que, além de organizar com antecedência ferramentas a
serem usadas, orientava sobre a melhor maneira de fazer o trabalho. Não
por rigidez, mas por experiência. Aceitavam-se sugestões? Sim, claro.



Casa I e o bosque de *Eucalyptus grandis*, 8.I.2009.

ROBERTO ABUTARA Primeiro foram plantados, com carinho, os eucaliptos, coordenados pela arquiteta que estava vivendo em Figueira. Eram mudas pequeninhas, com 20 cm de altura. Nós ajudamos. Isso feito, veio o assentamento de paralelepípedos, não de imediato. Pouco a pouco iam sendo iniciadas as construções e o restante.

A arquiteta Columba desenhou a planta do bosque e a da alameda de eucaliptos e liderou o plantio com ajuda de Cirineu, Leonor, paulistas. Para a tarefa, Trigueirinho convidou aquele que hoje se chama Frei Luciano. A coordenadora de doze vindos num mutirão de Brasília recorda:

NEYDE BARRETO Após tomar conhecimento de um instrutor no interior de Minas Gerais, eu me uni ao grupo de Brasília que, a partir de 1991, fez mutirões frequentes em Figueira, a 870 km.

Encontrei minha família espiritual e tive a sensação de estar em casa. Abriu-se um portal em meu interior. Iniciei um caminho vigoroso, com novos impulsos, valores, ensinamentos diferentes de tudo o que havia ouvido e lido: civilizações intraterrenas, Leis Superiores, Centros Planetários, mantras em Irdin. Era um bálsamo perceber que os frequentadores do Centro Espiritual tinham o mesmo sentimento em relação a Trigueirinho. Cada um conduzia o seu processo dentro de princípios pautados pela Hierarquia, a obediência, a fraternidade e a devoção. Testemunhei a vida austera, que irradiava consciência monástica.

Num mutirão em 1992, recebemos a tarefa de plantar sete linhas de mudas de eucaliptos alinhadas em semicírculos. Entre uma linha e outra, devíamos deixar um intervalo de 3 m, e plantar cada pé a 3 m um do outro. Desse modo, cada três eucaliptos, vistos de qualquer posição, formariam um triângulo equilátero. Usamos linha de pedreiro para medir entre as covas. As arvorezinhas enfrentavam o insistente ataque de formigas, até colocarmos saiotos plásticos em cada caule para evitar subirem. Em três anos, o bosque estava formado, e realizava seu papel.

Novas medidas eram tomadas simultaneamente: plantar um pomar abaixo da casa, preparar o solo para plantios. Com ajuda de Clemente, ampliou-se a represa abandonada, que se tornou um lago-espelho. Próximo, perfurou-se o poço artesiano. Acima, surgiu o *Banho ao ar livre* e, no barranco em torno, Trigueirinho indicou plantar-se *Eucalyptus citriodora*, que purifica e perfuma o ar.

Os bebês eucaliptos eram molhados a cada entardecer. Paulistas traziam água em regadores, de longe, um sacrifício. A certa altura, três homens do grupo de Brasília providenciaram uma rampa e uma caixa d'água de amianto para coleta de água da chuva.

Os *Eucalyptus grandis* da alameda em frente à porteira de entrada atingem mais de 60 m de altura, e se tornaram o símbolo de F2. Anos depois, o instrutor afirmou que, se os eucaliptos da entrada fossem um dia cortados, a energia se retiraria, e o trabalho acabaria, mesmo se muita gente morasse na área. Se, ao contrário, saíssem as pessoas e só sobrassem eucaliptos, a energia seria totalmente preservada porque os eucaliptos são o eixo, o pilar, a base de F2.

A grande casa de F2 ganhou o formato retangular. Construções expressam estados vibratórios distintos de acordo com suas formas, símbolos de energias relacionadas a números, sons, cores, fogos e Raios. O quadrado aflorou na Casa do Pátio, o círculo no Módulo da Vida Criativa, o triângulo nas três casinhas de F3. Já a figura geométrica do retângulo se apresentou nas edificações de F2. Visualizaram a chegada de muitos seres. Em toda Figueira, as construções impulsionam o resgate da união entre o Reino Humano e o Reino Vegetal.

A Casa 1 de F2 cresceu em três etapas. Primeiro surgiu uma ponta, com cozinha e anexos. Logo, na outra lateral, um salão pequeno. Por último, a extensa parte central, refeitório, banheiros, dormitórios. No mezanino, sete celas para monges, dando para uma varanda.



Lago, plantios, galpão, pátio de grãos, marcenaria e lavanderia, Casa 1, Casa de Hospedagem, 10 casas, Casa 2, Bloco do Salão de Eventos, Labirinto. F2, 21.3. 2022

FREI BERNARDO A primeira vez que fui a Figueira, no início de 1993, hospedei-me no Pátio. De manhãzinha, às cinco e pouco, íamos de caminhão até F2. Ali estavam *trailers* e o primeiro Monastério, e aquilo me encantou. De repente, chega uma pessoa magrinha, muito ágil e começa a dar comandos decisivos, firmes, naquele primeiro Raio amoroso. Eu não sabia que era Trigueirinho. Tinha lido quase toda a obra dele e liguei-me à intensa devoção que delas se irradiava. Eu me perguntando quem era. Estava a uns quatro metros e tivemos uma troca de olhar fortíssima. Foi instantânea, mas me marcou.

MARIA ARLINDA Vim a primeira vez com o grupo de Salvador num ônibus fretado, em 1994. Fiquei em F2. Onde hoje é a cozinha, o SEA, havia uma salinha de oração, dois quartos com beliche, a cozinha. Afastada da casa, a lavanderia coberta. Mais nada. No lugar do refeitório atual, uma trilhazinha na terra dava onde se vendiam fitas cassete e livros de Trigueirinho, a atual sala de Adoração ao Santíssimo. O almoço vinha pronto da Vida Criativa no mesmo caminhão tipo pau de arara que nos levava para as partilhas em F1.

Em meados da década de 90, cultivava-se para 200, 300 pessoas em média. Surgia a horta e fez-se um projeto de drenar a várzea para ali se plantar arroz mais irrigado. Os ritmos eram exigentes e o que sustentava o trabalho conjunto dos colaboradores, residentes e monges era a quieta alegria brilhando no interior de cada um. Em meio a tanta ação prática, o mestre lhes ensinava: *Devemos trabalhar apenas para o Único.*

Veio o Galpão de Serviço, a manutenção, a garagem para tratores e implementos. A marcenaria que, para alegria de Trigueirinho, treinou jovens carentes da cidade de Carmo da Cachoeira. Na proximidade, um pátio amplo foi cimentado e surgiu o Galpão de Grãos.

Mais tarde vieram a segunda represa, três rodas d'água, a casinha de máquinas movida com a energia motriz da água pura dos lagos, um moinho de pedra para se fazer fubá, árvores plantadas para proteger as nascentes. Para os dois lagos, chegaram gansos. Trigueirinho os indicou para aquelas águas. A presença branca encantava olhos e almas, contudo ficaram bravos, espantavam pessoas, e anos depois foram doados.



No meio-tempo, a Natureza se regenerava. Plantas secundárias, de pequeno porte, cobriam erosões. Árvores pioneiras chegavam, e a diversidade da vegetação avançou até a mata nativa se impor.

CHARA Sempre almejei morar onde Trigueirinho morasse. Em 1995, saí de São Paulo e aterrissei em F2. Ele me colocou num *trailer* com a tarefa de cuidar da área externa. O Reino Vegetal sempre foi uma nota ardente para ele. Sobre os eucaliptos: encontrei o bosque da entrada já altíssimo e cuidei de outro grupo, com 1 m de altura. Eu mesma plantei mudas de 40 cm. A linha de borda detrás do futuro auditório estava carente pelo ataque de formigas. Eu ficava com Samuel, o Frei Supremo, ajeitando saiotos de plástico duro nos troncos magrinhos. Eram muitos filhos eucaliptos para regar, dar de mamar, cuidar, uma loucura, mas foi a melhor época de minha vida.

Eu andava a pé por toda F2. Num passeio, estive em um recinto preservado e senti que o Reino Vegetal chamava as pessoas para uma interiorização, para ali se armar uma barraca e fazerem um Retiro Eremitico na Natureza. Chamei José porque era ele quem batia o martelo. Percebeu que o Retiro devia ficar próximo das rodas d'água. Depois pediu que fosse construída uma plataforma

sob a barraca. O primeiro a fazer o Retiro Eremítico foi o maestro do coral na época, Maciel. Fui a segunda, por vários dias. Foi bellissimo. A gente tomava banho nas quedas de água próximas e o banheiro era ecológico.

Uns dois anos depois me avisaram que eu cuidaria das pessoas. Coordenei a Casa I de F2 que, naquele tempo, era super movimentada durante a semana e, ainda mais nos fins de semana. Foi difícil trocar plantas por gente, mas consegui.

Trigueirinho aparecia de vez em quando para dormir, como fazia de área em área. Depois da partilha, era trazido da Vida Criativa para jantar conosco e pernoitava observando tudo. Sempre apontava detalhes a ajustar, que não víamos.

Em 1998, nova mudança: coordenar a área inteira de F2. Senti um impacto. Uma mulher coordenando tantos homens não era brincadeira. Trigueirinho fazia muito isso, mudava as pessoas de tarefa na hora em que se acomodavam, para não se apegarem, ou quando elas se julgavam donas da tarefa. Não só isso: ele trocava todos de quarto a cada três meses!

Naquele ano, eu me tornei oblata do Monastério Masculino. Nunca tinha pensado nisso até o dia, no pomar, em que senti como se tivesse passado para outro nível de consciência, um sentir inédito. Quando voltei, algo me disse que eu deveria ser oblata. Imediatamente fui falar com o coordenador do Monastério e me candidatei. Em 1999, avisaram-me que eu coordenaria a Vida Criativa; período abençoado em que cuidei do salão de partilhas, recebia José e lhe preparava chás. No ano 2000 voltei para F2 a fim de, junto ao coordenador dos Plantios, focalizar o Setor Sementes, fundado em 1996.

O grupo cresceu. Como o espaço para o Encontro Geral em F1 ficou pequeno, foi transferido para o salão da Casa 1 de F2, que também não acomodou a todos. Muitos ficaram no refeitório ou até fora do prédio para escutar as palestras. Por amar e amar, Trigueirinho tornou viva a instrução *servir ao próximo*. Anunciou que o Abrigo 1, fundado em 1998, fora implantado na área para servir à população carente.



Ele apresentou o projeto de 10 suítes, discretamente acondicionadas num patamar abaixo, para receberem profissionais de saúde voluntários, que cuidariam dos enfermos. Quando o ciclo se encerrou, nas 10 casinhas instalou-se o Monastério da Sagrada Humildade, masculino.

O grande imóvel Abrigo veio a ser designado Casa 2 de F2. Tornou-se dormitório e acolheu o Setor Sementes. Hoje recebe servidores da Misericórdia Maria TV e uma das livrarias da Irdin.

No mais alto patamar de F2 reina a calma. Ao final da obra do Abrigo 1, nele assentou-se um labirinto de pedras ao ar livre, nos moldes do que existe no interior da Catedral de Chartres, na França.

O conjunto de F2 se completou ao ser edificado o auditório contornado por varandas. O bloco contendo o salão de partilhas foi chamado, a princípio, Abrigo 2. O grupo ficou no céu com o espaço gigante: 1.745,37 m², pavimento térreo, três mezaninos: o do salão e dois na Sala do Coral. *Cabem mil pessoas sentadas!*

Trigueirinho via além. Enquanto se discutia sobre a estrutura da obra, o alicerce, o telhado, perguntou: *Quantos colchões cabem no salão? Preparava a comunidade para o futuro: Sabe por quê? Isso aqui, em algum momento, vai receber colchões.* Considerou que o grande espaço abrigará pessoas em períodos conturbados do planeta.

Antes de ser finalizado em fevereiro de 2000, recebeu um Encontro Geral. Na garagem de um dos lados do prédio se estacionava a colheitadeira de grãos, que foi vendida, e se instalou a câmara fria para matrizes de sementes até tornar-se o refeitório do atual Monastério.

Os projetos dos blocos do salão, da Casa 2 e das 10 casinhas foram criados por uma jovem arquiteta de Campo Grande, Cristiane, que então morava em Figueira.

Fausto foi o mestre de obra, e diz no Livro 1 desta coleção:

FAUSTO DE JESUS Antes de as obras começarem, Trigueirinho as visitava para *dar o visto* daquele jeito tranquilo: *Está bem, vamos fazer. Isto tem de ser assim.* Eu memorizava e... vamos que vamos. Parece que ele tinha tipo... confiança em mim. Chegava pertinho, punha a mão no meu ombro... eu ficava até meio, né? Um belo dia, reuniu a turma toda de Figueira. Quem trabalhava parou para observar o círculo grande em volta de nós. A encarregada das obras de Figueira veio dizer: *Continuem, continuem. Não parem o serviço.* Aquela energia positiva de fato alavancou a construção; tudo saiu rapidinho.

F2 ficou pronta para receber o público externo quando o Reino Vegetal abraçou suas três principais edificações, construídas em patamares distintos. O auditório sempre lotou. Primeiro em Encontros Gerais bianuais do grupo com Trigueirinho. Nele se davam a maioria das partilhas semanais, encontros de mantras e apresentações musicais noturnas. Grandes eventos se multiplicaram e, após 2011, surgiram as Aparições dos Mensageiros Divinos.

Com o uso de critérios de segurança, como largura de corredores e distância entre cadeiras, a livraria Irdin precisou mudar-se do fundo do salão. Essa parede foi demolida para se acoplar uma tenda alugada e se acrescentarem cadeiras. O prédio recebeu melhorias, adaptações: a sala revestida de madeira, que abrigou o Setor Sementes, veio a ser do Coral, que tem duas salas vizinhas, a do Cerimonial e a da Tradução.

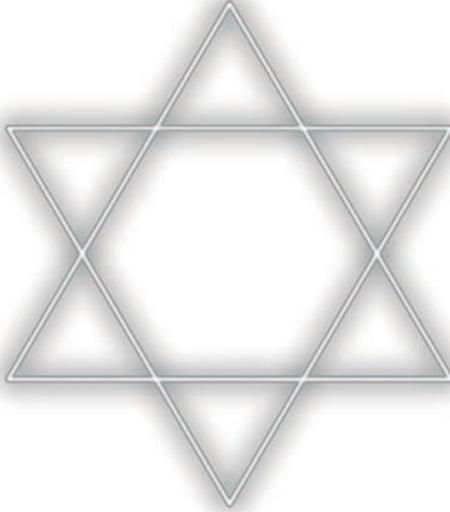
F2 é conduzida pelo Raio do Amor-Sabedoria. Em sincronia entre o universo subjetivo e o universo manifestado, hoje três grandes setores se interligam. Desenham uma conjuntura triangular, vinculada à Lei do Equilíbrio: o Setor Plantios, o Misericórdia Maria TV e o Casa e Áreas Externas. Seus coordenadores compartilham decisões e se complementam. Por exemplo, se o dos Plantios planeja um evento, os três se sentam. *Quantos colaboradores serão chamados para a manutenção dos banheiros? A Casa 1 pode hospedar tantos convidados e oferecer almoço para seiscentas pessoas? Ou um serviço de fora terá de ser contratado?*



PAULO ANTÔNIO MACHADO Ao ser manifestada, fomos convocados a visitar F2 e instalar um apiário antes das obras iniciarem. Clemente mostrou-nos os locais disponíveis, e fechamos acordo na clareira de um patamar protegido pela

mata, entre o antigo pomar de cítricos e os lagos. As abelhas responderam com farta produção por terem a mata em recomposição natural como pasto apícola, além do grande eucaliptal em terras vizinhas. Instalamos um segundo apiário próximo do futuro labirinto, entre alecrins-do-campo. Devido à construção do Abrigo, foi transplantado para perto do lago inferior. Em 2017, após o vizinho cortar seu eucaliptal, as abelhas foram ficando sem alimento e tivemos de relocar essas colmeias. Hoje são oito, bem supridas.

Figueira 2 Que sou eu?



Com áreas formadas, Trigueirinho disse ao grupo, em 2010: *Figueira não é uma só. Cada área tem a sua pergunta para nos fazer, que nos ajuda a irmos entrando no Caminho. Em F2, somos inspirados por “Que sou eu?”*

“O que sou eu realmente”, quem sabe dizer? Se você estiver vivendo em F2, coligado com toda a expressão de lá, tem condições de descobrir o que é. O lugar tem energia para ajudá-lo a responder.

Quem abre o portão verde penetra a rua reta de paralelepípedos, ladeada de eucaliptos imponentes. Eleva o olhar ao cume verde. Olha em frente. Os peregrinos percorre a senda simbólica rumo à vida pacífica. A 120 metros, a luz solene atrai sua alma. Segue. Vai reverente ao encontro da música nobre e de mensagens divinas.

F3 — ÁREA SILÊNCIO

A vida divina mostra-se sem reservas em alguns — os pioneiros —, a fim de os demais terem-na mais próxima e verem-se chamados a integrar-se na sua energia.
Trigueirinho



COM CERTEZA ELE SE DIRIGIA A UM LUGAR SAGRADO. O aprendiz estira com vigor a corda do sino de bronze. Observa o vaivém, atento ao badalo que anuncia sua chegada. Contempla a paisagem detrás de si, o vale Sohín ocultando maravilhas no âmago. Minutos antes, crescera em reverência ao abrir a porteira verde e guiar com delicadeza pela estrada de terra na crista do morro. Uma portinhola se abre. Recebe o sorriso da guardiã que lhe descerra a passagem para F3.

Ingressa envolto de respeito pelo nobre morador, Trigueirinho. Não o vê, mas sua presença é quase tangível. O aprendiz acompanha a guardiã à cozinha da Casa de Entrada. Toma chá. E a segue. Caminha leve, atento a cada passo. Passam pelos *trailers*, entram na longa varanda com portas. Ela lhe abre a de número tal, lista os horários em que lhe deixaria refeições na mesinha ao lado e lhe sugere passear pelos jardins e bosques em torno. A energia o convida a ser discreto para não macular o ambiente em que se ouve melhor o chamado de Deus. Naqueles dias, raramente vê alguém em mansa atividade. Uma onda de pureza o envolve, reflete o suprafísico que a alma busca.

Adquirido para se tornar um Monastério Eremítico informal, o costado do morro era um pasto com candeias e embaúvas. Passados 17 anos, a Área Silêncio recebeu a Ordem Graça Misericórdia.

Zara, residente da comunidade, vendeu uma casa de dois andares, doando o valor para a compra dos 21,26 ha, cercados por cafezais vizinhos. As terras foram postas em nome de outra residente, Maria Elza Brito Trapp, a Madre Anastácia, em 31.3.1993, e denominadas Figueira III. Após quatro anos, José Hyppólito Trigueirinho Netto as arrendou e, em 2013, foram transferidas para a Associação Comunidade Figueira.



Casa de Entrada após ampliação. F3, 22. I. 2009

Dois meses após a transação, o rádio tocou. Era Trigueirinho convidando Pólux para uma reunião na Casa 1, onde morava. Um projeto indicado pela Hierarquia estava sobre a mesa. Deveriam trazer para o plano físico o que existia em planos sutis. De pé, o instrutor indicou-lhe o que seria construído na área rural onde se instalaria o Monastério dos Contemplativos. Tudo precisava ser materializado: cercas, casas, apiário, energia elétrica, achar água pura, plantar árvores, abrir estradas, instalar antenas. Ofereceu a tarefa a Pólux, que respondeu de imediato: *Sim! Aceito! É muita coisa grande...* O instrutor retorquiu: *Você terá toda a ajuda necessária, externa e interna. Vamos começar logo.* Passados uns dias, marcaram a data de ele se mudar: 5.5.1993.

No topo do morro entrecortado de trilhas, Pólux deteve-se. Contemplou o céu celeste, montanhas à direita, a clareira cercada de mata lá embaixo. Foi sozinho para um *trailer* levando seus poucos objetos pessoais e ferramentas de trabalho. Tomava banho de balde, iluminava o escuro com velas e lanterna, e recebia refeições prontas diariamente. Desse modo, coordenou o trabalho na terra isolada.

Em seguida à entrada de Pólux no descampado, Trigueirinho anunciava em partilhas a manifestação de F3/Área Silêncio/Monastério Eremítico. Convidou residentes da comunidade e mutirões de fins de semana a conhecerem-na. Até o final da obra, Pólux aguardou aos sábados, às 14h, grupos levados por Germano ou alguém da Recepção. Primeiro oravam em círculo para ancorar a energia. E saíam em marcha desbravadora. Estacas demarcavam as edificações: *Aqui construiremos a Casa de Entrada. Lá, três casinhas para eremitas. Atrás da mata, o apiário. Temos dois lagos. Mais adiante plantaremos um pomar. Ali, eucaliptos.* Terminada a visita, deslocavam-se para o Salão de Partilhas.

Resumimos o relato no qual ele detalha movimentos do ambiente onde viveu 12 dos 14 anos em Figueira. Ao final da conversa, agradece eternamente à Grande Alma e Iluminado Ser, a quem secretariou:

PÓLUX Pouco antes de ir para F3, recebi o nome de uma estrela da constelação de Gêmeos e de um dos irmãos da mitologia grega, Pólux e Castor.

A sequência de tarefas a ser realizada fora programada, mas podia mudar segundo necessidades maiores ou imprevistos. O primeiro e demorado trabalho foi circundar a área com cerca, que cruzou a mata fechada e chegou ao pequeno lago, divisa do terreno vizinho. Os cerqueiros Cirineu e Dimas com suas duas turminhas de trabalhadores da cidade eram silenciosos, muito fortes e bem humorados. Furavam a terra com alavancas e bocas de lobo. Alinhavam postes e mourões com uma corda, pois *Seu Trigueirinho queria tudo retinho.* Depois vieram arames, suas amarrações e duas porteiras verdes. No lugar de uma, anos depois subiu o muro de entrada com portão de ferro.

Ao chegarem quatros bois, cercaram as casinhas, a torre do catavento, a antena parabólica fixada no chão e parte da mata para proteger nascentes e evitar que eles se ferissem no matagal. A turma do Cirineu também se revezava abrindo estradas com tratores.

Como passo seguinte, Samuel e um grupo plantaram sansões do campo e eucaliptos de borda ao longo da cerca, para proteger a área de energias intrusas e da poeira da estrada em frente à Casa da Entrada. Por todo lado foram surgindo bosques de eucaliptos, árvores nobres, pomares, jardins.

Questões burocráticas e práticas atrasaram a chegada da energia elétrica. Puxada do poste de um vizinho ao fundo, passava sobre a mata, o córrego e um lago. O transformador queimou várias vezes. Forças contrárias tentavam atrapalhar a manifestação da Luz e a missão de seus servidores.

Para descobrir água boa de consumo diário, veio um senhor experiente da cidade. Por uma semana, ele e eu andamos pelo terreno das matas, escorregadio, inclinado, perigoso, abrindo picadas com facão. Pelo verde da vegetação ele reconhecia onde havia nascentes: *Aqui tem uma, aqui outra*. Mas era necessário que jorrasse bem ou achar várias próximas para captarmos maior volume de água. Andamos por uma semana diariamente até achar umas sete pequenas, e definirmos o local do poço artesiano. Daí veio a turma do Dimas. E mais manilhas de cimento, valeta comprida aberta morro acima, bombas, encanamentos, caixas d'água, carneiro hidráulico, rodas d'água.

Pela primeira vez, Figueira contratou uma empresa de construção. Quatro pedreiros de São Paulo levantaram três casas de 4,40 m x 4,40 m, formando um triângulo no terreno, sendo a de Trigueirinho no vértice superior. Estrada acima ficava a quarta casa, a do rádio, onde Pólux morou. Têm paredes de tijolos duplos aparentes, além de um sistema de cintas de amarração, sem colunas. Fizeram a calçadinha em volta das casas. O prazo de entrega de três meses foi cumprido. O Setor Manutenção e colaboradores encarregaram-se de acabamentos como portas, janelas, pias, vasos, chuveiros, pintura. Diz o coordenador:

FABIAN MISSIONO José queria uma obra rápida. As casinhas minúsculas, feitas no meio do pasto, no meio do nada, têm dois pavimentos. Nós, da Manutenção, fornecemos a infraestrutura, com ajuda de trabalhadores. Imagine quantas valetas cavamos para passar tubos de água, de eletricidade, para-raios! No início, pegávamos o caminhão para iniciar as tarefas às 7h e saíamos às 17h.

Trigueirinho avisou que se mudaria em 1º de maio, *esteja tudo pronto ou não*. Em um mês! Resultado: trabalhávamos de quatro da manhã até meia noite. Éramos uns vinte. Até pintamos paredes externas à noite, pendurados num andaime. Duas colaboradoras de Belo Horizonte, Ghamma e Irene, ajudaram demais. Uma vez, passando um cabo de força, Ghamma apontou: *Olhem!* Uma nave física, tipo charuto cinza escuro, estava parada no alto. Todos viram, cansaram de olhar, já nem tinham motivo de ficar olhando. Ficou umas duas horas lá. *Bem, vamos prosseguir nosso trabalho aqui embaixo e deixá-la fazer o dela*.

O almoço individual chegava numa marmitta caramelo e marrom. Ghamma organizava uma cesta com pães da padaria da VC e outra com poncãs. Nosso desjejum era pão com poncã, lanche às 9h e às três da tarde: pão com poncã, cinco da tarde e nove da noite: pão com poncã. Estranho... até hoje sinto saudade desse pão com poncã, meu Deus!

Logo antes de Trigueirinho chegar, um mutirão de umas cem pessoas deu grande impulso, mesmo assim ele se mudou enquanto ainda finalizávamos.



Vista de um quarto de retiro, F3. 27.10.2007

Para se unir à área, o ser deve ter-se tornado *um portador do silêncio, manter-se em silêncio até enquanto fala ou realiza uma tarefa*, disse o instrutor. Tão logo as duas primeiras casinhas ficaram prontas, Artur e Sofia se transferiram para o Monastério Eremitico, dias antes de 8.8.1993.

Previu-se haver poucos moradores em F3, sete, a princípio. Ali as pessoas não correm nem param. Todos e tudo se ajusta conforme surgem tarefas e necessidades. Abaixo das três casas, nos anos seguintes veio a oficina, que guardava ferramentas, equipamentos, o tratorzinho verde. Para um quarto pequeno dela mudou-se o terceiro eremita, Francesco, hoje Frei Luciano. Apoiava a manutenção e principalmente os plantios da área e dos eucaliptais. Utilizava cuidadosamente o trator e implementos. Tinha grande conhecimento sobre alimentação. Em seu quarto, dedicava-se a leituras e ao silêncio interior.

Johana morou em *trailer* e logo numa casa a fim de agilizar a revisão de publicações de Trigueirinho, além de boletins informativos, cartazes e demais projetos gráficos e editoriais da comunidade.

Em distintos planos do patamar intermediário, ainda chegaram uma marcenaria e o curral para bois e cavalo.

A Casa de Entrada com 9 m x 9 m foi erguida na parte mais alta do terreno, próxima ao portão de entrada, para residentes com atividades na cozinha, manutenção, lavanderia, recepção e no jardim. De imediato recebeu acréscimos: cozinha maior, varanda, duas salas grandes. Os pedreiros não paravam.

Após o lançamento do livro *Praxis Vertebralis*, em 1996, tornou-se um dos setores de cura de Figueira. No andar superior, novos cômodos foram destinados a atendimentos. Um salão embaixo veio a ser usado para reuniões, estudos, ensaios de membros do Coral. Atrás da nova cozinha se instalaram dois *trailers* e dois quartos para hospedagem ou para pernoite de pacientes em tratamento. O ritmo de atendimentos era intenso, manhã, tarde e noite. No presente, a casa abriga um monastério masculino da OGM.

No meio do caminho entre o portão de entrada e a residência de Trigueirinho, à direita, surgiu a Casa do Rádio, assim chamada enquanto a comunicação interna de Figueira, bem como a de seus Núcleos, dava-se através de radioamadores. Ela recebeu mais de uma reforma e tornou-se um estúdio do Setor de Imagem e Gravação, em que Trigueirinho editou áudios de palestras e, estando mais recolhido nos últimos anos, partilhas ao vivo eram dali filmadas e transmitidas.

Após sua partida para outros planos, pelos arredores de F3 frutos se multiplicam, flores lançam sementes. Em adição à madura beleza natural, desde 2020 foi ativada uma agrofloresta: horta combinada com pés de frutas e árvores raras.



PAULO ANTÔNIO MACHADO No início de F3, o grupo foi convocado a definir o local do apiário. Maurício, um residente, fez conosco o tour. Entregou a *pièce de résistance* ao final do percurso:

uma clareira com um jacarandá mimoso guardando no tronco um ninho de manduri – uma espécie de abelhas sociais sem ferrão, nativas do Brasil – sinal do ambiente ser correto. Trigueirinho nos disse que em F3 estava o verdadeiro apiário de Figueira, pois o Reino das Abelhas é conectado com as energias

*Do grupo do apiário,
envio estas impressões do Artur, do monastério
eremítico em F3, como testemunho do trabalho
grupal das almas, no apiário.
Amor e Luz,
em união,*

Domingo 11.06.95

Domingo, 11.6.95

Ao grupo do apiário,
envio estas impressões do Artur, do monastério eremítico em F3,
como testemunho do trabalho grupal das almas, no apiário.
Amor e Luz,
em união, Trigueirinho

Sábado, 10 de junho de 1995, 18h

Trig.

Ontem à tarde, antes de começar a preparar o aceiro para a patrol, sintonizei com a entidade regente das abelhas, já que estaria trabalhando ao lado do apiário. Vesti-me com roupa e capuz protetores, mas por elas e não por mim: não queria que atacassem, pois perdem o ferrão e morrem.

Ocorreu que trabalhei sem que nenhuma abelha se aproximasse do trator, apesar de ainda estar sob a luz do dia e de passar várias vezes em frente ao apiário. Além disso, assim que anoiteceu (noite clara), rocei todo o apiário, passando com trator a poucos centímetros das caixas e, durante o trabalho, elas não enviaram nenhum guarda – o que, salvo engano, não é normal no que se refere ao comportamento delas em relação às máquinas e maquinistas (evitava apenas lançar os gases do escape e o farol diretamente sobre a caixa por muito tempo).

Havia uma energia nobre presente. Era uma espécie de comunhão, algo mais que gratidão e reverência juntos. Era, também, como se elas soubessem o que eu estava fazendo ali, e como se tivessem dado permissão para isso e, também elas, fossem, de algum modo, gratas por aquilo. Mas era uma união com a divindade dentro delas, com a mesma essência que estava no trator, no ruído constante do motor, nelas e nestes corpos. Ao tentar narrar-lhe agora, pode parecer um pouco complicado, ou elaborado, mas, enquanto vivido, era simples, despojado e alegre.

Bem, tudo isso é só para dizer que o apiário de F3 é local para certos trabalhos de cura. A vibração ali é totalmente diversa da que existe do lado do pomar, vizinho a ele – e que também está bem. É incrível como podem ocorrer diferenças tão marcantes em locais tão próximos. Mundo de milagres, Figueira.

Tive de permanecer vigiando a área onde queimamos os “restos” da cobertura do bosque próximo à cerca; para evitar eventual incêndio, fiquei recolhido no apiário e no pomar. No apiário pode-se fazer até trabalhos de sono, curativos, desde que acompanhados, (acho que por mim e/ou por Clemente). Serve, também, para trabalhos de harmonização silenciosos, a princípio, sempre para pequenos grupos. Grato por tudo, A.

eremítica e de oração. Percebemos a urgência em trazer uma primeira colmeia, num movimento simbólico. Instalamos uma caixa pequena com uma família de *Apis mellifera*, e comuniquei o fato a Trigueirinho exatamente no dia em que um grande mutirão dava acabamento nas casinhas, antes de ele se mudar. Só depois alojamos outras seis famílias na clareira.

Na Área Silêncio pulsa um canal da luz oculta nas entranhas da terra. Muitos planos de consciência refletem a vida de Mirna Jad, que nutre e protege cada ser humano, cada casa, cada planta, ave e animal da Comunidade-Luz Figueira.

Qual é o propósito da criação? Segundo ele instruiu em 2010, essa a pergunta a ser colocada por monges e demais pessoas presentes em F3. Ali já fora introduzido um monastério da OGM, quando ele disse: *No Monastério do Silêncio existe a energia para você ir aproximando-se da indagação 'para que tudo existe?', e captar a sua própria resposta, a que você deve saber a respeito da Criação. Poderia assim reconhecer com mais facilidade os seus irmãos, não exatamente iguais a nós, que estão em outros níveis de consciência. Você vai entrar num nível de consciência que o prepara e abre as portas para viver em mundos um pouco mais avançados e que necessitam que cheguemos a eles. Porque quando a gente chega, libera seres que estão lá aguardando para seguirem para mundos mais avançados ainda. Esta é uma evolução em cadeia.*

Atento a fatos cósmicos tanto quanto ao cotidiano e à necessidade individual de cada buscador, Trigueirinho guiava através do profundo silêncio do ser.

Um dia, o aprendiz parte vendo a vida com outros olhos. Agora, cabe a ele zelar pela irradiação recolhida, que ocultamente espargirá pelos caminhos. Outro peregrino toca o sino. A janelinha se abre. Ele ganha um sorriso e atravessa o portal da morada do silêncio.

TRIGUEIRINHO EM F3

A beleza oculta-se na simplicidade.
Trigueirinho

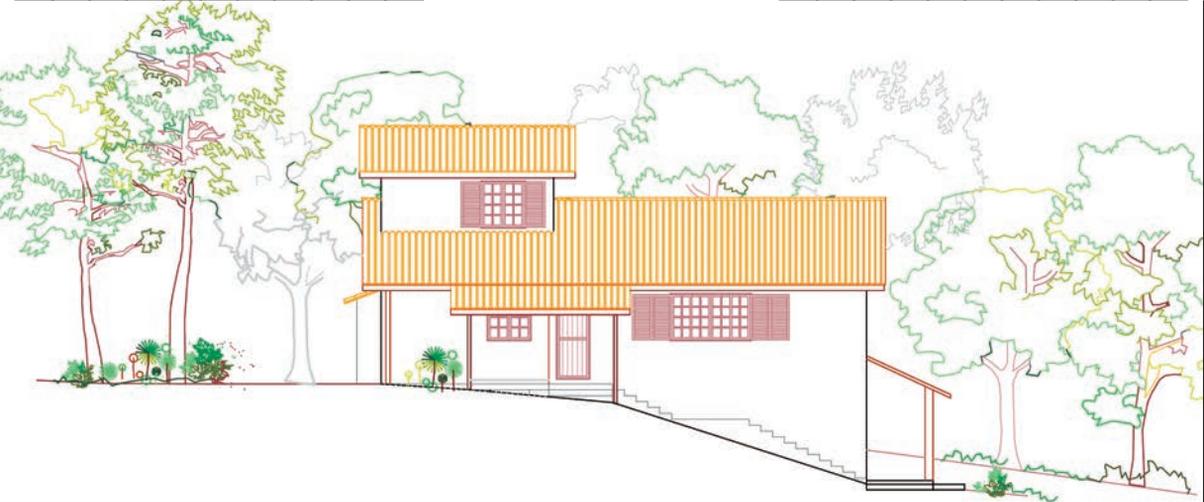


FATOS E DESCRIÇÕES ACERCA DA ROTINA DO MESTRE são pormenores diante da magna beleza de seu serviço ao plano divino. Uma vez telefonei para sua casa. Atendeu com um tom de voz que ecoou fundo em mim. A certa altura disse-me estar em retiro, organizando o mundo interno das comunidades. O que isso significa? Que clarões lançava para corrigir nosso caminho?

Era domingo quando, finalizada a partilha das 13h, mudou-se para a Área Silêncio. Antes de ele chegar, Lucinei ajustava a antena parabólica no gramado, pois Trigueirinho acompanhava diariamente notícias do Brasil e do mundo. Dentro da casa, Pólux analisava a tela da televisão. Transmitiam a corrida Fórmula 1, e nisso Ayrton Sena desencarna. Lucinei e Pólux não se esquecem: era 1º de maio de 1994.

Cinquenta livros o instrutor publicara antes dessa data. Na Casa 1 de F3 viveu por 23 anos. Escreveu mais trinta. Nunca usou computador. Sobre uma bancada em L fixa nas paredes da saleta adaptada a escritório, pousava sua notável máquina de escrever, junto a pastas, anotações e folhas soltas. Rompia dias e madrugadas datilografando horas seguidas. Era rapidíssimo. Ouvindo-se de longe a batida do teclado, parecia que as frases nunca terminavam. A pausa de segundos era para trocar o papel.

Do portão de entrada à sua residência se desce 360 metros pela estrada de cascalho. Ladeada do bosque de eucaliptos reflorestado de um lado, é coberta de mata nativa do outro. Trigueirinho usualmente permanecia em casa trabalhando. Saía para dar partilhas às terças — mais tarde trocadas para quartas —, sábados e domingos. Se necessário, viajava. Realizava reuniões em casa, muitas de madrugada, e em áreas da comunidade. Após 2000, editava palestras em estúdios de gravação de F3 e era levado até a Irdin Editora para aprovar lançamentos. Reunia-se com o Conselho na Casa de Entrada, um de seus constantes



A fachada de dois pavimentos, à esquerda, descreve a casa original de Trigueirinho. Ampliada, ganhou, à direita, a sala de trabalho e, no piso abaixo, sua biblioteca.

pontos de trabalho. As terras onde residiu nunca lhe pertenceram, mas ao grupo. O mestre da humildade, que amou e cuidou da Natureza, vivia cercado de verde e do canto de aves. Entre seus secretários, Pólux foi o primeiro de F3, cargo que ocupou por 12 anos, até 2004.

PÓLUX Trigueirinho morava em uma das quatro casinhas iguais do Monastério Eremítico. A varandinha de entrada dá na saleta, em que duas portas se abrem para o banheiro e a cozinha. Cada canto da casa era bem aproveitado. Acima da pia tem uma prateleira, onde ele guardava chás especiais que sempre ganhava e em outra, abaixo da pia, depositava alimentos. Um minitaque ao lado da pia tinha acima um varalzinho para secagem de roupa. Debaxo da escada se instalou uma estante com portas. Os degraus para o segundo andar eram usados como prateleiras para pastas e livros. O dormitório do segundo piso tinha janelas de correr em três paredes, com telas para barrar insetos, cama, mesinha de cabeceira com abajur e um armário embutido.

Na parede entre o banheiro e a cozinha foram fixados o rádio e abaixo a tabela com o número do canal de cada área, casa e coordenador de setor. Ali ele colava notas para se lembrar de algo importante. Na realidade, nunca se esquecia de nada. Tinha tudo presente na mente e no coração.

Sobre a mesa de trabalho ficava a máquina de escrever; às vezes deixava uma foto ou desenho ao lado. O único quadro que por um tempo lembro ter visto na parede de sua casa foi a foto de Sri Aurobindo, em preto e branco, tirada ao final de sua missão na Terra, o cabelo e a barba brancos e longos.



Trigueirinho ao lado de sua morada, em F3, cercada de matas, bosques e pomares. 16.3.2007

Movido pelo amor a tudo, a todos, o instrutor dormia cerca de duas horas por noite. Às vezes, nem dormia. Viviam ininterruptamente ocupado, a executar serviços em planos suprafísicos e físicos.

Além de acompanhar o despertar espiritual do grupo e o movimento dos setores, tinha alto senso intuitivo de cuidado com cada residente. Se percebesse uma deficiência em alguém, solicitava ao Setor Cura um vidro de vitaminas e medicamentos naturais de Clemente. Esse alguém se surpreendia ao chegar ao quarto e encontrar um pacotinho embrulhado sobre a cama. A mesma atenção dava a trabalhadores de F3 e a pessoas que sequer conhecia.

Detalhista, tudo o que fazia era bem feito. Escrevia, compôs músicas, recebia quem lhe solicitava ajuda, dialogava de forma escrita e falada — via rádio, telefone, mais tarde, e-mails. Todo dia chegavam cartas e bilhetes de pessoas em Figueira, de outras cidades, às vezes, do exterior. Sempre respondia enviando junto um livro, objetos, palestras gravadas, o que provocava alegria e transformações no interlocutor.

PÓLUX O movimento de correspondências era intenso! Tínhamos os horários de malotes fixos, que cotidianamente recebíamos e enviávamos para as áreas e a cidade — Secretaria e Recepção. O transporte passava de segunda a sexta, em cinco horários fixos: às 5h, às 10h, às 14h, às 16h e, o último, às 18h30. Variavam às terças, sábados e domingos por causa das partilhas. Caso surgisse algo urgente a enviar fora do horário, eu chamava um colaborador com carro, que vinha de outra área recolher e entregar o malote.

Nas varandas de Trigueirinho e de Artur havia casinhas de madeira cor branca, tipo de aves, onde eu deixava malotes e refeições. Abaixava uma madeirinha avisando a entrega, que eles subiam ao deixar nova encomenda.

Um sino grande anunciava a chegada de um transporte ou de alguém. Quem estava mais próximo abria o portão. Eu morava a 200 metros. Subia e descia a estradinha várias vezes ao dia. Nunca calculei, mas andava quilômetros.

Minha principal tarefa era acompanhar Trigueirinho nas palestras, ajustar seu microfone, gravar o som ao vivo — de partilhas, encontros diversos, Coral — fazer cópias de gravações, estocar rolos e fitas gravadas. Eu tinha a função de guardião e colaborador mais próximo dele. Diariamente nos encontrávamos várias vezes. Eu andava com o rádio na cintura, ligado 24 horas para contato com ele e os setores. Após anos de convívio, ele não chamava meu canal como a outros: *Fulano, é você na escuta?* Falava direto o que precisava. Acompanhava o dia a dia de Trigueirinho e o dos monges, dedicados a atividades práticas e ao principal, o trabalho dentro da consciência eremítica.

De manhã, ele esquentava água num aquecedor elétrico e preparava o chá, que tomava com pão, frutas, mel. Por volta das 11h30, eu lhe deixava o almoço em uma marmitta alaranjada redonda com divisões, a salada separada. Entregava o mesmo para os eremitas. Às 18h levava-lhes caldo em garrafinhas, que tomavam acompanhado dos alimentos do desjejum. Garrafas e marmittas eram identificadas com o nome de cada um.

Por anos usei no pescoço um colar de contas que Trigueirinho me passou. Tinha ligação com a energia de Sarumah. Depois lhe devolvi, muito grato. Rir fortalece o sistema imunológico, deixa as coisas mais leves. Em alguns momentos lhe contei piadas curtinhas. Ríamos juntos, ele sabia que eu era assim por ter vindo da fronteira com o Uruguai, a 200 km de Aurora. Acho que fui o primeiro gaúcho a chegar a Figueira.

Junto à casa da Sofia surgiu a casinha de tijolos do Nuk, cão alegre que vivia entre ela, Artur e Trigueirinho. Os pedreiros fizeram também um acréscimo na casa de Artur e, em 1996, na casa de Trigueirinho.

FABIAN MISSIONO A certa altura, rebocamos por fora os tijolinhas à vista das casinhas, porque davam problemas de infiltração, e pintamos as paredes de bege. José tinha muito trabalho, muito papel, exemplares raros de cunho espiritual, livros de consulta e o estoque de publicações dele mesmo e de outros, para enviar de presente. Por isso, a casa ganhou a sala de trabalho com 5 m x 3,5 m e a biblioteca com varanda, no piso abaixo.

Tudo mudava rápido, especialmente em torno da casa dele. Apesar de sombreada por árvores, a Natureza se recuperou de forma impressionante. Até a grama na sombra era vigorosa; fui um dos que organizava seu corte, feito com a roçadeira costal pesada e barulhenta. Sofia cuidava de José e da limpeza geral. Artur nem via o sol, envolvido com a escrita dos livros, a todo vapor.

José sempre me chamava para conversar. Muitas vezes me recebia de robe; tinha esse hábito também com outras pessoas. Descobri depois que se recebe de robe os que são próximos.

Zara auxilia a Obra desde os primórdios de Figueira. Na foto, mostra a dedicatória que o autor lhe deixou no livro *Mirna Jad, Santuário Interior*. Esteve na aura do instrutor por longos períodos. É das almas com maior afinidade com a energia de F3. Incansável, enquanto concretiza necessidades práticas, encontra valores espirituais no dia a dia.



ZARA Nada do que Trigueirinho fazia parecia ser físico. Uma colega de trabalho me passou a gravação *A Energia Monetária em Nossas Vidas*. Pensei: *Meu Deus, trabalho num banco, mexo com dinheiro, ainda vou ouvir fita de Trigueirinho sobre dinheiro!* Mas obedeci.

Ele falava algo simples, mas, depois que o ouvi, alguma coisa foi mudando em mim. Até hoje não sei explicar como o que ele fala entra em nossas vidas. Porque não é o que ele fala. É uma outra coisa. Não sei o quê nem como isso acontece.

Estive um período em F3 com as tarefas de dar suporte à alimentação dos moradores, cuidar dos malotes, do trabalho com animais e de outras necessidades. Por isso, sempre tinha contatos com ele.

Pela manhã, eu descia para lhe entregar o jornal e o malote. Ele caminhava tomando chá, olhando em volta. Em frente à casa havia mudas de manjeriço, que atraem abelhas e repelem outros insetos. Em volta foram plantadas casuarinas. Tinha um pé de jacarandá próximo à porta do escritório. Outro perto da garagem atrás da casa. Depois ele voltava para seus trabalhos.

No almoço, eu lhe deixava a marmitta na prateleira da varanda, de mansinho. Aproveitava para ver os animais no curral mais abaixo ou alguma outra coisa. Daí a uns vinte minutos subia. A marmitta estava no mesmo lugar, limpinha, sequinha, do jeito correto para ser devolvida para a Casa de Entrada.

A presença do Trigueirinho é eterna. Diariamente está em minha vida. O que faço, de manhã à noite, sempre me traz a lembrança do que ele era.

Ele vivia aquilo que o grupo tinha de viver. Vou dar um exemplo sobre alimentação. Só queria comer aquilo que o grupo comia. Se, por acaso, eu tentasse fazer uma coisa diferente, logo percebia: *Fez para todos?* Eu tinha de fazer o mesmo para todos.

Busquei o almoço por um tempo no Núcleo Coração Sagrado. Disseram, uma vez, que o feijão era requentado. Resolvi não levar. Deixei a marmitta para ele, e logo me chamou no rádio: *Não teve feijão hoje?* Falei que sim. *Por que não trouxe?* Eu disse logo: *Tá bem, Trigueirinho, vou lá buscar.* Voltei. Ele sabia de tudo sem a gente contar.

Eu achava interessante o acompanhamento diferenciado que dava às pessoas de acordo com suas reais necessidades. Alguém que não se adaptou com a alimentação lhe falou: *Não posso ficar aqui porque não consigo comer a comida de vocês.* Ele respondeu: *Não! A comida não é motivo para você sair. Diga o cardápio que quiser e vamos fazer.* Isso aconteceu. Preparávamos o mesmo alimento para todas as áreas; ele abriu mão de princípios alimentares para comermos o que a pessoa queria.

Vou dar outro exemplo, um pouco pessoal. Quando fui morar em Figueira, a pessoa com quem eu era casada foi junto, mas entrou em conflito; estava difícil para ele. Trigueirinho cuidou dele. Se mudasse de área, levava-o junto; ficou num *trailer* ao lado do dele, em F2. E lhe comprava alimentos diferentes.

Como alguém do nível dele se ocupa assim de pormenores de um outro? Aquilo me colocou ainda mais firme no trabalho.

Ele acompanhava de perto quem se hospedava em F3. Uma visitante veio dos Estados Unidos. Outra, da Argentina. Eu arrumava os quartos e banheiros, e ele aparecia para verificar se faltava algo. Isso me impressionava. Ao final, dizia: *Vou completar com objetos que me doam.* Trazia e ajustava tudo melhor.

Um sinal me vinha sempre que acontecia uma mudança importante na comunidade. Na primeira vez que Trigueirinho se recolheu, eu não sabia de nada e, à noite, sonhei com ele de branco muito feliz; e me olhava. Não entendi até me contarem que ele estava com problema de saúde. Aí, respondi: *Ele se recolheu muito bonito.*

Por isso e tanto mais digo, se alguém pergunta: *Que foi Trigueirinho para você?* Respondo: *Trigueirinho foi um pedaço do céu que caminhou entre nós.*

Na primeira década do século XX, em nova fase do trabalho, Augusto, o Frei Zeferias, e Mariah, a Madre Isabel, eram transferidos até três vezes ao ano dentro de F3, ora para um *trailer*, ora para uma casa, um quarto. Ele foi vizinho de Trigueirinho e editavam palestras juntos. Certa hora, o instrutor lhe disse para sempre levar lápis e papel consigo e anotar músicas que captaria. Ou seja, tudo indica que, de antemão, soubesse que Augusto receberia uma música à noite.

O jovem fazia constantes vigílias na Oca, sempre de madrugada. Ele narra: *Toda vez que eu passava ao lado da casa de José, voltando da Vigília Permanente, escutava um som, às vezes sutil, às vezes intenso. Agora já não se escuta mais. Naquela madrugada, durante a vigília, ouvi o cântico Mirna Jad dentro da minha cabeça e, a partir daí, canalizei muitas músicas. No caminho recorrente para casa, tive uma experiência fortíssima. Vi uma imensa nave, uma esfera de luz branco-azulada, como se caísse em cima da casa dele. Chegando perto, nossa!, não vi mais nada; mas a visão foi um impacto.*

Era um senhor na casa dos oitenta anos, quando enfermidades começaram a se apresentar a Trigueirinho. Monges então se revezavam como acompanhantes, apesar de ele a princípio resistir e até ficar bravo.

FREI BERNARDO Decorria 2012, quando morei um ano e meio com ele, na fase em que precisava de cuidados de saúde. Eu fazia a cerimônia de comunhão sozinho e lhe entregava a hóstia consagrada. Isso, sempre à noite, que era quando as atividades permitiam. Uma das vezes, falei: *José, estou indo por uma hora mais ou menos para o trabalho de oração e de comunhão.* Eram umas sete, oito da noite. Ele respondeu: *Vamos. Pensei comigo: Como, vamos?* Repeti que estava indo, e voltou a dizer: *Vamos.* Perguntei: *Vai fazer junto?* José disse que sim.

Foram seis meses assim: toda noite ele mesmo montava o cerimonial no escritório: dividia o espaço com um biombo, pendurava o *banner* de Cristo, ajustava a mesinha, eu colocava os elementos da comunhão. Ele mesmo conduzia o ritual de maneira muito simples. Íamos fazendo as orações da Ordem na seqüência, página por página, a cada dia avançando. De repente, instalava-se um silêncio e ele pedia para as hóstias serem consagradas. E comungávamos.

Antes disso, no preparo, enquanto o Arjuna e a Lurdes, os cachorrinhos, não silenciavam por si mesmos, José aguardava conversando com eles até se darem conta que teríamos o momento de oração. Às vezes demoravam uns

5 minutos, às vezes até 15, porque Arjuna era inquieto. Quando iam para as caminhadas espontaneamente, iniciávamos.

Depois de comungarmos se implantava um silêncio muito potente. Claro, vinha da consciência dele, que não o interrompia até algo externo sinalizar, Arjuna latir, o telefone chamar. Houve um dia mais especial, ficamos meia hora em silêncio. Experimentamos a comunhão extremamente profunda pelo grau de silêncio e de verdade que se instalava.

Os anos correram até, em meados de 2017, Trigueirinho passar um período na Sagrada Casa Irmão Pio, enquanto sua residência entrava em obra. Contudo, voltava semanalmente ao estúdio de F3, montado na antiga Casa do Rádio, onde Salvato e filhos filmavam suas partilhas, transmitidas ao vivo via *net*. Diz a arquiteta responsável pelo projeto:

VANILDA GONTIJO Mesmo tendo vida ativa, como Trigueirinho estava em condição de saúde debilitada, chegou-se à conclusão de que não deveria subir a escada para utilizar o quarto. Por isso, desceram sua cama para o fundo do espaço de trabalho, que ficou bem congestionado.

Quando surgiu a ideia da ampliação, fui conhecer a casa. Fiz a proposta, e ele aprovou a reforma: um quarto separado do escritório, tendo um banheiro amplo com banheira para banho terapêutico e acessibilidade a cadeira de rodas; um quartinho para o monge acompanhante e um área pequena de serviço. Também uma garagem coberta, como facilitadora, pois a casa era cercada. Não tinha acesso próximo para veículos e, ao chegar, ele andava uma distância razoável, muitas vezes à noite, debaixo de chuva.

Antes de a obra iniciar, a argentina coordenando a Casa de Entrada o conduziu até a Sagrada Casa Irmão Pio. Ele retornava para a sua primeira moradia na fazenda. Nesse ínterim, pouco antes de a reforma de três meses ficar pronta ele teve um AVC leve. O grupo achou melhor que permanecesse onde estava um tempo a mais. Trigueirinho faleceu um ano depois, sem ocupar a casa renovada. A humildade dele era tão grande; parece que seu ser a considerou demais...

O instrutor preparou discípulos para prosseguirem a Obra. Cumprido o objetivo, partiu. De certa forma, os seguidores partiram com ele. De certa forma, seu esplendor, que transcende nosso entendimento, oculta-se no interior dos que o amam.

OCA DA VIGÍLIA PERMANENTE

*A vida percorre caminhos silenciosos,
e seu mistério não pode ser penetrado
pela razão.*
Trigueirinho



O TENSO MOMENTO PLANETÁRIO EXIGIA MAIS UM SERVIÇO poderoso, unido à vigília das últimas quartas-feiras do mês. A ação grupal multiplicou forças ao iniciar a Vigília Permanente na Casa do Silêncio, em 1º de outubro de 1995. Pouco antes abrira a Vigília dos 12, focalizada pela residente argentina Teodora. Segundo Trigueirinho, *o serviço silencioso constituía a sustentação espiritual de Figueira.*

Dia e noite, vigilantes se revezavam a cada duas horas. Treinavam estar alertas, conectados a níveis profundos, em estado de perfeita calma. Caso um faltasse, era substituído pelo coordenador da casa ou quem nela morasse, como Clemente, que sempre supria ausências. O trabalho era aberto a residentes, estáveis, colaboradores, visitantes. Bastava inscrever-se no Monastério 5 ou na Secretaria Geral. Uma manhã por semana era interrompido para a limpeza do espaço.

Trigueirinho designava quem compunha a Junta da Vigília, quem tinha tarefas internas, além de montar a escala de revezamento e as tabelas fixadas nos quadros de avisos das casas contendo horários e nomes dos partícipes.

Mas cinco anos antes, pioneiros plantaram o Bosque da Vigília ou da Harmonia, acima do morro da Casa do Silêncio, cruzando a estrada.

RONER Trigueirinho convidou o grupo de Ipatinga, MG, para plantar os eucaliptos. Eu estava a trabalho na cidade e, entre 1990 e 92, vinha com metade do grupo, que se alternava com a outra metade quinzenalmente. Junto vinha um especialista em eucaliptais. Trouxemos centenas de saquinhos com mudas de uns 25 cm, que enterramos em berços, de acordo com o distanciamento específico. Perdemos muitas, pelo ataque de formigas. Existia uma técnica, envolver nos troncos uma espécie de saia de plástico para dificultar o acesso das cortadeiras. Às vezes adiantava, às vezes não. A rega e a manutenção ficavam a cargo de

Estamos confirmando a sua participação na Vigília do Grupo dos 21 a ser realizada no dia 10/11/98 (3ª feira) no período de 22h30 às 23h30. Lembramos que o grupo deverá encontrar-se na porteira de entrada da área 15 minutos antes do horário marcado.

Sec-Cat



Cada vigilante recebia uma mensagem confirmando sua participação em vigílias grupais. A Oca da Vigília Permanente. 12.8.2022

Figueira, e Clemente supervisionava o movimento de perto. No domingo, ao terminarmos, próximo da hora do almoço, Trigueirinho nos chamava para uma reunião. Não só para falar de coisas práticas, mas sobre o processo sutil ali acontecendo. Após uns dois anos, revelou-nos que o trabalho era para ancorar uma nave laboratório de cura. Nada mais aprofundou além disso.

Quatro anos se passaram até, junto ao bosque, Clemente montar um espaço inusitado para pernoite individual. Abriu uma porta num grande tambor metálico e o instalou sobre uma plataforma com quatro pés de madeira altos. Dentro, aconchegou um colchão. Ao anoitecer, o voluntário olhava as estrelas, subia a escadinha e deitava-se no confortável abrigo. Sons da noite embalavam seu sono. Depois a *Vigília Permanente* se transferiu para uma barraca armada dentro do bosque.

Em uma reunião semanal da Junta de Acompanhamento da comunidade, Trigueirinho abriu a planta arquitetônica de uma casa de vigília envidraçada dando para o vale. Pediu opinião, e um dos membros ponderou: *Mas José, a gente mal está dando conta de manter o que já temos construído...* Ele dobrou a planta em silêncio, encerrou a reunião, e se foi. Foi após o seminário promovido pela Equipe de Ação

Imediata sobre habitações para tempos de emergência, dado pelo engenheiro e membro do grupo de Brasília Roberto Zucca, que o instrutor decidiu construir uma oca indígena em formato elíptico.

Diz uma coordenadora do grupo de Brasília:

NEYDE BARRETO Roberto adaptou um projeto oriundo da Universidade de Brasília e conduziu a obra. Os bambus utilizados na estrutura foram minuciosamente preparados para evitar as pragas naturais da planta, antes de passarem por um processo de curvamento para se ajustarem à forma da oca.

A cobertura demandou estudos, e as folhas da palmeira do babaçu foram levadas de caminhão da Aldeia Olhos d'Água, próxima a Brasília. Junto seguiu um artesão palheiro para orientar o grupo sobre o manuseio e manutenção. Após as chuvas, a cobertura foi aprovada. A potente energia de 7º Raio se manifestou através dos construtores, na perfeita fixação das peças de bambu no trançamento de sisal e das folhas da palmeira. A oca tem uma abertura de cada lado e chão de paralelepípedos. Com cerca de 60 m², comporta umas quarenta pessoas.

Um residente participou de trabalhos práticos e internos:

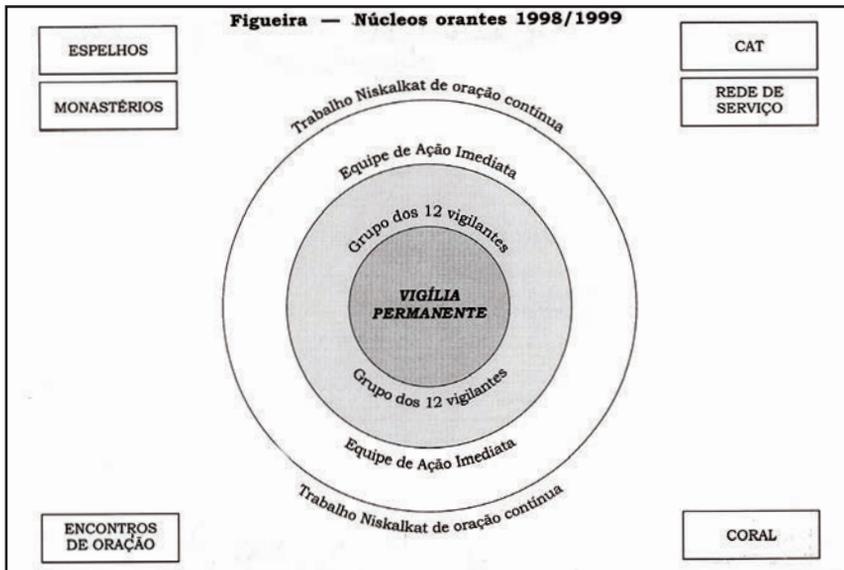
PAULUS A construção da oca foi um trabalho minucioso, feito com grande amor. Cirineu ajudou a cortar bambus pela redondeza e montou o caminho de pedras do portão de entrada até ela. Deixou uma marca inédita nas atividades do setor Manutenção, que instalou a parte elétrica. Sempre fizemos mutirões de ordenação da área e, a cada quatro anos, renovamos a cobertura com folhas de babaçu da região.



A Vigília acontecia de forma individual ou em encontros grupais de 12 ou de 21 vigilantes. A oca começou a ter histórias, como a do lobo guará que uma madrugada lambeu o rosto de um senhor, que cochilara. Vigilantes captavam a presença indígena em visões do mundo sutil. Uma os viu dançando em torno da oca. Outra, cuidadora de cães, após entoar um mantra indígena, percebeu um grande cachorro

entrar, seguido de longa fila de cães com tamanhos e cores variadas, que se prostraram aos pés dela em semicírculo, cobrindo o chão.

Eu tinha um horário de 20 às 22h. Dez minutos antes do término, chegava o próprio Trigueirinho para o horário seguinte. Eu saía pontualmente. E ele entrava. Vinha e voltava a pé para F3, sozinho, à meia-noite. A presença dele era incentivadora.



A Oca da Vigília Permanente. 12.8.2022

Lê-se em uma placa verde fincada ao pé de um dos eucaliptos do bosque: *Dedicada à união da Consciência Indígena com a Solar*. E em outra: *Dedicada à energia feminina na Consciência Indígena*.

Com base na partilha *Lugares Sagrados de Figueira*, de 2010, Trigueirinho, diz: *O Bosque da Harmonia contém um dínamo que impulsiona ao contato com a consciência indígena, ali instalada para nos dar instruções. Ali estando a consciência indígena e estando a consciência essênica, está a chave do conhecimento e da sabedoria. Os essênios se contactavam com espelhos do cosmos, espelhos que têm a ver com os que existem na Oca da Vigília, em matéria de comunicação.*

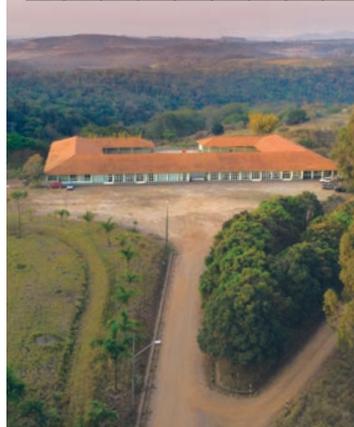
Em vigília na Oca teríamos que nos considerar acompanhados por consciências que foram preparadas para resguardar, num certo sentido, tudo aquilo que podemos aprender. Deveríamos sentir-nos acompanhados pela consciência crística do universo, do cosmos, do Cristo cósmico que representa, para nós, a síntese da energia do amor que na Terra desconhecemos. A área pode tornar-se um lugar onde recebemos instruções.

A aspiração ardente dos vigilantes ali criou um núcleo interno que se irradia, harmonizando o dia a dia de personalidades e de almas.

NÚCLEO SOHIN

*Não busqueis confirmação material
para fatos que não pertencem aos
arquivos de conhecimentos terrestres.
Buscai a Luz, que ela vos indicará
o caminho.*

PORTAS DO COSMOS, Trigueirinho



O VALE SOHIN SE ONDULA por serras, campos cultivados e caminhos de terra até tocar montanhas ao longe. A imensidão verde e dourada evoca a eternidade. Guarda mistérios.

Trigueirinho almejava encontrar um espaço para seres abnegados prestarem serviços de cura, em glória à Fonte Única. Sua consciência atraiu terras com matas e vista aberta para o vale. Nelas subiu ampla edificação com jardim interno recortado em patamares. Na região dizem que parece ser um hospital, termo próximo para curas materiais e cósmicas que ali ocorrem, porém não em moldes antigos.

Cinco respostas do instrutor, impressas no informativo *Sinais nº 4*, do primeiro quadrimestre de 2004, explicam:

Qual é o trabalho a ser feito no Núcleo Sohin em Figueira?

Um dos trabalhos básicos é o de coligar as mais diversas terapêuticas com o relacionamento interno com a Hierarquia espiritual. Outro trabalho é o de estimular a formação de curadores. Além disso, pode-se fortalecer a confiança, a fé e o pensamento positivo como base para a cura. Pode-se desenvolver o sentido do belo por meio dos tratamentos pelas cores, pelo som e pelo contato com a Natureza. O Núcleo Sohin nos dá condições de aprofundar a percepção e a manifestação da harmonia.

Que significa Sohin?

Trata-se do nome de uma elevada Hierarquia espiritual, que atua em âmbito intergaláctico e comanda o que chamamos de Nave Alfa, base móvel de operações. Essa nave trabalha na transformação dos níveis de consciência da Terra e tem capacidade de usar processos de cura existentes não só neste universo. O trabalho da Nave Alfa não se restringe, tampouco, à cura dos seres humanos. Ela estende sua energia harmonizadora aos vários Reinos da Natureza.



Que se entende por formação de curadores?
Normalmente, a medicina tenta reprimir a doença, afastar sintomas. Assim, acaba por manter vivo o foco da enfermidade. Não raro, ao tratar de uma, piora ou provoca o surgimento de outra. O verdadeiro processo de cura conduz o paciente a fazer coligação com níveis superiores de consciência. À medida que nele vai deixando de haver conflitos com as leis espirituais, suas doenças terminam ou passam a ter outro significado. Para contribuir nesse processo, é necessário emergir no curador o conhecimento intuitivo do verdadeiro estado do paciente.

Como se pode contribuir para a expressão do trabalho a ser especialmente desenvolvido no Núcleo Sohin?

Procurando, onde quer que estejamos, fortalecer a confiança e a fé em nós e em todos os seres. Os seres humanos devem aprender a confiar nas energias superiores, e os animais a confiar nos seres humanos. Essa é uma atitude de vida, e substitui muitos medicamentos. Sabe-se, por exemplo, que a falta de fé nos leva a recorrer a vitaminas processadas em laboratórios. Seríamos grandes geradores de vitaminas em nosso corpo se fossemos verdadeiramente confiantes.

A doação da Fazenda Figueira III Sohin foi grupal. Enquanto se recolhia verba para fechar a compra, a técnica em edificações e residente Iptin criou o desenho arquitetônico. Por volta de 1998, Vanilda Gontijo foi convidada pelo Setor Projeto e Obras a passar as plantas para o computador. Também refez a proposta para as divisões internas, segundo sua experiência em projetos ligados à saúde e a laboratórios. Ela descreve: *O corpo principal do prédio, de cor verde suave, tem um formato retangular de 84 m por 45 m. Com um pavimento térreo na entrada, possui mais três andares inferiores ao fundo. O jardim interno retangular foi desenhado com o canteiro central circular e os outros em formas radiais, que ligam os dois primeiros pavimentos com rampas. No térreo, o jardim é circundado por amplas varandas e um mirante.*



Três momentos do Núcleo Sohin, hoje Núcleo Coração Sagrado, entre 2002 e 2022

Enfim, a gleba de terras à margem da estrada municipal, com 64,99 ha, denominada Fazenda Asa Branca, foi adquirida em nome de Edson Germano Resende, em 20.5.1999, que as doou em 2014 para a Associação Comunidade Figueira.

Primeiro Trigueirinho indicou a demolição das velhas benfeitorias, três casas de colono e um estábulo mal preservado. Foram desmontadas e recicladas por famílias da cidade participantes do projeto Oficina de Tijolos, coordenado pela Rede de Serviço em parceria com a Prefeitura. Por seis meses, caminhões levaram telhas, blocos, janelas, portas, madeiras, direto para suas casas, em construção. E essas famílias iniciaram a experiência pioneira na comunidade como meeiros, plantando feijão da porteira até em frente ao terreno do futuro imóvel.



Ao final da obra dos Abrigos em F2, avisaram a Seu Fausto, o construtor, que ele iniciaria um prédio enorme, em fevereiro de 2000: *Meu Deus... não, isso não é para mim, não vou dar conta. Ela: Vai ter de ser você, o Trigueirinho pegou confiança. Seu Fausto: Construí até acabar tudo. No começo com uns trinta; de repente surgiu uma crise financeira e caímos para dez.*

Antes de construir, Trigueirinho convocou residentes e colaboradores a formarem um círculo contornando o local da futura obra. Em comunhão com planos suprafísicos, entoaram mantras em Irдин, inclusive o de coligação com a Nave Alfa: SOHIN / SOHIN / SOHIN / SOHIN / MANUAK SIKIUK NAGUA. Segundo o *Glossário Esotérico*, a Nave Alfa é conhecida como *Cidade Flutuante*, tal a sua dimensão. A presença dessa nave na órbita da Terra diz respeito à evolução planetária... muitos

resgatáveis são levados, geralmente em grupo, para sua aura, onde passam por transformações profundas.

Então a Secretaria avisou a Clarissa, dentista carioca que passara o Natal em Figueira: *Trigueirinho disse para você entrar no carro e vir para cá.* Ela: *Acabo de chegar ao Rio!* Entretanto retornou no dia seguinte. Às 8h do domingo entrou em casa dele. Conforme o ouvia descrever as terras recém-adquiridas, lembrou-se de um sonho de dias antes, ela sentada diante de um pasto vazio e um vale. Súbito teve certeza da tarefa que Trigueirinho lhe oferecia, ser a responsável pela implantação de todo o Núcleo Sohin.

Em dez dias entregou seu consultório dentário ao filho e o restaurante macrobiótico à filha. Ao mudar-se oficialmente, a coordenadora geral de Figueira levou-a à nova morada.

CLARISSA Ficamos observando o céu: naves brilhavam dando boas-vindas. Nunca tinha visto tantas! Minha presença fora programada.

O Núcleo Sohin foi um milagre. O alicerce demorou a ficar pronto porque está sobre um veio de caulim, um tipo de cálcio, um pó branquinho usado na cura. Até as paredes começarem a subir, fiquei em barraca; às vezes, pernoitava no Alojamento. À noite, o vigia se acomodava de um lado do prédio; eu, do outro.

Nunca tivemos uma dívida, as doações chegavam na hora certa de pagar o volume impressionante de cimento, granito, vidro, porta. Trigueirinho sabia: se não levantássemos o prédio naquele exato momento, nunca mais conseguiríamos. Sempre colocou que aqui seria um local de cura através da água, daí o setor Hidroterapia.

Ele conectava tudo ao espiritual, ao simbólico, à evolução humana e à dos Reinos da Natureza. E me mostrou os três pontos de um triângulo formado pela porteira de entrada e duas águas que correm, uma à direita, outra à esquerda do prédio. Explicou que as duas águas eram as polaridades masculina e feminina da área. Samuel e eu as representaríamos. Samuel veio para o Núcleo Sohin assim que um quarto ficou pronto.

Dois residentes hospedaram-se em Sohin nos primórdios:

PAULUS Fui um dos primeiros moradores e estive até 2003. De 7 às 16h havia muito barulho e movimento de obra mas, quando os trabalhadores iam



embora, chegava o sossego, o momento de coligar com o silêncio. A gente ficava em quartos sem acabamento, sem janela, sem porta, o chão de concreto. No inverno, passava um frio! Como nas outras construções da comunidade, a Manutenção ajudou no acabamento, na pintura, na instalação hidráulica e elétrica. Depois entendemos o porquê dos encanamentos expostos; as funções de alguns cômodos já mudaram cinco, seis vezes. Em vez de se quebrar paredes, simplesmente trocamos a tubulação externa.

MARINA Minha tarefa era cuidar dos pomares de Sohín e de F3. Na obra, o banheiro ficava distante, mas... não sei explicar bem... a gente era tão feliz... não via dificuldade em nada. Fiquei num quarto encostado ao de outra Marina. Ela cuidava do lago; ia toda manhã varrer, limpar o caminho à volta dele, plantar orquídeas. Lá tem um poço de argila, onde até hoje se fazem procedimentos. É um ritual bonito, o do banho de argila no corpo todo, gratificante e energético, sabe? Quem quer, depois nada no lago.

Cento e poucos convidados para os Encontros Gerais eram encaminhados para lá, durante a obra. Como esquecer o sono em colchões no chão? Banhos gélidos dentro da lona ao ar livre, dos quais saíam revitalizados?

MARIA ARLINDA Acompanhamos desde a terraplanagem. Não tinha energia, só luz de vela, não tinha vidros, encaixávamos toalhas e lençóis nas janelas. A cozinha e nossos quartos mudavam conforme necessidades dos pedreiros. Banheiros com fossas eram coletivos.

Ver a construção pronta e se sentir parte disso traz pura gratidão! Quantas maravilhas das Hierarquias! Ai meu Deus, quanta luminosidade brilhantíssima é dali irradiada para o planeta sem nem percebermos! A gota minúscula que somos tem força. É magnífico pisar neste solo sagrado.

Curas aconteciam já no percurso da obra, que durou cinco anos. Nesse ínterim, era oferecido sono ao ar livre no patamar superior, aberto às estrelas. Em torno surgiram o labirinto de pedras semelhante ao de F2, o horto medicinal, o pomar em patamares com 1.500 frutíferas, a estação de tratamento do esgoto.

Além de médico responsável e de dar cursos no Núcleo Sohin, Clemente ali criou o Grande Templo das Árvores — mais de 200, vindas de todas as regiões do planeta. Também o Jardim das Plêiades, onde sete coníferas espelham a posição das sete principais estrelas da constelação.

Porém o ciclo da cura se recolheu por uma década. A partir de 2009, ali chegaram monastérios da OGM, ora masculino, ora feminino. Após dois anos, iniciaram as aparições públicas dos Mensageiros Divinos, quando a Virgem Maria pediu Sua estátua no centro do jardim interno, um terafim irradiante. E trocou o nome da área para Núcleo Coração Sagrado. Badaladas diárias do campanário passaram a anunciar litúrgias e atividades práticas, a depender do número de batidas, 3, 7, 14, 33.

Em seguida se abriu um trabalho experimental com famílias. Trocou-se a coordenação e a infraestrutura recebeu ajustes, como telas para proteger quedas de crianças. No local do laboratório, em 2012 foi aberta a Escola Parque Tibetano de Figueira para alunos da comunidade.

Em 2019, com nova indicação hierárquica, a tarefa de cura de Figueira se centralizou no Núcleo Coração Sagrado: trabalhos com som, cores, acupuntura, medicinas integrativas, terapêuticas externas coligadas aos Reinos Dévico, Elemental, Vegetal, Mineral, além do laboratório de ervas e do movimento da equipe odontológica.



PAULO ANTÔNIO MACHADO O último apiário instalado em Figueira foi no Núcleo Coração Sagrado, em 2017. O único local que poderia alojar abelhas fora destinado a plantios, mas, nesse ano, a coordenação decidiu transformá-lo em área de preservação, o que permitiu se instalar o apiário.

Núcleo Coração Sagrado, portal cristalino a serviço da matéria e do espírito, é regido por Hierarquias curadoras, que são os nossos grandes Médicos e Enfermeiros.

TERRAS DO SOL

As Terras do Sol trazem possibilidades e elementos para percebermos os primeiros toques da vida antimaterial.
Trigueirinho



DINÂMICA E ENSOLARADA É A VIDA das terras em que animais silvestres retornam, lebres, raposas, lobos-guará, tamanduás-bandeira. Cânticos de pássaros e cigarras entrecortam o mormaço, que a brisa afasta. Olhos voltam-se para o céu mutante. A borboleta azul passa. O círculo de moitas de bambu torna-se a catedral de sintonia com a natureza.

A vida é leve, simples e alegre. Sede do Setor Plantios, mutirãoes se sucedem a serviço da agroecologia. Em meio a afazeres grupais e individuais, o silêncio envolve a atmosfera e o interior dos seres.

Nas Terras do Sol, tudo deve transformar-se, o solo, a água. Os pioneiros são impulsionados a evoluir, os animais a confiar nos humanos, os vegetais a crescer de outra maneira. Como transfigurar o plano material? O serviço contínuo dos que se doam e aspiram ardentemente a construir o mundo novo atrai forças da alma e a luz da Hierarquia, permitindo que anjos e deusas também colaborem.

E como começou essa história? Figueira trabalhava há três anos como meeira de um vizinho de F2, plantando arroz nas várzeas úmidas de sua fazenda. No período, ajudou-o a controlar grandes focos de incêndios florestais. Quando, no ano 2000, a terra foi colocada à venda, um casal de colaboradores da comunidade a adquiriu e emprestou-a ao grupo, que depois a adquiriu.

Em agosto daquele ano Trigueirinho explicou, na partilha *As Terras do Sol*, que o Centro Espiritual ficara completo ao ter a fazenda de 120 ha anexada, a maior da comunidade. Segundo ele, Figueira não dispunha até então de uma geografia em que o Reino Vegetal, o Reino Mineral, o Reino Angélico e o Reino Elemental pudessem desenvolver suas tarefas nas melhores condições de recolhimento. Ali é um local pronto para almas aprimorarem a Linhagem Contemplativa.

Ele disse mais, que a energia de cooperação sem finalidade lucrativa, desenvolvida por quem trabalhou no vizinho como meeiro, transformou as terras numa espécie de santuário contemplativo das leis da antimatéria. Que nenhum Centro Espiritual é completo se lida apenas com a matéria, mesmo se a matéria for a mais espiritual, a mais sutil.

Desde a origem, em F1 se trabalhou a *purificação da matéria* em todos os sentidos: desde o mental até o físico, com procedimentos de cura. A seguir, devido à presença do Monastério, a do Abrigo e dos retiros eremíticos, F2 deu passos para o trabalho de *desmaterialização*. Isso se completou com a anexação das Terras do Sol, quando o grupo recebeu elementos para perceber os primeiros toques da vida antimaterial. Já F3, acrescido da área Sohin, representa o processo de *transmutação* e de *sublimação*, sendo F3 o ponto de ligação que harmoniza as três áreas, F1, F2 e F3.

Se uma alma ou uma mônada já estão resgatadas, a tarefa de um Centro de Resgate como Figueira não finalizou. É ainda preciso resgatar a essência para outra vida, para outra evolução, para a contraparte imaterial isto é, para a antimatéria que existe além do regente, além da oitava mônada, disse ele.

CRISTIANO As Terras do Sol se converteram no mais abundante celeiro de grãos da comunidade. O que se viu no início e o que se vê hoje, é uma transformação radical. Antes da compra, o morro era coberto de eucaliptos com mais de vinte anos, destinados a corte, e por ele existiam fornos para a queima e a produção de carvão. Uma hora, o proprietário arrancou todos os pés de uma vez e colocou a fazenda à venda. Houve nosso interesse de compra por necessitarmos ampliar os plantios de grãos.

Nos primeiros três anos tivemos um trabalho árduo com o solo exaurido, revirado, que tinha formigueiros do tamanho de um trator. Para corrigi-lo, o grupo usou corretivos minerais, calcário, fosfato, gesso e cobertura verde. As primeiras safras foram bem baixas, os grãos não conseguiam desenvolver-se. Lembro-me bem da primeira colheita: mesmo adubados, os pés de milho não passaram de 80 cm; eram minipés de milho.

Alguns pontos do terreno foram, desde o início, destinados à recomposição natural e, quando plantas originais retornaram, criamos áreas de preservação permanente. O grupo Plantios promove o uso consciente da terra e cultiva legumes, tubérculos, frutíferas. Para as águas de chuva não correrem livres,



curvas de nível ajudaram. Grandes mutirões contaram com mais de duzentas pessoas na capina, na limpeza, na colheita. Sempre houve uma presença humana forte e bem integrada à área. Nos últimos anos, os cultivos entraram em uma transição ainda mais significativa. O sistema de agrofloresta vem sendo desenvolvido e um número maior de pessoas fixas vive ali e assume integralmente a nova frente de trabalho.

Enquanto o solo se recuperava, a antiga casa foi reformada.

VANILDA GONTIJO A casa inicial estava trincada, expressando abandono. Criamos um projeto de revitalização para acolher hospedagem. Aproveitamos a declividade do terreno e construímos uma varanda em cima e quartinhos para retiros abaixo dela. O primeiro foco da moradia foi ofertar retiros espirituais no espaço meio remoto, retirado de atividades cotidianas.

No ciclo seguinte, em 2007, o local foi ofertado a um casal do interior de São Paulo. Estar como família foi uma abertura das regras vigentes. O casal trouxe teares manuais e ovelhas, que manuseava, retirava a lã, formava o fio, tecia. Eventuais colaboradores o ajudava. Houve um intercâmbio entre esse trabalho e a Rede de Serviço ligada à Casa Luz da Colina, recém-aberta em Carmo da Cachoeira. Foi um ciclo bonito até o casal retornar à própria cidade.



PAULO ANTÔNIO MACHADO Nas Terras do Sol o apiário foi instalado primeiramente em uma clareira conhecida como *Ilha*. Pouco depois essa clareira foi designada Área de Preservação Permanente (APP), e ele teve de ser trasladado para o alto de

uma colina desprotegida, donde as famílias enxamearam devido às condições áridas, restando apenas uma colmeia, que se mantém forte. Estamos estudando locais para um novo apiário.

Muito se fez nesse espaço ao norte do município de Carmo da Cachoeira, dedicado ao amor à Natureza: retiros, acolhimento de pessoas, edificações, reformas, instalação de *trailers*, rodas d'água, represas, reflorestamento, cultivos, agrofloresta, abertura de estradas. O solo continua a mudar, vegetais crescem em abundância, animais se tranquilizam. E com tijolos de adobe, elevou-se a sala de oração.

TERRAS DA IRMANDADE

*O homem não mais terá ódio,
nem fará guerras; trabalhará e
viverá em harmonia com o Cosmos,
compreendendo que este é o domi-
cílio da sua verdadeira Família.*

A QUINTA RAÇA, Trigueirinho



MAIS DE UM ANO ANTES DAS NOVAS TERRAS serem adquiridas pelo grupo, o instrutor antecipou sua chegada. Chamou os dois responsáveis por contatos com fazendas vizinhas: *Conhecem Arnaldo?* Sim, conheciam. *Peçam a ele para lá plantarmos uma fileira de eucaliptos. Que pensamos no planeta, queremos reflorestar, e tal...* A caminho, Narhun conjeturou o absurdo e disse: *Germano, não tenho coragem de oferecer plantar uma alameda dentro das terras do homem. Você fala com ele.* Receberiam uma negação delicada ou grosseira, pensava... mas surpreendeu-se com a resposta do vizinho: *Podem plantar.*

Energias invisíveis se expressam através de formas visíveis. Em 6.7.2002, Trigueirinho anunciou em partilha que no dia seguinte entoariam certo mantra junto ao sistema de espelhos das Terras da Irmandade, em implantação. *Há uma tarefa a ser cumprida, há um plano a ser reconhecido por etapas, para daí o desenvolvermos. O tema deste mantra ativa o propósito interno de cada etapa a ser vivida ali.*

O mesmo casal de colaboradores que adquiriu as Terras do Sol obteve as Terras da Irmandade, assinando uma parceria de dez anos com Figueira. A certa altura decidiu partir e pôs ambas as propriedades à venda. A Fraternidade lançou uma grande campanha em 2015 a fim de arrecadar os recursos financeiros. A paulista Laura Bicudo doou a venda do apartamento herdado da mãe. Após dois anos, em júbilo o grupo fechou o negócio. E ouviram a predição:

Os devas têm preparado o local de maneira notável. Chegou o momento de aprofundar a união entre o Reino Humano, o Dévico e os demais Reinos da Natureza. À medida que formos cumprindo essa bela tarefa, novos trabalhos serão descortinados. Passo a passo, poderemos chegar a colaborar efetivamente no alívio da dor planetária e a contribuir no

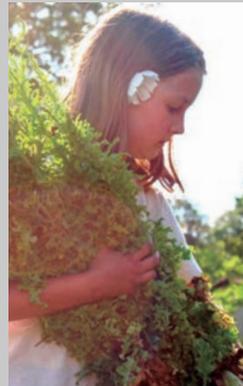
equilíbrio do carma da humanidade. Os Irmãos Maiores, membros da Hierarquia Espiritual que nos assiste, assinalaram que essas terras têm uma importante função na presente etapa planetária. A purificação dos corpos, a transmutação da matéria e a cura interior são algumas das bases do trabalho a ser desenvolvido ali. Está prevista a chegada de muitas pessoas ao local, algumas para servirem e outras para serem aliviadas, curadas e reconduzidas. Ali receberão a força necessária para prosseguirem no caminho evolutivo.

VANILDA GONTIJO As atividades surgiram a partir de um treinamento de fim de semana da Equipe de Ação Imediata, EAI. Catamos troncos caídos, levados numa caminhonete. Cozinávamos em panelões. Para pernoitar em sacos de dormir, montamos uma barraca coletiva alta de lona preta, homens de um lado, mulheres do outro. Tinha um excesso de carrapatos! Lá tornou-se um ponto de encontro do EAI, com acampamentos para treinar primeiros socorros, manuseio de bambus, conhecimentos de construção sustentável.

Ativamos a reforma de uma casinha velha com varanda, em 2003. Um grupo feminino de pioneiras se revezava. Sairan, hoje Madre Clara, sustentava tudo praticamente sozinha por um tempo. Depois Ana Maria, Maria, Íbis. Sastra, o Frei Bernardo, estava sempre presente na área. Por um ciclo, veio uma família, os pais e dois filhos. Então, o enfoque mudou e o local se abriu para hospedagens.

A grande mudança chegou através de Ricardo, que trata detalhes da formação da área:

RICARDO BAUMGARTNER As Terras da Irmandade me atraíram para o trabalho. Fazia ritmo com minha esposa em Figueira, em finais de semana. Em 2008, quando fomos entregar uns livros para Ana Maria, ela nos convidou a participar de uma reunião para impulsionar suas construções. Isso porque sabia da reforma sustentável de um sítio que tínhamos. O grupo se reuniu na casa de Helena Maia, vizinha das Terras da Irmandade, e Clemente trouxe a informação de que seria uma área de restauro, de cura. Poderiam chegar doentes com traumas e precisava de alojamentos para hospedarem-se. Terminado o encontro, fomos todos dar uma olhadinha no espaço. Havia a casa central, muito simples. Vi duas famílias com crianças, e Íbis como coordenadora. Algo ali me chamou.



Duas semanas depois, trouxemos nosso arquiteto. O capim napier estava alto, e fui a F2 pedir a roçadeira emprestada. Roçamos bem para termos noção do espaço. Aí surgiu a goiabeira coberta de cipós e plantas, que fomos liberando.

Quando José aprovou o projeto de três módulos em forma de galpões, contratamos o engenheiro, que com a equipe fez as fundações e os construiu. Inocentemente perguntei se queriam que eu acompanhasse a obra. Claro que sim! Eu ficava de terças a domingos após a partilha, e os módulos foram tomando forma. Um dia José, voltando de Belo Horizonte, parou na estrada de baixo, não desceu do carro, olhou e depois comentou que achara a obra bastante interessante, as janelas estavam numa altura boa, e as pessoas teriam privacidade.

Enfim, os galpões ficaram prontos, conseguimos uma doação para fazer divisórias em dois deles, e puderam receber hóspedes. As refeições eram preparadas na casa principal, a do guardião. Nela ficava um escritorzinho onde fazíamos as contas, os pagamentos.

Como seria uma área de cura, não adotamos a energia elétrica e sim a solar para esquentar água. Um colaborador montou um conjunto de lâmpadas solares LED para iluminar os cômodos, que ficavam meio escuros, e as pessoas não gostavam muito. Havia duas minas como fontes de abastecimento, e duas bombas delas enviavam água para seis caixas lá em cima. Já a água de chuva dos telhados, dos chuveiros e das pias foi canalizada para valas de infiltração.

Havia o desafio sobre a estação de tratamento ecológico do esgoto. Ali moravam umas doze pessoas, e tudo precisaria ser dimensionado para trezentas, que estavam para chegar na área durante o Encontro Geral. O gaúcho João Rockett resolveu a urgência. Perto da porteira da Vargem, fez um projeto da estação. Foram construídos uma vala de infiltração coberta com uma manta, dentro da vala um semitúnel com pedras para recebimento dos dejetos e ainda a câmara de decomposição aeróbica. Uma tempestade tirou a manta do lugar, encheu a vala de água, e tivemos até de pedir um trator da prefeitura. Só no dia da abertura do EG fizemos a ligação dos banheiros até lá embaixo.

Joaquim, desde o início, cuidou da parte externa, plantas, jardins, enquanto eu acompanhava as obras e a infraestrutura. No início, ganhamos muitas melancias, e suas sementes jogadas na terra se reproduziram com fartura. Um colaborador ajudou a montar o pomar com cítricos, e algumas mudas resistiram às formigas em profusão. Grupos do Rio e de Belo Horizonte também deram impulsos importantes aos plantios.

Eu morava numa barraca há dois anos, atrás do bambuzal. A certa altura, Mirnuk achou que tínhamos de fazer mais quartos. Uma hóspede arquiteta, que se tornou monja por um período, fez um retiro. Do nada desenhou um módulo tipo iglu e, ao saber da necessidade, apresentou-nos o desenho. Construímos doze iglus, e suprimos a parte elétrica com abajures com lâmpada solar LED e uma tomada com conversor para transformar a energia solar em cento e dez volts.

Em finais de semana de 2010, iniciaram-se os cursos mensais de Praxis Vertebralis, terapêutica sutil que alinha a coluna vertebral. Havia mais de cem pessoas em cada um. Para lhes dar o melhor, viajávamos até o CEASA de Belo Horizonte para comprar frutas, e vinha uma cozinheira de Carmo fazer o almoço cinco estrelas. Médicos praticavam a Praxis Vertebralis em pacientes numa barraca montada no bosque para os atendimentos.

O médico Murilo passou a dar estudos sobre observação astrológica do céu noturno em noites de lua minguante, uma continuação do que Clemente já fizera. Falava sobre as estrelas, e isso também atraía muita gente.

Estudioso da alimentação, também nos orientou sobre alimentação equilibrada. Ativamos o fogão a lenha e foi interessante observar a resistência em usá-lo; cozinheiros queriam fogão a gás, panela de pressão, liquidificador, e a proposta foi não utilizar tais utensílios. Um dia o gás acabou, acendi o fogão a lenha e posterguei buscá-lo na cidade por uns quatro dias. As pessoas despertaram, o uso pegou. Fogão a gás era usado às vezes de manhã ou ao final da noite. Mudamos para panelas de ferro e principalmente de barro. Fomos deixando as de alumínio. A borrachinha da panela de pressão quebrou e não a repusemos. Foi indo e entramos numa linha natural na alimentação, na energia, no tratamento de esgoto.

Uma vez José, à frente do Grupo das Árvores, fez um trabalho lá. Fiquei encarregado de servir o desjejum ao ar livre, entre eucaliptos da entrada. Enfim, ele comentou: *A área está bem cuidada, muito bem cuidada*. Repetiu, sintético, daquele jeito dele. E pronto. Foi meu segundo contato mais próximo com ele.

Conseguimos mudar o itinerário do ônibus, para facilitar para as senhoras. Fizemos um círculo para o estacionamento no lugar do mandiocal grande – colhemos antes, era a época. O ônibus vinha pela estrada ladeada por linhas de eucaliptos, pegava os passageiros e saía pela estrada de baixo, indo para partilhas em F2. Quando chovia, o círculo virava meio lamaçal e, com uma doação, instalamos paralelepípedos que, numa segunda etapa, foram assentados da porteira de cima à de baixo, chegando até as caixas d'água.



As obras prosseguiram depois que fui ser diretor da Irdin Editora. Mirnuk teve o sonho de que haveria ocas junto à mata. Conversando com José, saiu a ideia de as posicionarmos segundo as estrelas plêiades. Murilo estudou as distâncias entre cada uma e as redimensionou para as ocas. Um observador pode achá-las desalinhadas. Sem energia elétrica, tornaram-se locais de retiro. Para os mais aventureiros, instalamos a barraca de retiro lá embaixo, junto ao lago. Vieram ainda a Casa das Crianças e mais duas, uma abaixo dos iglus.

Outra, projetada por um arquiteto de Belo Horizonte. Uma no caminho para a porteira. Mais adiante, garagens, onde se estacionam os tratores. As estações de tratamento funcionam bem; bananeiras em torno absorvem a umidade da terra. A passagem dos anos trouxe necessidades, como a de se iluminar a área por questão de segurança, e o uso de detergente, por cuidados de higiene.

Terras da Irmandade tornou-se uma área diferenciada, tem conforto, beleza, comida ótima. Pusemos em prática uma proposta bem interessante.



PAULO ANTÔNIO MACHADO O apiário de F3 abarcava as Terras da Irmandade. Em 2010, a coordenação percebeu a necessidade de nelas instalar um. Tivemos um exemplo da condução energética das abelhas. Pediram que ficassem em um patamar abaixo dos plantios, sujeitas a umidade e geadas.

Negociando, decidimos por um intermediário. Porém, no momento de instalá-las, enganei-me de patamar, e as coloquei em um superior, mais adequado.

Conforme previsto antes da implantação das Terras da Irmandade, foram vividas etapas até se descortinar o plano para elas. Lá no início da história, chegou uma família, e outra. Hoje, a Hierarquia confirma as terras como sede tanto para famílias que estão dentro da comunidade como para as que vivem no entorno. Praticam princípios da família universal. Participam dos trabalhos de oração e do ritmo. Ajudam em tarefas como o cultivo de alimentos orgânicos no sistema de agrofloresta. Passam o dia e vão embora. Jovens e crianças derramam alegria e música pela alameda de eucaliptos percebida por Trigueirinho e plantada antes mesmo de a gleba ser adquirida.

LABIRINTOS

Percorrer um labirinto pode simbolizar a caminhada ao centro do próprio ser.
Trigueirinho



DOIS LABIRINTOS DE PEDRAS enriquecem a vida interna e externa de Figueira. Uns percorrem o traçado sozinhos. Outros seguem os 541 metros em grupo. Cada qual em seu mundo, cumpre os 20 min de percurso meditativo. Passo a passo avança até a meta, o ponto central redondo, símbolo do centro do próprio ser.

No informativo de Figueira de 1998, *Cadernos de Sinais nº 3*, lemos: *Desde a Antiguidade o labirinto desperta o interesse do homem. Para muitos trata-se de um mistério, enquanto outros lhe atribuem significados inquietantes. Houve o labirinto da Ilha de Creta, que fazia parte de rituais iniciáticos, e o do Egito de 1.800 a.C., formados por 12 jardins contíguos e cobertos, circundados por muros. Houve também os labirintos estampados nas vestes cerimoniais dos romanos e os desenhados nos pavimentos das igrejas cristãs a partir do século 12. Jardins em forma de labirinto são vistos nas grandes vilas e parques italianos, bem como nas espirais pintadas em tela por grandes artistas. Esse símbolo e mito atravessa os milênios, prestando-se às mais variadas interpretações.*



Convidado por Trigueirinho para uma conversa, o coordenador do Monastério masculino de F2, tomou conhecimento do labirinto do século XII no interior da catedral gótica Notre-Dame de Chartres, fundada para glorificar Maria. A colaboradora paulista Myriam Ramenzoni trouxera um livro da França e, tendo também ido à comunidade Taizé, chegou com a música *Nada te Turbe*, a primeira cantada em Figueira. Do encontro, o coordenador saiu com o livro e a incumbência de reproduzir aquele labirinto ao ar livre, no patamar da colina próxima ao Abrigo I.

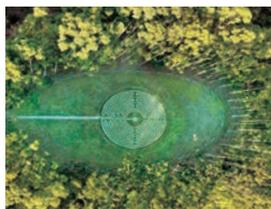
O colaborador engenheiro de Brasília participou do processo:

ROBERTO ZUCCA Eu fazia ritmo em F2 a cada três meses, e o coordenador do monastério me atualizava nas vindas. Contou o encontro com José e mostrou o croqui de um desenho dos círculos feito à mão com compasso. Pois bem, fomos ao local onde seria assentado, sob a supervisão do José. Observamos certo declive no terreno. Evidentemente teria de ser plano para pessoas caminharem sem dificuldade. Trocamos ideias, e a solução foi nivelá-lo de maneira simples com um trator. Vi poucas pessoas ajudando: Toninho, um trabalhador contratado, e um colaborador vindo da Espanha.

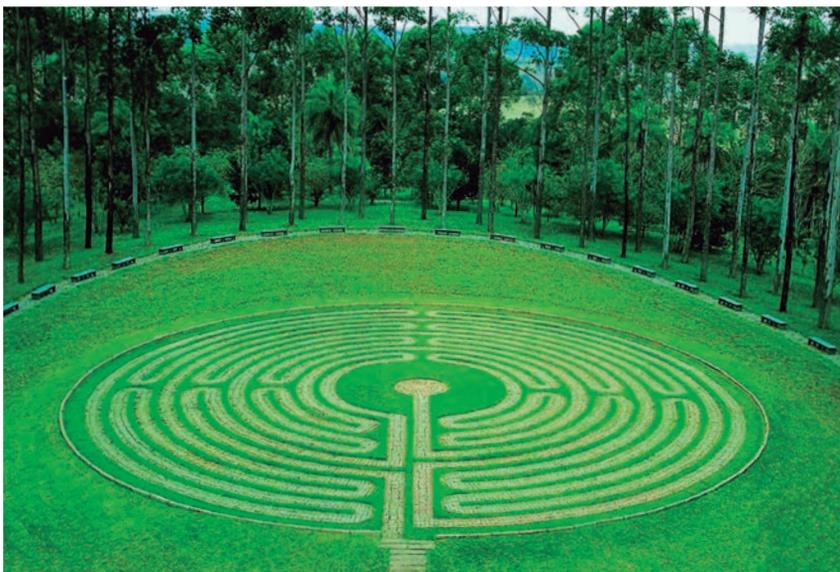
Ao chegar, o coordenador me apresentava o problema a ser solucionado. Em relação às chuvas, precisávamos encontrar um material impermeável para o caminho ficar firme, seco, e não alagar. A gente foi evoluindo na visualização do que seria melhor. Concluímos que poderíamos usar o mesmo material dos estacionamentos, das estradas. Em F2 usam-se bastante paralelepípedos. Com a evolução do projeto e mais trocas de ideias, ainda tivemos a adição de outra estratégia: grama nos trechos entre um trilho e outro, permitindo que fosse preservada a drenagem das águas pluviais.

Particpei de uma conversa sobre o material, as dimensões e o tipo dos bancos a serem colocados em volta do labirinto para sono ao ar livre. Concluiu-se que o material seria ardósia, e eles teriam o comprimento de um adulto mediano, e largura suficiente para receber um saco de dormir.

Assim ficou: a largura dos caminhos é de 68 cm e a da grama entre eles, 20 cm. E o raio do perímetro mais externo, entre o meio fio de contorno tem 13 m.



Instalaram-se 42 bancos para o sono sob estrelas. A Casa 1 fornecia colchonete, cobertor, travesseiro para o trabalho profundamente espiritual. O grupo inscrito fazia uma breve oração e subia em silêncio até o labirinto. Quem quisesse o percorria antes de se deitar. O sono era livre, sem hora de acordar. O patamar foi ainda abraçado por uma linha de eucalyptos. Vinte anos depois, imagens captadas do alto, por drones, mostram que eucalyptos e labirinto têm formato do Olho Divino, cuja íris acolhe cada peregrino.



Labirinto de F2



LÉO TANNOUS Tive uma experiência no labirinto de F2. Uma arquiteta monja me recomendou andar com caderno e caneta, pois as melhores soluções vêm quando não estamos com a mente no racional, mas durante um passeio na mata, numa

contemplação. Claro que, na correria do dia, não faço isso. Ela sugeriu termos momentos de expansão e não ficar o tempo inteiro gerenciando obras. Relutei até seguir a recomendação.

Num momento de turbilhonamento de ideias quanto a realizações necessárias em Figueira, cheguei ao escritório, sentei-me em frente ao computador e falei: *Tenho de espairer*. Pedi autorização à coordenadora de F2, tomei meu transporte e fui até o labirinto com uma prancheta e uma caneta na mão. Tirei os sapatos, entrei andando de forma pausada. Achava estar chegando ao centro e me via, de repente, no anel mais externo, ora próximo, ora longe do núcleo. No eixo central, a única coisa que meu corpo pedia era deitar. Dormi uma hora e meia. Tive sonhos, visões, recebi informações. Quando acordei, anotei, desenhei de maneira meio desordenada, para não perder o que tinha vindo. E fiz o caminho reverso até a saída. Sentei-me num banco do entorno para olhar o anotado. As respostas a meus dilemas estavam ali. Foi incrível.

Em 2003, ela foi chamada a executar, na área Sohin, um labirinto semelhante ao de F2.

VANILDA GONTIJO Em meu corpo mental, eu tinha uma visão de labirintos baseada na mitologia grega até me darem materiais para estudar sobre seus significados maiores. Por que ninguém me contara isso antes? Como estudante de arquitetura, nunca soube de um tipo de labirinto que não nos deixasse em conflito, obrigados a escolher que lado tomar. Já o da Catedral de Chartres nos leva direto ao interno. Resolvi percorrer esse labirinto.



Começamos a preparar o terreno e organizei minha vida profissional para passar três meses em Sohin. Era verão e estive literalmente sob o sol quentíssimo, carregando pedras. Riva, um trabalhador contratado, ficava comigo. Ocasionalmente, mais outros. De vez em quando, vinham colaboradores pela ma-

nã. Eles colocando pedras, trabalhando com areia e eu ordenando-as, conferindo a topografia, o nivelamento, pois precisava ser como uma cúpula para a água escorrer. Praticamente eu ficava de seis da manhã às seis da tarde, mas os trabalhadores chegavam depois e saíam antes. Com mão na pedra debaixo do sol, era alegria o que eu sentia. Quase não me alimentava, pelo calor: arroz e uma folha de alface. No entanto, sentia-me super energizada. No jantar soprava o caldinho quente, queria alimento frio.

Sohin tinha banheiros ecológicos e duchas frias. Então comecei a perceber o poder dos elementos fluindo, um aprofundamento interno, a vida pulsando ali, e meu caminho se construindo com pedras e a presença do Sol.

Quando terminou a obra, aconteceu o que foi, para mim, um fenômeno. Às vezes, as coisas se comunicam conosco. Uma pessoa foi ter comigo, e as duas emitimos um som no centro do labirinto, *ah, ah...* Ecoou como se estivéssemos dentro de uma catedral, apesar de ser um círculo aberto com árvores em volta! Uma catedral invisível está ali.

Só temos de agradecer ao Plano Evolutivo, que faz coisas através de nós. Sou um lápis. Carreguei pedras em comunicação com o Sol e o Plano construiu uma catedral. A Vida Maior permeia um local sagrado como Figueira.

Frequentado por residentes, colaboradores e visitantes, os labirintos exercitam quem busca autoconhecimento. Representam o percurso da vida. Fortalecem a fidelidade à meta. Quem os percorre atento, diz o instrutor, aprende que *afastamentos e aproximações são aparentes: o que conta é cumprir o percurso, com todas as suas nuances.*

LAGOS

*Acalmai as tempestades e os tremores
que possam enrugar as plácidas águas
do vosso lago; aquietai vossos
pensamentos, que são como pedras
atiradas sobre essa delicada superfície.*

HISTÓRIA ESCRITA NOS ESPELHOS,
Trigueirinho



LAGOS, ESPELHOS DE ÁGUA. O Divino está na gota que da nuvem cai no lago, que reflete o céu, que desce o rio e se une ao mar, símbolo do infinito e destino maior das essências.

Mariah e Sofia desciam com dois baldes da Casa do Pátio em obras. Pela trilhazinha no mato, que chamavam Caminho da Purificação, deixavam partes impuras de si, não sintonizadas à Lei Suprema a que serviam. Pegavam água pura para beber e cozinhar no jorro abundante da nascente, depois canalizada. Ali um trator abriu três lagos abaixo do antigo Alojamento, atual Monastério da Transfiguração.

Nas fazendas há lagos próximos às casas: na Vida Criativa, dois em F2, o das Terras do Sol. Dois menores em F3 ficam retirados, ao fundo de matas preservadas. Represas abandonadas das antigas terras vieram a ser vistas como lagos após tratadas com esmero e embelezadas. Satya escreveu sobre o lago da VC, em carta a Trigueirinho, de 23.7.1988: *A barragem foi feita ontem por um trator alugado para represar a água que formará o lago.* Quando o entorno e as águas ficaram limpos de folhas, galhos, poças de lama, o grupo de São Paulo instalou três *trailers* para Trigueirinho, Clemente e Artur estarem na fazenda. Anos depois vieram a ser usados para retiros.

Entre chuva e névoa, um grande grupo com capas amarelas e botas seguiu até a borda do lago. Trigueirinho junto. Em grande silêncio, mudas de capim-cidreira iam de mão em mão até aqueles que as enteravam nos berços de terra para evitar deslizamento à beira d'água. O chuvisco parou. As capas foram alinhadas em um canto. Rapidamente o plantio ficou pronto, e o grupo foi tomar o lanche do meio da manhã. Trigueirinho permaneceu um instante quieto junto ao espelho d'água cintilante. Via a onda de energia deixada pelo grupo na Natureza.

Escureceu. Logo choveria. Recolheu quantas capas conseguiu, eram pesadas. Seu corpo fino era leve. Subiu ligeiro para a Casa do Pátio.

Lava-pés e banhos ao ar livre com duchas, banheiras e bicas foram instalados junto a lagos envoltos em beleza natural. Os mananciais puros regeneram os corpos segundo a atitude reverente dos que se banham. Sobre o efeito curativo das águas, elemento fluido e magnético do Reino Mineral, lê-se no livro *A Cura pelos Banhos*, de Dr. José Maria Campos (Clemente) e Samuel Berkman: *Os banhos ao ar livre propiciam significativa desmagnetização do corpo etérico, desanuviamento do campo psíquico e relaxamento. Podem sensibilizar a pessoa para a comunhão com o mundo interior e com a natureza. Afinar-lhe a sintonia, com reflexos importantes no estado de consciência, tais como a aproximação da realidade material à espiritual.*

Como a tarefa é grupal, Trigueirinho usava formas surpreendentes da energia Vontade-Poder para estilhaçar a pedra de enganos e tomadas individuais de decisão:

FABIAN MISSIANO Que cuidado José tinha com a manutenção dos lagos! Por várias razões, achou que tínhamos de colocar uma lona no talude do terceiro lago do Alojamento, assim como fizemos em outro. Esvaziamos o lago, supertrabalhoso. Ele sempre perguntando se estava pronto. Fui a Varginha comprar lona preta grossa, mas só tinha branca. Liguei para a coordenadora: *Vai aparecer uma faixa de uns 20 cm acima da linha d'água...* Contando parece simples, mas eu tinha a pressão de aparecer com a lona para terminar o trabalho, e nós dois decidimos pela branca. Foi instalada, e o lago encheu. Eu estava na Casa 4 da cidade, na Secretaria, e José me chama no rádio. Fui atender, o volume alto, todos escutando. Ele começou: *Fui ao lago. Quem falou para colocarem aquela lona branca lá?* Expliquei que não achara a preta. *Como colocam a lona branca sem me consultar?* Não tive o que falar, fiquei sem palavras. Ele cada vez mais nervoso. Perguntei o que fazer. *Precisamos marcar uma reunião no lago!* Nessa altura, na Secretaria, todos em silêncio. Ele bravíssimo. Eu tentando manter a linha. Aí se acalmou. Disse os nomes de quem estaria na reunião. E terminou com um belo brado: *Tenho de ficar o tempo todo atrás de vocês!* Conclusão: refizemos o trabalho e assentamos a lona preta. José buscava a perfeição e via além do que podíamos perceber.

Espelhos de água têm o poder de elevar a vida:



MADRE ISABEL Não é coincidência que todas as áreas de Figueira tenham lagos. São permeados por energias sutis, fonte de harmonia no meio da natureza nativa, que vem nascendo espontaneamente. Do princípio até hoje, trabalhamos muito em torno deles. Vamos lá para orar, conversar com Deus, atrair o abstrato para nossas vidas e a da comunidade. É comum recorrermos aos lagos quando necessitamos estar em silêncio interior ou refletir

sobre algo que precisamos compreender dentro de nós. Momentos de silêncio grupal junto a eles fortalecem nossa alma. Cada lago tem energia própria e se sintoniza com certo tipo de arquétipo. Tentamos ler o que é projetado neles, que atraem padrões arquetípicos a serem manifestados.

Diante de lagos surgiam, para o instrutor, percepções sobre Mirna Jad: *O grupo encontrava-se próximo a alguns lagos, cuja energia estava aos poucos se revelando para nós como um ponto de passagem*



para os mundos intraterrenos. O que eu percebia internamente era que os veículos sutis de alguns dos presentes projetavam-se para o interior de um vórtice formado sobre as águas. Ao se aproximarem do centro, essa percepção em forma de imagem dissolvia-se, parecendo desmaterializar-se, sendo então canalizada para um outro plano. Durante todo esse trabalho, chegava aos nossos ouvidos internos um mantra de Mirna Jad.

Trigueirinho ainda relata, no livro: *Prosseguindo em quietude*, via, interiormente, o Templo de Mirna Jad projetado sobre um dos lagos da área de contato. Era de vibração sutil, de estrutura translúcida, parecendo, ao mesmo tempo, ser feito de espelho cristalino... Aos meus olhos internos, o lago vizinho àquele foi gradualmente se elevando até situar-se acima do Templo que, com sua irradiação, passou a interagir com algo que existia sob os lagos, mas que não me era mostrado naquele momento.

A singela vida nos lagos pode desobstruir vias obscuras e conduzi-las à pureza infinita de tudo. Os sagrados mantos líquidos banhados de luz solar elevam seres receptivos para além do sonho mortal.

MORRO DO CRISTAL — COLINA DAS APARIÇÕES

*Mainhdra voltou a comunicar-se,
agora como Rainha da Paz.
Trigueirinho*



O PICO ROCHOSO DA COLINA GUARDA MEMÓRIAS da gradual revelação da sagrada Figueira de Luz. Uma moradora da cidade galgava a trilha pedregosa entre moitas do cerrado, até o topo, onde fica hoje a Cruz Azul. Ia com o sobrinho contemplar poentes, na época do Dr. Veiga. Todo ano estavam no entardecer em que a lua cheia nasce no céu leste enquanto o Sol se põe a oeste. Numa ponta de pedra, ela abria os braços, fechava os olhos e, com as aves, *sobrevoava o vale*, diz Luz Helena.

Para contatar luzes fugazes e entoar mantras, na aurora do trabalho Trigueirinho subia até o pico sozinho ou com pequenos grupos, a fim de iniciá-los. O Morro do Cristal foi assim designado por ser rico em cristal de rocha e em mica ou malacacheta, mineral em lâminas que salpica o ar de brilhos. Ele afirmava ser uma área magnética, *destinada a receber algo maior no futuro*. Experiências belas e fortes eram vividas por integrantes dos grupos, como: *Vi naves aproximarem-se, emanando luzes inexplicáveis. E vi a parte interna daquele local, uma rocha enorme de quartzo rosa cintilante*.

Após jantar em áreas vizinhas, Casa do Pátio e Vida Criativa, alguns percorriam a senda. Elevavam-se contemplando a abóbada celeste. No cimo da serra, uma viu num lance um cristal transparente com metros de altura. Isso antes de ser instalada a porteira. Pedia-se acesso apenas de quem acompanhasse Clemente em aulas práticas de astronomia, em noites sem lua. Na subida, o professor recomendava cuidado, pois o solo de feldspato é instável, perigoso escorregar.

O mestre observou: *Quando nos dispomos a ir ao Morro do Cristal é como se procurássemos um nível de consciência mais elevado do que o normal, porque o Morro do Cristal é outro nível de consciência. Para alguns, pode também significar certo estado interno que nos predispõe ao encontro com a Hierarquia*.

Caro Maciel, 8/11/97
só para recapitular: hoje,
sábado, após partilha, ire-
mos ao Morro do Cristal
com Antun, Angelica, Cle-
mente, Julio Cesar, Tomaz
e Samuel. No final
da partilha cada um se
encaminha para lá e
lá no alto nos encontra-
remos;
amanhã, domingo, às 7 ho-
ras da manhã, aprendo
você e Glaine aqui no
M.E, em F3, para conver-
sarmos sobre o Coral em
geral.
Até muito breve
Com gratidão
T

JOSÉ MACIEL Histórias lindas aconteciam após partilhas! Subimos em silêncio ao Morro do Cristal. Éramos sete. Fomos com José a um cantinho, entre árvores. Alguém entoou um mantra. Ele de olhinhos fechados. O que vem agora? Sentia grande expectativa, custava estar entregue naquela fase preparatória, mas aprofundei. Hoje percebo como tudo na vida é importante, e sinto gratidão imensa por ter vivido experiências com José. Clemente entregou uma caixinha para Júlio César. E José veio colocar este colar aqui, com 22 contas de pedras laranja-avermelhadas em meu pescoço. Disse: *Sarumah mandou te passar. Se quiser, use. Se não usar, não tem problema. Mas se puder, será melhor. As contas foram esculpidas, acho, pelas mãos de Deus, sabe? Ou de Sarumah.*

O amor é preventivo. Vê antes de o fato se dar. Em 2007, chegou a Figueira a instrutora e vidente, que veio a se chamar Madre Shimani. Com ela, quatro de seus discípulos, entre eles o vidente Frei Elías del Sagrado Corazón de Jesus.

O futuro previsto por Trigueirinho chegava. Levou riqueza gloriosa à colina resguardada por 24 anos e por fim aberta ao grande público. Nela a Virgem Maria fez Sua primeira Aparição pública em Figueira, para Frei Elías, em 9 de setembro de 2011. Centenas de pessoas aguardavam-Na orando e cantado, sentadas no solo arenoso, em pedras. Fazia calor. Era quase hora do almoço, onze, onze e meia da manhã. Frei Elías se encaminhou até uma aroeira. Uma ventania soprou de súbito na copa da árvore. Só seus ramos e folhas balançaram. Não houve mínima agitação em torno. Os presentes não viram nem ouviram a Mãe Divina. Porém muitos a sentiram, tiveram certeza absoluta de que estava ali. Outros não.

Com os olhos internos, uma colaboradora viu no céu uma imensa estrela ouro-rubi descer veloz e uma de suas pontas tocar a terra. Ela depois descreveu a visão para Trigueirinho, que disse: *Mundos distantes visitam a Terra. Vêm em socorro do planeta. Vêm para impulsionar a sua evolução.* Ela percebeu que cada pessoa, de acordo com seu Raio, de



Centro Mariano na Colina das Aparições: Portal da Paz, Campanário, Fonte de São José, Ermida do Cristo Glorificado, Cruz Azul, Casa da Imaculada Paz. 15.12.2018

acordo com a própria tarefa, vê de uma forma. A estrela representava a visita da Hierarquia, segundo terminologias usadas em livros do *Agni Yoga*: *Mundos Distantes, Mundos Supraterrestres, Mundos Superiores*.

Trigueirinho sempre esteve presente nas inúmeras Aparições, ao lado de Madre Shimani e Frei Elías. As primeiras, por dezessete dias seguidos, até duas vezes ao dia. Desde então, Maria, Mãe da Divina Conceção da Trindade, transmite mensagens ao mundo. No dia 10 de setembro, iniciaram-se procissões com velas: *Para verem que Minha Luz está em seus corações, brotando como o manancial que brota da terra para saciar a sede dos corações que estão cansados e que ainda não se redimiram*. Nesse dia, ela pediu a construção de um grande campanário: *Mais profecias serão reveladas para o mundo, para muitos seres que escutam Meu Chamado. Este campanário será tocado por um ser orante a cada semana, no mesmo ritmo pautado: às 6h, às 9h, às 12h, às 15h e às 18h*.

Ao final dos dezessete dias, Ela anunciou que apareceria a cada mês, nos dias 12 e 13 em Casa Redención, no Uruguai, e nos 25 e 26 na Comunidade-Luz Figueira.



No início, os encontros se davam sobretudo no topo do morro, preparado para receber multidões dentro da ordem e do cerimonial expressos pela energia comunitária. O grupo alugou cadeiras, tendas, iniciou filmagens, registros fotográficos, transmissões ao vivo.

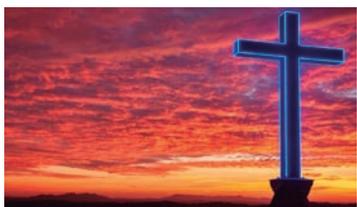
Em 12 de fevereiro de 2012, Ela nominou o morro de Colina das Aparições, termo adotado daí em diante. Disse que vinha para fundar uma nova Consciência Universal, não uma Igreja.



Para acolher *devotos dos Céus Cósmicos, os que querem receber a Luz das estrelas*, como os chamou, foi orientando sobre a sucessão de obras a serem ali realizadas: caminho calçado de blocos de granito, iluminação, construções sagradas. Todas iam sendo atendidas de imediato.

Era domingo, 29 de junho de 2014, quando Ela pediu a Ermida do Cristo Glorificado: *Meus queridos, essa ermida será dedicada em honra e graças ao Cristo Glorificado; ela propagará especialmente a fé pelo esperado retorno de Cristo.*

Com as construções prontas, Maria anunciou a abertura do Centro Mariano de Figueira, que oferece ao peregrino: o Jardim de Maria, a Ermida do Cristo Glorificado, a Casa de Oração Imaculada Paz, a Fonte de São José, o Campanário da Paz, o Portal da Paz, a Casa do Peregrino com o Relicário do Casto Coração de São José. A Cruz Azul no topo da colina simboliza a presença de Emmanuel e é avistada a quilômetros desde a noite do dia 24 de março de 2018.

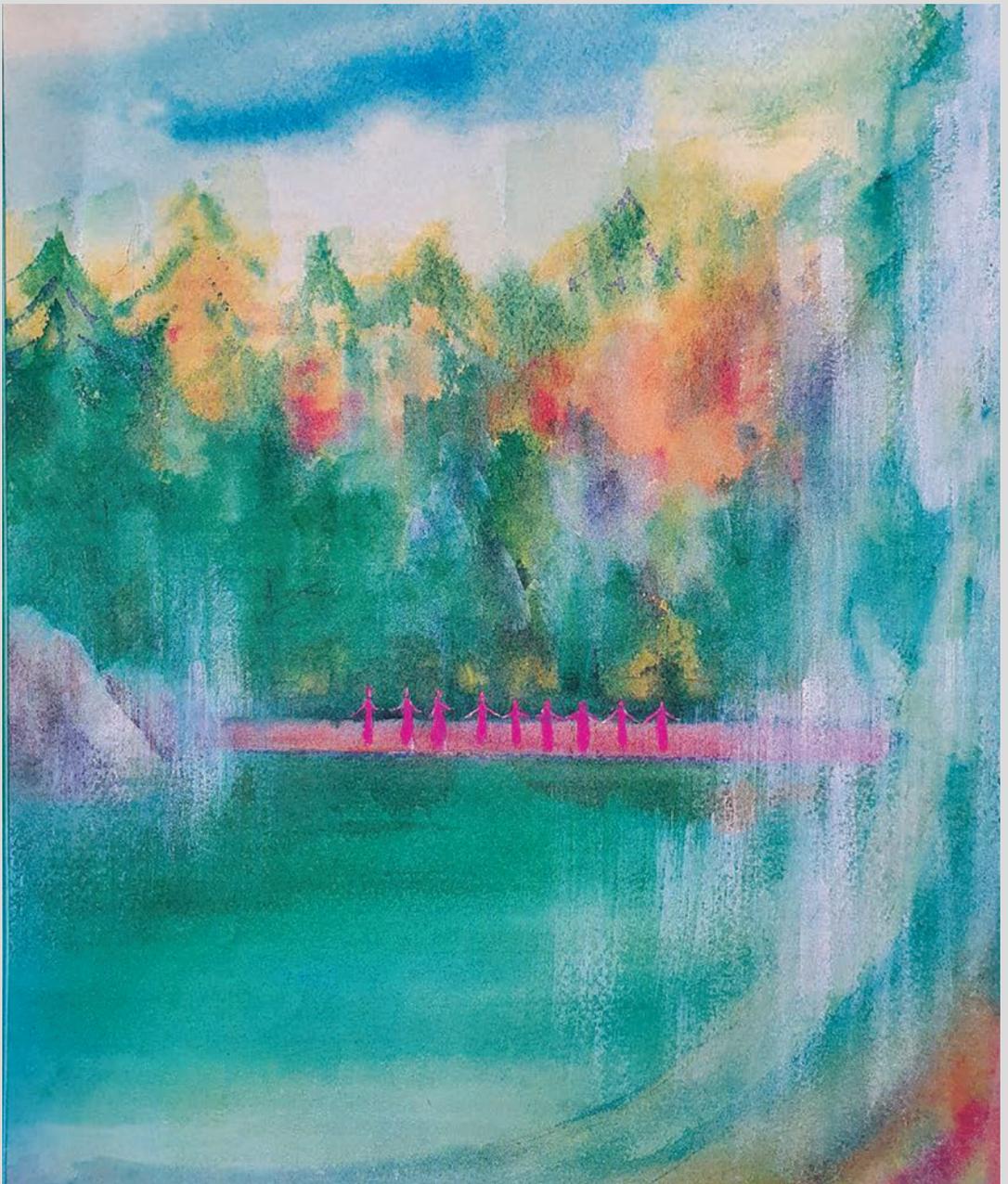


A Sagrada Luz brilhou em esplendor graças à flexibilidade de Trigueirinho. Aceitou por inteiro o movimento, aparentemente tão diverso do que realizara até então. Assim a Obra para elevar a consciência, fundada por ele, expandiu-se pelos quatro cantos do mundo.

BUSCA DO SAGRADO

De 1991 a 1994 transcorreu a segunda etapa de Figueira, dedicada de modo especial à purificação interior. Nela incluiu-se o aprofundamento das informações recebidas dos níveis subjetivos, o que nos confirmou a necessidade de contarmos sobretudo com a Graça, e não só com nossos esforços e intenções para a realização das tarefas. No final dessa fase surgiam os primeiros monastérios bem como uma interação grupal robusta, fundamentada em padrões de conduta altruístas.

Trigueirinho



Grupo em sintonia, de Tereza Schlosser

Sob a luz das estrelas, sob raios do sol,
diante da quietude dos lagos e da vida das matas,
grupos se reúnem em sintonia silenciosa.

SILÊNCIO

Quando o silêncio se revela, é preciso ao silêncio consagrar-se. Quando o silêncio se afasta, é preciso em silêncio aguardar seu retorno.

Trigueirinho

PARA O PLANO EVOLUTIVO SE CUMPRIR, o mestre incentivava o silêncio incansavelmente e de diversas formas. Membros do grupo se esforçavam para praticá-lo: *O silêncio é uma fonte de energia insuperável porque corresponde à própria energia íntima, interna, individual. Quando você usa o silêncio aqui fora, está totalmente ligado à sua fonte de energia genuína, que depois se exterioriza de outras formas. A arte verdadeira é também uma manifestação de energia espiritual, pois vem de dentro do indivíduo.*

Os que frequentam Figueira desde o início sabem a importância do silêncio externo e interno ali trabalhado. A energia espiritual e sutil só foi ancorada porque os trinta, sessenta moradores pioneiros entenderam o sentido do silêncio e, com rigor, mas sem rigidez, com ele impregnavam o dia a dia.

Não havia mutismo. Durante a tarefa, as pessoas falavam sobre ela, chamavam-se pelo primeiro nome, mas não se interessavam por conversas paralelas tipo saber se o outro era carioca ou baiano, com o que trabalhava, se era casado... E isso fazia diferença na energia.

Apesar de Trigueirinho respeitar o ritmo e o tempo de cada um, com criatividade sideral abria vias para os seres se aperfeiçoarem enquanto buscavam a essência do silêncio dentro de si. Para propiciar-lhes o crescimento espiritual por meio de uma compreensão diferenciada da vida, ele nomeou de *Silêncio* a área em que morava. Deu o nome *Casa do Silêncio* a um pequeno imóvel voltado para retiros e vigílias.

Impulsionou o grupo a transcender a personalidade e a tornar-se uma taça a serviço do plano do Criador ao instituir um dia por mês dedicado ao silêncio — a Vigília Mensal. Também multiplicou retiros silenciosos em quartinhos monásticos, *trailers* e barracas instalados em áreas da fazenda ou em casas da cidade.

SILÊNCIO

Em Figueira, muitas placas pediam Silêncio. Trigueirinho gostava delas! Havia placas móveis, colocadas nas portas dos auditórios, em dias de partilha. E fixas, em pontos de silêncio, como nas áreas dos trailers, do labirinto de F2.

Em tudo, Trigueirinho era um exemplo vivo. Foi a expressão fiel do silêncio ardente, dinâmico, transformador. Ele refletia o silêncio na forma suave e rápida de andar, de falar baixo e apenas o necessário, de ouvir além do que o outro articulava.

Dizem que foi a personificação do silêncio. No salão de partilha, ao estar diante dele sentado à mesa em profunda quietude, no espaço pleno de silêncio, o público penetrava o estado que emanava. Quietude e concentração abraçavam os presentes, acalmando-lhes inquietudes físicas, emocionais e mentais.

Não havia repressão. Para os seguidores, era uma conquista sentir os próprios sentidos silenciados, em resposta ao ensinamento e exemplo dele. No processo de alinhar os corpos, expandia-lhes a percepção de si mesmos e a do ambiente em torno, e isso lhes trazia alegria. Quem chegava agitado, sentia-se acalmar de forma gradual. O silêncio foi levando o grupo a ter certa compreensão da verdade, a aderir ao trabalho com a Hierarquia, a voltar-se para o cosmos.

Através do silêncio a consciência vincula-se à Fonte de Vida, e a nada mais, diz Trigueirinho no Glossário Esotérico. Ao se conhecer o silêncio, conhece-se o Amor. O silêncio vem ao encontro do ser quando este se volta para o interior de si mesmo. Do silêncio emerge a compreensão e, com ela, a diligência para o serviço. Do silêncio provém a fortaleza para empreender novos caminhos. Fonte de sabedoria, nele está a paz e o poder da transcendência. O silêncio cura, regenera, transforma, transmuta e eleva.

FIGUEIRA, UM LABORATÓRIO

Sois amados, nunca vos esqueçais disso.
Trigueirinho



A VIDA GRUPAL CRESCEU SOBRE O SILÊNCIO PODEROSO, entre madrugadas e dias intensos, reuniões e encontros antes do alvorecer. Atividades diurnas corriam ritmadas, no horário, planejadas segundo a lei da necessidade.

Pouco se conversava nos primeiros anos. Havia partilhas do instrutor apenas aos sábados, às 16h. O jantar era servido às 17h30, antes de o sol baixar. Em seguida, a maioria se recolhia aos quartos. Quem vinha da realidade urbana, perguntava-se: *Meu Deus, o que fazer agora?* Disponível para se ler havia apenas uns textos impressos. Era isso, e só. E se mergulhava em um sono inédito, desconhecidamente profundo.

Para transformar os seres e o mundo, Trigueirinho criou Figueira, um laboratório que imprime, no concreto, o que os integrantes sentem e pensam de mais evolutivo. Energias agem através dos que se desenvolvem lado a lado, apoiando-se mutuamente.

Figueira é um laboratório porque ninguém está pronto. Esse é um de seus aspectos, ele dizia em meados dos anos 90. Nesse laboratório acontece inclusive a mudança para um novo código genético. Estamos procurando ser verdadeiros monges, verdadeiros residentes, procurando ser colaboradores. Procurando, porque a busca não tem fim, é um caminho infinito de serviço. Vamos aperfeiçoando-nos.

Quem chega aqui está em maior ou menor contato com um laboratório, e que não pretenda sair da forma como entrou. Porque isso não acontece. Mesmo que a pessoa não queira, mesmo que resista, mesmo que se feche, mesmo que se recuse, se passou minutos aqui, a pessoa não sai como entrou. Nesse laboratório está a vida desenvolvendo-se segundo a química que vive dentro de cada um, que está oculta no grupo, ou segundo a química oculta de Hierarquias, que se mescla à dos grupos.

Colaboradores ansiando por um mundo melhor chegavam de diferentes estados a fim de se somar aos residentes e implantar o laboratório Figueira. Davam o máximo de si. Dispunham-se a observar o próprio interior e a própria conduta com os semelhantes e o ambiente em torno. No laboratório é vital o esforço permanente para se limparem comportamentos arraigados trazidos da vida em sociedade.

Para ilustrar a vida dentro do laboratório, selecionamos pareceres de quatro pioneiros:

COLABORADORA DE SÃO PAULO, SP

RAQUEL GERBER Além do aprendizado de se viver em comunidade, com respeito e sem julgar o outro, Figueira oferece a prática do amor e cuidado por tudo, por cada gesto, cada alimento, e, sobretudo, pela Natureza.

Conheci pessoas especiais e criei amizades importantes, por afinidades no caminho da busca interna. Adquiri conhecimento em partilhas, em aulas, em leituras nas maravilhosas bibliotecas de Figueira, onde descobri mestres e escritores de diversas correntes da espiritualidade. Eu levava livros para o local de hospedagem e, às vezes, conseguia xerocar umas páginas numa lojinha ao fundo da rodoviária da cidade.

Na volta para São Paulo, dormia no ônibus em estado de profundo êxtase. E quando chegava à grande cidade, eu me fechava em casa para a qualidade da energia não se evanescer. Ia mensalmente como colaboradora, tanto para ouvir partilhas, como para participar da Vigília de Silêncio. Usufri de quietude profunda junto aos lagos da Vida Criativa e do Alojamento, verdadeiros portais de paz infinita, como eu nunca havia experimentado.

Levantava-me às quatro e meia da manhã. Antes de o sol nascer, seguia da cidade para a fazenda com outros colaboradores, na carroceria aberta de um caminhão, para os plantios, as colheitas, a sementeira. Vivi uma total quebra de padrões e paradigmas, uma cura profunda, a transformação de meu ser, porque vim de uma família de classe média burguesa, de comerciantes e contadores imigrantes da Polônia e da Rússia. E, com formação na USP, trabalhei como pesquisadora da História da Política e da Sociedade dos Povos. Ali estava como um peão de obra, sentada na boleia de um caminhão, varrendo estradas, carregando terra em carrinhos, produzindo e estocando alimento, preparando sementes em canudos de jornais, que tanto colecionei com a história da política e da sociedade.



TRABALHOS COM TRIGUEIRINHO E FAZENDA FIGUEIRA

Estes trabalhos visam à formação de uma nova consciência através de informações, estudos e sua aplicação na vida prática.

Sem finalidade lucrativa, não propõem doutrinas e são livres de conceitos políticos, religiosos e de correntes filosóficas.

Procuram estimular uma harmonia integral isenta de emocionalismo, psiquismo e interesse por fenômenos.

Sua estrutura é formada por voluntários que, sem constituírem organizações, seitas ou entidades de qualquer tipo, mantêm sua consciência voltada para novos padrões de vida, dentro das novas leis planetárias.

Consegui ter um olhar poético daquelas pessoas vestidas com chapéus de palha trabalhando a terra debaixo do sol, junto a pássaros, abelhas, borboletas. Lindo demais! Foram verdadeiras visões líricas, experiências quase sobrenaturais.

Aprendi a colocar tijolos, a fazer consertos. Enfim, foi uma bênção trabalhar em muitos setores de F1 e F2: cozinha, laboratórios de medicamentos naturais, bibliotecas, manutenção, padaria.

Também recebi tratamentos de saúde naturais, que me ajudaram no equilíbrio dos corpos, tão almejado nesse trabalho para que o alinhamento com o Alto se mantenha: banhos aromáticos, compressas, lava-pés, chás, ervas, caldos, medicamentos naturais, procedimentos ofertados com amor e cuidado, sob a direção do Dr. Clemente, o Dr. José Maria Campos, que faleceu em 2020. Esse grande cientista nos acompanhou e sempre me assistiu. Com ele trabalhei nos plantios, com cristais, regeneração da Terra e avistamentos dos céus

à noite para conhecer estrelas, constelações, a Via Láctea. Assisti a suas aulas teóricas magistrais no campo da Cosmologia, da evolução dos planetas e dos elementos da Natureza, além de aulas sobre uma Nova Astrologia com foco na Nova Humanidade, a Nova Raça, a Quinta Raça.

Figueira foi uma escola livre para a vida, a relação com o Cosmos e as forças da Natureza. Sinto a energia de Trigueirinho! Além de instrutor espiritual e de almas, é um grande curador, não só de indivíduos, mas do coletivo.

COLABORADOR DE CAMPO GRANDE, MS

JOSÉ MACIEL A turma do início era formada de guerreiros. Muito severos, até exageravam por estarem há mais tempo convivendo com o rigor de José. Hoje digo, com grande respeito, que os precursores foram os heróis que nos ajudaram a dar os primeiros passos dentro da comunidade. Sou grato a esses irmãos, embora nem sempre tenha sido fácil aguentar suas exigências.

COLABORADOR DE BELO HORIZONTE, MG

SALVATO Nada havia de dogma religioso em Figueira, uma escola filosófica em que Trigueirinho era o exemplo vivo, o mestre, que cada vez mais ampliava nossos pontos de vista. Ele conectava partes invisíveis para a nossa percepção desatenta, limitada, obtusa. Eu nunca tinha reparado na importância das abelhas para o Reino Vegetal e o planeta... Ele mostrou a vida no Reino Mineral, que sempre aprendi como sendo inanimada, e mostrou a água como uma ideia original anterior ao pensamento do Criador sobre a humanidade; mostrou que os planetas têm um Logos, uma inteligência, e estão sincronizados com a Criação.

No princípio, meus corpos não sustentavam a energia e o ritmo do trabalho mais que três dias. No domingo, depois da partilha da manhã e do almoço, preparando-me para ir embora, olhava para os residentes fixos como se fossem verdadeiros heróis. Eu precisava voltar para a vida rasa, mundana, material, que tinha... Mas eles estavam totalmente doados ao Plano; era admirável. Eu só sentia uma imensa alegria de participar do grupo, mesmo que de forma ínfima. Realmente não havia nada nem ninguém da minha vida profissional, familiar ou até dos meus ídolos que eu admirasse mais como valor de ser humano e de serviço à humanidade. Era algo muito grande.

Figueira foi crescendo, e Trigueirinho não aceitando nada como posse. Sua simplicidade estava em tudo e ele atraía a lei da manifestação e a da abundância.

Eu me hospedava em F3 e vi a vida austera que levava, a casa em que morava, o carro em que andava. Não precisava de mais nada, tinha o essencial. Era um mestre, um mestre bastante hermético.

Sempre senti total admiração por este grupo e pela coerência absoluta entre o que Trigueirinho falava e fazia. Seus ensinamentos foram alargando nosso campo de visão, enquanto apertava mais a corda do violão para nos afinar. Quando vimos, nossos paradigmas haviam-se tornado totalmente diferentes dos impostos pela escola tradicional e pelos meios de comunicação.

COLABORADORA DO RIO DE JANEIRO, RJ

BIA VERGARA Trigueirinho era forte, inusitado, absurdo e real. E nos propunha movimentos enormes, construções, hortas para sobrevivência grupal. Era rigoroso, ordenado. Hoje, entendo ser o 7º Raio implantando-se ali. Lá me mandavam limpar o mesmo banheiro duas, três vezes, até ficar impecável. *Não varreu direito, varra de novo.* De vez em quando, eu fugia pro mato.

Enquanto eu fazia um trabalho intenso no Rio com comunidades, dava aula de ioga, trabalhava com cura, com argila, uma aluna me passou uma fita cassete dizendo que iria amá-la. Ouvi e fiquei completamente fascinada: *Como não conheci essa pessoa antes? Onde está ele?* Voltava da Índia e, em 1991, cheguei a Figueira, aonde nunca deixei de voltar. Desconhecia coisas internas, mas estava em sintonia com a alma. Esperei acabar a partilha e fui falar com José. Ele me deu um sorriso enorme, inesquecível. E me mandou conversar com Clemente. Ajudei a construir e participava muito do LI, ia coletar ervas, pôr para secar, e tal e tal. Trouxe o conhecimento que adquiri lá para o Rio e para a minha vida.

Eu discutia demais, chega a ser engraçado lembrar... Uma história me marcou. Certa pessoa, que hoje é uma monja querida do coração, tinha a personalidade forte e focalizava a Casa do Pátio. Era sábado, e fui trabalhar com um grupo na área externa. Tipo onze da manhã, com fome, sede e calor, peguei uma manga na despensa. Saboreando a fruta, ela me proibiu comê-la: *A manga é de todos, não para você!* Foi tenso, a professora autoritária brigando comigo. E a encarei. Comi a manga, dizendo *a manga não é tua.*

Era dia de partilha. Veio o almoço, veio a sesta, em que todo mundo se recolhe um pouquinho. Resolvi sair do quarto para tomar água. Exatamente no lugar onde tínhamos discutido, estava José, sentado numa cadeira, olhando para o infinito. Não me cumprimentou, não me olhou. Tomei água e saí. José lá, exatamente onde discutimos, costurando o etérico que estragamos. Foi forte. Fiquei mexida. Que trabalhadeira dávamos para José, gente do céu!

A vibração provocada pelo conflito perturbou o nível energético. Essas forças contrárias precisaram ser controladas e *reconduzidas a áreas de consciência que lhes correspondiam*, como explicou Trigueirinho sobre outra situação.

Sempre houve pautas, orientações para as pessoas aprenderem a se conduzir dentro de um Centro Espiritual. A disciplina e a austeridade fazem parte do trabalho, mas Trigueirinho nunca se prendeu a estruturas e formas. Segundo a tolerância grupal, com o passar dos anos a disciplina tornou-se cada vez mais flexível.

No *Informe 7*, de 1995, de circulação interna, Trigueirinho arremata: *Figueira, como todos os trabalhos evolutivos manifestados no plano físico, tem imagem própria, tem seu espírito. Para expressá-lo, não pode circunscrever-se a necessidades individuais. A todo instante o grupo tem a tarefa de estar disponível como colaborador das Hierarquias. São elas que inspiram o seu serviço, que ajustam a sua tônica. Tentar moldar ritmos a tendências de nível pessoal certamente ocasionaria enfraquecimento do contato com essa fonte nutriz. Os ritmos seguidos em Figueira obedecem a um rigor moderado. Contudo, isso não elimina a possibilidade de se implantarem aqui outras formas de interação grupal.*

A meta é seguir padrões de conduta da nova raça. Por um lado, vivem-se divinos momentos de enlevo. Por outro, imperfeições tornam-se evidentes; surgem embates mentais e emocionais, além de conflitos externos. Afinal, somos consciências em crescimento, aprendendo a servir ao bem no pequeno e no grande. O importante é que os filhos espirituais de Trigueirinho treinam conscientemente deixar a energia da alma fluir, enquanto transcendem reações da personalidade.

Todos são diferentes, cada ser está em um ponto evolutivo, mas, como grupo, deve expressar uma única nota. Cada integrante do Laboratório Figueira é responsável por manter o estado vibratório elevado, trazendo à tona a beleza oculta em si.

RESPOSTA AO CHAMADO

*A necessidade de o aspirante ter alguém mais experiente,
que lhe indique os passos e lhe mostre como levá-los adiante,
é verdadeira.*

DAS LUTAS À PAZ, Trigueirinho

O FORMADOR DE ALMAS LANÇOU um amplo chamado no mundo interno. Indicações misteriosas guiavam passos de buscadores até ele. Cada um recorda a história sobre como o encontrou. Nos anos 70, Trigueirinho fazia listas com os nomes de quem respondia ao chamado, de quem ficou e de quem chegou e não ficou. Cada um teria uma tarefa, uma função, e manifestar o plano evolutivo teria sido mais simples se todos tivessem respondido. Mesmo assim, uma vez ele comentou numa partilha que surpreendentemente outros seres vieram substituir quem se foi.

No livro *Portas do Cosmos*, ele escreve sobre a importância de cada servidor: *Apesar de sermos pontos diminutos, cada um de nós tem sua parte a cumprir. Cada pequeno parafuso de uma grande engrenagem tem de estar no lugar para que ela funcione perfeitamente. Ninguém é dispensável. A cada um é designado um lugar, uma função e uma tarefa. Permaneci em sintonia, pois assim assumireis o que sois, uma das partes do grande mosaico que o Único construiu.*

Eis três experiências de corações ardentes em devoção, fervor e entusiasmo, que abraçam a grande causa:

MAURO ROTENBERG Conheci José ao comprar um livro dele. Impressionou-me. Comprei então *Erks, Aurora, Miz Tli Tlan*. Li o primeiro em 24 horas. Comprei outros oito. Nos primeiros 20 dias li 16 livros, além de ter ido duas vezes do Rio de Janeiro a Figueira e lá estado dias. Nesses 6 meses, mesmo morando a 600 km de distância, voltava a cada fim de semana. Houve vez em que fui por dois dias, voltei para trabalhar e retornei no quarto dia: fiz 2.400 km de estrada em quatro dias. Eu praticamente morava em Figueira.

A maestria de Trigueirinho ao ensinar me emocionava. Deixei o trabalho concursado, difícil de se conseguir, e lá passei de agosto a novembro de 1996. Às vezes voltava a ler um livro ao dia, apesar das tarefas comunitárias. Deixava

de tomar uma refeição, acordava à noite para ler. A leitura, a sabedoria de Trigueirinho me alimentavam. No período, Figueira era rigorosa com a seleção, e meu pedido para estar um tempo mais longo não foi aprovado. Decidi viajar por alguns centros planetários da América do Sul e Central, até o México, onde havia vivido por 6 anos, mas sempre querendo morar em Figueira.

Isso se deu a partir de janeiro de 2011, antes das primeiras Aparições públicas dos Mensageiros Divinos. Eu havia solicitado moradia e ofereci-me para ensinar inglês aos monges. No último ano e meio, moro no Núcleo-Luz de São Carlos, e tem sido muito bom.

Ele conta com alegria o encontro, aos 15 anos, do que buscava:

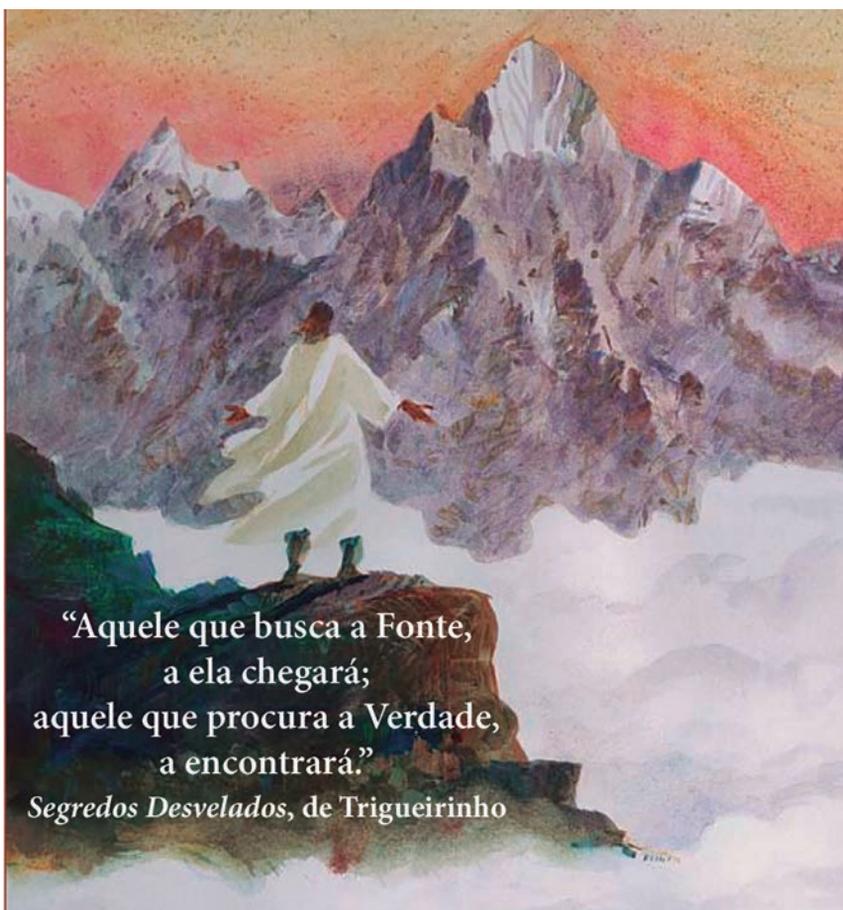
FREI ZEFERIAS Eu queria aprender violão e um vizinho me convidou a conhecer um professor de *blues* e de MPB. Plínio fazia as próprias músicas, frequentava Figueira e me repassou fitas de Trigueirinho. Fiquei extasiado com as palestras e tornei-me vegetariano por influência delas.

Uns três meses depois, entrei na casa da minha tia, pois eu trabalhava em sua fábrica de massas italianas. Um livro sobre o toca discos me atraiu de forma magnética. Quando o peguei, senti uma descarga elétrica forte! Estava com o livro na mão e escutei uma algazarra na rua, pessoas dizendo: *Olhem para o céu*. Saí com o livro na mão. Era umas cinco e meia da tarde e havia dezenas de esferas alaranjadas, ouro-rubi no céu, como estrelas de dia. Na verdade, hoje sei que não eram estrelas, e sim, naves. Foi um fenômeno a céu aberto, visto por centenas de testemunhas, meus amigos, meus vizinhos.

Plínio me apresentou a coordenadora de Figueira em Ribeirão Preto. Eu ia e voltava, uma hora e meia de caminhada, para buscar livros emprestados de sua biblioteca. Lia todos. Passei pela entrevista e fui convidado para ir a Figueira, mas não era o momento ainda. Com 16 anos, tinha experiências a fazer antes. Sabia que, quando fosse, não retornaria.

Um dia, estava com a minha prima Valéria, a que havia deixado o livro *Miz Tli Tlan* sobre o toca-discos. Eu tocava violão, mal conhecia três ou quatro acordes, era um analfabeto musical. Entramos em silêncio e sentimos um impulso ao mesmo tempo. Olhamos um para o outro e falamos juntos: *É agora. Chegou a hora de ir*.

Ligamos para a Secretaria de Figueira. Era uma quinta-feira à noite. Fiz o pedido, mas precisava aguardar quinze dias até receber a confirmação. Insisti tanto



“Aquele que busca a Fonte,
a ela chegará;
aquele que procura a Verdade,
a encontrará.”

Segredos Desvelados, de Trigueirinho

que a secretária me deixou ir e avisou que uma colaboradora de Araraquara passaria pelo Núcleo de São Carlos, a 100 km, às 5h da manhã seguinte. Passou-me o telefone dela. Combinamos a viagem, e me disse que a chave do Núcleo ficava escondida em um vaso. Só que esqueci de avisar o Núcleo porque estava apavorado. Eu morava em Ribeirão Preto, a 100 km. Liguei para a rodoviária. O último ônibus para São Carlos acabava de sair, mas ainda pararia numa minirodoviária da cidade. Voamos de carro até a casa de minha mãe. Falei com ela. Ficou meio assim e lhe disse: *Toda mãe sabe o melhor para seu filho, e tenho certeza de que seu coração sabe que estou fazendo o melhor.* Ela me ajudou a montar a mala. Saímos voando pelas ruas e, num semáforo, fizemos uma barreira com o carro para o ônibus parar. Coisa de filme. Saí gritando com a mala na mão. Desconfiaram de um assalto. *Não sou ladrão!* Uma eletricidade tão forte descia sobre mim, que me deixaram pegá-lo.

Quando vi Trigueirinho pela primeira vez, era igual a um homem com quem sonhei mas, no sonho, tinha a fisionomia jovem. Ele me reconheceu também. Eu chegava uma hora e meia antes de ele iniciar as palestras. Ficava observando-o ou em meditação. Sentava-me na primeira fila, de bermuda e camisas estampadas. Era um jovem de 18 anos. Ele me dava olhadas. Na segunda semana em Figueira, ali sentado de olhos fechados, comecei a sentir calor, e meu coração batia forte. Não tive coragem de abrir os olhos, mas percebi que ele me observava. Saiu de sua mesa e andou até a livraria. Aproximou-se, tocou meu ombro, abri os olhos, e me entregou uma agenda, mais o livro *Mensagens para uma Vida de Harmonia* e também uma caixinha com livrinhos de bolso.

Depois entendi, lendo no livro da vida, o místico prático, como se chama agora: agenda é símbolo de compromisso, de execução da tarefa. *Mensagens para uma Vida de Harmonia* era o livro síntese que eu tinha de trabalhar e manifestar naquele momento. Foi em 1998 a minha retomada consciente junto a Trigueirinho. E prossegui a tarefa com ele.

Um visitante inesperado chegou à Secretaria:

CLÉLIA SARRAPIO Minha principal tarefa em Figueira foi na Secretaria, junto a Germano. Fiz muitas entrevistas com pessoas vindo pela primeira vez e, quando a demanda cresceu, eu as fazia *online*, de casa.

Certa vez chegou à Secretaria um andarilho sujo, malvestido, o tênis rasgado. Tirou da sacola e me mostrou o recorte de um dos artigos da coluna que Trigueirinho escreveu por anos para o jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte. *Disseram que ele mora aqui. Como faço para conhecê-lo? Ele é importante para mim, provoca algo diferente no meu coração quando leio este texto.* Fiquei impressionada; era uma pessoa brilhante. Consegui roupa, tênis e uma mochila para ele. Tomou um banho e me perguntou: *Estou digno para encontrar Trigueirinho?*

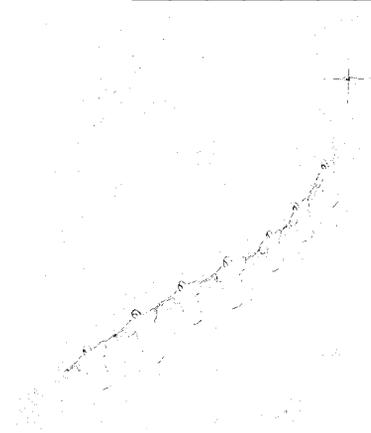
E o levei para uma partilha. Ficou atento e José olhava sempre para nosso lado. No final, ele me chamou e em seguida tiveram uma longa conversa. Então me avisou que eu voltasse para a cidade e o deixasse ali: *Vai ficar um tempo na fazenda comigo.*

Rapaz serviçal, colaborava em tudo. Era, como dizem os mineiros, um pé de boi. Após seis meses, deixou um bilhete para mim: *Meu trabalho interno foi realizado, e estou saindo como cheguei. Obrigado por tudo. Vamos ver o que a vida me oferece daqui para frente.*

VIDA

*As formas vão-se diluindo
na Vida, e a Vida vai assumindo
novas formas em planos cada vez
mais sutis, até que se funde na
essência, além das formas e
das ilusões.*

DAS LUTAS À PAZ, Trigueirinho



A VIDA ESTÁ PRESENTE EM TUDO, EM ÁTOMOS e em objetos ditos inanimados. Não se pode abarcá-la com a mente humana, já que ela é a *Mente em si*. Vida é palavra-chave na obra de Trigueirinho, cuja consciência reverenciou sua infinita expressão.

O estudioso da vida do espírito alcançou conhecimento cósmico e universal. Treze verbetes em seis páginas do *Glossário Esotérico* discorrem sobre diversos aspectos da vida, desde a que pulsa em mundos concretos até a vida celestial e eterna. Tratam sobre o que nos é dado viver no planeta e além dele, *nas trilhas da transcendência*. Desvendam mistérios que habitam o interior da Terra e no cosmos, conhecidos por poucos através dos tempos, os quais sintetizamos:

Vida Comum: Vida convencional em que se encontra a maioria. Utiliza o poder da sensação para fortalecer a ilusão e manter a consciência aprisionada a estruturas decadentes. Tem a seu serviço religiões formalizadas, governos, órgãos da ciência e meios de comunicação. Leva o ser humano a cultivar a expectativa de obter felicidade na existência voltada para valores materiais. Já que o prazer é fugaz, causa sofrimento.

Vida Interior: Existência em níveis subjetivos, chamada vida da alma ou vida espiritual. Quando se diz que um indivíduo tem *vida interior*, isso significa que sua alma despertou para a união com o espírito e está a serviço do Plano Evolutivo. Mínima é a parcela dos que isso buscam.

Vida Consagrada: Consagrar-se é a aspiração da alma, que se inunda de ondas de amor ao despertar para valores superiores. Modos de agir, sentimentos e ideias baseados no egoísmo se esvaecem aos poucos. Conforme a alma aprende a elevar tudo o que existe, descobre a alegria de cada instante.

Vida-Humanidade: Assim se chama a consciência que rege os quatro tipos de humanidade evoluindo pelo cosmo: as humanidades bem pouco evoluídas; as humanidades que vivem nas superfícies dos orbes; as humanidades intraterrenas — habitam em camadas profundas da terra e levam uma vida mais evoluída e espiritualizada que as da superfície; as humanidades estelares, com modos de existir elevadíssimos.

Vida de Superfície: Desenvolve-se na face externa dos corpos celestes. Seus integrantes, à medida que progridem, trasladam-se para a vida no interior do orbe em que se encontram ou para seus níveis suprafísicos e, posteriormente, para a esfera sideral.

Vida Divina: A Terra está sendo preparada para acolhê-la. A vida divina revela-se no belo, no simples e no justo. É a essência do amor.

Vida Etérica: Energias etéricas são as que sustentam a vida física. De seu equilíbrio depende a saúde e a harmonia dos corpos humanos e do corpo planetário. No nível etérico há civilizações avançadas, tanto no interior do planeta quanto nos oceanos e na atmosfera.

Vida Material: Acha-se no plano físico cósmico.

Vida Imaterial: Acha-se no plano astral cósmico — patamar onde a consciência solar se desenvolve —, nos níveis mental cósmico e noutros, mais elevados.

Vida Inalterável: Eterna e imutável, pode refletir-se na vida material.

Vida Inanimada: Via para a reabsorção da existência tangível na Fonte, a dissolução da consciência no Absoluto.

Vida Onisciente, Onipresente e Onipotente: Em sentido absoluto, cabe apenas ao Altíssimo, que é o Todo.

Para impulsionar vidas de serviço dedicadas ao Criador, Trigueirinho apontou caminhos gloriosos, além da superfície da terra. Todos podemos viver etapas de ascensão da consciência. Conhecimentos superiores vivificam nosso evoluir em meio à vida humana comum.

MIRNA JAD

*Despertastes, ó esperado peregrino...
Diante da Chama do vosso Espírito
Sabereis que encontrastes Mirna Jad,
Reino dos eleitos, Morada dos puros.
Trigueirinho*



ELE RECEBEU UMA TIARA FEITA DE LUZ, como a dos raios que cruzam os céus em tempestades. Entrou na ampla sala. Uma chama ardia sobre um altar. Ali soube que seu trabalho era manter a chama acesa.

Trigueirinho percorria planos internos e iniciava contatos com Mirna Jad, centro em níveis suprafísicos, que abrange vales e a cadeia de montanhas da região onde Figueira se manifesta. Ele explica na gravação *Reino de Mirna Jad*, de 2014: *Cobre uma área que inclui o estado de Minas Gerais, o estado de São Paulo, parte do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, mas a sua irradiação e aura iluminam todos os estados do Brasil, refletindo ainda em alguns países vizinhos como o Chile e o Equador, de forma que é uma área intraterrena considerável.*

É composto de várias Hierarquias Regentes. A sua tarefa básica é materializar, manifestar, irradiar a energia do 2º raio, o Amor-Sabedoria. Mas através de outros Raios: da Atividade Inteligente, que chamamos de 3º Raio; através da Ordem e do Cerimonial, que é o 7º Raio e através da Devoção e Idealismo, que é o 6º Raio. Então, através do 3º, do 7º e do 6º, manifesta o 2º Raio Cósmico. E a partir destas vertentes, nos Templos mais internos de Mirna Jad trabalha-se a partir de raios imateriais.

A energia do Reino de Mirna Jad transformava a vibração do meu ser, escreveu. O instrutor datilografava cada experiência para depois transmiti-las. Revelou-as no 23º livro, *Mirna Jad — Santuário Interior*, de 1991. O primeiro contato dele com Mirna Jad se deu ao recolher-se antes de uma reunião grupal. Viu, na mente, uma passagem interdimensional nos planos etéricos de uma colina próxima, chamada então Morro do Cristal. Nela ingressou observando seres que saíam de um Santuário Interior circular — dedicado à cura espiritual — e se dirigiam ao topo externo da colina. Uma elevada Hierarquia enviou-lhe

uma luz que interpenetrou o lado direito de seu corpo físico-etérico, preenchendo-o de calor. Em dado momento viu também, no lugar do próprio corpo físico, plasmar-se uma figura feminina de vibração sutil.

Em seguida, Trigueirinho dirigiu-se para a reunião. Entoou sons mântricos recém-captados. Observava a cura pela qual participantes do grupo em círculo passavam: *Energias advindas de níveis supramentais produziam transformações interiores consideráveis em todos nós. Viu o grupo, a certa altura: sob a imensa proteção de um Ser que, no âmbito interno, coordena nossos trabalhos. Enquanto entoavam, constatou ainda: A energia interna do meu ser, após anos de preparação consciente, fundia-se naquela Entidade Imaterial, naquele Irmão Maior. Para minha consciência tridimensional, isso era percebido como uma união total.*

Ao longo do livro, ele relata fatos internos vindos de fora do tempo-espaço: cânticos em idioma Irudin, aromas suaves desconhecidos, a alternância entre o rosa-vermelho, o azul-púrpura e o amarelo-ouro que acelerava partículas de átomos de corpos a serem harmonizados.

Em novos contatos, percebeu a Terra composta de várias esferas, uma dentro da outra, com diferentes graus de densidade, vibração e diâmetro. Cada esfera correspondia a um plano. Hierarquias contam com nossa colaboração: *Como humanidade, temos a tarefa de manifestar, no plano físico, a vida dos grupos internos e de trazer a realidade imaterial para dentro da órbita planetária. E mais adiante: As dimensões intraterrenas atuam sob leis distintas daquelas que regem a esfera da superfície, e por isso não sofrerão com o próximo holocausto físico.*

Ficou evidente que *a verdadeira vida é a que se desenvolve nos planos sutis e se reflete, dentro do possível, nos níveis materiais.*

Mirna Jad estimula a evolução humana e sustenta os Reinos da Natureza. Projeta-se nos níveis materiais, apesar de atuar sobretudo no nível monádico. O Reino de Mirna Jad revelou ser *a expressão de uma conjuntura hierárquica que compõe uma civilização imaterial.*

Um aroma não físico o acompanhava no dia a dia. Sempre alerta, o instrutor assistia ao movimento de energias no grupo, que entrou em novo patamar energético conforme o convívio dele com Mirna Jad



Amanhecer na região de Mirna Jad, fotografada do cume do Morro do Cristal, hoje Colina das Aparições. 18.6.2005

se aprofundava. Grandes Entidades lhe enviavam mensagens. Com os olhos internos, conheceu um dos Conselhos de Mirna Jad, composto de doze membros. Observou Hierarquias se acoplarem à sua consciência. E observou o Conselho de sacerdotisas dos Espelhos na sala onde membros do grupo trabalhavam.

Soube também: Era-me esclarecido que a Consciência que havia inspirado, conduzido e manifestado o antigo povo essênio era a mesma que agora contatávamos, e que reconhecíamos como Mirna Jad. ...Trabalhai, como os essênios, na estrita vivência da Lei, e tende em vossa entrega a marca maior do serviço que estais prestando.

Com a retirada dos véus, mudou sua forma de captar mensagens. Até então, decodificara impulsos. Agora era como se as ideias viessem dele mesmo antes de se manifestarem em palavras. A abertura da visão etérica se completou entre encontros, tarefas cotidianas e orações grupais. Na época, em Figueira se iniciou o trabalho consciente com o circuito planetário das sete cidades intraterrenas: Anu Tea, Aurora, Erks, Lys-Fátima, Iberah, Mirna Jad e Miz Tli Tlan.

E Trigueirinho ingressou no seio de Mirna Jad vendo *claramente as civilizações e estruturas sutis que conviviam ali em diversos planos*. Noutra momento, atravessou uma porta de contato e avistou uma cidade no vale, que tinha estruturas etéricas feitas *de um elemento-luz indescritível*. Ele descreve outra visão: *Estando com o grupo próximo a alguns lagos, vislumbrei os portais de Mirna Jad. Em cada um dos lados havia uma coluna de Luz que não tinha começo nem fim, transmitindo a impressão de infinito. A energia que percebia nessas colunas correspondia à dos nossos conhecidos Instrutores dos planos internos. Via naquela área um Templo formado de uma camada sutilíssima, extremamente tênue e transparente; apenas Luz parecia existir em seu interior. Não havia cores ali, mas o que se podia perceber transmitia a impressão de corresponder à frequência vibratória do azul e do amarelo. A base sobre a qual aquele Templo se erguia era de fogo.*

Informações lhe chegavam. A vida em Mirna Jad é regulada pela pulsação solar, e seu núcleo central, ao receber as energias do Cosmos, liga-se à vibração esférica. Ao transmiti-las, emite a energia de equilíbrio simbolizada pelo quadrado. O mundo intraterreno é banhado por luz suave. A energia Brill usada é atérmica e não inclui o desgaste pela fricção de elementos. Ele presenciou cerimônias nos belos templos. E conviveu com outro aspecto da vida de Mirna Jad, um jardim de cura: *Esse jardim é um Espelho, conjuntura energética de harmonia, força e beleza, que permite o ancoramento de energias intergalácticas e cósmicas.*

O Reino de Mirna Jad se elevará ante vossos olhos, diz o livro. Vereis, então, a supremacia do poder criador irradiar-se em luz e glória aos quatro cantos da Terra.

Em um trajeto de carro, percebeu a energia da Mãe Cósmica guardando os portais de Mirna Jad, um estado de consciência. Cada portal tem sete chaves, que correspondem às provas dos viajantes que escolheram o caminho da Luz. Eles os cruzam quando suas vibrações condizem com a energia sublime. Ao irmão que chega, *Mirna Jad, em certo plano, manifesta alegria e festeja.*

Gongos soam para peregrinos a serviço da Hierarquia. Emitem o chamado: *Vinde a Mirna Jad!*

OBSERVAR O CÉU NOTURNO

*Somos todos filhos do Único,
estamos todos no Único.
E a Graça vem para todos.*
Trigueirinho



QUANDO A NOITE SURGIA, ELE TOMAVA a trilha pedregosa até o cume da colina. Ia só, no princípio. Sob a grandeza do cosmos, a seus pés desdobravam-se o vale cercado de cadeias de montanhas longínquas.

Pouco mais tarde, Trigueirinho seguia para a área de contato com companheiros mais próximos, que iniciavam com ele a nova vida. Dr. José Maria Campos, sempre. Reverentes, observavam a magnificência do infinito e uniam-se a estrelas cujos irmãos trabalham setores da humanidade, como Órion e Andrômeda. Ofertavam-se à Grande Vida que sustenta o cosmos e emana vórtices de energia, ou seja, padrões arquetípicos que o planeta deve manifestar.

Naves trabalhavam no céu, mescladas a estrelas e planetas, escreveu. Por vezes tornavam-se visíveis e deslocavam-se num salto para oeste, para leste. Ou apagavam-se. Certa noite, sentiram um ponto do lado direito da cabeça ser fortemente estimulado, e mais o ombro, o braço e a mão direita. Sentíamos uma profunda revolução acontecer em nós. Nos planos internos, o grupo trabalhava em triângulo, junto a Espelhos de Erks, Aurora e Miz Tli Tlan.

Na década de 90 iniciaram encontros constantes de oração sob o céu noturno, que se davam em distintas áreas de contato da comunidade. O número de participantes variava, sete, doze, vinte e um, e outras formações. Reuniam-se em círculos, com cada configuração expressando um símbolo. Entoavam mantras para alinhamento dos corpos. Por vezes se sentiam envoltos por um aroma.

Caso o instrutor percebesse forças involutivas rondarem as auras, trabalhava com intenso esforço interno para elevar o campo magnético grupal. Revelava chaves para seguidores se tornarem portadores da Luz das estrelas.

Acontecia de uma cor não física tingir o céu. No alto da colina, Trigueirinho dirigia o olhar para o ponto de onde Mirna Jad emanava irradiações. Diante da imensidade, repetia: *Sabemos tão pouco!*

Quatro buscadoras relatam experiências com o céu noturno vividas em quatro décadas. A primeira reside em Figueira:

BETH GONTIJO A gente se conheceu em 1981 e, um dia, eu liguei para ele. Foi falando antes de eu dizer uma palavra: *Tudo bem, Beth? Pensei, nossa, como sabe que sou eu?* Fiquei impressionada. O grupo de BH fazia reuniões constantes. Também retiros na Casa de São José. E mais três encontros anuais nas noites de plenilúnios, que ele dizia serem sagradas: em março, a lua cheia de Cristo, em maio, a lua cheia de Buda, e a lua cheia dos dois, Buda e Cristo, em junho.

A colaboradora carioca esteve entre as primeiras a observar o céu noturno com Clemente.

BIA VERGARA No comecinho dos anos 90 íamos sempre com Clemente ver o céu no Morro do Cristal depois do jantar, quando começava a escurecer. Ele ensinava-nos a identificar constelações, a observar a posição de cada ponto reluzente. Era um trabalho lindo, leve. Sentados ou em pé, em roda, mostrava avenidas celestes, ruas, caminhos do céu. Em palestras sobre trabalhos de cura, explicava relações impressionantes de cada planeta com certo mineral.

Por vinte anos, Clemente foi quase toda noite à colina em busca de respostas. Ofereceu ciclos de encontros para observar o céu noturno. *Puras viagens interestelares*, comenta uma aluna. O médico-pesquisador discorria sobre a ciência material e a ciência espiritual. Afirmava que a astronomia ajuda-nos a contatar o Absoluto. Que a energia astronômica nos impulsiona a transcender o lado material do universo. Que cada astro representa um caminho para chegarmos à essência da vida. Que abrir-se para os astros faz parte do genuíno trabalho de cura.

CATHIA FERREIRA Em encontros ao ar livre, primeiro Clemente nos levava a contemplar o céu por horas, e quanto mais tempo na escuridão, mais estrelas enxergávamos. A vista ia-se acostumando. Nós saíamos da Terra e nos projetávamos noutro mundo. Aí ele apontava as constelações visíveis na época do mês. Depois falava de forças astrológicas e que *astros influem, mas não determinam* nossa história, conforme a frase em latim: *Astra inclinant, sed non cogunt*.



A ciência estima que nossa Via Láctea contém de 100 a 400 bilhões de estrelas girando em círculos. Foto: Abel, do Núcleo Coração Sagrado. 5.4.2016

Os corpos celestes trazem o impulso para ativar a energia planetária na biografia de cada ser humano. O mapa de nascimento é a carta do que cada um construiu em outras vidas, e mostra o que ele precisa completar. Como temos livre-arbítrio, depende de cada um ativar a própria energia astrológica, que muitos deixam congelada.

Em 2.9.1997, assisti no Alojamento ao Curso de Astronomia, Módulo I, *Perspectivas*, de Clemente. Ele passou slides e fiquei impactada. Pela primeira vez, percebi a imensidão do universo. Mostrou uma foto da Terra e da nossa Via Láctea, dizendo: *A Via Láctea é a nossa cidade cósmica, contém mais de 200 bilhões de estrelas e 50 mil anos-luz de diâmetro. Mil anos-luz equivalem a 94.6 quatrilhões de quilômetros. A estrela mais próxima de nosso Sol é Centauro, a 4.221 anos-luz de distância. Sirius é a sexta estrela mais próxima do Sol: 8,57 anos-luz; canaliza o Raio cósmico de Amor-Sabedoria para nosso sistema solar. O centro da Via Láctea é mais claro, e aí ficam as constelações de Escorpião e de Sagitário. Há vinte galáxias mais próximas da Terra. A de Andrômeda, a 2 milhões de anos-luz.*

Fiquei chocada! Guardo na memória a aula que deu. Foi até melhor do que ter visto o firmamento a olho nu. Tudo era intenso em Figueira.

O Setor de Estudos e Pesquisa em Figueira promoveu, em 2008, mais um programa sobre astronomia e astrologia, duas vezes ao mês, no início da noite. Uma parte era ao ar livre, outra no salão de Sohin.

Conta uma aluna. Clemente apontava estrelas com a lanterna astronômica: *Ali é Júpiter, ali é Saturno*. E explicava sobre o que a energia de cada astro nos traz. A turma em volta, atenta, mas, se passasse uma nave, duas naves, todos se voltavam para vê-las. Ele ficava muito bravo: *Prestem atenção no curso e deixem os irmãos maiores trabalharem em paz!* Uma vez, a nave era enorme. A turma a observava em silêncio, todavia uma aluna insistia em chamar a atenção do professor, enquanto o resto da classe lhe sussurrava que se calasse. Uma hora, ele se vira. Ao ver a nave, aponta-lhe a lanterna. E ela imediatamente se apaga.

Trigueirinho tinha um anseio antigo, ter o céu noturno fotografado do ponto de vista de Figueira. Em 2016, uma jovem se apresentou:

ABEL Para contextualizar: antes de vir para a Obra, eu me dedicava a fotografar a natureza selvagem de vários pontos do planeta. Assim que cheguei, fiz parte da equipe das aparições dos Mensageiros Divinos. Foi inusitado, nunca tinha feito esse tipo de foto. Num momento, quando Eles começaram a falar sobre a Natureza, mostrei para Trigueirinho imagens que tinha feito pelo mundo. Disse-lhe que poderia ofertar um livro com essas fotos e trechos de mensagens dos Mensageiros Divinos. Quem criou os capítulos foi ele próprio, sendo que o primeiro seria dedicado ao Criador e à sua criação. Perguntou-me se eu tinha imagens de estrelas. Respondi que não. E se eu poderia produzir esse material em Figueira, onde morava. Pesquisei sobre imagens noturnas com a ajuda do Frei Ameino, ex-Clemente, que fez parte da equipe do livro. Ele foi-me indicando o posicionamento das estrelas, em quais horários e época do ano estariam no céu e, ao longo de meses, produzi a série de fotos noturnas.

Com poesia, cientistas nomeiam corpos celestes, como a nebulosa do Anjo Celestial da Neve, na constelação de Cygnus. O instrutor introduz também poesia ao convite para vivermos como Filhos do Cosmos: *Só a entrega e a oferta de nós mesmos podem revelar-nos os segredos da Sabedoria refletida nos céus. É preciso estarmos com os “pés descalços e o coração em chamas” para entrar nesse templo do Infinito.*

MANTRAS E ORAÇÕES



Cada mantra, cada saudação, cada oração é uma chave para o mundo interior. É necessário buscar conexão com esse mundo interior para que os sons tragam consigo a energia pura que os gerou.

Trigueirinho

O MANTRA AVE ISIS OCAN RESSOAVA EM TRIGUEIRINHO, num encontro, enquanto ele via três seres femininos em trajes brancos sutis e um pássaro brilhante de asas enormes, que percebeu ser um símbolo de Mirna Jad: *parecia dizer-me que o nosso trabalho grupal deveria ser, acima de tudo, pioneiro, capaz de rasgar o éter, capaz de manifestar o novo.* No que a ave levantou voo, *a Luz que dela se irradiou fez com que toda a área atingida pelo reflexo de suas asas se tornasse clara como o dia.*

Mantras corretamente entoados formam vórtices energéticos que constroem espaços internos e externos. São usados na Índia, na Igreja romana e na oriental, entre sufis, lamas e monges do Monte Athos. Cada indivíduo, grupo, nação, planeta e galáxia tem um mantra, seu próprio *som* espiritual. Como legado, Figueira deixa uma série no idioma intergaláctico Irдин, língua de universos confederados.

A Hierarquia HUMA e a Hierarquia UK acompanham Figueira desde os primórdios. Inclusive foram elas que atraíram a sua forma física, segundo modelos universais. A fim de propiciar a formação do Centro Espiritual e de seus setores, enviaram sons criadores para Trigueirinho. Primeiro os HUMA transmitiram-lhe, através de Sarumah, cânticos de Erks, que recitados serviam para contatar os Centros Maiores Miz Tli Tlan, Aurora e Erks.

Após uns três anos, Mirna Jad se apresentou ao instrutor, que começou a captar os sons de Figueira. As vibrações, chegadas a seu cérebro de forma espontânea, foram-lhe passadas pela Hierarquia UK. Com um companheiro de trabalho, ele estudava a expressão verbal correta de cada mantra. Escreveu: *Mantras são fios que nos ligam ao padrão vibratório imaterial, trazendo-nos o Fogo da Vida interna e fazendo arder nossos mais densos corpos. À medida que eu repetia os sons, sentia aumentar em mim a voltagem da energia circulante.*

Um pequeno grupo de contato se formou, em 1991:

DELIANE BARBOSA Partilho a maior joia de meu caminho evolutivo nesta encarnação, no meu pequeno entender. Aos 22 anos, deixei a coordenação de um grupo jovem da Igreja Católica para viver em Figueira. Tudo era novo, e eu não era uma pessoa esotérica.

Numa partilha, Trigueirinho anunciou um grupo de trabalho que iria iniciar-se. Fiquei um pouco fora do ar quando leu meu nome. Pensei: Acabei de chegar, não tenho nenhuma relação pessoal com ele, não me conhece... Trabalhamos alguns meses de forma reservada com os mantras em Irdin e grande proximidade da Hierarquia. Até o corpo físico ficou diferente. Havia um grupo na fazenda e outro na cidade, e de vez em quando nos reuníamos todos na fazenda. Lembro-me bem de Madre Anastácia, Germano, Frei Ameino, Frei Supremo, minha irmã Eya, Satya e pessoas que saíram da Obra. Um ou outro convidado, às vezes para um encontro específico.

Eram tarefas com Trigueirinho sempre presente. Chegava no quarto e lá estava um bilhete: *Reunião às 3h, transporte a tal hora, esteja pronta em tal lugar*. Em geral, ele formava um círculo e posicionava cada um de nós. Saíamos para entoar mantras de madrugada em várias áreas de Figueira, às vezes dentro das matas. Nem sabia bem o que acontecia, mas luzes sempre apareciam no céu. Os mantras tinham de que ser pronunciados no tempo certo, com a entonação e pronúncias exatas, ensinados com firmeza por Trigueirinho. Eu vivia em estado de graça. Passava o dia entoando-os na mente.

Depois dessa fase, os encontros foram abrindo-se para os que estavam em Figueira, e a vida da comunidade expandiu-se com todo o vigor. Vivi um treinamento que me afinou e hoje busco recuperar um pouco daquela frequência.

No livro Mirna Jad, Trigueirinho conta que, uma noite, reunido em círculo, o grupo ficou uns minutos em silêncio. Ele o via *no interior de uma esfera tecida de material amarelo-claro, sutil, como um casulo de seda delicadíssimo. Sabia ser uma aura de proteção para a cura que aconteceria dali a pouco*.

Entoaram mantras. A certa altura, ele percebeu forças contrárias que se preparavam para investir contra a aura etérica ali formada se dissolverem na continuidade do encontro. *Em seguida, encontramos-nos, nos planos suprafísicos, no interior de um imenso Templo. Suas paredes sutis eram altíssimas, e ele abarcava grande parte do local físico onde estávamos. Dentro do templo havia vários seres*.



Passagem interdimensional em Figueira. Fotografia de Dr. José Maria Campos (Clemente).

Nessas passagens — vias de comunicação entre o mundo temporal e mundos suprafísicos — as leis do espaço-tempo mudam. Ao contatá-las, podemos perceber realidades e habitantes de outras esferas.

De dia ou à noite, trabalhos com mantras ingressaram no cotidiano da comunidade e de coligados. Passaram por etapas. Havia mantras destinados a grupos maiores e os restritos a indivíduos e a grupos indicados internamente para tal tarefa. Ao orar e ao entoar mantras, cultivava-se a devoção grupal. Os corpos externos e a aura psíquica dos participantes eram purificados.

Era inimaginável o que se passava junto ao mestre, que percebia os vários planos da consciência, cada qual com sua própria forma. Ele ficava atento para a vibração mais alta ser alcançada. Alguns tinham dificuldade de se entregar: *Sintonizava com a energia do eterno presente, onde tudo É. Internamente, fora sugerido que eu me coligasse com passagens interdimensionais, de forma que a energia de um nível sutil pudesse ajudar no processo dos planos mais densos.* Trigueirinho prossegue: *As energias elevavam-se formando um cone cujas paredes, de matéria sutil, pareciam feitas de luz. As oscilações naturais que havia na aura do grupo foram estabilizadas por aquele vórtice de energia, e a conexão interna estabelecia-se entre alguns dos presentes.*

Figueira era permeada pelo sutil devido à vida de serviço ao plano divino, o silêncio emanado por Trigueirinho e os mantras, que

plasmam estruturas etéricas. A construção interna abria canais espirituais. Mostrava como cada área e cada setor deveriam ser formados.

MADRE ISABEL Esperávamos com alegria o dia das sintonias com mantras antes do nascer do sol! Sabíamos que ajudavam a edificar Figueira. Quando nos encontrávamos, a primeira vontade era ver se Trigueirinho estava conosco. A presença dele fazia toda a diferença, embora a maioria das vezes os mantras fossem conduzidos por outras pessoas. Todas as áreas eram contempladas com essas sintonias usadas para manifestá-las ou exteriorizar algum setor; por exemplo, Setor Cura, Setor Orações.

Certa época, tínhamos certos dias reservados para Vigílias de Mantras. Revezávamos o participante a cada hora e reunia-nos de três em três horas para entoá-los, em oferta às Hierarquias.

A primeira edição impressa do caderno *Mantras de Figueira*, de 2002, amplamente distribuída, foi possível porque o grupo alcançava um bom ponto ao entoá-los. A publicação estimulou um trabalho mensal de prática de mantras no salão de F2, aos quais servidores fiéis e concentrados compareciam pontualmente.

O encontro chamou a atenção de Visnuk, Sacerdote Maior de Mirna Jad. Mês a mês, Ele se aproximava um pouco mais do plano físico, estimulando claramente a interiorização, que se tornou perceptível.

LIGIA EIRA Era noite. Fazia frio. Vínhamos de outras áreas e cidades participar dos mantras às cinco da manhã. O silêncio era total. A sacralidade da vida nos envolvia pelos longos corredores e dentro do salão. Havia muitos sentados nas cadeiras ordenadas em círculos concêntricos. A sensação era estar noutro plano, era flutuar para outra dimensão, leve, profunda.

O efeito do mantra repetido mentalmente é tão vivo quanto o do verbalizado. Mantras em Irđin, enviados pela Hierarquia UK para Trigueirinho, viajam até mentes distantes.

Alguém caminha com a brisa, à beira-mar. Fora de si se repete o som das ondas. No silêncio do coração, envia saudações à grande Vida. Dentro de si, repete o mantra universal HUAMANAYKHA SHIMINIKHA: *Neste encontro honro-Te, Senhor.*

RETIROS

Uma das funções dos retiros é revelar-nos que, como o filho pródigo, estamos a caminho do nosso lugar de origem.

TEMPO DE RETIRO E TEMPO
DE VIGÍLIA, Trigueirinho



UM ESTADO VIVO DE JÚBILO A ATINGIA. Estava isolada em um *trailer* pequeno há dois dias. Não havia conforto, mas o ambiente a encantava, os livros espirituais empilhados na mesinha, ver da janela minúscula o lago em frente, esverdeado, azulado, castanho, refletindo árvores ciliares. Ela saiu a passear. Atraída pelo Alto, deitou-se na grama. Uma abelha zumbiu. Mais poderosa era a vibração do silêncio. Percebeu-se unida aos habitantes da mata e àquela que lhe deixava três refeições frugais ao dia. Acompanhando nuvens lentas, questionou-se: *O que há dentro de mim? De onde vim? Para onde irei?*

O amor de Trigueirinho pelos seres se expressou ao orientá-los rumo ao mundo interno. Ele mesmo, ao longo da própria formação espiritual, fazia retiros em mosteiros europeus e brasileiros. Por cada capital onde, após 1996, lançou o chamado, reunia cerca de 25 buscadores da verdade em dois a três retiros grupais ao ano. Convidava certos participantes pessoalmente, dois meses antes. Na primeira palavra ouvida reconheciam a voz dele: *Vamos fazer um retiro, você gostaria de ir?* Na data marcada, o grupo se encontrava do fim da tarde de sexta até domingo após o almoço, quase sempre em casas de retiro católicas. De forma gradual, ele tecia a unidade entre os presentes e construía o grupo maior.

Em Nazaré Paulista, instituiu retiros eremíticos. Já em Figueira reservou casinhas isoladas e *trailers* junto a lagos e árvores. Para dinamizar o fluir da energia em cada inscrito, cada passo era apoiado com esmero, pela Central de Atendimento de Figueira, Setor Retiros, os horários, a alimentação entregue sem contato social. Quem quisesse, tomava banhos de chuveiro ou imersão ao ar livre com água corrente, pois a água é um elemento sagrado que renova a vida e propicia curas.

No ano 1995, em F3 ofertava-se o Retiro Eremítico, no Monastério Eremítico, com duração mínima de cinco dias. Também, em *trailers*, o Retiro de Silêncio, com duração máxima de sete dias. Na Casa do Silêncio, o Retiro para Harmonização se dava sob orientação médica de Clemente, que lá morava. Casas da cidade também acolhiam retiros.

PAULO ANTÔNIO MACHADO Por volta do início de 1994, começou um movimento de retiros em Figueira e também nas casas coligadas. O Céu Azul, por exemplo, tornou-se um centro de retiro e cura. Cada local de Figueira trabalhava algum nível da energia. Uma anedota: a Casa 4, em Carmo, sede do Grupo do Apiário na época, recebia retiros. Um bilhete chegou a Trigueirinho com reclamações sobre o barulho que fazíamos trabalhando no Salão do Mel. Ele então tratou do assunto em partilha. Em resumo, disse que quem está em verdadeiro recolhimento não deve incomodar-se por nenhum movimento externo, nada deve tirar-lhe do estado de retiro. Acrescentou que fazer um retiro na Casa 4 era uma oportunidade preciosa, por causa da energia eremítica, de cura e elevação, das abelhas ali presentes. Resultado: a Casa 4 passou a ter filas de espera para atividades de retiro, e as pessoas recolhidas nos cumprimentavam pelas janelas ao chegarmos para trabalhar.

Desde então, novos locais são destinados ao afastamento do cotidiano e à sintonia com energias elevadas:

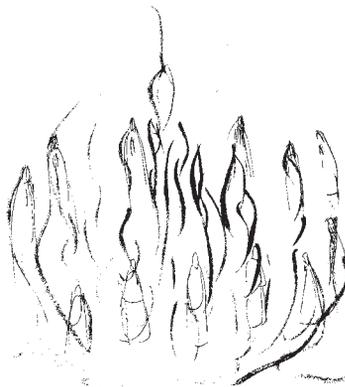
RICARDO BAUMGARTNER Junto à mata e ao lado do lago das Terras da Irmandade, construímos um *deck* de madeira com quatro pilares cobertos por um telhado, e nele montamos uma barraca. Perto fizemos um banheirinho com água quentíssima em dia de sol, porque vinha da caixa por mangueiras expostas. E uma casinha para o alimento ser deixado; a pessoa tinha de caminhar um bom pedaço até ali... Depois a casinha foi ocupada por um enxame de abelhas, e tivemos de mudar o lugar de entregar refeições.

Estreei o local. À noite, o céu estrelado era fabuloso! Esse foi o melhor retiro que fiz em Figueira, e passei praticamente por todos: no trailer do lago da VC, na casa de madeira de Sohin, em F2 e em F3.

A força interior do homem que entra em retiro deve colocá-lo acima do caos hoje generalizado, deve acompanhá-lo em todos os momentos. Deve elevá-lo até o mundo sublime que o aguarda, diz Trigueirinho no livro de 1990, Tempo de Retiro e Tempo de Vigília.

VIGÍLIA MENSAL

*Vigília é uma atitude de entrega
e de atenção ao profundo do ser.
Quem se mantém vigilante vê no
coração a resposta, ainda que
tênue, ao que sempre quis saber.*
Trigueirinho



ERA 1991. HAVIA AINDA POUCA GENTE NAS PRIMEIRAS vigílias mensais em Figueira, às últimas quartas-feiras do mês. O exercício nasceu antes de chegar ao Centro Espiritual, como as vigílias noturnas na residência de Genny Paglia, amiga de Trigueirinho e coordenadora de grupo em São Paulo. Por vezes, com ele presente. Participantes passavam a madrugada despertos, atentos ao nível profundo do ser. E cedinho eram convidados a tomar desjejum.

O fogo da alegria que fervilhava nos primeiros peregrinos, com o passar dos anos atraiu para Figueira ônibus e automóveis lotados. Saíam antes do amanhecer, de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte no intuito ardente de conectar-se a níveis superiores. Aspiravam ouvir, naquele dia, duas partilhas ao vivo do mestre. Pelas estradas, oravam baixinho ou ouviam músicas no volume mínimo para se alinharem antes de pisar a Vida Criativa, sede dos encontros até o auditório de F2 ficar pronto. O instrutor consentira com a chegada discreta de viajantes no próprio dia dedicado ao silêncio e recolhimento.

Para recebê-los com amor, nos dias anteriores os residentes deixavam as casas e a área impecáveis. Não havia horário de refeições; cestas de frutas e panelões com alimentos leves ficavam disponíveis sobre longas mesas. Muitos passavam o dia nos aposentos, entregues à alta voltagem energética, liam ou saíam para dar uma volta.

No início, na represa da Vida Criativa havia a oferta opcional de lava-pés na Natureza, das 13 às 14h30. Anos mais tarde, também nos lagos do Núcleo Sohin e de F2.

MARINA Na VC, o ritual se iniciava na varanda do Galpão, onde cada um recebia uma toalha branca e seguia, a seu tempo, pelo caminho de paralelepípedos até a porteira verde.

O estado de vigília requer disposição para servir abnegadamente, bem como a capacidade de esquecer-se de si. Se ainda existem véus a obscurecer a visão da alma, que o indivíduo se despoje de expectativas e desejos, para que assim se realize sua purificação e ele possa entrar nesse estado.

Nos dias especialmente dedicados à vigília, o jejum é facultativo. Alguns optam por alimentar-se apenas de frutas. A devoção e a fidelidade não obrigatoriamente precisam mesclar-se com rituais externos, pois o importante é a oferta que o indivíduo faz de si mesmo.

O estado de vigília faculta lucidez e neutralidade. Ademais, a harmonia, o silêncio interior e a oração, conseguidos nesse estado, valem para a purificação do planeta e constituem ajuda considerável na sua transmutação magnética.

Todo esforço realizado hoje será frutífero amanhã. Os que se dispõem a servir altruisticamente devem preparar-se agora para as situações que virão. Para isso, desapego e ausência de expectativa são fundamentais.

A paz advinda do contato interno é como um farol na escuridão.

Até o lago, descia a estrada de terra da mata nativa. Beirava o lago até o lado esquerdo da escada, dentro do bambuzal. Dava no pátio circundado por bancos e bambus. Sentava-se, sentindo a qual das doze bicas jorrando água do lago iria. Tirava os sapatos, banhava os pés, secava-os. Deixava a toalhinha branca na cesta grande da saída e subia a escada pela direita. Uns permaneciam à beira do lago, contemplando-o. Outros prosseguiam. Era dia de quietude profunda. Não havia troca de palavras.

O instrutor encerrava o encontro com instruções surpreendentes, que ofereciam chaves, apontavam caminhos a serem construídos por cada um, com esforço. Como desfecho, bem tarde da noite por uns meses de 1991, vi-

gilantes seguiam Trigueirinho em fila indiana. Saíam da Vida Criativa e subiam a estrada de terra. Como as árvores beirando a estrada eram ainda baixas, dava para se vislumbrar o firmamento. Passavam diante da Casa do Pátio e passos ascendentes subiam degraus de cimento rumo à casa redonda da Vigília Permanente. A fila entrava quietamente. Sentava-se em círculos, o último recostado na parede. Acontecia o memorável: ser conduzido pelo instrutor caminho acima, sentar-se no chão junto a ele, às vezes em silêncio, às vezes entoando mantras.

Já na primeira década do século XXI, em F2, ele veio a discorrer sobre os 84 *Atributos dos Monastérios*. Enviava bilhetes contendo um atributo específico para certos seguidores o trabalharem individualmente. Na época, o Coral apresentava um novo repertório a cada mês, com letra baseada no tema exposto. Ao finalizarem, iniciou todo mês a análise de cada um dos próprios livros.

Ao término, muitos vigilantes partiam. O grupo de São Paulo descansava antes de retomar a estrada à meia-noite. O ônibus estacionava numa estação de metrô entre 4 e 5 da manhã. Seguiam direto para o trabalho irradiando a paz alcançada, como faróis emanando harmonia na escuridão.

TROCA DE NOMES

*Mais cedo ou mais tarde, o peregrino
ascenderá por si mesmo à Montanha,
mergulhará no oceano do Desconhecido
e penetrará a Grande Fogueira.*

DAS LUTAS À PAZ, Trigueirinho



CENTENAS SÃO AS TROCAS DE NOMES próprios em Figueira. Há quem os muda quatro vezes. O nome é ofertado ao servidor, espiritualmente, sempre em função da tarefa que lhe cabe assumir no processo evolutivo. O desenho de letras a ele designado produz nova vibração nos éteres, adequada à etapa seguinte da caminhada. Eis sete comentários sobre quem os teve trocados:

MADRE MARÍA DE LA SANTA CRUZ Em meados de 1994, José presenteou algumas pessoas com o nome espiritual. Isso me incomodava. Sentia resistência à troca de nome e dizia para mim mesma: *Que José não venha propor-me essa troca...*

Passaram uns dias, e percebi que algo se movia em meu mundo interno e se refletia como certa ansiedade e agitação. Encontrei-me com Clemente e José no jardim da Casa do Pátio, e José não pronunciou o meu nome nenhuma vez, como era seu costume. Tratou-me todo o tempo por você; isso chamou minha atenção. No sábado, dia de partilha, finalizando as tarefas no laboratório, senti o impulso de tomar uma ducha ao ar livre na Vida Criativa, oferecida aos colaboradores após o almoço. Logo desci a estrada até o lago e a área dos banhos, ainda vazia. O sol que a inundava e a água límpida foram partícipes do momento de batismo e transformação.

Muita paz preenchia meu coração enquanto seguia para o salão de partilhas e sentava-me próxima a Trigueirinho, na primeira cadeira da segunda fila. De olhos fechados, percebi colocarem algo em meu colo. Abri os olhos. Vi um envelope e nele o bilhete: *Maria Lúcia, você gostaria de ser chamada Lumen? É outra forma de ver a luz interna dentro de você. Aguardamos resposta, esteja à vontade. Trigueirinho.* Cerrei os olhos e inspirei profundamente. Meu ser estava em júbilo. Parecia que a alma aguardava esse momento. Dei o *sim* imediato, entendendo o processo profundo que vivera nos últimos dias, o qual José acompanhou silenciosamente.

MADRE ZOROBABEL Uma de minhas tarefas foi pegar Trigueirinho em F3, levá-lo para partilhas e de volta a casa. Ele, sempre calado, um dia me perguntou se eu estava lendo o livro *Das Lutas à Paz*, que estava no console do carro. *Estou, livro poderoso!* Comentou sobre sua importância e perguntou, em seguida, se eu gostaria de mudar de nome: *Kamala foi muito bom na Índia; agora está desatualizado.* Tive medo, porque justo no dia anterior ele dera o nome Leomás para uma residente, e o achei estranho. Respondi que não sabia se me acostumaria... Ele apontou o céu: *Vamos ver o que eles têm para você, um nome que corresponda à sua atual vibração.*

Fiquei um pouco nervosa até ele me enviar um papel com o nome *Sivu*. Depois lhe disse que gostara bastante e que a palavra *Sivu* se parecia com silfo. Explicou que não. O nome era a bipolaridade do mantra SAMANA SIVUTUAMA. Eu cumpriria uma etapa como *Sivu* e, quando estivesse bem purificada, viveria o ciclo seguinte com o nome *Tuama*. Mas, antes disso, *Aurora* chegou e fui convocada para trabalhar no Uruguai. Tudo tomou outra diretiva.

CHARA Após um ensaio do Coral recebo do José um bilhete educadíssimo, como sempre, com a pergunta se aceitaria mudar de nome. Passou-me dois com os significados para eu escolher. Foi uma novela, uma hora eu me sentia *Chara*, outra hora eu me sentia com o outro nome. Os dois cabiam em mim. Pedi: *José, não consigo, escolha você.* Ele, então, apontou no próprio bilhete o nome que levo, com amor, até hoje.

FLORENCE Quando morei em F3, em 2004, a coordenadora *Ana Carolina* achou que eu tinha um dom para a cura, que estava muito adormecido. Sugeriu-me o nome *Florence*, inspirada em *Florence Nightingale*, reformadora social e fundadora da enfermagem. *Trigueirinho* considerou-o justo, e assim mudou meu nome.

GHAMMA Partilhei com *Trigueirinho* um sonho em que apareceu o nome que eu deveria ter, mas não lhe falei qual era. Tinha visto meu nome de batismo e esse outro, representando um estado mais elevado, escritos num livro antigo dele. Dias depois, *Pólux* me entrega o bilhete: *Você gostaria de se chamar Ghamma? Em sânscrito significa Templo de Deus e nunca se esqueça: o seu tempo é o AGORA.* Fiquei surpresa. Encontrando-me com *Trigueirinho*, exclamei: *No sonho vi escrito "hamma", só faltava a letra G!* Ele sorriu.

HADAR Conversei por uma hora com Trigueirinho sobre o nome que eu usava. Foi em julho de 2000, antes da partilha feita semanalmente, às terças-feiras, na Vida Criativa. Conteí-lhe minha experiência.

Como zeladora do grupo dos Monastérios, parecia que o nome com que fui batizada não era adequado à tarefa. Ele fez perguntas pessoais sobre minha história de vida casada com Paulo. Íamos a Figueira todo mês, passávamos férias lá, tínhamos um ritmo constante.

Trigueirinho logo me escreveu: *Seu nome a partir de hoje é Hadar. A palavra designa uma Base. Pode avisar a Secretaria de Figueira sobre a alteração.* O nome foi tão forte para mim, que resolvi adotá-lo fora de Figueira. Na volta para São Paulo procurei um advogado e desde 2006 consta de todos os meus documentos.

FABIAN MISSIONO Recebi um bilhete de José sugerindo a mudança de meu nome, com três opções para eu escolher. Tenho-o guardado até hoje. Ao final, escreveu: *Por mim, seria Expeditus.* Logo respondi que aceitava a sugestão, e me disse para anunciá-lo ao grupo. Depois fui pesquisar. Santo Expedito, santo das causas justas e urgentes, é chamado especialmente para resultados rápidos em casos de emergência.

No dia seguinte, 6 de março de 2000, o residente Expeditus recebe a seguinte mensagem de Germano, fiel discípulo de Trigueirinho:

Querido irmão, que você possa ser um canal livre, fácil e pronto das Hierarquias que nos regem. O seu novo nome se encaixa perfeitamente e expressa todas as qualidades necessárias para assumir a nova etapa evolutiva. Caiu como uma luva.

Veja algumas acepções deste vocábulo latino:

Expeditus = livre, desembaraçado, fácil, pronto, rápido, seguro.

Expeditus curis = livre de inquietações.

A palavra provém de expedio (verbo): desembaraçar, desprender, livrar, desenvolver, preparar, finalizar, declarar, expor.

Claro que não temos isso tudo pronto, mas a possibilidade de expressá-lo com perfeição para colaborar com trabalhos das energias superiores. Sigamos um dos atributos do Monastério: “Sintonizar com a perfeição existente no âmago de cada ser”, em glória ao Divino.

Fabian, 5.3.2000
as sugestões seriam:

1. EXPEDITUS
(livre, desembaraçado,
pronto, rápido;
enviado)
2. OPUS
(obra, resultado de traba-
lho, esforço, ação)
3. PRIMUS
(primeiro)

Luz T.

5.3.2000
Fabian,
as sugestões seriam:

1. EXPEDITUS
(livre, desembaraçado, pronto,
rápido, enviado)
2. OPUS
(obra, resultado de trabalho,
esforço, ação)
3. PRIMUS
(primeiro)

Luz, Trigueirinho

Em nome do grupo, Germano expressa alegria pelo passo que um membro do Centro Espiritual dá em direção à Meta Suprema. Finaliza a mensagem em tom exclamativo:

*Os anjos tocam as trombetas
batem os sinos do Templo.
Mirna Jad.*

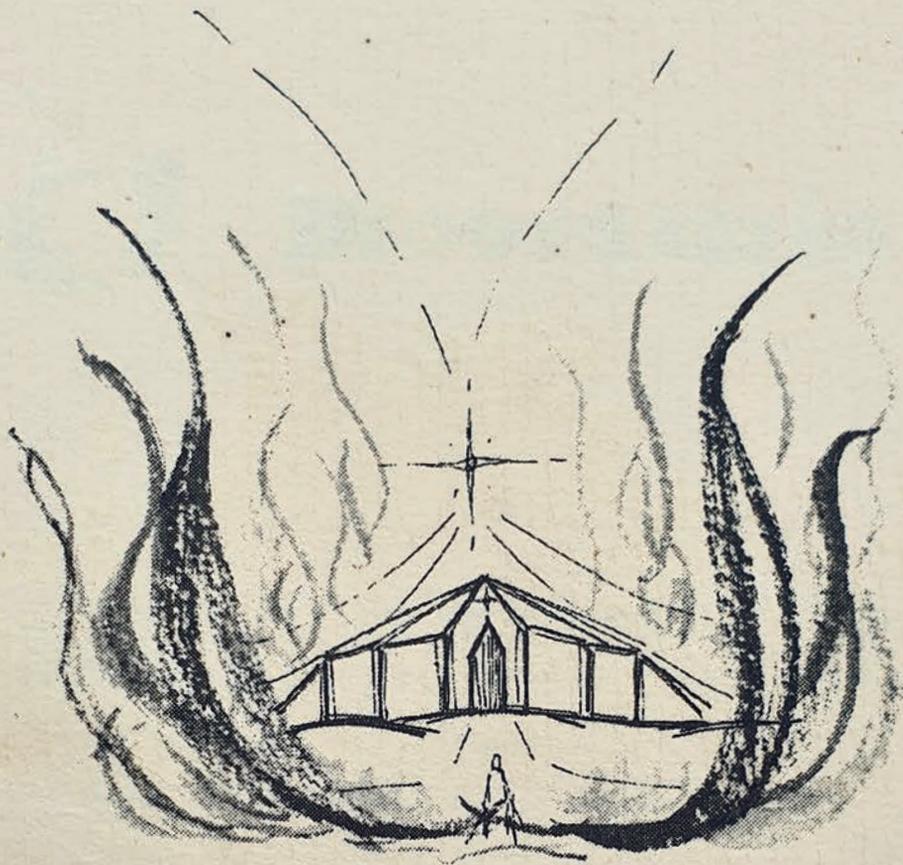
Troca de nomes, retiros, vigílias, silêncio, mantras, orações, contato com o céu noturno. Quem ingressa no Laboratório Figueira recebe ajudas múltiplas para dar passos em direção ao sagrado, rumo às luzes de Mirna Jad. É guiado pelo caminho eterno além das estrelas.

SETE MONASTÉRIOS

Após 1991, surgiram os sete Monastérios de Figueira. Primeiro o feminino e o masculino. E chegaram: eremítico, ação abnegada, cura e harmonização, domiciliário e itinerante.

Consolidaram-se a partir de 1995, quando passamos a trabalhar com maior intensidade a transcendência da vida grupal, dispondo-nos a penetrar mais conscientemente a vida interior, em que a humanidade se revela una.

Trigueirinho



A chegada ao Templo Interno

Figueira

Monastério

7 MONASTÉRIOS DE FIGUEIRA

*Não por temor
não por desilusão
não por obediência
não por secretas expectativas
mas por Amor,
entregai vossa vida.*
Trigueirinho

ELE OUVIU PORTÕES DE UM MONASTÉRIO INTERIOR se abrirem. Percebeu-se no pátio: *Via apenas um imenso fogo e, no centro dele, o rosto de um Venerável ser. A voltagem energética de todos os meus corpos foi mudando, num movimento em espiral*, escreveu Trigueirinho. Sentiu paz e necessidade de total solidão. Apesar de estar em um período extremamente ativo, a oportunidade se fez, pela Graça.

Soube então que o trabalho grupal evoluíra em níveis profundos e a vida monástica estava pronta para descer a níveis materiais. Foi assim que, entre 1991 e 1995, surgiram os 7 Monastérios de Figueira. Primeiro veio à tona o Decreto de Fundação do Monastério, em 28.10.91, quinze dias antes da aquisição das terras de F2. A proposta era viver o Monastério Interior. Monges, através de si, atrairiam vibrações puras que elevam o gênero humano. De forma silenciosa e simples, espargiriam luz na aguda transição do planeta.

Chovia a cântaros em meados de dezembro de 1991, e havia pouquíssimos presentes na partilha em que ele anunciou a manifestação do Monastério Feminino em F1. Buscavam a coordenadora, ou seja, um canal entre o Alto e as monjas. Na hora, Beatriz Beleza levantou a mão: *Eu posso*. Sem demora, foi fundado o Monastério masculino, cujos monges permaneceram em F1 até surgir a condição de se mudarem para *trailers* em F2, área que o sediou.

Nos monastérios do passado, os seres recolhiam-se a fim de se transformarem e de consagrar a própria vida ao Supremo. Nos atuais, têm a intenção de ajudar o planeta e assumir o caminho do Cosmos, explica Trigueirinho no livro *Das Lutas à Paz*, que contém instruções da Hierarquia Mishuk, que sempre guiou Figueira, assim como a abertura dos 7 Monastérios. É ela, diz o autor na dedicatória, *um dos instrutores internos que se manifestam nestas páginas, onde é chamado “o Pássaro”*.

MONASTÉRIO

DECRETO DE FUNDAÇÃO

O Monastério surgirá entre os homens de superfície. Tomará forma sobre a terra, e será um canal para a aproximação hierárquica.

Antes de tudo, praticar a oração.
Acima de tudo, amar ao Criador de todas as coisas.
Após a entrega, a persistência.
Após o chamado, a resposta incondicional.
E, contato após contato,
o cumprimento imediato das Indicações.

Não deverá haver entre os membros relacionamento que estimule o viver humano. O silêncio, também externo, deverá ser cultivado, e a solidão reconhecida como irmã, e mensageira da Grande Morada. A paz nascerá no coração dos seres que nesse estado se colocarem e se irradiará; e infiltrará no planeta como água pura em terra sedenta.

MONASTÉRIO

28.10.1991

DECRETO DE FUNDAÇÃO (trecho de abertura)

O Monastério surgirá entre os homens de superfície. Tomará forma sobre a Terra, e será um canal para a aproximação hierárquica.

Antes de tudo, praticar a oração.
Acima de tudo, amar ao Criador de todas as coisas.
Após a entrega, a persistência.
Após o chamado, a resposta incondicional.
E, contato após contato, o cumprimento imediato das Indicações.

Não deverá haver entre os membros relacionamento que estimule o viver humano. O silêncio, também externo, deverá ser cultivado. E a solidão reconhecida como irmã e mensageira da Grande Morada. A paz nascerá no coração dos seres que nesse estado se colocarem, e se irradiará; e infiltrará no planeta como água pura em terra sedenta.

Os 7 Monastérios de Figueira não constituíam instituição. Eram compostos por monges sem hábito e, mais tarde, por oblatos e zeladores, membros estáveis da comunidade ou servidores que, tendo vida familiar, realizavam o ato de consagração e adotavam papéis de guardiães e sustentadores espirituais da vida monástica.

O opúsculo *Monastérios*, com 20 páginas, foi lançado em 1995 e reeditado desde então. A capa mostra o desenho *A chegada ao Templo Interno*, no qual um ser penetra altas chamas imateriais em direção à própria essência. Lista os 12 Atributos de cada um dos sete grupos, num total de 84.

Expressam Leis espirituais e Linhagens, ou seja, arquétipos que regem a evolução humana e o modo de expressá-las: Contemplativos, Curadores, Espelhos, Governantes, Guerreiros, Instrutores e Sacerdotes.

Indicam o Ioga, processo de união interna conscientemente assumido. Apontam Raios, as onipresentes energias primordiais do universo: 1º Raio, Vontade-Poder; 2º Raio, Amor-Sabedoria; 3º Raio, Atividade Inteligente; 4º Raio, Harmonia; 5º Raio, Conhecimento e Ciência; 6º Raio, Devoção e Entrega; 7º Raio, Ordem e Cerimonial; 8º Raio, Inter-Relacionamento de Universos; 9º Raio, Onipresença; 10º Raio, Transfiguração; 11º Raio, Onisciência; 12º Raio, Libertação.

Cumprido o ciclo, esses Monastérios se recolheram em 1999. E o estado de consciência monástico se estendeu a toda a Figueira, o que significa viver o que se é, em sentido eterno, e não o que se aparenta ser.

Sobre isso, diz o mestre no Atributo *Ter o eterno como única Verdade, nº 12*, do grupo Entrega do Ser: *Desde que este Centro Espiritual tocou a minha consciência, eu nunca o considerei em formação, mesmo quando estavam construindo prédios aqui. Nem agora que o centro está mudando de ponto, e então nem todos podem acompanhá-lo — no período, muitos residentes se afastavam. O que está presente na minha consciência é a essência disto aqui, naquilo que é a parte eterna. Porque a parte eterna é independente de tudo.*

Entre 2000 e 2004, Trigueirinho dedicou as partilhas das Vigílias Mensais ao estudo dos Atributos, aprofundando-se geralmente em um deles por mês. Para cada um, músicos do trabalho compunham uma

melodia, cantada pelo Coral antes e no fim de cada partilha. Belíssima é a obra criada, as 80 palestras gravadas ao vivo!

Atributos tornaram-se *estrelas-guias na busca espiritual* dos Monastérios da Ordem Graça Misericórdia. *Iluminam nosso caminho, revelam-nos passos a dar e orientam-nos na tarefa de tornar a vida sagrada.*

Seguem dados sobre os Monastérios abertos entre 1991 e 1995:

Monastério Feminino: semi-recluso. Ioga da Entrega. A harmonia. Linhagem Espelhos. Os membros se prepararam para tornar-se espelhos da energia cósmica. Raios: 2º e 4º. Tarefa: *Construir as bases, elevar as paredes e, então, entregar a Nova Morada.*

Monastério Masculino: semi-recluso. Ioga da Igualdade. A união. Linhagem Sacerdotes. Os membros se prepararam para ser sacerdotes. Raios: 3º e 7º. Tarefa: *Diante da chama do Espírito, encontrar-se na morada dos puros.*

Monastério Eremítico: misto. Ioga da Totalidade. A transcendência. Linhagem Contemplativos. Os membros se prepararam para conhecer a contemplação. Raios: 6º e 1º. Tarefa: *Sem nome, sem morada, ser verdadeiro aos olhos do Grande Conclave.*

Monastério do Serviço: misto. Ioga da Ação Abnegada. O serviço. Linhagem Guerreiros. Os membros se prepararam para agir de forma abnegada. Raios: 6º e 3º. Tarefa: *Construir rotas para os que devem transcender a vida terrestre.*

Monastério da Cura: misto. Ioga da Cura. O alinhamento. Linhagem Curadores. Os membros se prepararam para alinhar-se com a cura interior. Raios: 5º e 1º. Tarefa: *Sintonizar com a perfeição existente no âmagô de cada ser.*

Monastério da Devoção Ardente: misto, chamado **Domiciliário**, com sede em Belo Horizonte. Ioga do Coração. A estabilidade. Linhagem Instrutores. Os membros se prepararam para transmitir o ensinamento universal. Raios: 2º e 6º. Tarefa: *Ser e fazer incansavelmente o melhor até o fim.*

Monastério do Governo de Si: itinerante e misto, com sede no Núcleo de São Paulo. Ioga do Fogo. O equilíbrio. Linhagem Governantes. Os membros se prepararam para avançar continuamente sob o impulso do Espírito. Raios: 1º e 3º. Tarefa: *Deixar crescer o Espírito, conscientemente.*

TAREFAS E ATRIBUTOS DOS MEMBROS DO MONASTÉRIO

ENTREGA DO SER

1. Como semente, não só romper a própria casca, mas perfurar o solo.
2. Expressar a Vontade, mesmo nas fases de transição.
3. Alargar limites e arrancar as rochas que não se aplainam por si.
4. Reverenciar perpetuamente.
5. Na simplicidade, chegar à Essência.
6. Reconhecer o impulso que leva à Realidade.
7. Buscar em primeiro lugar a Fonte de Vida e deixar que o Regente coordene o seu ser.
8. Construir as bases, elevar as paredes e, então, entregar a Nova Morada.
9. Trabalhar e viver em solidão, tendo como única fonte de impulso o próprio mundo interior.
10. Nem se punir, nem manter autocompaixão nem autocomplacência.
11. Estar no lugar correto e colaborar com as Hierarquias.
12. Ter o Eterno como única Verdade.

IGUALDADE

1. Despertar para o Universo que o próprio interior guarda.
2. Cruzar os Portais do Grande Templo.
3. Diante da chama do Espírito, encontrar-se na morada dos puros.
4. Preservar os impulsos cósmicos para a elevação.
5. Estar totalmente disposto a transformar-se.
6. Perceber a Grande Consciência.
7. Deixar-se marcar pelo Encontro Maior.
8. Expressar cerimonial e ritmo de maneira cada vez mais impessoal.
9. Descobrir a libertação no cumprimento obediente de cada etapa.
10. Jamais retroceder.
11. Ser portador da realidade imaterial.
12. Depois de abençoado,abençoar.

TRANSCENDÊNCIA

1. Escavar até encontrar a Fonte.
2. Decidido, dirigir-se ao seu Destino.
3. Penetrar com coragem o mistério do trajeto.
4. Aprender a linguagem das estrelas.
5. No próprio coração, jamais deixar que o Sol decline.
6. Perceber-se parte do Infinito.
7. Ter como única companhia a essência das estrelas mais distantes.
8. Esquecer o caminho.
9. Manter a têmpera que leva à perfeição.
10. Não perceber quando os pés já não tocarem o solo.
11. Reconhecer, quando Sirius Os enviar,
Os que estiveram presentes no princípio.
12. Sem nome, sem morada, ser verdadeiro
aos olhos do Grande Conclave.

AÇÃO ABNEGADA

1. Construir rotas para os que devem transcender a vida terrestre.
2. Pelo serviço incondicional, vivificar o núcleo interno dos sofredores.
3. Despertar o magnetismo interno.
4. Transformar-se em canal de impulsos espirituais.
5. Render-se a um "amor arrebatador", a uma "loucura santa".
6. Não contar com a compreensão humana, nem em si nem no semelhante.
7. Ajudar na expressão dos universos e assistir,
impassível, à criação e à destruição das formas.
8. Ser fonte de auxílio para o Plano de Resgate.
9. Colaborar na redenção da vida planetária.
10. Suportar as correntes poderosas
que vêm em auxílio da humanidade.
11. Assumir as energias dos centros primordiais.
12. Assistir à revelação da própria existência.

CURA

1. Conduzir-se estritamente pelo caminho da Verdade.
2. Ordenar a vida com base na essência interna.
3. Sintonizar com a perfeição existente no âmago de cada ser.
4. Trabalhar secretamente.
5. Servir secretamente.
6. Viver secretamente.
7. Tornar-se o curador do próprio ser.
8. Observar precisão impecável.
9. Ofertar-se ao puro equilíbrio.
10. Renunciar a interferir na evolução dos demais.
11. Transcender a atuação do carma material.
12. Ter a Sublime Neutralidade como permanente exercício.

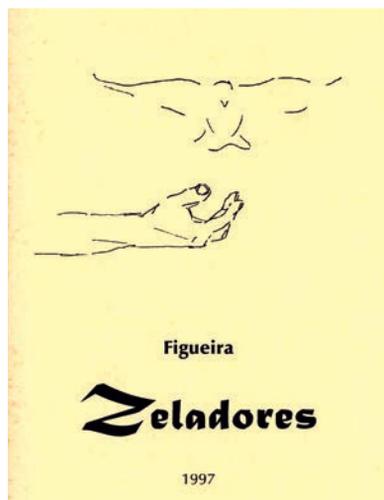
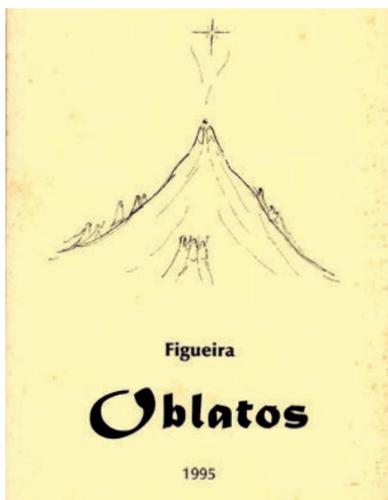
DEVOÇÃO ARDENTE

1. Chamar as ovelhas pelo nome e conduzi-las à pastagem.
2. Falar só o necessário.
3. Considerar os corpos como templos vivos.
4. Desconfiar do consolo, amar o laborioso.
5. Preferir ser esquecido a ser tentado.
6. Entre riquezas, nelas não deter o coração.
7. Não ser infiel sequer no pouco, para depois não o ser no muito.
8. Orar e nunca faltar.
9. Ter presente que, mesmo distribuindo os bens, mesmo profetizando, mesmo tendo fé, se não tiver caridade, nada estará fazendo.
10. Ser exatamente conforme a própria pregação.
11. Ser voz no deserto.
12. Ser e fazer incansavelmente o melhor até o fim.

GOVERNO DE SI

1. Não ter lar. Ter um lugar de pouso, mas não um domicílio.
2. Lançar-se à vida, mas pouco fazer-se notar no cotidiano.
3. Tornar bela a própria presença, mas sem prolongá-la.
4. Ter compaixão, mas não deplorar.
5. Defender, mas sem gesticular, impassivelmente.
6. Afirmar, mas sem se confundir e sem se envolver.
7. Advertir, mas sem retardar.
8. Golpear, se necessário, mas sem ferir.
9. Ponderar, mas sem mostrar fraqueza.
10. Cuidar atenciosamente, mas sem incomodar.
11. Nada temer, mas ser prudente.
12. Deixar crescer o Espírito, conscientemente.

Após a difusão do opúsculo *Monastério*, surgiram *Oblatos* e *Zeladores*, também com 20 páginas e disponíveis sem custos em Figueira ou por remessas a pedido, via correio. Monges, oblatos, zeladores, candidatos e aspirantes aos monastérios se dispunham a se reconectar com a Fonte. Amar, acima de tudo, a Luz. Viver leis espirituais, sabendo que cada essência tem o caminho próprio a seguir.



AQUELES QUE SE DOARAM

*Esse caminhar, sagrada trilha dos servidores da Lei,
é feito na entrega e na ausência de expectativas;
na ardente aspiração e no silencioso servir; na pura
decisão pela vida superior e no total esquecimento de si.*
DAS LUTAS À PAZ, Trigueirinho

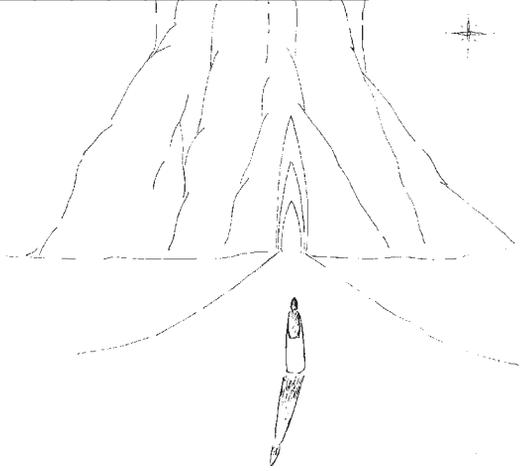
DAS LUTAS À PAZ DISCORRE SOBRE A ABERTURA dos 7 Monastérios de Figueira. O livro descreve visões simbólicas do mestre, como: no segundo andar de uma construção simples *havia uma vibração feminina, canal de entrega e elevação ao Mais Alto*. No térreo, a vibração masculina *tinha o poder de fazer ancorar a energia divina até os planos mais densos... desdobramentos viriam, à medida que contatássemos a energia essencial dos monastérios*.

Tal era a ajuda disponível, incluindo-se a colaboração humana, que em poucas semanas as primeiras construções do Monastério Feminino estavam habitáveis, e as do Masculino, totalmente projetadas... A construção física, bem como a de sua aura sutil, faz parte do propósito das Hierarquias de levar a consciência monástica a ancorar nos níveis terrestres. No entanto, mais importante que a construção física é a exteriorização dessa consciência.

Dos sete monastérios manifestados, o feminino foi o primeiro, inaugurado em dezembro de 1991, em sete casinhas que subiram em seis meses. Foi transferido daí a uns anos para o Alojamento, imóvel vizinho de três pisos e com três lagos ao pé da encosta.

Em agosto de 2022, contatei Madre Isabel, coordenadora do Monastério Madre del Sol, em Brasília, hoje Centro Mariano Sagrada Arca de Deus. A convite de Trigueirinho, ingressou no Monastério 1. Passados 20 anos, ofereceu-se como monja da Ordem Graça Misericórdia.

MADRE ISABEL Trigueirinho foi implantando a vida monástica com a intenção de aprendermos a viver exclusivamente para Deus. Seu Ser ia permeando Figueira com a vibração altíssima que emanava. Tinha profunda reverência pela matéria e isso ele nos ensinou através da sua conduta, desde como abrir uma porta sem fazer ruídos até como receber alguém. As áreas deveriam estar limpas e organizadas, com os objetos no devido lugar. Cada



monastério vibrava uma nota diferente, mas o transcorrer de seus dias era permeado pelos ensinamentos dele. Sempre atento, ia aos poucos conduzindo nossas almas ao despertar. Gratificava-nos saber que ele estava por trás de tudo! Que sentia tanto amor por cada um de nós e por cada espaço comunitário.

A tarefa mais importante era ancorar a vida silenciosa. Mantínhamos um cotidiano solitário e simples. O atributo *Simplicidade* abria-nos portas para o mundo interior. Fiquei três anos em reclusão, tempo necessário para compreender a vida da alma, reconhecer a presença do Cristo em mim, sentir como Maria, Nossa Mãe, conduzia-nos, mas de uma forma diferente de como faz hoje. Eu sonhava muito com um grande Sol, que me guiava, fazia-me compreender as leis e amar as Hierarquias e os irmãos de caminhada. Aprendemos que nossas orações poderiam chegar a necessitados em outras partes do Planeta.

A maioria de nós passava as manhãs nos jardins e pomares plantando e colhendo em quietude e contato com energias dévicas das plantas. À tarde, executávamos tarefas diversificadas em casa. Trigueirinho escrevia vários livros e algumas de nós ajudavam a manifestá-los. Outras apoiavam o trabalho com ervas medicinais dos laboratórios. Numa época costuramos roupas infantis, encaminhadas para a Rede de Serviço. No início, não íamos a partilhas, mas foi surgindo a necessidade de estarmos juntos na instrução transmitida por ele, na Vida Criativa.

Após três anos de vivência reclusa, houve uma reviravolta: Madre María Glória e eu, que morávamos nas 7 Casas, assumimos a coordenação da Casa do Pátio, que guarda em seu interior um Monastério intraterreno, e se tornara um espaço de cura e acolhimento de colaboradores.

A reclusão e o silêncio prepararam nossas almas para tempos futuros do crescimento de Figueira. O atributo que nos guiava e ainda nos acompanhava era: *Construir as bases, elevar as paredes e depois entregar a própria morada*. Ajudávamos a construir um local, dele fazíamos a morada e a energia nos levava para viver outras realidades em outros locais. Primeiro isso se dava dentro da comunidade. Em dado momento entregamos a morada Figueira para outras pessoas tomarem conta e levarem adiante. Já não éramos as juvenzinhas

chegando ao Monastério. Veio a fase de maturidade. Com a fundação de Monastérios Ordem Graça Misericórdia em várias cidades e países, pequenos grupos de monges levam o *modus vivendi* Figueira para novas moradas.

Alguns nomes migraram de um Monastério para outro, como Elizane, do Monastério 1 para o 4. Hoje, ela também pertence à OGM e relata com pureza o início do caminho de ascensão junto ao mestre:

MADRE MARÍA GLÓRIA Em 1989, eu estudava terapia ocupacional e, com uma amiga, fui assistir a uma partilha de Trigueirinho no Minascentro, em Belo Horizonte. Senti que ele falava para minha alma. No hall de saída, recebemos um acolhimento especial do grupo, que nos passou informações. Entrei em contato com o Núcleo Céu Azul e lá passei a fazer ritmos.

Participando de mutirões em Figueira, sentia estar em casa, tal a alegria. No início, tinha enxaqueca. Ficava hospedada num dormitório cheio, com colchões no chão, e certo dia saí andando pelo corredor da Casa I e me encontrei com Trigueirinho, que me olhou profundamente. Foi nosso primeiro encontro. Vigilante a todos e tudo, ele participava conosco da construção do Módulo; fazíamos filas indianas passando tijolos de mão em mão. Antes de retornar para BH, recebíamos ervas de uma cesta, ofertadas a quem quisesse levar. Eu tinha aquilo como uma preciosidade; em casa fazia chás e me sentia ligada a Figueira. Fui mudando, adquirindo consciência sobre o uso de produtos animais.

Em 1992, resolvi passar três meses na Comunidade, com a tarefa de acompanhar seres mongoloides no Módulo, juntamente com Rita, que o coordenava, mas fui chamada a apoiar uma cirurgia de meu pai. Sentia tristeza por sair e falei para mim mesma que, se meu pai ficasse bom, eu me ofertaria para entrar no monastério. Nunca havia pensado em ser monja. Em um mês meu pai se curou. José me chamou para conversar e eu lhe disse sobre minha intenção. Perguntou minha idade, logo faria 33 anos.

Primeiro fiquei nas 7 Casas e depois ele me transferiu para o Monastério do Serviço, da Ação Abnegada. Todos os monges tínhamos reuniões conjuntas com José, sempre de madrugada. Recebíamos impulsos e passávamos por provas intensas.

Nas partilhas, era impressionante nossa comunicação interna! Ele discorria exatamente sobre a prova que eu estava vivendo no momento. Durante uma prova forte, um sonho me revelou vidas passadas. E, ao abrir aleatoriamente o livro *Os Números e a Vida*, uma frase abriu minha consciência sobre a relação de uma de minhas mônadas com uma mônada de José, uma revelação profundamente interna.

O portão de acesso ao Monastério 1 ficava uns 40 metros ao fundo da Casa do Pátio, onde Pólux trabalhava com aparelhagens de som. Desdobrava o tempo na função de secretário das monjas até abril de 1993, quando Trigueirinho o chamou para acompanhar a construção de F3:

PÓLUX A área era protegida por um cerca de arames. À esquerda da entrada havia uma portaria com duas salas. Na primeira, uma prateleira com divisões de madeira e o nome de cada monja. Na segunda ficava um depósito com ferramentas, capas, botas, carrinho de mão, pois, de manhã, algumas capinavam, limpavam, pintavam.

À frente de cada casa, havia uma mesa na varandinha, onde eu lhes deixava alimento, malotes, materiais de uso pessoal e de limpeza, em horários específicos pela manhã, à tarde e à noite. Levava-lhes o almoço antes do meio dia em marmitas redondas alaranjadas e um caldo na garrafinha térmica, às 18h. Os recipientes eram etiquetados com os nomes das monjas e, caso uma delas não quisesse feijão, por exemplo, avisava num bilhete e lá na cozinha da Casa do Pátio não lhe serviam. Além dos horários fixos, eu pegava e entregava outros malotes, em geral enviados para Trigueirinho, para a cidade ou para diferentes setores.

Lembro-me de bilhetinhos diários deixados na caixa de correio, na portaria: *preciso de frutas, de pão, mel, folhas de papel, material específico, hoje não quero marmitta, não quero caldo*, e assim por diante. Tentava atender a todas nos intervalos do trabalho na sala de som: gravar, fazer centenas de cópias de fitas, etiquetar, colocar capas. Eu andava com um rádio portátil na cintura. Artur e Angélica também o tinham para contatos sobretudo com Trigueirinho, Clemente e comigo.

Esse Monastério era como um setor de publicações de Figueira. Beatriz, Elaine, Angélica e Marisa escreviam, revisavam, diagramavam livros e cartazes sobre eventos da comunidade, divulgados nos quadros das casas.

O primeiro monge eremita aguardou numa das sete casinhas, separada das demais por uma cerca, até sua casa ficar pronta na área contemplativa de F3. Ele não ia até a portaria. Eu lhe deixava o que necessitasse. Às vezes, dada a urgência, batia à porta e lhe falava pessoalmente, em geral sobre livros e material da Editora Pensamento.

Abaixo da encosta, passada a última casinha, outro portão abre-se para a estrada de terra do Jequitibá, ladeando a mata. Por ali as monjas caminhavam para assistir a partilhas na Vida Criativa.

✧ Síntese de recente reunião monástica em Figueira ✧

1. A vida é para ser divinizada, e as tarefas tidas como as mais triviais para ser tratadas como de suma importância.
2. Se enfocamos os fatos de um nível elevado, o que houver neles de menos elevado se redimensiona e deixa de ser negativo.
3. É bom remover cada obstáculo que surge, sem criar dificuldades ou pesos adicionais e sem se deter em comentários.
4. Convém suprir o que porventura tenha faltado, corrigir o que tenha sido feito incorretamente. E, se isso for feito em silêncio, tanto melhor.

Jan/98

Síntese de recente reunião monástica em Figueira

1. A vida é para ser divinizada, e as tarefas tidas como as mais triviais para ser tratadas como de suma importância.
2. Se enfocamos os fatos de um nível elevado, o que houver neles de menos elevado se redimensiona e deixa de ser negativo.
3. É bom remover cada obstáculo que surge, sem criar dificuldades ou pesos adicionais e sem se deter em comentários.
4. Convém suprir o que porventura tenha faltado, corrigir o que tenha sido feito incorretamente. E, se isso for feito em silêncio, tanto melhor.

No *Conversas sobre Trigueirinho, Livro 1*, diz um membro do então Monastério Sacerdotal:

MAURÍCIO GUIDETTI Tive um sonho: eu entrava em uma igreja gótica gigantesca. No primeiro salão, imenso, só via Trigueirinho sentado atrás de uma mesa, como no teatro em que o conheci. Ele me dava uma tarefa. Passaram-se uns dias, e me chamou para perguntar se eu queria entrar para o Monastério Sacerdotal, coordenado por Mikael. *Trigueirinho, falo alto; será que vou conseguir?* Ele via meus atributos internos. Sorrindo com doçura compreensiva diante da colocação superficial, respondeu: *Isso não é problema...*

Segui para F2. Entrei em reclusão, o ritmo mudou. Não tínhamos telefone, nenhum meio de comunicação, nada. Não íamos nem a Carmo da Cachoeira; no máximo assistíamos a partilhas na Vida Criativa. Participávamos das reuniões mensais dos monastérios, focalizadas por Trigueirinho em F3 ou na antiga Casa da Praxis, perto da Vigília Permanente, agora Associação Maria. Além disso, havia reuniões de sintonia com mantras no alto do Morro do Cristal. Em todos os encontros, entrávamos calados e saíamos mudos.

Vivíamos em sete celas, seguindo votos e o rigor baseados na regra de São Bento, adaptada e renovada: horários, disciplina alimentar. Apesar de não usar hábito, um monge não podia ter absolutamente nada próprio. O coordenador

levava a regra ao extremo. Vinha à cela, que era mínima, verificar se não tínhamos ganhado uma caneta, miudezas assim. Éramos treinados a renunciar com alegria ao que chegasse e a buscar as respostas no próprio coração.

Apenas os Monastérios 1 e 2 eram separados por polaridades feminina e masculina. Os outros cinco, mistos. O Eremítico, de contemplativos, foi o terceiro ofertado à Hierarquia, quando a infraestrutura de F3 ficou pronta e pôde acomodar os monges Artur, Sofia e, três anos mais tarde, Francesco ou Nihos, hoje Frei Luciano. Eles eram envolvidos por uma aura de sigilo, de proteção.

Dentro da história, a escola interna de eremitas deu origem à vida monástica no mundo. Segundo o livro *Das Lutas à Paz: Na vida contemplativa, o estágio que o eremitério representa pode ser atingido após muitas provas terem sido vividas em reclusão. Seria um contrassenso conceber uma vida eremítica que tivesse de obedecer a ritmos grupais, pois ela é um estágio mais profundo da liberação do Ser de todos os laços com estruturas formais e materiais. Portanto, não há como mesclar vida grupal com vida eremítica: são fases distintas do processo de união com o Criador. Na fase eremítica, essa união é mais sutil, e não inclui atividades ou encontros externos.*

O Monastério 4, dos Guerreiros, foi fundado em 1994, pouco após a abertura da Rede de Serviço. Ambos coordenados por Rita Souto, que veio a se chamar Bathy, e sediados na Casa 4, ao lado do hospital. Na Rede de Serviço, esses monges realizavam suas atividades práticas, de caridade e contato com o público.

RITA SOUTO Elizane, a Madre María Glória, Estêvão, Narhun e eu fomos os primeiros integrantes do grupo Ação Abnegada, consagrados de forma tão bela! Nosso relacionamento foi como irmãos de verdade, nessa grandeza fora do tempo da qual fizemos parte. Considerávamos que nossa tarefa era exprimir a consciência monástica, que atua em sete planos de manifestação. Fomos abarcados intensamente pela doação de nós mesmos. Nossa trajetória juntos naquele monastério foi intensa, mas poucos anos durou.

NARUHN Entrei como oblato, logo que o movimento iniciou, quase na mesma época em que Frei Santiago. Logo passei a ser monge.

Monastérios

Reuniões em 1998

18 de janeiro
15 de fevereiro
19 de abril
17 de maio
14 de junho*
19 de julho
16 de agosto
18 de outubro
15 de novembro
6 de dezembro*

* Reunião Geral com todos os Monges, Oblatos, Zeladores e candidatos

Ao lado, datas mensais de reuniões com os Monges, Oblatos, Zeladores e candidatos.

O Monastério fazia suas liturgias na própria Casa 4, de madrugada. Estudávamos bastante os opúsculos Monastério, Oblatos e Zeladores. E durante o dia tínhamos atividades junto à Rede de Serviço, entre doações e visitas, lidando diretamente com moradores de Carmo da Cachoeira e da vizinhança.

FREI SANTIAGO A tarefa da Rede de Serviço era ampla. Além de ter colaboradores próprios, os monges participavam dos trabalhos. Uma sopa substanciosa era distribuída com espírito simples e de humildade no hospital ao lado.

Ali atendia-se de maneira farta aos acompanhantes de hospitalizados e a moradores da cidade, e foi transferida para o galpão da Casa 4.

Membros do Monastério também prestavam assistência a fazendas vizinhas, que englobavam não apenas o município de Carmo, mas os do entorno. Fazíamos um ritmo semanal de entrega de roupas, calçados, utensílios domésticos, objetos variados e de alimentos *in natura*, frutas produzidas em Figueira ou que ganhávamos. Havia um cadastro das fazendas, dos trabalhadores e também dos donos das fazendas, e lhes levávamos o necessário para cada um.

Dentre as doações feitas na própria Casa 4, havia a de móveis. Um episódio me marcou. Uma senhora foi sozinha pegar uma cama, que já se tinha visto como útil para ela. Reuniu nos braços cabeceira, pés, o estrado e saiu andando. A pessoa que fez a entrega perguntou-lhe: *A senhora vai dar conta de carregar sozinha?* Ela voltou-se: *Dona, minha filha tem nove anos, e é a primeira vez que vai dormir numa cama.*

Achei engraçado um episódio. A pessoa que coordenava essas visitas procurava dar uma versão elevada para tudo, encaixada dentro dos ensinamentos universais que recebíamos. Numa das fazendas vizinhas, havia um senhor que era cego. Ao chegarmos, ela se apresentou e a todos que vieram junto. Então, ele perguntou para mim: *E você, de onde é?* Ela se antecipou e respondeu: *Ela é do cosmos!* E o senhor: *Mas é tão longe...*

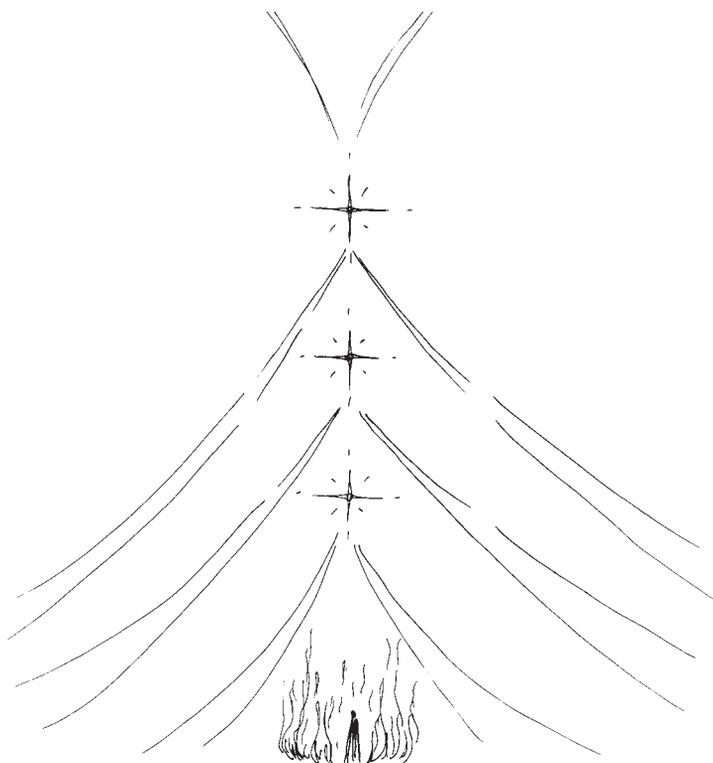
O Monastério da Cura, o quinto, não ganhou sede própria, como os anteriores. Na época, uma de suas monjas se chamava Lumen:

MADRE MARÍA DE LA SANTA CRUZ Quando fui viver em Figueira, em 1993, eu participava de tarefas na área externa ou trabalhos manuais com monjas, nas sete casas. Mais tarde me tornei integrante do Monastério da Cura, coordenado por Clemente. Trigueirinho insistia sobre a energia do desapego. Deveríamos deixar coisas materiais passarem por nossas mãos sem nos apegarmos. E criava oportunidades para vivermos isso. Mudei de quarto de três em três meses, entre a Casa do Pátio e as sete casas, quando o Monastério I foi transferido para a grande edificação, mais tarde chamada Alojamento. Isso, por si só, mostrava que deveríamos ter objetos essenciais, pois o acúmulo de bagagem dificultava a transferência.

O Monastério da Devoção Ardente, o sexto, foi formado por monges domiciliares em Belo Horizonte. Maria o representava. Já o Monastério Governo de Si, o sétimo, relacionado à Hierarquia Planetária Anthuak, era itinerante. Monges morando em diversas áreas de Figueira e cidades seguiam o primeiro atributo: *Não ter lar. Ter um lugar de pouso, mas não um domicílio*. Germano o representava.

Preparar-se para a vida monástica, essa a razão da existência de Figueira. Com a dissolução dos sete monastérios, a experiência se abriu para toda a comunidade e colaboradores participarem. Tomam aos poucos consciência da própria mônada, a vida imperecível, e abrem-se para a sua elevada energia penetrar na matéria. Lemos no *Glossário Esotérico: O ser humano tem vários núcleos de consciência... A mônada é para ele o núcleo fundamental na sua atual fase de evolução. Deriva-se de outro, mais profundo, o regente monádico, "centelha cósmica emanada do Criador". A mônada é sua projeção no universo físico-cósmico; a alma, a projeção da mônada nos níveis abstratos, e o ego humano, a projeção da alma no mundo concreto.*

Trigueirinho acabava de dissolver os 7 Monastérios informais quando ainda impulsionou um último, o Monastério da Irmandade, consagrado à entrega à vida interna. Chamou Pama, hoje Galilea, para uma reunião e a convidou — através dela ao grupo composto por jovens mulheres, colunas do trabalho que sustentavam a comunidade Crer-Sendo, em



Teresópolis, RJ. Elas faziam, desde o início dos anos 90, ritmos constantes em Figueira, e aceitaram, não sem resistências iniciais, aí viverem uma experiência longa.

Não foi fácil deixarem a escola, os animais, o laboratório, os atendimentos. Ao chegarem, o instrutor indicou-lhes inicialmente as coordenações: Pama, do Abrigo de F2; Rose, Madre Teresa, a da Rede de Serviço, na cidade; Denise, Madre Clara, a da Casa do Silêncio.

No Encontro Geral de março de 2001, segundo Galilea, o instrutor anunciou a vinda delas para Figueira e a abertura do novo monastério, que existiu por quase dois anos e teve outros monges: Frei Luciano, Nihos na época, a dentista Clarissa, Miguel e Frei Santiago, então Jiva.

Na época, o mestre convocou ex-monges de diferentes linhas para oferecer estudos sobre atributos do Monastério a inscritos, em um fim de semana por mês. Pama, hoje chamada Galilea, foi convidada. Compilamos um de seus relatos do *Conversas sobre Trigueirinho, Livro 1*:

GALILEA José indicou-me para coordenar dois trabalhos sobre atributos da Ação Abnegada e os da Devoção Ardente. Pouco depois, Jiva me avisou: Figueira mudaria de estrutura. Teríamos prefeitos e eu seria a prefeita de F2. Nashira, hoje Madre Teresa, a prefeita da cidade.

Fui também posta na coordenação geral junto com Jiva, Artur e Samuel, o Frei Supremo. Aproximei-me ainda mais de Trigueirinho por participar de reuniões e decisões sobre a vida de Figueira e o que ela envolvia. Éramos jovens, cheios de gás. Às 4h estávamos no campo plantando soja, arroz, feijão. A gente colhia, varria, capinava, porque então Figueira contratava poucos trabalhadores.

Em 2003, ele me chamou para ajudar o Núcleo de Belo Horizonte. Aceitei, e ele comunicou isso em uma partilha. No outro dia, chamou-me em sua casa às três da manhã e pediu que eu fosse com a roupa do corpo, deixando tudo para trás. Aceitei com os olhos cheios d'água. Jiva e Frei Supremo estavam juntos e foram pegos de surpresa. Saí de carro, parei na estação de trem do caminho e devo ter chorado meia hora. Chegando em F2, avisei à cadela que ficava comigo: *Alba, você vai ter de ficar*. Foi meu último trabalho desse ciclo.

José sentiu que o Monastério da Irmandade cumprira seu papel e mandou dizer-me que tínhamos a opção individual de prosseguir em Figueira ou voltar para o Crer-Sendo. Se continuássemos, não seria mais como grupo.

Percebi que deveria voltar. A escola fora fechada, e me sentia em dívida com os animais, que sofreram demais com nossa saída; muitos morreram, foram agredidos, abandonados. Retornei com Isabela e Isim em setembro de 2003. Na época, saíram 300 e poucos residentes de Figueira; foi uma crise aguda.

O ciclo *Estudo de Atributos*, realizado por monges no início da década, foi substituído por *Reuniões dos Monastérios*, no segundo fim de semana do mês, exceto em março e setembro. Alguns vinham de longe para chegar até às 18h da sexta-feira. Até, a certa altura, as reuniões se tornarem exclusivas para quem apresentasse vocação para a OGM.

FLÁVIA PELLEGRINO Entre 2006 e 2008, frequentamos reuniões do Monastério, mamãe e eu, inclusive assistindo partilhas de madrugada, às 4h30. Era bastante puxado deixar tudo em São Paulo e ir, por causa dos compromissos da vida. Entre outras vivências, tive vários sonhos simbólicos no período, que compartilhava com Trigueirinho.

FIGUEIRA

REUNIÕES DO MONASTÉRIO

Janeiro: de 12 a 14

Fevereiro: de 9 a 11

Abril: de 6 a 8

Maiço: de 11 a 13

Junho: de 8 a 10

Julho: de 6 a 8

Agosto: de 10 a 12

Outubro: de 12 a 14

Novembro: de 9 a 11

Dezembro: de 7 a 9

Inscrições na Secretaria

Ciclos de estudos em 2007

Caminhos para expandir a consciência



Durante o ano iremos abordando temas que nos aproximam dos diferentes reinos, até chegarmos aos contatos com Entidades angélicas e extraterrestres.

Programa das reuniões

Sexta-feira

- Chegada até as 18h
- Às 19h30, abertura da reunião nas áreas de hospedagem

Sábado

- Das 6 às 10h30, tarefas práticas em grupo
- Das 13 às 17h, silêncio geral em toda Figueira
- Às 17h partilha com Trigueirinho, sobre o tema deste ciclo, em F2

Domingo

- Às 4h30, partilha com Trigueirinho (continuação do estudo de sábado) em F2
- Após a partilha, continuação das atividades de sábado, até 10h
- Às 11h45, encontro de encerramento nas áreas de hospedagem e, em seguida, almoço

Tive um estando no centro do labirinto de F2: subi degraus largos e claros de uma escadaria alta, levando uma boneca perfeita. Cheguei acima das copas das árvores. As cores eram intensas, um verde nunca visto, o céu azulíssimo, e lá no alto estava Sohin, a quem entreguei a boneca. Ele a recebeu e acordei. A luz de Sohin era tão viva, que não consegui olhar diretamente para a Hierarquia, a Presença, mas sabia que era Ele.

Trigueirinho interpretou que, ao ter o sonho, eu estava retomando a exatamente o mesmo ponto em que havia parado meu trabalho espiritual, última encarnação. Esse sonho é um dos interpretados por ele no início do CD *Sermos Universais*, 2ª parte, gravado na Reunião do Monastério em 14.1.2007, disponível no site da Irdin Editora. A apresentação do CD diz: *Precisamos reconhecer-nos indissoluvelmente unidos ao universo. Cabe-nos contribuir para sua elevação, atrair energias do Alto e pedir luz para bem conduzi-las.*

Servidores dispostos a se transformar e contribuir com a mudança do mundo prosseguem. Em 2009, surgiu o Monastério Ordem Graça Misericórdia, OGM. O novo ciclo, fundado por José Trigueirinho Netto e Madre María Shimani de Montserrat, tem o formato diferente dos monastérios anteriores de Figueira e tarefas muito ampliadas, planetárias externamente, internamente universais.

Os primeiros monges usavam vestes cinzas, que foram sendo trocadas por branco e por marrom ao darem passos. O Monastério masculino da Sagrada Casa Irmão Pio se instalou na mesma casa onde Trigueirinho teve a seguinte visão, sintetizada do livro *Mirna Jad*, de 1992, mais de 20 anos antes dos hábitos mudarem de cor:

Era como se eu visse uma área abaixo do jardim da casa material em que me encontrava. Era uma área intraterrena onde circulavam seres que tinham vida de oração. Os seres, em corpos masculinos, usavam vestes semelhantes a túnicas, de tecido grosso. Poderia dizer que a tonalidade dessas vestes era marrom, apesar de não haver propriamente cores naquele nível. Aqueles seres viviam para Deus, e seu trabalho era orar.

Poderia dizer, em palavras humanas, que tal área era um setor de Mirna Jad, e que correspondia a um monastério. Dali emanava uma vibração



por mim nunca contatada na superfície da Terra. Não havia cenários. Transitavam num “estado de consciência”. Não percebia a presença de seres femininos, que trabalhavam como complemento energético em outro setor da mesma Civilização. Era como se todos fossem canais de sustentação, transmutação e irradiação da energia curativa e sutil que de Miz Tli Tlan é transmitida para Mirna Jad. Nesse “local” havia profundo silêncio, bem como um recolhimento que se podia chamar de imaterial. Havia ali uma fusão da energia de Miz Tli Tlan (que chegava a eles “do alto”) com a de Aurora (que lhes vinha “de baixo”). Minha consciência a tudo observava e sentia alegria por aquele contato.

A vida monástica da superfície da Terra reflete a de seus mundos internos. Ambas aguardam tempos melhores após o retorno de Cristo e a instalação definitiva do Plano Divino na Terra. Para isso, a Obra segue as instruções transmitidas por Cristo Jesus, Virgem Maria e São José através de videntes, e as da Hierarquia Espiritual, que representa o Propósito para o planeta.

Os mosteiros da OGM estão sediados no Brasil, Uruguai, Argentina, Estados Unidos e Portugal. Servidores se aperfeiçoam para um dia pertencer à Terceira Ordem da Irmandade.

Porém, para o Criador, não há princípio nem fim. Tudo se encontra no tempo em que passado, presente e futuro são um.

MONGE ENTÃO MONGE AGORA

de Frei Luciano

*Olhai o Universo e, como faziam
os antigos, elevai vossos braços
em sinal de receptividade.*

ISHIVAITUN, CARTILHAS INTERNAS



COMO FREI LUCIANO VIVEU TODAS AS EXPERIÊNCIAS monásticas de Figueira, convidei-o a escrever o atual capítulo. Deu o imediato *SIM*:

Cheguei a Figueira em fevereiro de 1990.

Logo me colocaram para ajudar na então Casa do Pátio onde, à época, morava Trigueirinho. Eu vinha do Rio de Janeiro e, a pedido de uma colaboradora, trazia uma encomenda para ele, que veio recebê-la pessoalmente tão logo cheguei. Assim que me viu disse: *Finalmente você chegou, um eremita*. Naquele momento era como se estivesse ouvindo algo familiar, mas, ao mesmo tempo, incompreensível. Agradei e segui para as tarefas do dia.

Na ocasião, eu ainda fazia ritmos no Rio de Janeiro. Em 1991, as Hierarquias indicaram a fundação de mosteiros em Figueira, a começar pelo Mosteiro Feminino, que deveria ser construído bem atrás da Casa do Pátio. Em seguida, fundou-se o Mosteiro Masculino em F2, e, em 1993, o Eremitico, em F3.

Tão logo o Mosteiro Masculino se estabeleceu em F2, em 1992, Trigueirinho me convidou para ali colaborar com o Setor Plantios, especialmente na plantação da fileira de eucaliptos na alameda de entrada. Eu desenvolvera a mesma tarefa na entrada da Casa do Pátio, ajudando a plantar dezenas de eucaliptos.

Era uma manhã de quinta-feira, início de 1994. Eu cuidava da padaria da Comunidade Figueira, quando Trigueirinho me enviou um bilhete perguntando se gostaria de compor o Mosteiro da Cura, a quarta unidade monástica aberta. Imediatamente respondi que sim, pois

percebia que meu caminho era dedicar-me cada vez mais ao plano evolutivo. Essa seria uma oportunidade de aprofundar-me no propósito. Integrei-me no monastério, na ocasião formado por dois fundadores de Figueira, Dr. José Maria Campos e Íbis. O primeiro, falecido, é conhecido por frei Ameino, médico e pesquisador. A segunda segue conosco e é hoje a Madre Anastácia.

Entre 1996 e 1999, tornei-me o terceiro monge do Monastério Eremítico, com Sofia e Artur.

Em 1994, os sete monastérios idealizados por Trigueirinho estavam completos. Cada um expressa uma característica, a saber:

Monastério Feminino, sediado em F1 e destinado a representar a Linhagem dos Espelhos, seres que devem desenvolver espiritual e humanamente a capacidade de refletir realidades sutis.

Monastério Masculino, sediado em F2 para desenvolver a energia do sacerdócio, da vida diária ordenada, expressa por ritual harmonioso e rítmico.

Monastério Eremítico, sediado em F3 com características de uma vida externamente solitária, de oração contínua, silêncio interior e construtora dos estados contemplativos na consciência.

Monastério do Serviço, sediado em Carmo da Cachoeira com a tarefa de expressar o serviço abnegado, a persistência diante dos obstáculos e um estado de paz interior mesmo em meio a conflitos.

Monastério da Cura, sediado em F1 com a tarefa de desenvolver o laboratório e a farmácia, que atenderia a comunidade com produtos artesanais, sem comercialização.

Monastério Domiciliário, da Devoção Ardente, sediado em Belo Horizonte, com uma característica especial na qual cada monge desenvolveria seus votos dentro de sua realidade de vida, ou seja, viveria em sua própria casa ou local de origem, com idas regulares a Figueira.

Monastério Itinerante, com características do atributo Governo de Si e sediado em São Paulo, mas com tarefa de *itinerar* nos locais de expressão da Comunidade Figueira, como seus Núcleos e grupos.

Essa fase da vida monástica foi uma oferta para expressar na vida diária, através de um pequeno grupo de monges, os *Atributos do Monastério de Figueira*. Trigueirinho dedicou-se a gravar partilhas de cada

um desses 84 atributos, disponíveis hoje no site da Irдин Editora, que constituem um tesouro para a humanidade.

Os monastérios se reuniam aos domingos em Figueira para reflexões internas e para acompanhar o desenvolvimento dos membros. Por volta de 1998, Trigueirinho percebeu que seria necessário um ponto de equilíbrio na vida dos consagrados e indicou que cada monge passasse trinta dias em outros locais da Obra, como os Núcleos e grupos de serviço, para estimular o serviço e para amadurecimento interior e humano. Foi assim que cada um dos monges foi servir fora do monastério, etapa importante que abriu caminho para o que viria em 1999: a dissolução dos monastérios e da existência formal de monges, o que permitiu que todos os estáveis e residentes da Comunidade, que não pertenciam aos monastérios por diferentes motivos, expressassem votos mais profundos.

Com esse movimento, toda a Figueira passou a ser considerada um estado de consciência monástico, isto é, toda a Comunidade estava convidada a expressar os mencionados atributos, sem ter monastérios externos e formais.

Isso ampliou o potencial dos estáveis e residentes. Viram-se diante da oportunidade de manifestar votos internos em suas atitudes diárias na vida grupal evolutiva. Deu espaço para a ampliação da responsabilidade de manter a Comunidade Figueira num estado de consciência elevado, cumprindo uma de suas tarefas mais importantes: a busca de um novo padrão de conduta, no qual as realizações pessoais e humanas fossem substituídas voluntariamente pela dedicação ao bem comum, em que todos colaboram na sustentação interna e externa da Comunidade e de maneira equitativa têm acesso ao que necessitam.

Entre 1999 e 2004 houve um ciclo de expansões significativas na expressão da Comunidade. Setores importantes foram criados, como o de Informática, a Irдин Editora, o desenvolvimento da farmácia artesanal baseada nas pesquisas de plantas existentes em Figueira, a ampliação na infraestrutura do Setor Plantios, a criação de um banco de sementes puras e não manipuladas geneticamente, um laboratório de testes das sementes colhidas para se criar uma base sólida de autossustentabilidade alimentar, a construção de um auditório em Figueira 2, com capacidade para mil pessoas, entre outras obras.

Em 2004 foi entendido que a Comunidade e seus membros estáveis, residentes e colaboradores haviam chegado ao ponto de servir às premissas do mundo. À vista disso, entramos numa fase de formar grupos de serviço em cidades e países, representados por colaboradores e grupos de estudos. Aquilo que antes era oferecido internamente deveria voltar-se para demandas mundiais e ser um instrumento para despertar e ampliar a consciência humana.

A capacidade de produzir alimentos também se expandiu. O desenvolvimento dos setores de plantios e sementes criou a possibilidade de que a produção atendesse a Figueira, seus Núcleos, comunidades rurais em torno e necessitados de Carmo da Cachoeira.

Esse ciclo de 2004 a 2007 trouxe muitas definições para os membros da Obra. Chamados a servir externamente, alguns tiveram a confirmação de que a vida evolutiva deveria ser estimulada naqueles que não conhecessem o trabalho. Outros desistiram de seguir adiante, entendendo que sua busca se limitava ao desenvolvimento pessoal e interno, mas não ao contato com prioridades do mundo, que passaram a ser consideradas um campo de serviço.

Em 2007, chega à Comunidade Figueira Elizabeth Cesar, hoje conhecida como Madre María Shimani. Vinda do Uruguai com um pequeno grupo, trouxe o impulso para um novo ciclo. Em 2008, foi fundada a Ordem Graça Misericórdia, que daria início ao segundo ciclo de expressão da vida monástica da Obra. Inicialmente houve a consagração formal de um pequeno grupo, seguida dos votos de novos candidatos.

A Ordem Graça Misericórdia tem características diversas das expressas na fase de 1991 a 1999. Os consagrados assumem votos formais, manifestados em seus hábitos/vestimentas, compostos por símbolos com valores e atitudes que devem buscar exprimir. Somos hoje 141 consagrados em 33 Monastérios abertos e funcionando.

Fiz votos na Ordem Graça Misericórdia em 2008 e, em 2009, assumi a coordenação do Monastério da Cura, dessa vez no Núcleo Sohin, hoje Núcleo Coração Sagrado. No ano dedicado a atualizar a infraestrutura do local, foi criada a condição para que o grupo estável e de residentes da Comunidade contasse com um espaço dedicado exclusivamente às terapias e tratamentos, tanto os convencionais como os desenvolvidos em Figueira, em seus mais de vinte anos de existência. Terminamos

a infraestrutura da hidroterapia que se tornou, junto com os demais setores da cura, um instrumento de harmonização e ponto de equilíbrio importante.

Em 2010, fui chamado a fundar o Monastério da Divina Trindade, no Núcleo de Figueira em São Paulo. Ali fiquei por seis meses, dedicando-me ao serviço a pessoas em situação de rua.

Em finais de 2010, ressurgiu o Monastério Eremítico, chamado de Monastério do Silêncio, na mesma área da expressão de vida eremítica do ciclo anterior, F3. Isso deu-me espaço para a dedicação integral ao silêncio interior, ao menor convívio externo e maior condição de iniciar formalmente um ciclo como escritor. No final de 2011, com a instalação do Monastério da Sagrada Humildade em F2, retomei o contato com o local em que estive em ciclos anteriores e com atividades de plantios e sementes. Ampliamos o serviço aos colaboradores da Obra, na área que tem vocação natural de acolhimento. Nessa fase colaborei com a abertura de um estúdio de gravação do Coral para o lançamento do primeiro CD do novo ciclo do monastério.

Em 2013 foi-me indicado estar na Comunidade Fraternidade, em Aurora, no Uruguai, onde apoiei a parte administrativa e a vida grupal, até ser chamado de volta a Figueira em abril de 2014. Novamente estava em F3. Dessa vez, com a tarefa de acompanhar e apoiar diretamente Trigueirinho em suas necessidades diárias, em revisões de textos e livros, e no que mais ele pudesse necessitar. Em junho de 2014, foi indicado que eu começasse a dar partilhas na Comunidade, intercalando com as de Trigueirinho. Foi desafiante sentar-me à mesa do grande instrutor e fundador da Obra.

Em 2015, fui designado para assumir a Sede da Ordem Graça Misericórdia, em F1, e ali fiquei até 2016. Viajei em seguida para a Europa a fim de desenvolver a Comunidade Flor de Lys, na ocasião ainda um Núcleo, ampliado para a condição de Comunidade naquele ano. No período proferi cerca de 29 palestras públicas na Espanha e em Portugal.

Chegamos em 2017. Ao retornar para um evento pontual em Figueira, foi-me indicado ficar e apoiar Trigueirinho, que experimentava uma situação delicada de saúde. Que aguardasse o momento de retomar o trabalho na Europa. Em abril de 2018, assumi a gestão geral da Fraternidade – Federação Humanitária Internacional (FFHI), que reúne hoje mais de 27 instituições filiadas.

Foi um ciclo de ampliações profundas na governança da Fraternidade Humanitária. Iniciava uma etapa profissional para o que se seguiria. Em 2019, foi criada a Fraternidade – Missões Humanitárias Internacionais (FMHI), que ampara e lidera as ações da Obra no setor das respostas humanitárias e emergenciais.

Em abril de 2021, após reestruturar a Sede da FFHI em Carmo da Cachoeira, regressei à Europa para desenvolver o que ainda está em andamento no setor humanitário, bem como a instrução pública. Temos hoje atividades da Fraternidade – Missões Humanitárias Internacionais (FMHI) em Portugal, Grécia e Genebra, além de Polônia e Angola, e intervenções pontuais e intermitentes na Turquia e em Angola.

Tudo isso para relatar a trajetória de uma vida eremítica e de silêncio externo em paralelo a atividades internacionais e públicas e a relações institucionais em Genebra e demais países mencionados. Além da instrução pública oferecida em Portugal, Espanha, França, Alemanha, EUA e Angola.

Sou profundamente agradecido por ter tido a oportunidade de conviver com Trigueirinho em diferentes ciclos. E por desenvolver a vida interior e expressá-la em atividades de serviço e instrução. A síntese entre a vida espiritual e o serviço ao mundo me traz inestimável oportunidade de equilibrar a natureza humana e a vida interior. Ao mesmo tempo em que sirvo a um mundo conturbado e caótico, sustento a liturgia dos exercícios espirituais que como monge e sacerdote me correspondem. Além disso, ofereço o melhor que pude assimilar ao convívio humano e às relações externas.

Monge então, monge agora representa um ciclo bastante amplo de oportunidades de crescimento interior e humano, hoje colocado à disposição do desenvolvimento da consciência humana e do serviço humanitário. Colaboro seja em nível de tomada de decisões ou na operacionalização de projetos e ações para equilibrar o que se passa no mundo.

Poderiam perguntar: *Valeu a pena?* Minha resposta é minha vida, um testemunho de que toda oferta sincera para despertar e servir recebe bênçãos do Universo. Não me arrependo de ter doado, até o momento, mais da metade da vida, juventude e ideais a essa Obra. Sigo firme na disposição de ampliar seu potencial e, especialmente, ajudar a formar outros que se animem a seguir esse tipo de oferta de vida.

INSTRUIR E DIFUNDIR

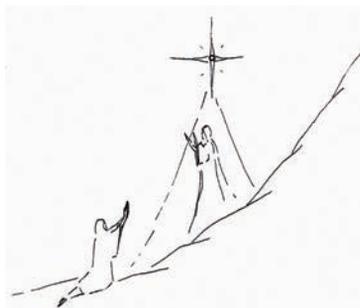
Quem tem a tarefa de instruir é um escultor de almas. Nada deve ser obstáculo para a Instrução. É chegado o momento de muitos estudantes cruzarem o Portal. Que persistam. Que vençam as provas. Que façam do amor universal a sua trilha. E que sobre o fogo aprendam a caminhar.

Trigueirinho



COLÓQUIOS

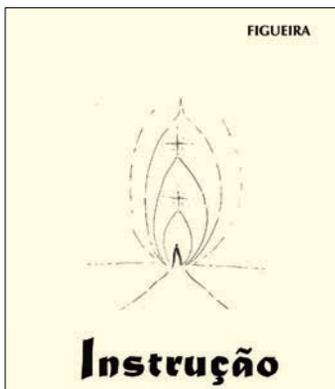
*É pela unificação das consciências
que o Mestre instrui o discípulo.
É pela unificação dos corações
que o discípulo acerca-se do Mestre.*
PAZ INTERNA EM TEMPOS CRÍTICOS
Trigueirinho



TRIGUEIRINHO TRATAVA CADA PESSOA SEGUNDO seu patamar evolutivo. Abriu caminhos para quem iniciava a busca e para os experientes. Por meio de conversas, missivas, palestras, reuniões, livros, lançou luz sobre dúvidas pessoais, grupais, planetárias e cósmicas. Com espírito de compaixão para com as dificuldades de outrem ou de multidões, trouxe entendimento. Harmonizou questões. Ele mesmo subiu patamares energéticos no decorrer de 40 anos dedicados a instruir e acolher seguidores.

Com percepção interna da realidade, em meados dos anos 70, começou a atender pessoalmente com vistas ao despertar de buscadores, como relatam os dois primeiros volumes *Conversas sobre Trigueirinho*. No início, recebia-os em hotéis onde trabalhava, em salas de ioga ou em casas particulares. Assim que deixou a rede hoteleira do Grupo Hora para se dedicar exclusivamente ao serviço espiritual, iniciou a experiência grupal no restaurante vegetariano Sattva, São Paulo, em 1976, onde oferecia colóquios e cursos para elevar a consciência. A mesma oferta se estendeu às demais cidades por onde lançou o chamado e à comunidade em Nazaré Paulista.

Em Figueira, deu continuidade aos encontros com aqueles que, em crise, levavam-lhes toda sorte de questões. Permanecia silencioso diante do outro, que mal percebia quanto sua vida fora endireitada no profundo. Em 1991, ele escreve no livro *Mirna Jad: Seja quando em conversação com alguém, seja no meio de uma tarefa, passaram a fazer parte da minha consciência a energia e a percepção dos planos sutis. Isso não se dá, exatamente, por meio de visões, mas sim de uma compreensão interna e de uma vivência desvinculadas do que possa apresentar-se nos planos materiais. Contatos como esses são como um bálsamo que cura, renova e transforma o nosso Ser em sua estada neste mundo tridimensional.*



Não apenas a percepção dos níveis sutis tornou-se mais presente, mas também meu modo de contatar o plano físico sofreu mudanças. Este passou a ser, para mim, “mais uma dimensão”, deixando de afigurar-se-me como a matéria sólida que se apresenta aos sentidos. O plano material tornou-se uma espécie de projeção, como se eu não estivesse inserido nele, mas sim observando-o. Isso, porém, não impediu que forças desses níveis densos continuassem a atuar

em mim, mas é certo que não têm, como antes, o mesmo poder de iludir-me. As reações dos veículos emocional e mental ficaram entregues ao seu mecanismo automático de resposta; em alguns casos foram atenuadas; em outros, canceladas.

A aproximação de Entidades elevadas que dos outros planos contatavam meus veículos ia sendo percebida de modo distinto. Não via mais a energia interior específica que habita meus corpos, mas sim a VIDA que neles flui impessoalmente. Meu relacionamento com os companheiros com quem estou em estreita colaboração e tenho grande afinidade foi elevado também nos planos externos, desvinculando-se da dimensão material.

Certo dia, enquanto conversava com alguém sobre assuntos que, na realidade, não pareciam de maior importância, podia ver, em outro plano, que um trabalho de cura estava-se dando. Ao mesmo tempo que eu o ouvia atentamente nos planos externos, podia acompanhar o que ocorria no interior daquilo que me parecia ser uma nave-laboratório. Um dos corpos daquela pessoa estava deitado numa espécie de mesa de operações, sendo tratado. Eram três os seres que a trabalhavam.

Faziam, em nível profundo, uma espécie de cirurgia que para ela significaria grande limpeza e purificação. Em minha consciência reinava um estado de oração sem palavras. Via que todos os que se abrem à transformação e às realidades dos mundos chamados “distantes” estão sendo extremamente ajudados. Via também que esses mundos já fazem parte da nossa vida nos planos em que somos e temos o nosso Ser, e que o pulsar das Mônadas já pode ser percebido no coração dos indivíduos resgatáveis. Atualmente, várias etapas evolutivas podem ser vividas simultaneamente, indicando a presença e a ação de novas leis na órbita planetária.

No ano 2000, ele foi contatado para um pedido de alívio:

LUCIANA LUZZI Troquei muitas cartinhas com Trigueirinho, dos meus 20 e poucos anos até os 50 e tantos. Em momentos pontuais, em que estava com algum entrave, um desafio difícil, recorria a ele. Invariavelmente respondia com palavras precisas — não era prolixo, como sabemos. Na hora em que via chegar um envelope remetido por Trigueirinho, recebia um banho de felicidade. As respostas vinham em geral acompanhadas de uma oração ou de um impulso para a alma.

Abalada por ocasião do meu divórcio, pedi ajuda a José através de uma cartinha. Na prontidão que lhe era própria, imediatamente pediu que a Secretaria marcasse um encontro meu com ele. Em grande alegria, parti de São Paulo para Figueira.

À tarde fui encaminhada à sua casinha singela, acessada por um caminhozinho sinuoso no meio de um bosque. Trigueirinho me aguardava na porta, sorridente. Com sempre gentil cordialidade, indicou-me a cadeira e se colocou sentado à frente, a uma distância de uns 3 metros. O ambiente era agradável, com o mobiliário indispensável: mesa para estudos, poucas cadeiras, um ou dois quadros na parede, pintados por amigos.

Iniciei a narrativa sobre o transcurso de 15 anos de casamento. Falei sem parar por uma, talvez duas horas, interpelada por poucas perguntas. Ao final, ele me fez compreender que o divórcio marcava o fim de um ciclo. Silenciamos. Aguardei por uns segundos; nada falou. Passados mais instantes, permanecia em silêncio. Interpretei como uma forma delicada de indicar que a conversa terminara. Constrangida e hesitante, demonstrei a dúvida. Então disse: *Você não pediu a minha ajuda?* Percebi que não era ainda para ir embora, a ajuda estava ali. Em silêncio ele orava por mim.

Veja a descrição de um tratamento sutil ao longo de outra conversa, para nós tão misterioso: *Fui procurado por uma pessoa que me falou longamente de suas vivências e provações. A certa altura, via um dos seus corpos sendo trabalhado. Estava deitado em algo semelhante a uma cama, uma bancada alta, horizontal. Havia outras bancadas do mesmo tipo naquele ambiente, que era uma espécie de templo de cura. Seu corpo estava adormecido ali, sendo tratado por energias sutis. Pareceu-me haver corpos de outras pessoas também sendo trabalhados, mas não os via. Sabia que aquele local era uma região intraterrena.*

A buscadora de Belo Horizonte tornou-se discípula fiel:

MARIA DAGMAR Em conversas pessoais, como muitas pessoas compartilharam comigo e eu mesma vivenciei, ele atendia pontualmente a cada um segundo seu nível evolutivo. Tudo oferecia na medida exata da necessidade e da possibilidade do atendido, no mais absoluto respeito ao livre-arbítrio.

Por dois anos, resolvi sair do grupo de Trigueirinho e participar de outro, bem ligado ao dele. Tudo ia muito bem no início, eu sentia que continuava a servir com tudo que havia adquirido até então. Porém, essa situação foi enfraquecendo, como alguém que, tendo feito uma poupança, viesse apenas a usá-la e um dia percebesse o risco de algo lhe faltar. Num momento crítico, internamente me coliguei com Trigueirinho em pedido silencioso de ajuda. Quase em seguida chegou uma carta dele chamando-me a participar da equipe da produção do primeiro livro que lançou. Ele me resgatou para a retomada do caminho no grupo do qual era o condutor — que é meu grupo, o grupo de Figueira ou dos diretamente comprometidos e orientados por ele.

Sobre isso, posso dizer que só depois que o tempo passa temos noção de seu amor incondicional, da aceitação do que cada um de nós manifesta no momento em que se apresenta diante dele com problemas, dramas. E, quase como num milagre, ele faz com que nada daquilo seja de fato motivo de preocupação. Dá o puxão para buscarmos a Luz no Alto. Na hora, o contato com ele nos tira do buraco, mas numa atitude de tanta simplicidade que nem nos damos conta. Sentimos sua pureza, ainda que só venhamos a ter consciência disso depois. A partir daí, Trigueirinho me indicava livros para estudar. Nunca mais o deixei. Tudo que conheci de mais profundo na vida espiritual foi trazido por ele.

Diz o mestre: *Grandes são os desafios e as provas para os seres que se projetam na experiência material da vida de superfície neste planeta. Mesmo um indivíduo já contatado pelas Hierarquias e pela própria Mônada pode cair, pois fortes são as tendências humanas não resolvidas que existem nos corpos. Apenas a Graça pode transformar em luz o escuro poço da consciência terrestre. Somente com a férrea determinação de não nos identificarmos com a densidade material e de superarmos a atração que ela exerce sobre nós, somente com uma aspiração ardente podemos prosseguir incólumes.*

PALESTRAS PÚBLICAS

*Cabe a ti caminhar com teus pés,
confiante em que a mesma luz
que iluminou o caminho dos que
admiras iluminará o teu.*

Trigueirinho



O PÚBLICO ANSIAVA PARA TRIGUEIRINHO retomar as palestras públicas. Para ouvi-lo, entrou em filas de dobrar quarteirões e lotou imensos auditórios ao ser aberto seu último ciclo, entre outubro de 2007 e novembro de 2010, em Belo Horizonte, Buenos Aires, São Paulo e Lavras.

Argentinos lembram-se dos três anos em que ele ministrou palestras públicas no país. A primeira, em maio de 1987, no complexo do Teatro San Martín, na rua Corrientes. Duas no teatro Santa Maria, na rua Montevideu. Duas, com pessoas sentadas nos degraus, no Auditório Belgrano, das monjas da Misericórdia, que não o aceitaram mais por ter falado mal da Igreja. Segundo Marité: *Acho que nessa, ele disse que Nicolás, ser de Aurora, estava sentado entre o público; chegara cedo porque José era pontual.* Houve ainda outra no teatro SHA, da comunidade judaica.

Lembra-se Marité: *Em 1988, ele deu duas palestras no teatro Liceo, na rua Paraná, perto do Congresso da Nação, em maio e novembro. A sala tinha capacidade para 800 pessoas. A fila era longa! Alguns se sentaram nos corredores e, quem era da Obra, no palco, à direita e à esquerda de José. Sempre fiquei de guardião fora dos salões e quem não pôde entrar ficou bravo conosco. Tivemos de sustentar a situação. Mas José, antes de iniciar, falou que daria uma partilha breve e a repetiria para os 500 que ficaram de fora. Havia um horário limite para entregar o teatro, mas tudo deu certo.*

A última do ciclo foi no teatro da escola La Salle, rua Rio Bamba. Esteve então em Mar del Plata, em novembro de 1989, e encerrou aquele ciclo na cidade de Mendoza, em 13 de maio de 1990.

Anos passaram até palestrar em Buenos Aires quando, em 1999, o jovem artista Damián acompanhou a mãe, que conhecia o mestre há anos. Ele mudou-se para Figueira meses depois e veio a tornar-se Frei Renato del Casto Corazón. Transcorreram mais quatro anos até

Trigueirinho dar a palestra *A Subida da Montanha*, que o grupo trata de SUPER, no Teatro Gran Rex, em 24 de agosto de 2003. Nela explica o significado do nome Argentina e a tarefa espiritual da nação.

A última palestra em Buenos Aires, em 1º de junho de 2008, também no Teatro Gran Rex, teve Shimani e Samuel presentes. Era domingo. Pela manhã discorreu sobre *A Arte de Viver nos Tempos Presentes*. Na véspera, falara apenas para grupos de estudo na Escola Lasalle.

Dezoito anos antes ele encerrara o ciclo da grande difusão, que empreendeu entre 1980 e 1990. Finalizara-o no dia 15 de agosto na capital federal Brasília com o tema *Nave de Noé*, título do livro lançado naquele ano. Expusera o mesmo assunto em palestras anteriores, em São Paulo, Belo Horizonte e Salvador, quando explicara também sobre seres mongoloides e convidara os ouvintes a abrir grupos de serviço para ajudar essas crianças com necessidades especiais.

A Arte de Viver nos Tempos Atuais

Em 2008, Trigueirinho dá a palestra com o mesmo título em quatro cidades. Todavia, há diferenças em suas descrições, segundo o site da Irdin Editora.

São Paulo: 24 de abril — É do nosso ser interno que virá a clareza diante das forças involutivas hoje especialmente atuantes na humanidade e em tudo o que nos cerca. O valor de perceber a presença dos nossos irmãos do Cosmos e de aprender a contar com sua assistência.

Buenos Aires: 10 de junho — É na superfície da vida que o caos vem agravando-se. Quem procura contatar o interior do próprio ser vai percebendo a eternidade dentro de si e, assim, ajuda a criar um mundo novo.

Lavras, MG: 19 de junho — Os que vivem nesta época são precursores de uma nova espécie humana. Nossa disponibilidade para a transformação causa hoje efeitos especialmente profundos.

Belo Horizonte: 3 de agosto — A presente condição ambiental, humana e social planetária pede que despertemos para realidades superiores. Amplo projeto salvífico está em andamento, mas só podemos contatá-lo em um nível de consciência elevado e invulnerável às forças involutivas. Consciências imateriais conduzem o processo de resgate da humanidade e a reestruturação da Terra. Podemos conhecê-las voltando-nos para o nosso interior. A partícula cósmica crística em cada um de nós deve então despertar.

TRIGUEIRINHO

Conferencia en Argentina

El Arte de Vivir en los Tiempos Actuales

**¿Quiénes son nuestros compañeros
de camino en la tierra y en la vida interior?**



**Teatro
Gran Rex**

Av. Corrientes 870
CAPITAL

Domingo
1° de junio
a las 10

ENTRADA LIBRE

SE SOLICITA NO CONCURRIR CON MENORES DE 12 AÑOS

JOSÉ TRIGUEIRINHO

Filósofo espiritualista brasileño, autor de 76 libros con más de 2 millones de ejemplares en portugués y español. Su mensaje también se encuentra en más de mil CD grabados en vivo.

www.trigueirinho.org.br

HABRÁ EXPOSICIÓN DE LIBROS Y CD DEL AUTOR

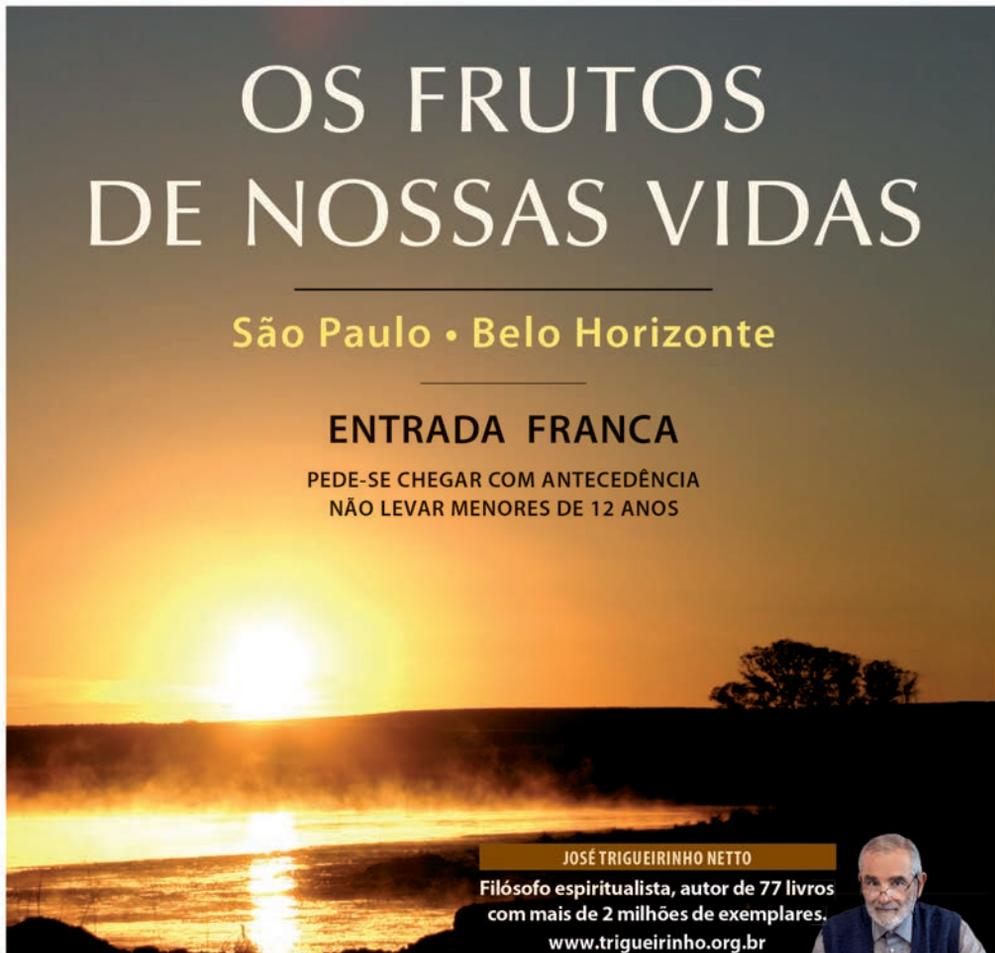
PALESTRAS DE
TRIGUEIRINHO

**OS FRUTOS
DE NOSSAS VIDAS**

São Paulo • Belo Horizonte

ENTRADA FRANCA

PEDE-SE CHEGAR COM ANTECEDÊNCIA
NÃO LEVAR MENORES DE 12 ANOS



JOSÉ TRIGUEIRINHO NETTO

Filósofo espiritualista, autor de 77 livros
com mais de 2 milhões de exemplares.
www.trigueirinho.org.br



2010

SÃO PAULO

4 de outubro • segunda-feira • 20h30

NO

Memorial da América Latina

Av. Auro Soares de Moura Andrade, nº 664
Próximo à estação Palmeiras – Barra Funda 

BELO HORIZONTE

22 de novembro • segunda-feira • 20h30

NO

MINASCENTRO

Av. Augusto de Lima, nº 785
Centro

Os Frutos de Nossas Vidas foi o tema da última palestra em que se dirigiu ao grande público de São Paulo, em 4.10.2010, e ao de Belo Horizonte, em 22.11.2010. Discorreu sobre *reacender a sensibilidade superior e a consciência corporal torna a personalidade mais permeável aos estímulos da alma, equilibra nosso carma com a matéria e abre possibilidades para o resgate dos corpos materiais*.

No Memorial da América Latina, em São Paulo, os dois auditórios alugados não bastaram para o total do público. Quem ficou de fora assistiu ao mestre no telão instalado no hall, junto à Livraria Irдин e demais pontos de informação. O grupo conseguiu cadeiras na hora, ainda assim ouvintes se acomodaram pelo chão. Uma paulista recorda:

MARÍA CARIDAD Colaborei com o necessário nos três últimos anos de palestras em São Paulo, mas contarei apenas um fato da última, que me marcou. A parede atrás do palco do auditório Memorial da América Latina era removível e abria-se para outro espaço, em que se via Trigueirinho de costas e através de um telão. Os colaboradores se sentaram nesse auditório ao fundo e priorizavam o principal para quem não o conhecia.

Meu coração se incendiara de alegria plena quando o monastério começou. E lá estavam monges. Tudo foi intenso. Trabalhei nas filas primeiro. Sentíamos uma força, coisa sobrenatural, que conduzia suavemente as muitas pessoas doadas, que ordenavam tudo maravilhosamente bem.

Perto do horário de iniciar a palestra, veio um silêncio, uma onda assim, celestial. Fui a última a verificar, dentro dos auditórios, se as portas estavam fechadas. Dei um sinal e avisaram Trigueirinho para começar.

Extraordinária energia ancorou ali no momento em que fechei a última porta. Passando os olhos pelos salões, tive a impressão de que a nave fechava as portas e levantava voo.

O puxão decisivo, digamos, ele deu no grupo mais externo, que surgia esporadicamente e não frequentava o trabalho nem Figueira, mas gostava de segui-lo, e pela derradeira vez o ouviu presencialmente.

Em Belo Horizonte, as três coordenadoras do Núcleo e da Rede-Luz MG somam lembranças sobre o encerramento das palestras públicas:

Ao lado, cartaz da última palestra pública em São Paulo e Belo Horizonte

TRIGUEIRINHO

Filósofo espiritualista, autor de 78 livros e mais de 2 mil palestras gravadas

PALESTRA EM LAVRAS

ENTRADA FRANCA

O Reino Animal e Nós

17 de junho
Segunda-feira, 20h

ANFITEATRO DO DCC – UFLA
Universidade Federal de Lavras



Pede-se não levar menores de 12 anos

Cartaz da última palestra pública de Trigueirinho, em 17.6.2013

RENATA FALCI No dia da última palestra, *Os Frutos de Nossas Vidas*, Beth me ligou na hora do almoço: *Olhe o Sol, tem um anel em volta, coisa belíssima, todo mundo está vendo*. Em silêncio, pensei *que bênção* e, na pequenez humana, *pena eu não estar lá*. Continuei a almoçar e me lembrei que esquecera um irrigador ligado no jardim. Fui, e olhei. Lá estava o Sol com o círculo em torno, uma movimentação de cores, tons rosados, lilases sutis.

O mestre estaria entre nós e se hospedaria no Núcleo. Quando vinha, nós nos reuníamos dias antes para organizar tudo com zelo, preparar a hospedagem. Fomos informados de que o monastério viria; isso significava uma revolução. Ao invés de oito pessoas, hospedaríamos 28.

BETH PICORELLI Trigueirinho tinha a palestra já delineada, quando Cristo lhe apareceu naquele dia e ele teve de mudar a fala.

Cabem 2 mil pessoas no Minascentro. Houve um fato importante nesta última palestra. Por uma questão de segurança, o Corpo de Bombeiros não permitia mais liberar os corredores laterais para pessoas sentarem. Tivemos de fechar as portas quando lotou. E parte do grupo renunciou assistir à partilha para estar com a fila gigante dialogando com quem não conseguiu entrar. Ele sempre foi bem aceito em Belo Horizonte.

ANDREIA GROSSI Cada um assumia uma tarefa para ancorar bem a energia. Havia uma enorme rede de difusão pela cidade. No hall de entrada, a Livraria Irdin realizou uma grande venda de obras de Trigueirinho. O grupo se organizava também em diversas frentes de recepção, e alguns ordenavam o salão.

As palestras eram sempre gravadas. Soubemos que, devido à potência do movimento energético, tiveram dificuldade com a qualidade de uma, que ele não autorizou publicar. Depois disso, reforçamos a proteção. Um grupo orante entrava cedo no salão, e cada um se colocava em certo ponto estratégico. Montamos escalas para o ofício sustentador orar todo o tempo.

RENATA FALCI Foi pedido que quem estava mais à frente da tarefa sentasse na primeira fileira. A palestra começou, foi-se desenvolvendo, nós alertas. Trigueirinho, já no início, demonstrou um outro veio. Lembro-me dele falar: *Esta noite, vocês se preparem, prestem atenção*.

Num dado momento, percebi um coração vermelho saindo de mim. Olhei para meu peito e vi apenas a echarpe. Punha os olhos nele, e a sensação estranha ficava cada vez mais nítida, um coração enorme saía de mim. Olhava-me, via a echarpe. Acompanhava a palestra dele, mas a coisa avançava, o coração animal, não humano. Eu não governava a visão. Assim foi por um tempo longo, e aquilo me incomodando. Até que a experiência terminou. Só anos depois

compreendi o processo: enquanto ele falava, inúmeras situações iam sendo liberadas, o coração vermelho simbolizava meus aspectos animais.

BETH PICORELLI Na desmontagem do auditório, ninguém sabia ainda que seria a última palestra pública na cidade. E se organizavam para a seguinte ser no Ginásio Mineirinho, com capacidade para 25 mil pessoas, lembram?

RENATA FALCI Trigueirinho sempre ressaltou que não pertencemos a este mundo, que somos algo mais amplo, inimaginável, e isso era uma incógnita para mim. Naquela mesma noite tive sonhos riquíssimos e num deles me vi literalmente caminhando nas estrelas. Era de uma profundidade incrível. Havia tanto brilho, tanta solidude. As palavras são pequenas para expressar a elevação.

BETH PICORELLI O que Cristo deixou naquele dia para nós? No contato que fez com Trigueirinho, no quarto 2, Ele trouxe uma mensagem: no Núcleo, finalmente Ele encontrava um local onde podia reclinar a cabeça. Colocou isso com todas as letras. Falou sobre o trabalho de serviço do Núcleo, da fidelidade, do acolhimento, dos colaboradores. Enfim, completou dizendo que era para ser implantado ali um monastério. E que Trigueirinho deveria recolher-se em Figueira, pois seu trabalho com palestras públicas encerrara, de modo geral. Daria apenas uma ou outra eventualmente.

Assim foi. Trigueirinho despediu-se da tarefa pública com duas palestras em Lavras, a 40 min de Figueira. Foi nessa cidade que, 24 anos antes, a seguidora Maria, morando na cidade enquanto aguardava a hora de residir em Figueira, organizou-lhe duas falas no auditório do INSS. Uma, em dezembro de 1987: *Os Tempos Novos e suas Consequências*. A outra no mês seguinte: *A Energia Espiritual desta Época*.

Tocado pelo trabalho do grupo de estudos de Lavras, que instalou num ex-matadouro um canil para resgate de cães de rua, Trigueirinho discorreu sobre *Nós e os Reinos da Natureza*, em 25.8.2011. Encerrou definitivamente a oferta dois anos depois. Em 17.6.2013, com o tema *O Reino Animal e Nós*, uma reflexão profunda sobre os Reinos, como setores da vida universal. Vale saber que, tanto nas palestras de 1987 e 1988 quanto nas de 2011 e 2013, estiveram duas das fundadoras do Parque Francisco de Assis, Agulúcia Martins Amarante e Lenilce Gomide.

Ao longo dos anos ele chamou e fertilizou o despertar de incontáveis buscadores da verdade, lançando-lhes sementes da instrução.

SOBRE A PUBLICAÇÃO DA OBRA DE TRIGUEIRINHO E DE RESIDENTES DE FIGUEIRA NA EDITORA PENSAMENTO

A Editora Pensamento é uma joia a ser preservada na cultura espiritual do Brasil.
Trigueirinho

Fiz uma experiência muito importante com esta editora: nunca fui censurado. Todos os textos que lhe apresentei foram publicados sem alterações, sem cortes, sem adaptações. E isso sempre foi muito importante.
Trigueirinho (autor, filósofo e palestrante)

AS CITAÇÕES ACIMA SÃO FRUTOS DE UMA ENTREVISTA que fiz com Trigueirinho em março de 2007, a fim de colher material para a publicação do livro de minha autoria sobre a história dos primeiros 100 anos da Editora Pensamento. Indicam quanto a editora foi importante na difusão do Ensino que ele publicou, como dizia, sob sua responsabilidade, já que, humildemente, não se considerava o exclusivo autor dos mais de 80 livros que escreveu. Sentia-os como fruto de um trabalho coletivo e de percepções vindas de níveis internos, o que confirma sua tarefa como um grande servidor da Humanidade. Isso ele demonstra na dedicatória do seu primeiro livro, *Nossa Vida nos Sonhos: Dedicado a Quem pacientemente me instruiu*. A letra maiúscula no termo *Quem* indica que Trigueirinho não tinha dúvidas sobre a origem do que vinha construindo há décadas, em termos de estudos e de serviço. A instrução para realizar o seu trabalho provinha do Alto.

Nossa Vida nos Sonhos foi publicado em 31 de julho de 1987 e lançado comercialmente em 3 de agosto do mesmo ano. Originou-se do ciclo das palestras *Os Sonhos*, gravadas ao vivo a partir de janeiro de 1985, e transcritas por voluntários. O lançamento remonta ao episódio que ele nos contou sobre sua amizade fraterna com Diaulas Riedel, diretor-presidente da Editora Pensamento, hoje Grupo Editorial Pensamento. Diaulas esteve por 54 anos à frente da editora, publicando livros *para um mundo em transformação*. Trigueirinho nos disse:

Um dia fui visitar Diaulas Riedel na Editora Pensamento (porque conversávamos muito sobre alma, sobre reencarnação). Ele gostava também de conversar sobre naves extraterrestres, e um dia disse: “Olhe, se você não quiser escrever nenhum livro sobre essas coisas de que fala, eu mesmo vou fazer isso e publicar”. [...]então respondi ao Diaulas: “Pode deixar que escrevo o livro, não precisa fazer isso”. E, um dia, muitos anos depois, em 1987, levei um livro pronto para ele, sobre os sonhos. Diaulas gostou muito, fez pessoalmente a capa e, a partir daí, continuei a escrever. Escrevia os livros, entregava-os a ele, que os lia nos fins de semana, em casa. Publicava todos em seguida.

Contudo, a amizade dos dois vinha de ainda mais longe. Por 41 anos, além de editor da Pensamento, Diaulas Riedel foi Delegado-Geral do CECP (Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento — a primeira ordem esotérica a ser fundada no Brasil, em 27 de junho de 1909). De inclinação rosacruziana e martinista, em níveis internos, era uma ordem mentalista externamente. Tinha como missão *promover o despertar das energias criadoras latentes no pensamento humano*, assim como ações para que a Harmonia, o Amor, a Verdade e a Justiça se efetivassem cada vez mais entre as pessoas.

Não temos informações sobre como se deu o primeiro encontro entre Trigueirinho e Diaulas, mas afirmamos ter sido antes de 1976, pois, como Ana Regina Nogueira relatou no segundo volume desta coleção de memórias: *em março de 1976, Trigueirinho anota um encontro com Diaulas numa agenda.*

Provavelmente, a aproximação ocorreu por dois motivos: a difusão de obras espiritualistas sérias no catálogo da Pensamento, como os livros de Paul Brunton — publicados pela editora desde 1962 —, além de textos como *O Bhagavad Gita*, *O Caibalion* e *O Dhammapada*, livros de Helena P. Blavatsky e de outros autores teosóficos. Também pelo fato de Diaulas ser Delegado-Geral do CECP, para cujo maior evento da Ordem, a Semana Esotérica, eram convidados palestrantes e conferencistas. As afinidades deles provinham daí e foram-se intensificando.

No epílogo do livro sobre a história da Pensamento, Trigueirinho nos disse que *a editora faz parte de uma rede de editoras que, disseminadas pelo mundo, foram estimuladas pela Hierarquia Espiritual. O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, que está na raiz da Editora Pensamento, nasceu desse impulso vindo do Alto no começo do*

século XX. E havia mesmo muita necessidade de iniciativas como essa. Esta editora vem dando sua contribuição no processo de expansão da consciência humana [...].

Diaulas sabia que algo importante seria materializado pelos dois. Fez várias visitas à comunidade espiritual, fundada em 1982 por Trigueirinho e seguidores inspirados, na cidade de Nazaré Paulista, interior do estado de São Paulo. Trigueirinho lhe sugeriu publicar um livro da escritora e pensadora norte-americana Sara Marriot, que conheceu na década de 1960 por intermédio dos fundadores da comunidade Findhorn, na Escócia. Ele a havia convidado a visitar a comunidade, onde Sara se instalou a partir de 1984. Assim, Diaulas editou o primeiro livro dela, *Ritmos da Vida*, em 31 de maio de 1986, e alguns mais até 1995.

O público do instrutor se ampliava ano a ano, e Diaulas percebia que chegava a hora de o instrutor publicar livros baseados nos ensinamentos de suas palestras e seus cursos. Logo, entre 1987 e 1989, editou seus primeiros 15. Entre eles, três dos mais polêmicos se tornaram um fenômeno editorial. Com a publicação da trilogia das civilizações intraterrenas — *ERKS – Mundo Interno; Miz Tli Tlan – Um Mundo que Desperta; e Aurora – Essência Cósmica Curadora* —, Trigueirinho se torna amplamente conhecido e gera controvérsias, como sempre! Alguns meios de comunicação atacam seu discurso sobre contatos com extraterrestres, mas isso faz com que os livros vendam ainda mais. As obras abordam os temas mais diversificados como os Mestres e Iniciados, a Hierarquia Interna do planeta Terra.

Apesar de polêmicas, o sucesso foi tão grande que a Pensamento, para atingir novos públicos e atender a demanda, buscou parcerias editoriais. Passou a publicar edições de bolso em coedições com a Editora Nova Cultural, para serem comercializadas em bancas de jornal. Também edições com encadernações especiais, em capa dura, vendidas pelo sistema de assinaturas, através do Círculo do Livro. Na época, o livro *Hora de Crescer Interiormente – O Mito de Hércules Hoje* ganhou edições nesses dois formatos.

Em uma entrevista informal feita em 2023 na própria editora com Valdir Poveda Caldas, gerente administrativo da casa desde 1980, ele informa:

Houve um momento em que Trigueirinho se tornou um grande fenômeno editorial, além de o ser na imprensa por conta de suas concorridíssimas palestras. Tivemos gráfica própria até 2006. Entre os anos de 1989 e 1992, eu me lembro de chegar à gráfica por volta das 7h para conversar com o gerente e verificar o que estava “entrando em máquinas”, como dizíamos no jargão. Eram livros do Trigueirinho. Vendiam tanto que tínhamos de imprimir e reimprimir continuamente para darmos conta dos pedidos, tanto do grupo dele, de colaboradores das palestras, como das livrarias. Chegou uma hora que, entre reimpressões e novos títulos, a gráfica só imprimia livros de Trigueirinho, algo nunca visto em mais de 80 anos de atividades da Editora Pensamento.

Outro fenômeno, em termos de produção editorial, ocorreu em 1992 e 1993, quando Trigueirinho lançou 11 e 12 títulos a cada ano, algo inédito na editora. Na época, apesar da árdua agenda como escritor e regente de Figueira, sempre manteve contato com Diaulas, que apresentava problemas de saúde.

Seguidores do trabalho desenvolvido na comunidade tornaram-se autores da Editora Pensamento. O residente Dr. José Maria Campos (Clemente) lançou doze livros como, em 1996: *A Medicina Resgatada – Uma Introdução à Praxis Vertebralis; Curas pela Química Oculta; O Eterno Plantio – Um Reencontro da Medicina com a Natureza* e, em 2003: *Terapêutica para a Regeneração Celular*. Outra residente, Teodora, em 2003, *Seiva de Vida*, e em 1995: *Receitas e Orientações para uma Alimentação Energética*. Núbia Moura Ribeiro (Angélica) é a autora de *O Lugar dos Inocentes*, de 1995, e *Kamtji, o Poder do Bem*. Cláudia Miranda (Columba): *Historinhas do Anu – Quando nos Animais a Alma Desponta*, de 1995. Enfim, Fabian Missiano publica *Guia para Situações de Emergência*, em 1997, e *Ação Imediata em Emergências – Manual de Procedimentos*, em 1998. Já o colaborador Dr. Hélio Holperin escreveu *A Vida dentro de Nós – Uma Compreensão da Existência por Meio da Observação das nossas Células*, em 1996, e *A Cura pelas Virtudes*, em 1999.

Em fevereiro de 1997, Diaulas Riedel fez a passagem para os planos sutis da vida, deixando a editora a cargo do filho Ricardo Riedel, que algumas vezes esteve na Comunidade Figueira, a convite de Trigueirinho. Entre 1998 e 2009, Ricardo Riedel editou 15 livros do instrutor, entre eles a *Coleção Pedacos de Céu*, composta por seis minilivros com reflexões e aprofundamentos de temas tratados em obras anteriores, além

de assuntos inéditos. *Sinais de Blavatsky* foi o último livro publicado pela Editora Pensamento.

Em janeiro de 2019, a Irдин Editora — fundada por Trigueirinho em 1996 — adquiriu os direitos autorais de Trigueirinho da Editora Pensamento, editora essa que, de 1987 a 2019, publicou todas as suas obras. A Irдин Editora passou então a ter o direito e a autonomia nas publicações em língua portuguesa, exceto os do *Glossário Esotérico*. Em 2023, depois de uma visita à Comunidade-Luz Figueira, voluntários da Irдин Editora me fizeram um apelo especial: a reversão dos direitos autorais do *Glossário Esotérico*, a mais importante obra de Trigueirinho. Após conversar com a diretoria da Editora Pensamento, Ricardo Riedel doou os direitos da referida obra, que agora também pertence à Irдин Editora.

Entrei na Editora Pensamento em 2006 para trabalhar como colaborador, parecerista e buscador de novos títulos, vindo a me tornar editor em 2010. Uma das minhas primeiras tarefas na empresa ocorreu em 2007, quando fui a Figueira exclusivamente para entrevistar Trigueirinho, como fonte de informações para o livro sobre os 100 anos da editora. Em 2008, Ricardo Riedel recebeu um convite para dar uma palestra em Figueira sobre a difusão de livros espiritualistas na atualidade. Como eu conhecia a obra do Trigueirinho há mais de 10 anos e fazia ritmos frequentes na comunidade desde 1999, Ricardo passou-me a tarefa de extrema responsabilidade. Pedi inspiração ao Alto, e a palestra ocorreu de forma harmoniosa, no auditório da Vida Criativa, em F1. Foi importante estar ali contando sobre publicações da editora em diversas áreas, um pouco de sua história e que a Pensamento foi um esteio espiritual para ajudar a manifestar a obra de Trigueirinho por mais de três décadas.

De extrema importância em minha busca espiritual, Figueira, o trabalho e a Obra de Trigueirinho, a quem carinhosamente chamamos de José, são divisores de águas em minha vida. Em 2019/2020 me voltei ainda mais ao estudo de sua obra e vida de serviço, e senti um chamado interno, numa outra oitava de consciência, para fazer parte da Rede-Luz. Em 2022, entrei em contato com a Irдин, e o Evandro me apresentou o Irmão Juan Gabriel, seu produtor editorial. Passei a colaborar com ambos. Em abril de 2023, voltei à Comunidade-Luz Figueira durante a Sagrada Semana e senti um processo de renovação grande, física e espiritual, tanto no local como em mim mesmo.

Sempre digo para quem me pergunta como foi o meu despertar espiritual. Nasci numa situação cármica e material bastante difícil, com problemas familiares durante a infância e a adolescência. O vazio que havia em mim só se aplacava com uma busca espiritual ou olhando a vastidão do espaço e as estrelas no céu. Após a leitura, em 1998, do livro *Miz Tli Tlan*, senti que um quebra-cabeça interno havia se completado em meu ser. Um ano antes, tivera um sonho revelador sobre uma catástrofe mundial e uma ilha de salvação localizada ao norte da Sibéria — sonho sobre o qual Trigueirinho me esclareceu por carta, em 1999.

Tudo o que ocorreu comigo depois disso, inclusive a entrada na Editora Pensamento, foi fruto de um processo que envolve realidades maiores para as quais devemos estar preparados, servindo a cada dia ao próximo e entregando-nos à nossa verdadeira morada, primeiro em nosso interior e, um dia, entre estrelas, ao lado do Criador.

Adilson Silva Ramachandra

EDITOR DO GRUPO EDITORIAL PENSAMENTO

Quando o autor deste capítulo entrevistou Trigueirinho para o livro *Pensamento em Mutação*, de 2007, selecionou o trecho revelador como posfácio da obra:

[...] os nossos livros fazem uma síntese de tudo isso que é espiritualidade teosófica, espiritualidade antroposófica, metafísica [...]. Faz uma ligação disso tudo, como síntese, com a nova dispensação, que seria o contato do homem da superfície da Terra com as humanidades e com as civilizações dos outros planos de consciência. Tanto na própria Terra quanto em outros planetas e outros mundos. Então a obra faz essa transição, faz a síntese da espiritualidade, nossa, para uma espiritualidade que abrange humanidades e instrutores – instrutores no sentido de mestres – em outros níveis de consciência. Na própria Terra existem não só essa humanidade na superfície, mas também humanidades em planos internos da consciência, que não é física, e os livros descrevem toda essa situação.

ESCRITA DOS LIVROS



*A esperança do instrutor é erguer os seres
que se aproximam. Orientado pela intuição,
os livros são fruto de canalizações.*
Trigueirinho

ALÉM DE ESCRITOR *BEST-SELLER* DA PENSAMENTO, editora dedicada à espiritualidade e ao esoterismo, Trigueirinho era amigo de Diaulas Riedel, o proprietário. Ao se referir a ele, sempre sorria. Por anos, o editor, assim como seguidores, haviam lhe solicitado publicar livros. Quando o fez, lançou 84 obras em três décadas, sendo 53 entre 1987 e 1994. O periódico *Sinais nº 1* anuncia que 750 mil livros de sua autoria foram vendidos até 1996. Segundo a obra *Pensamento em Mutação*, a editora comercializara 2 milhões e meio de exemplares do autor até 2007.

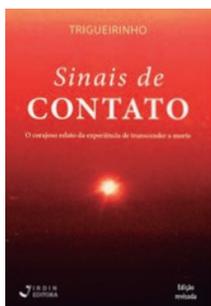
Ofertado à Vontade Maior, o autor escreveu que a *palavra dos instrutores é um vórtice de união*. Dedicou-se a ativar a expansão da consciência planetária tanto através da vibração sonora emitida por seu verbo — lotou até miniestádios — quanto através de palavras impressas ou escritas de próprio punho, que seguem impulsionando seres a assumirem seus lugares dentro do plano de resgate de Cristo Samana.

Em Nazaré Paulista deu o *Seminário dos Sonhos*. Sobre o tema ofereceu diversas palestras ao vivo, que vieram a compor um conjunto de cassetes, depois de CDs e, 30 anos mais tarde, um *pendrive*. Distribuiu as gravações para voluntários transcreverem, o que o ajudou a redigir o primeiro livro, *Nossa Vida nos Sonhos*, lançado *...na esperança de que, ao serem formados grupos e a comunidade, as pessoas sonhassem e fossem orientadas nos sonhos. Há pessoas que querem tanto saber algo que de vez em quando têm um sonho simbólico. ...O símbolo será a forma de nos instruírmos na nova Terra.*

Ele salientava que *Erks – Mundo Interno* era seu primeiro livro *não como autor* e os seis anteriores foram de autoria pessoal. A alma de sua obra são publicações que discorrem sobre Centros Planetários e Intraoceânicos. Das nove lançadas em 1989, dedicou três às civilizações intraterrenas avançadas situadas na Argentina, nos Andes Peruanos e no

Uruguai: Erks – *Mundo Interno*; Miz Tli Tlan – *Um Mundo que Desperta, e Aurora – Essência Cósmica Curadora*. Em 1991, editou *Mirna Jad – Santuário Interior*. Em 1992, *O Ressurgimento de Fátima (Lys)* e *Segredos Desvelados (Anu Tea e Iberah)*. Em 1993, *O Visitante (O Caminho para Anu Tea)*. No ano seguinte, *Os Oceanos têm Ouvidos*.

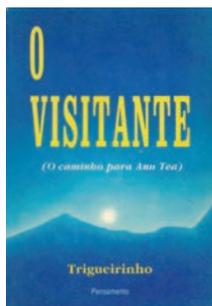
Segundo ele, livros-despertadores que arejaram a Terra do ponto de vista da instrução foram *Erks*, *Sinais de Contato*, *Novos Sinais de Contato* e *O Livro dos Sinais*, sobre os quais diz: *Um livro que não conseguimos ler em seguida, e precisamos parar para pensar, trabalha a mente. Vivemos superficialmente, e esse tipo de livro não se lê como um romance ou uma novela.*



Sinais de Contato foi revisto pelo autor e reeditado em 1996. Anunciara etapas precisas sobre um ciclo de serviço planetário do grupo, que foram cumpridas nos anos seguintes à previsão, segundo o informativo *Sinais nº 1: ...informar a origem dos habitantes da superfície da Terra e as fases evolutivas e involutivas da Lei da Criação para reconhecermos nossa natureza imortal e atravessarmos essas fases sem tribulações. ... Também nos foi dado o conhecimento das leis que regerão a humanidade futura, permitindo-nos aproximar da harmonia que no próximo ciclo a caracterizará. Segundo Sinais de Contato: Hoje se trata de captar as leis intuitivamente e vivê-las, para que não sejam mais necessárias experiências científicas negativas e desgastantes, e se evite a desarmonia entre as criaturas e a Natureza e entre os vários níveis de consciência do próprio homem.*



Em *Tempo de Retiro e Tempo de Vigília*, o 18º livro, o autor revela segredos mantidos ocultos por milênios: *A Terra foi, na galáxia, o último mundo que necessitava ser reconstruído pelos enviados dos Grandes Conselhos. Agora o conhecimento reaparecerá, e o planeta, com a sua própria Hierarquia, o assumirá. Por essa razão, tantas informações que até hoje foram mantidas ocultas estão sendo dadas aos que necessitam recebê-las, usando-se para isso até meios públicos, como possa ser a edição de livros. Pela primeira vez, uma parte desses ensinamentos está sendo revelada abertamente, seguindo as ordens do Cristo, que em certo momento chegou a expressar a necessidade de falarmos “do alto dos telhados”.*



O Visitante – O Caminho para Anu Tea, a 41ª obra, discorre sobre o processo de instrução. Beth Picorelli desejava ardentemente lê-lo, mas não tinha como adquiri-lo. Guardou silêncio e então sonhou. Trigueirinho vem de carro com um motorista. Param perto dela. Ele abre a porta do passageiro e lhe entrega *O Visitante*. Ela o coloca sobre o coração. Ao abri-lo, as páginas estão em branco. Beth contou-me o sonho após ler o capítulo com seu relato, no primeiro volume da coleção *Conversas sobre Trigueirinho: Quando vi que você havia selecionado a citação de O Visitante pensei: nossa!, isso confirma mais uma vez a presença fantástica dele nos mínimos detalhes.*



Glossário Esotérico – Uma Obra Dedicada aos Tempos Novos surgiu da ideia de um integrante do grupo que, em Brasília, reunia-se semanalmente para estudar ensinamentos do mestre. Ele propôs agrupar os verbetes dos 37 livros publicados até a data num arquivo do processador de textos *Word 6.0*, 1992. Um *laptop* se manifestou. O coração aceso de membros do grupo organizou os termos em ordem alfabética e o trabalho, encaminhado a Trigueirinho, tornou-se a semente embrionária de sua grande obra, que ajuda a compreendermos questões de difícil acesso. Uma pequena equipe de residentes em Figueira ampliou o esboço inicial, incluiu novos verbetes, aprofundou as definições dos existentes, incluiu referências cruzadas entre dois ou mais verbetes e entre os verbetes e demais livros do autor, acrescentou elementos gráficos (desenhos, quadros, tabelas, mapas) e listou o índice remissivo. Outra equipe traduziu o livro para o espanhol. *A ideia singela desdobrou-se em informações e impulsos extrafísicos, percebidos por quem toca a obra com as mãos e com os olhos*, diz uma coordenadora do grupo de Brasília.

Alguns dos que estiveram próximos a Trigueirinho guardam a memória de suas batidas contínuas no teclado da máquina datilográfica, de dia, à noite, seja em retiros pelas capitais, seja em casas de Figueira na cidade, na Casa do Pátio e, por último, em F3. Lembram-se dele chegando com os papéis originais e anotações para estudar com o grupo livros recém-escritos, antes de enviá-lo à editora. Ao expandir a consciência

dos primeiros ouvintes, quanto ao conteúdo, preparava caminhos para a compreensão fluir melhor entre futuros leitores.

O autor ajudava a aflorar o potencial criativo de cada ser aberto a apoiá-lo na realização da obra. Distribuía tarefas entre voluntários, como a elaboração do índice remissivo dos temas dos livros ou das gravações das partilhas. Revia minuciosamente todo o material que saísse para o público, o escrito, o gravado, as diagramações, os tópicos dos sites, folhas impressas para os quadros da comunidade. Tudo passava por suas mãos e diante de seus olhos. Tudo ia e voltava entre ele e os colaboradores até ficar o mais correto e alinhado possível. Dessa forma ensinava alunos a se renovarem, enquanto desenvolviam dons e aptidões.

Assim instruía também os monges dedicados à escrita, revisão, projeto gráfico de seus livros. Quando prontos, os originais seguiam para a Editora Pensamento, responsável pela impressão gráfica, o lançamento, a distribuição e a difusão dos livros. *Uma produção de livros milagrosa aconteceu naquele período até 1994*, comentam alguns.

PÓLUX Era um vaivém contínuo no monastério feminino. Às vezes, a publicação era tão urgente que Trigueirinho viajava com alguém de carro até São Paulo para entregar o livro em mãos na Pensamento.

Constantemente davam problemas os computadores da Angélica e do Artur, braços direitos do autor na canalização da escrita. Era urgente consertá-los. Apesar de compromissos profissionais, dois colaboradores vinham voando de São Paulo ajudar nas questões de informática, computadores, impressoras.

Neste planeta, as forças involutivas sempre batalham contra a luz, dificultando suas manifestações. Quando o livro estava quase pronto, aumentavam os imprevistos para atrasar o processo. Mas sempre conseguimos entregar a tempo, porque Irmãos Maiores estavam presentes. O previsto se cumpria, e tudo se cumprirá como está na grande Mente de Deus, que tudo sabe e tudo vê.

MARIA DAGMAR Tive a graça e a bênção de trabalhar com Trigueirinho nos livros durante um longo período. Com isso, o contato era próximo, e aconteciam coisas incríveis. Se ele viesse a Belo Horizonte dar uma palestra, ligava-me para saber como estava tal capítulo. Bastava eu atender o telefone e escutar sua voz com a simples pergunta: *Como está o livro?*, e minha mudança de ponto era imediata. Estados confusos se desvaneciam, eu entrava em harmonia! A partir de telefonemas ou ao receber bilhetes dele, passava por curas instantâneas. Foram muitas.

MARÍA CARIDAD Na época de ouro dos livros de Trigueirinho, que em poucos anos lançou obras eternas, fato milagroso, fui convidada a coordenar o Grupo de Difusão, em 1994. O Grupo dos Livros foi formado em Figueira antes. Ana Maria Souza o coordenava. Já Roberto Abutara, que morava em São Paulo, cuidava da relação com a editora e da questão burocrática. Era uma correria contínua, com saída mensal de um livro, até dois por mês. Eu viajava para Figueira com o carro lotado de publicações recém-lançadas!



Leitores sedentos os aguardavam chegar à livraria da Casa 1, foto ao lado, ou à de F2. Carregavam pilhas para encher malas a fim de distribuí-los em suas cidades. Outros despertavam ao encontrá-los em livrarias ou casas de conhecidos. Diz uma leitora do Nordeste: *Li todos os livros de Trigueirinho, duas, três vezes no mínimo. Há os que li dez vezes.*

Mal os livros vinham à luz na Pensamento, eram lançados na Argentina, pelo Editorial Kier, para circular em países que falam espanhol. Traduzidos para o inglês, francês, italiano e alemão, grupos de voluntários os difundiam na Europa, na Austrália e nos Estados Unidos. Também, a partir de 1998, foram lançados em Braille.

Selecionamos uma entre inúmeras mudanças de vida provocadas por escritos de Trigueirinho.

GHAMMA Em 1988 comprei o livro *Do Irreal ao Real*. Comecei a folheá-lo e o vendedor, observando meu interesse, falou-me sobre o espaço no bairro Céu Azul e me entregou o fôlder do Núcleo. Lá me senti em casa. Comecei a frequentar um grupo de estudo e, meses depois, anunciaram que um ônibus iria para um estudo ao vivo de Trigueirinho, em Carmo da Cachoeira, *Do Caminho Humano ao Caminho Cósmico*. Perguntei a Mariah, hoje Madre Isabel: *Como se faz para morar aqui?* Ela disse: *Vem!* Morei 7 anos e meio. Antes de sair, Trigueirinho disse: *Vá, eu estarei com você.* Ele me acompanhou em sonhos até meu retorno, em 2011, para um segundo período de 7 anos.

Para facilitar a leitura e atingir mais buscadores, em 1999 o instrutor condensou livros significativos na *Coleção Pedacos de Céu*, em sete volumes com dimensão 11 cm x 15 cm e cerca de cem páginas cada um. Visava à compreensão sintética de obras como *A Criação* e as sobre centros intraterrenos.

Livros de cabeceira se tornaram *A Voz de Amhaj*, além da trilogia de contato com a Hierarquia — *Portas do Cosmos*, *Encontro Interno* (*A Consciência-Nave*) e *A Hora do Resgate*. Os inclinados para a cura estudam livros sobre o tema e alguns mesmo dormem com exemplares sob o travesseiro como *A Formação de Curadores* ou *Hora de Curar* (*A Existência Oculta*), a fim de serem movidos pela vibração durante o sono.

Há leitores que abrem um livro aleatoriamente e ali está a mensagem-guia com a instrução necessária para o momento de vida. O método dinâmico leva-os à orientação almejada pois: *O mecanismo intuitivo de cada um de nós é original e único*, diz o instrutor em *Mensagens para a sua Transformação*.

Caso o buscador almeje relembrar algum livro, encontra partilhas com sínteses de quase todos no site da Irдин Editora, na série *Base para Leitura Espiritual*. Os estudos por ele ofertados em várias Vigílias Mensais, entre 2002 e 2007, duram entre meia e 1h.

Sagrados mistérios encobertos em ações de Trigueirinho foram eventualmente desvendados. No início de 1997, convocou as equipes paulistas dedicadas aos livros e à difusão para estarem na Pensamento. Pela primeira vez, queria todos juntos. Sempre ia ali, em geral acompanhado de Roberto Abutara mais um ou outro grupo. Sentaram-se junto a Diaulas; contudo nada se comentou acerca de assuntos práticos.

O instrutor levava Clemente, que discorreu com beleza sobre cura. Trigueirinho e Diaulas passaram a relembrar a vida de amizade, num bate-papo leve. O grupo ria, aconchegado na alegria dos amigos. Ao se retirarem, os convocados se entreolhavam perguntando: *O que ele fez?* Poucos dias depois souberam que o dono da editora falecera. Entenderam o porquê do *flashback* com Diaulas, conduzido por Trigueirinho.

Em Figueira, o mestre entrara em regime de semirrecolhimento desde 1990, após décadas de vida agitada entre Europa e Brasil. O velho ermitão, personagem de seu livro *A Morada dos Elísios*, reflete um ensinamento do mestre: *Este é o meu trabalho contigo. O teu é o de acolher a verdade. Mas lembra-te: não és obrigado a aceitar o que direi, mas deves buscar dentro de ti confirmações. Para alguns, esse caminho é longo e custoso. Para outros, mais ousados, é breve e retilíneo. Todos, porém, mais cedo ou mais tarde, chegam à Morada, tornam-se Elísios.*

PARTILHAS, INSTRUÇÃO VIVA

*A presença da Hierarquia da
Instrução evoca a vida mesmo
em meio ao deserto.*
Trigueirinho



AO ENTRAR NO SALÃO DE PARTILHAS LOTADO, ela viu Trigueirinho à mesa de trabalho. Enquanto se dirigia para o fundo pensou: *Sempre se-rei fiel a você.* Ao sentar-se ouviu a voz dele ao microfone: *Flávia, venha até aqui.* Em geral ele chamava alguém ao palco para entregar-lhe uma correspondência ou algo. Ela o olhou: *Percebi na hora que era comigo. Fui. Deu-me um sorriso doce e, ao mesmo tempo, um olhar intenso para deixar claro que recebera minha confirmação de votos.*

Desde o momento em que o mestre alinhava bilhetes sobre a mesa e ia trocando-os de lugar, conduzia a alquimia sagrada da instrução. Ampliava pouco a pouco o espaço interno dos buscadores, expandindo seu amor pelo Conhecimento Sagrado.

No início, as chamadas *Reuniões com Trigueirinho* ocorriam aos sábados, às 16h. Em seguida, terças e sábados, às 17h. Após 2004, o dia de estudo passou de terças para quartas-feiras. Nelas, o mestre discorreu sobre as três fases de instrução espiritual e esotérica iniciadas ao final século XIX. Entregues pela Hierarquia como impulsos à evolução humana, segundo a partilha de 2003, *Os Signos Reveladores da Instrução*, a *fase preparatória* chegou com os livros *Ísis sem Véu*, *A Doutrina Secreta* e *A Voz do Silêncio*, de Helena Blavatsky. A partir de 1919, veio a *fase intermediária* com 24 livros do Tibetano Djwhal Khul, ditados telepaticamente a Alice Bailey e, até certo ponto, a obra de Rudolf Steiner. Em 1975, entrou a *fase reveladora*. Por fazer parte dessa fase, *A Agenda da Mãe*, apesar de escrita um pouco antes, só foi publicada em 1978.

Trigueirinho também se encarregou da *fase reveladora*, a que retira o véu e divulga fatos ocultos até então conhecidos por pouquíssimos seres. Em 1976, ele teve a ideia de reunir um grupo para trabalhar espiritualmente. Após 1988, deu-lhe a conhecer as Civilizações Suprafísicas da Terra, os Centros Intraterrenos e os Intraoceânicos.

Previu que, para a etapa seguinte, a revelação do Ensino transitaria para a instrução interna, a que se dá dentro de cada um: *Ao adquirirem uma base de instrução externa, começa a se criar um ambiente dentro de vocês, um estado receptivo interno para receberem a própria revelação, aquela que não é para outros, é para quem a recebe.*

Sobre o bem comum, ele abordava uma impressionante gama de temas e os repetia sob diferentes ângulos para ajudar a compreensão. Apresentava chaves e criava tarefas que instigassem servidores em formação a mudar aspectos da personalidade, a expandir o magnetismo e se voltar para metas profundas. Ao mesmo tempo que partilhava, atendia ouvintes em níveis sutis.

O fogo imaterial ardia em Trigueirinho. Efervescente, ainda hoje a chama vinda dele cura e eleva quem se deixa penetrar por suas palavras escritas ou faladas.

Em dezembro de 1987, ele ministrou o primeiro estudo no município de Carmo da Cachoeira, com o mesmo título do ofertado em Lavras: *Os Tempos Novos e suas Consequências*. Segundo a moradora da cidade e professora Luz Helena, o encontro aconteceu ao lado da Casa 1, imóvel que em breve seria adquirido para o grupo:

LUZ HELENA A diretora da Escola Pedro Mestre me disse que Trigueirinho e Germano Ihe haviam pedido uma sala emprestada para uma reunião aos sábados. Fui, e a auxiliar de serviços gerais me abriu a escola e indicou a sala em que estavam. Sentei-me na sala ao lado, a da secretaria, porque de lá conseguia escutar Trigueirinho. Não era proibido ouvir, mas eu não podia entrar porque não pertencia ao grupo. Ele explicou de maneira tão especial sobre reencarnação! Sou católica e fiquei pensando *meu Deus, na minha igreja não falam em reencarnação, mas é possível sim!* Vi Germano e Satya saírem de lá, ao final. As outras pessoas, não conhecia. Fez mais duas partilhas lá.

Na reforma da Casa 1, no início de 1988, ergueu-se um salão pequeno ao alto da escadaria, à esquerda. Assim que ficou pronto, ele ali deu partilhas aos sábados, às 16h, depois às 17h, quando vinha à cidade. Acrescentou outro estudo às terças-feiras, às 17h. Em 1990, fez estudos na Casa do Pátio, na sala à esquerda da entrada.

Para acolher o fluxo crescente de pessoas, construíram-se dois espaços de estudo mais amplos. Desde 1991, palestrou no Salão de partilhas da VC, Vida Criativa. E, 8 anos depois, no auditório de F2.

Mãe Universal

em nível planetário rege a vida da matéria. (Mãe do Mundo)

- 1) permite a vida, com religião e "matéria liberar-se como luz."
- 2) Ensina o padrão arquetípico perfeito das formas.

Mãe Universal energia criativa, da inteligência, que confere adaptabilidade à matéria permitindo-lhe cumprir o propósito da existência.

Quando a vida se adensa e quando a vida se sutiliza usa outras energias para desempenhar seu papel.

Energia do Poder do Amor e da Fé. Int.

Compactação da matéria

1) Sentido da evolução:

Poder da Vontade e dividido para a definição das formas

1) para manutenção de rede de energia que possibilitam plasma-luz.

Magnetismo do Amor agrega e mantém calos as partículas que irão constituir as formas.

Mãe construtora e protetora
monumento das formas e conduzido no sentido da evolução.

2) Processo da Sutilização:

Poder da Vontade desencadeia a descompactação da matéria e rompe estruturas em todos os níveis

aproximação para a transmissão

no amor estado dos períodos na matéria anterior na construção de uma ponte entre ela e a vida spiritual.

induz, pela atração magnética à sintonia com padrões elevados. Penetra os níveis de consciência sutil.

começa um traslado da luz para os planos interiores:

Poder da Vontade atua como vértice de tremor das ligações da existência com a forma

rompe as redes que aprisionam a vida que deve elevar-se.

Favorece a abstração da essência em níveis de pura energia.

a inteligência criativa leva o impulso de utilização a ser acolhido no mundo material e consome a dissolução das formas.

Esboço de uma partilha, que Trigueirinho rasgou e jogou na lixeirinha ao lado da mesa, como de hábito. A encarregada pela limpeza recolheu a folha e repassou-a ao responsável pelo salão da Vida Criativa, em 2001

Em janeiro de 2004, trocou os estudos de terça para quarta-feira. Na Vigília Mensal chegou a oferecer duas reflexões ao dia, às 9 e 19h. O horário das partilhas de domingo variava segundo o ciclo; por exemplo, após 2004, nas reuniões do Monastério, aconteciam às 6 e 13h30. Além dessas, nos anos 90, houve séries inesquecíveis de partilhas às 3 e às 4h da madrugada, na VC.

Uma publicação *Sinais de Figueira*, de 1996, divulgava os Estudos Reflexivos: *Segundo a necessidade do grupo presente, visam à preparação interior para os momentos de radicais mutações que se estão intensificando em toda a face da Terra. São estudos que nos ajudam a tomar uma posição evolutiva em relação à desordem que se espalha pelo mundo e aos novos rumos reservados à humanidade, estimulando-nos a encontrar a paz, que é a realidade interna do nosso ser.*

Partilhas nutriam os seres e eram oportunidade de encontro. Moradores de diferentes áreas de Figueira, colaboradores de Carmo ou de outras cidades se avistavam de longe ou ali se conheciam.

Para recebê-los, a área e o salão eram limpos com esmero, as cadeiras perfeitamente alinhadas, o estande com opúsculos posto junto à porta dupla de entrada. A escrivaninha com material de escritório e a caixinha de bilhetes, a cadeira e o banco alto do mestre ficavam sobre o estrado atapetado. Como ele chegava 2h30 antes, era-lhe preparado chá e lanche. O coordenador geral o aguardava, anotava suas observações sobre o que melhorar no entorno e seu dever de casa era fazer os ajustes até a vez seguinte.

Sobre recordações de partilhas, selecionamos as de 20 seguidores que se dizem eternamente gratos ao Ensino recebido. Compõem o seguinte quadro colorido:

TARCISIO Minha mãe foi quem me incentivou a buscar a verdade, a não me conformar com o que o mundo mostra. Sem perceber me colocou no caminho. Era aficionada da vida extraterrestre. Assim, desde criança busco reconhecer o que é ou não verdadeiro para mim. Em 1991, meus pais trouxeram do Uruguai um acervo de livros de Sixto Paz Wells, José Trigueirinho, J. J. Benitez. Encontrei o que buscava, senti, mas segui em busca solitária.

Vivi um chamado intenso em 2007. Contatei grupos de Figueira em Buenos Aires, mas foi Madre Shimani quem ativou, em mim, a necessidade de fazer parte da Obra. No início, estive em Aurora e em Erks. Em 2009, cheguei a

Figueira para uma semana na Vida Criativa. Enfim, em 2012 vim a morar em Comunidades-Luz. Primeiro em Erks, depois em Figueira.

Dias após ser convidado a coordenar F2, a partir de janeiro de 2014, iniciu meu contato com Trigueirinho nas partilhas. No primeiro encontro, ele me levou a caminhar por F2 mostrando os pontos mais sagrados. Deixou claro o que considerava importante: os Reinos, o labirinto, a alameda principal, a ordem.

O preparo para as partilhas era um ritual, uma cerimônia desde o amanhecer. Ele entrava no salão pontualmente, às 14h30. Até às 16h, poucas pessoas vinham e, para mim, era o grande momento. O auditório tornava-se a consciência de José. Estar aí era ser parte de algo muitíssimo além de nossa capacidade de compreensão, era ter um momento íntimo com o lado oculto de José Trigueirinho. Estar ao lado dele era aprender sobre o silêncio. A palavra só chegava quando necessária. Se nos entendíamos sem falar, nada pronunciava.

Ele foi o referencial vivo da grandeza e da humildade em perfeito equilíbrio, da vida superior expressando-se em tudo o que fazia, para quem quisesse ver. Apesar de sempre apontar para coisas materiais, jamais sua atenção estava no concreto. Mostrava o quê, na matéria, não estava permitindo o fluir da energia e a expressão de princípios maiores.

Não tinha lógica material, o que era corrigido em uma pessoa, era permitido em outra. O pedido hoje não era válido para o dia seguinte. Tudo se renovava permanentemente.

A única coisa inalterável é que tudo estivesse ordenado, alinhado, limpo. Fora disso, não havia um manual. Quando cheguei a F2, um coordenador da junta de Figueira me disse: *Fique no auditório desde a chegada, olhando para ele. O que observar, procure entender o porquê, não espere que aponte. Se olhar para a janela, descubra o que há nela a melhorar. Ele ensina a arte da observação e do saber interno.* Eram os momentos mais sagrados da semana, tudo fazia sentido. Escutar partilhas e ler livros de Trigueirinho deram-me a possibilidade de alcançar patamares de conhecimento só possíveis através dele.

Era exigente e grandioso participar da produção prévia, da construção do canal que ele necessitava. Não conseguíamos dar-lhe o que precisava, pois a maior parte do que fazia permanecia oculta. Todavia, pude perceber como atuava nas almas. José Trigueirinho foi, na Terra, uma presença única e irrepetível, uma das grandes consciências que encarnam para nos ajudar a ser resgatados, para criar novas bases para nós e o futuro da Humanidade.

MARINA Tínhamos de estar atentos a tudo, desde a limpeza da poeira do portão de entrada verde, beirando a estrada de terra, até como posicionar o porta-lápis na mesa dele. As pessoas chegavam aos poucos, umas vindo a pé de outras áreas, muitas deixando os veículos no estacionamento. Não podia ter uma folha seca nas árvores ao lado dos três caminhos por onde passavam. No jardim das bananeiras, um coqueiro estava com uma folha amarela. Trigueirinho me chamou por ser a coordenadora. Pediu-me uma ferramenta para ele mesmo podá-la, mas eu lhe disse que a cortaria.

O Reino Vegetal envolve as construções. Para chegar, as pessoas abriam a cortina florida da trepadeira Sete Léguas, que subiu pela árvore do barranco, e os ramos aéreos desciam até quase tocar os paralelepípedos da rua em frente ao Galpão da VC. Trigueirinho tinha o maior cuidado com a cortina viva. Virava e mexia alguém a podava, e ele ficava bem zangado: *Não se pode cortar os ramos assim!*

Às vezes, eu fazia o lanche dele e, um dia, vim trazendo suco de melão. Na subida do tablado, tropecei. *Sujou o tapete*, comentou. Fiquei aflita demais, mas minha sorte foi ter chegado alguém para conversar sobre um livro e, enquanto ele atendia a pessoa, tive tempo de limpar rapidinho e lhe trazer outro suco.

Uma prova nossa eram os barulhos na cozinha, que ficava perto do salão. Qualquer barulhinho ele se levantava e ia lá ver o que estava acontecendo, um copo quebrado, alguém conversando enquanto pegava água, um talher que batia. Pisávamos em ovos para manter o silêncio. Mesmo quando a cozinha se mudou para outro prédio, apesar de mais distante, ele ouvia. Tinha uma sensibilidade fora do comum. Chegava lá: *Vocês não sabem trabalhar em silêncio*. Numa época ofertamos almoço grupal em seguida à partilha do domingo. Para não o incomodar, corríamos para deixar quase pronto até 9h30, quando ele chegava.

MARIA REGINA GODINHO Que bom ter convivido com seu sorriso e com seu silêncio eloquente! Estive substituindo o coordenador da VC, que precisava de restauro. Dez dias desafiadores e, mais ainda, quando Trigueirinho chegava para a partilha e eu estaria à sua disposição. Fiquei extremamente preocupada, nunca havia privado de sua companhia de perto!

Era simples, bastava estar quieta, sentada na primeira fileira do auditório, enquanto ele trabalhava. Só me manifestar se solicitada. Acender as luzes ao escurecer... aí estava o problema. Deveria perceber a hora correta e não me antecipar nem tampouco deixar o mestre em desconforto. Bem... fiquei o mais atenta possível. Na hora, ele olhou para mim e o entendi sem palavras.

Fui abrir o quadro de luz, com vários interruptores. Haviam-me dito qual ligar mas, no nervosismo, errei. Acendi a luz da plateia, não a sobre a mesa de trabalho. Trigueirinho levantou-se lentamente, fez um sinal chamando-me, fomos até o quadro, sorriu e disse amorosamente: *São estas as chaves*. Sua delicadeza com alguém tão inexperiente me tomou por inteiro. Ainda sinto a alegria do momento.

MANOELINA DA SILVA No dia certo, no horário certo, um transporte de Figueira estacionava em frente à Casa I para nos levar a cada partilha. Nos primeiros anos íamos na combi, no caminhãozinho ou na Toyota; depois no ônibus verde. Embarcavam residentes e pessoas atraídas pelo trabalho, vindo morar na cidade. Outras pegavam carona em carros particulares até a Vida Criativa e, anos depois, para F2. Então o transporte passou a nos pegar e deixar de volta na praça da igreja.

Trigueirinho era um exemplo. Ao entrarmos no salão, estava à mesa trabalhando. Era pontualíssimo. Às 5h em ponto começava, em geral respondendo perguntas breves e analisando o significado de sonhos que lhe escreviam em bilhetes. Nunca falava o nome do remetente, apenas lia o conteúdo e explicava a simbologia. Algumas pessoas faziam perguntas em voz alta, mas era raro. Em determinados casos, ele avisava que gostaria de falar com quem lhe escrevera, ao final da partilha, ou marcava outro momento para o encontro. Dependendo do tema escolhido para desenvolver, intercalava-os em vários estudos. Reflexões sobre cada um de seus livros, nas Vigílias Mensais, duraram anos, mês após mês, desde 2005.

FREI ZEFERIAS José era ótimo palestrante. Tinha voz musical, controle da dinâmica e da modulação vocal para falar em público. Muito bem treinado, dominava essa arte. Quando estava calmo e neutro, posso dizer que era um palestrante perfeito. Agora, uma de suas características era ficar bravo. Na hora em que o 1º Raio chegava, a entoação subia para a região aguda. E quando gripava, a voz ficava numa região difícil de equalizar. Para quem trabalhava com suas gravações, era complicado. Outra qualidade era que pessoas de língua espanhola entendiam tudo o que falava. Sim, isso é uma arte.

BIA VERGARA No início dos anos 90, aos domingos depois de mutirões, de uma partilha ou de uma sintonia, José abria uma conversa. Sentava em círculo conosco, era amoroso e imprimia a história cósmica na gente. Num período posterior, depois da partilha ele saía caminhando com todo mundo até o lago da VC. Abriamos uma roda enorme e chamava os céus, a terra. Entoávamos mantras. Foi fortíssima a nossa construção, junto à de Figueira! Naqueles iglus, acordei uma madrugada e vi uma nave gigante, branco neve, e

uma pequenininha embaixo. Conteí numa cartinha pro José. Ele a leu, rasgou, jogou no lixo; não deu a menor bola. Compreendia verdades, leis e princípios que regem a vida e o universo. Respondia perguntas com fala pausada e marcante, depois rasgava os bilhetes em quatro e os jogava fora imediatamente.

MARIA RITA As poucas vezes que lhe fiz perguntas foram num papelzinho diferenciado para eu saber quando o abria. Sempre os leu, rasgou e os jogou no lixo. Na hora em que ele picava meu papel, minha questão virava fumaça, desaparecia. Teve vezes de nem me lembrar o que lhe perguntara!

Outra vez, eu estava com muitas dúvidas, mas não lhe escrevi nada. Olhei para Trigueirinho e lhe fiz as perguntas mentalmente. Os olhos dele se cruzaram com os meus, e as perguntas foram respondidas, como se ele tivesse conversado comigo telepaticamente. E todo o peso que eu tinha, sumiu.

MARIA ARLINDA Vim a primeira vez com um problema pessoal sério, quase me separando do marido, que bebia. Na primeira partilha, sentei-me à frente para ver quem era Trigueirinho. Ele sempre escrevendo. Parei de ler e fiquei olhando-o. Sei que baixou os óculos e me encarou. A partilha foi sobre o que eu estava passando. Parecia ter-lhe contado, só faltou falar meu nome. Deve ter servido para outras pessoas mas, ali, foi para mim. Eu só chorava quieta para não chamar atenção. Voltei muda para F2, e algo incrível aconteceu. Esqueci-me dos três filhos pequenos. A vida lá fora se apagou de minha mente.

Após uma geada forte de -5 °C, que queimou demais as plantações, fizemos um mutirão de colheita de batata. Nele encontrei a amiga Olga, coordenadora de nosso grupo, que me avisou: *Vamos embora amanhã*. Não a compreendi: *Embora para onde?* Ela estranhou: *Para casa*. Eu estava em outro plano de consciência: *Que casa? Onde?* Quando ela pronunciou Bahia, aterrissei, e chorava: *Não quero voltar, vou ficar aqui, não vou*.

Meu marido foi buscar-nos de carro na rodoviária, todo feliz. Levamos susto, pois tinha tentado impedir minha ida à Figueira fazendo ameaças! Pela casa, espalhou flores e bilhetes: *Seja bem-vinda, nós te amamos*. Nunca mais bebeu. Aquele que quis impedir minha vinda a Figueira, quando me via agoniada dizia: *Vá, eu cuido das crianças*. Ele se transformou.

Fiquei 33 anos casada, quinze em sofrimento. Então, nunca mais. Tempos depois, cinco minutinhos antes da partilha na VC, subi ao quarto rápido para pegar um casaco. Nisso, Trigueirinho sai do banheiro pelo corredor do mezanino. Aguardei-o. Quando passou por mim, disse-lhe: *Grata pela transformação que fez em minha vida*. Ele levantou a cabeça e me olhou. Deu um sorriso. Percebi que lera meu pensamento.

Venho beber a água daqui e devo estar irradiando paz lá fora. Meus filhos e irmãos se transformaram. A organização de minha empresa é fruto daqui; os clientes dizem nunca ter visto tanta harmonia.

MADRE ZOROBABEL Meu aprendizado com José foi maior nas partilhas. Claro, às vezes ele dava puxões de orelha. Como um instrutor de mônadas, trabalhava com nosso interior. Tentava deixar nossa consciência bem no alto e nos preparar para o retorno do Cristo. Ele nos deu régua e compasso para, como diz Cristo, estar no mundo sem ser do mundo.

LUZ DE LA ESPERANZA Ao ver José, envolta pelo silêncio do salão, minha mente se aquietava. Emergia reverência e preparava-me para receber o ensinamento. A instrução foi-me abrindo janelas. Antes eu tinha o olhar horizontal. Com ele, ganhei a consciência de estar na superfície do planeta Terra, suspenso no Universo.

O invisível, o vertical, o imaterial iam-se revelando. José me ensinou a ver em todas as direções, observar a flor, a árvore, a abelha, o vento, a chuva, a água, a baleia, a pedra, uma pessoa, o pássaro, as palavras, os pensamentos, as emoções, os sonhos. Aprendi sobre evolução e involução, o infinito, a vida. Fui surpreendida pelo som sublime de Messiah e de Handel. Sua instrução permeava meus dias interna e externamente, às vezes de maneira suave, às vezes de maneira dura porque, quando verdades chegam, aspectos nunca observados surgem cara a cara. Estar na presença dele me alinhava e colocava-me em outro ponto.

LUCIANA LUZZI Ele educava de verdade! O lencinho? Pedia insistentemente, partilha após partilha, que participantes tampassem a boca com um lenço ao tossir ou espirrar, em consideração ao próximo. A certa altura, colocou no salão um colaborador com a função de levar imediatamente um lenço a quem o necessitasse.

DILMA VILELA Fiquei 2 anos morando em Caxambu, mas não aguentava ficar sem ouvir suas partilhas, e me mudei para Carmo da Cachoeira. A cada vez trazia novo ensinamento, profundo ou prático, exposto de forma diferente. Ensinava-nos a ser mais atuantes, mais assertivos, eu diria. Mostrava como fazer o melhor sem se deixar influenciar por forças egoístas. Que aprendêssemos a pensar no todo, nos Reinos!

PÓLUX Certo dia, no salão do Galpão da VC, Artur fez um teste filmando Trigueirinho com uma câmera simples, visando futuras tomadas. Ele estava com uma camisa polo, modelo que usava seguidamente, e sentiu frio.

Então, chamou a coordenadora Sofia e lhe pediu uma blusa mais quente. Ela foi direto ao meu quarto, escolheu uma de lã, cor bege. Ele mesmo a devolveu para mim. Não há como esquecer o momento.

Em algumas partilhas, ele manifestava uma energia de cura bem forte; em outras, ria demais, acompanhado pelos presentes. Claro, dizia que era a energia de Nicolás, um dos seres de Aurora que, junto a Andrés, trabalham na cura profunda das almas.

ANÁLIA CALMON Se eu tivesse uma pergunta, chegava antes da partilha para enviar-lhe. Ele me olhava, e eu ouvia a resposta através do seu olhar. Quantas vezes ouvi Trigueirinho responder dentro de mim, antes mesmo de lhe solicitar! Em palestras, quando ele buscava um termo para se expressar, eu o ouvia antes de ele pronunciá-lo. Uma aspirante que viveu no pé do mestre por tantos anos cria certa telepatia. Tão sublime, tão magnética é a devoção, que surge a telepatia de alma por um ser muito acima de nós. Só tive isso com ele. E me lembro do Tibetano dizer: *O laço que une o mestre ao discípulo não se rompe jamais!*

Todos os dias, antes de dormir, eu o vejo na tela grande da TV. O gestual harmônico, o olhar, a voz pausada me trazem a completa certeza da presença do mestre. Ontem estava frio no dia da partilha, e usava cachecol bege.

Ele via muita coisa. Meu irmão precisava fazer um transplante de medula, e fui perguntar-lhe o que achava. Ele olhou para mim assim... *Você pode se oferecer, mas não acontecerá.* E meu irmão desencarnou faltando uma semana para eu lhe doar medula óssea. Trigueirinho sempre foi vidente, só que era tão discreto, nunca comentou sobre isso.

FLORENCE Antes de entrar no salão, de vez em quando a gente conversava com companheiros e, de repente, na partilha, Trigueirinho acrescentava algo sobre as nossas questões. Observo que nos preparou para viver as mensagens que Cristo, Maria e São José nos transmitem hoje.

HADAR Paulo, meu esposo, gostava de ir sozinho e chegar cedo para ficar quieto olhando para Trigueirinho e sentindo o aroma do salão. Ele me disse: *Entro em um silêncio que não existe em nenhum outro lugar.* Essa frase me marcou. Eu também sentia um aroma no salão, tanto na VC quanto em F2. Mais antes do que durante a partilha. Era um estado.

MARIA DAGMAR Vivenciamos situações significativas com Trigueirinho! Uma, por exemplo. Ninguém como ele sabia identificar o que era autêntico no nosso ser e merecia resposta e o que não merecia. Para cada caso, a cada momento, oferecia-nos a medida exata. Quantas vezes escrevíamos

Trigueirinho,
Podem nossos demais
níveis de consciência
quando impulsionam e sempre para o bem
ALMA - MÔNADA - REGENTE
MONADICO - não impulsionam
adequadamente o ser; de
forma que ele não cumpra
o caminho de volta, por
fraqueza nesses níveis?
Gratidão.
Luzia Serdano
8/8/98

Trigueirinho,

Podem nossos demais níveis de
consciência – ALMA – MÔNADA –
REGENTE MONÁDICO – não
impulsionarem o ser, de forma
que ele não cumpra o caminho
de volta, por fraqueza nesses níveis?

Gratidão

Luzia Serdano

8.8.1998

Resposta em vermelho:

quando impulsionam
é sempre para o bem.

cartas longas, e a resposta era a carta devolvida com uma frase sublinhada e uma palavra na margem. Outras vezes, bilhetes não eram respondidos, ou melhor, eram respondidos por seu silêncio, o que provocava nosso próprio discernimento quanto ao significado por detrás. Entretanto, uma simples pergunta podia dar margem a uma extensa partilha em resposta. Outras vezes, sem o termos contatado, enviava algo inesperado que necessitávamos. Era um mestre. Conhecia a real necessidade de nossa personalidade e de nosso ser interno. Estava o tempo inteiro atento a ajudar nossa evolução.

Nas partilhas, tendo de puxar nossos seres para o ponto mais alto, colocava metas que alguns consideravam fora da realidade. É que tinha a missão de manifestar Figueira e as Comunidades-Luz, uma ordem monástica, despertar sacerdotes. Era necessário, portanto, puxar-nos a pontos altíssimos para tentarmos alcançá-los. Por outro lado, ainda nas partilhas, cuidava das batalhas diárias e a interpretação de sonhos dos presentes.

PAULO ANTÔNIO MACHADO Trigueirinho me explicou que, quando sentado no banquinho dando partilhas, não via ou reconhecia indivíduos, não observava rostos. Percebia a energia (é minha interpretação, não me lembro das palavras exatas), o fluxo, o ambiente, a vibração, seres indefiníveis, não individuais, uma espécie de *massa*. Disse que, entre outros motivos, ouvintes dormiam por não estarem preparados para escutar certos assuntos. Na hora me pareceu uma instrução, que se incorporou em mim. Desde então minha

forma de olhar plateias se transformou. Observo o *todo* (eu fazia isso antes de forma natural, mas depois da conversa fiquei mais consciente).

MAURO ROTENBERG A presença de José era extraordinária. Pacificava. Ele não precisava mais que três, cinco palavras para conduzir a consciência de um estudante preparado a dar um passo profundo e irreversível no caminho interno.

A maestria dele para a comunicação fazia com que pessoas que assistiam a partilhas ou as que ainda as escutam através de gravações tenham a sensação de que fala diretamente com elas, passando indicações personalizadas para aquele eu superior que o escuta. Isso afirmo a partir de comentários que ouvi de diversas pessoas e a percepção geral que tenho das partilhas dele.

SALVATO A última partilha que estava para dar trazia algo tão novo, tão inusitado que não consegui memorizar bem o que me contou. Seria sobre a relação dos Raios com a água. O trabalho que fazem quando caem no oceano, algo que nem imaginamos. Falou uns outros tópicos sobre o tema, sem entrar em detalhes. Daí fez aquela expressão de levantar a sobrancelha e balançar a cabeça como se concordasse com o que via na tela mental, e comentou: *Pode ser um tema interessante. Quem sabe falemos sobre isso na próxima partilha. Vamos ver...* Infelizmente não deu tempo.

O mestre não se cansava de repetir, ainda que fosse silencioso. Exercia o verbo, os sentimentos e os pensamentos com extremo cuidado. Ele aclara acerca da ética do falar: *A regra de ouro nessa ética é falarmos só o que é necessário. Se não há nada de útil, de importante a dizer, ficar quieto e não desperdiçar a energia, deixá-la ser canalizada para um outro nível, porque é uma energia que vai subindo. Se falar além do necessário, você começa a dizer o que não queria, emite algo que sua consciência não quer mais que seja emitido. Começa a produzir desastres no outro porque, por não estar conectado internamente com o outro, não sabe o que ele precisa ouvir e o que não deve ouvir. Você pode ter uma verdade dentro do coração, mas o outro não está no ponto para ouvi-la. Então, precisa ter controle mesmo sobre os tesouros que tem dentro.*

ENCONTRO GERAL — EG

*Ao serviço não são chamados os que procuram facilidades.
A necessidade é a bússola dos fortes. Nunca, nunca se pode
deixar de dizer: "Sim, aceito prosseguir. Sim, vou sem condições.
Sim, farei o que não posso. Sim, não me entrego ao medo.
Sim, não me rendo aos limites. Sim, Senhor, farei tudo por Vós".*
PROFECIAS AOS QUE NÃO TEMEM DIZER SIM, Trigueirinho

EM MOMENTOS MAGNÍFICOS, A CONSCIÊNCIA GRUPAL se enlevava a um indescritível patamar de entrega ao divino, a quarta dimensão. Isso se dava em condições ímpares dos Encontros Gerais, quando instruções de Trigueirinho traziam à tona a unidade entre centenas de membros da Obra, ali para renovar votos internos e atualizar a prática do servir.

O primeiro desses eventos ocorreu em março de 1988, no Núcleo Céu Azul, em Belo Horizonte. Chamado Reunião de Atualização, RA, dez anos depois teve o nome trocado para Encontro Geral, EG. Eram quatro dias de reflexões bianuais em Figueira, em março e setembro, com abertura numa quinta-feira — dia dedicado ao silêncio — e encerramento no domingo, com saída após as 12h.

Enthousiasmos, ter um deus dentro de si, é o termo grego antigo que bem expressa o estado comum aos participantes. *En* significa dentro. *Theos*, Deus. Dentro de Deus ficava quem recebia o *convite individual e intransferível*, assim como aquele que acolhia convidados, na comunidade. Mais e mais convidados vinham de longe a cada encontro, de outros estados, nações sul-americanas, Europa, Estados Unidos.

Desde que Trigueirinho se recolheu por questões de saúde, Madre María Shimani e Frei Luciano deram continuidade à difusão do Ensino. Tanto os dias como o formato dos encontros mudaram. No EG de 12 de agosto de 2022, às 9h, em reflexão *online*, ele comenta:

FREI LUCIANO A Obra da Hierarquia não teve início e não terá fim. Segundo Ela, a instrução não é só uma transmissão de informação, de conhecimento ou de revelações. Desde o início, José valorizou que todos os convidados para o EG realmente estivessem presentes porque, no momento da instrução, acontece o que é mais importante: o preparo para a expansão da consciência humana e a possibilidade de cada um receber o que necessita a partir do seu interior.

Um mês antes do evento, estáveis, residentes e colaboradores iniciavam os preparativos. Não havia canto de casa nem de fazenda que não ordenassem. Mutirões em estradas de F2 e de F1 eram de praxe. Passar tratores, limpar barrancos e valetas simbolizava abrir caminhos para os convidados. Trigueirinho ia de área em área trazendo alegria e deixando um ou outro comentário sobre o que melhorar, pois tratava coisas pequenas, que o grupo não via, da mesma forma que as ditas grandes.

Os convocados recebiam o convite com antecedência para organizarem vindas de avião, ônibus, automóveis: *Serão bem-vindos os que puderem antecipar a chegada para participar dos preparativos. Os colaboradores estarão nas seguintes áreas, a fim de apoiá-las e sustentá-las: Argentina, Atibaia e Núcleo de Figueira em São Carlos: Casa do Pátio e Casa Espelho; Brasília e Núcleo de Figueira em São Paulo: Vida Criativa; Campinas e Guarujá: Terras da Irmandade; Carmo da Cachoeira, Casa Luz da Colina e Uberlândia: área urbana; Núcleo de Figueira em Belo Horizonte: F2; Região Sul: Área Silêncio; Vitória, Nordeste e Rio de Janeiro: Núcleo Sohin. Ao confirmar sua presença, informe-nos se trará barraca. Se você quiser prorrogar a estada aqui após o término do evento, será também motivo de alegria para todos nós. Para se manter o recolhimento necessário, solicitamos não se utilizar telefones celulares.*

Os quartos individuais e coletivos da comunidade não bastavam para acomodar tantos hóspedes. Houve encontros em que se armavam barracas em F2, e a coordenação alugou uma imensa tenda, instalada no pátio de grãos, com fileiras de colchões lado a lado. Ainda assim, como Figueira não comportava todos, moradores de Carmo ou de sítios próximos lhes ofereciam pouso. Quando o hotel da cidade lotava, buscavam vaga nos da cidade vizinha, Três Corações. Já a colaboradores das cidades próximas era solicitado que viessem apenas nas reflexões.

Através dos anos, em paralelo ao evento, foram sendo ofertadas atividades opcionais, como a experiência no labirinto, na Vigília Permanente, no Bosque da Harmonia, e duchas ao ar livre. Para banhos ao ar livre na represa do Núcleo Sohin, o sono ao ar livre no Patamar de F2 e no Bosque do Pêndulo da Vida Criativa era preciso inscrever-se com antecedência. Na Área Silêncio, o sono ao ar livre ficava disponível para os hóspedes. Em F2, uma sala de oração se mantinha aberta, com tempo de permanência livre.



Trigueirinho no 59º Encontro Geral, Salão de partilha de F2, 9.9.2017, sábado, às 19h11

Diz a convidada da Região Sul, hospedada na área do mestre:

LILAH HOSSAKA Incontáveis vezes fui a Figueira. Nos EGs, nós, grupos do Sul, nos hospedávamos na Área Silêncio. Um privilégio! Quando me deparava com Trigueirinho nos pátios, sempre silencioso e cordial, ganhava *bom dia, boa tarde*. Durante os encontros, encarregavam-me de atender ligações via PABX, e era emocionante escutar sua voz suave: *Por favor...*

Às vezes, nossa acomodação era na Casa Grupal, na descida abaixo do refeitório. Para lá chegar, passávamos em frente à casa dele, reverentes, pé ante pé, cuidando até da própria respiração.

Houve época em que traziam o almoço do então Núcleo Sohín, em grandes recipientes inox envoltos em cobertores. Primeiro era servido em marmittas levadas aos residentes. Depois almoçávamos em grupo. Pediram-me para ajudar no preparo das marmittas. Na de Trigueirinho, a ordem era colocar de três a quatro folhas de alfaces tenras; uma ou duas pequenas cenouras cruas inteiras, pois ele pedia para não as picar. Até hoje, vendo folhas miúdas de alfaces novinhas, penso: *serviriam para Trigueirinho*.

Num EG, haveria uma Reunião dos Acolhedores na Vida Criativa. Eu, sem saber como lá chegar, quando toca o PABX, e ele pergunta se alguém iria. *Sim*,

José, duas pessoas. E ele: *Então lhes diga para estarem no portão a tal hora. Era atento a todos!* No carro, perguntou se havíamos entendido a partilha proferida de manhã, *O Ressurgimento de Fátima*. Eu me sentia numa grande nave. E prossigo, ano após ano, na *carona* de Trigueirinho, carona do exemplo de bondade infinita, de sabedoria, carona na instrução, que seguirei eternamente!

O EG transitou por dois espaços antes de, desde março de 1999, fixar-se no auditório de F2 ainda em obra. Faltava o piso. Na Casa do Pátio, os presentes se sentavam em cadeiras, na mureta do jardim interno e até no chão. No salão da Casa 1 de F2, faltava espaço, e uns o acompanhavam do refeitório ou da área externa.

Veículos começavam a transpor a porteira verde umas três horas antes do encontro. Cinco ônibus vindos de Belo Horizonte e outras capitais seguiam para o amplo estacionamento dos coletivos, junto a outros carros. A maioria dos automóveis percorria a alameda dos eucaliptos em busca de vaga no Pátio de Grãos, nas ruas em torno do Galpão de Serviços, na rua do Gerador.

Houve EGs recebendo 1.200 pessoas. Para caberem no salão, a distância entre uma cadeira e outra era mínima e as primeiras fileiras ficavam junto ao palco, pois não se seguia ainda os critérios de segurança — afastamento entre cadeiras e circulação para evacuação. Ocupava-se o mezanino, que possuía arquibancadas e tinha pessoas coladas umas na outras. Havia gente entre os estandes da Irdin e umas 70 pessoas do Coral, vindas de outras áreas, da Argentina, dos Núcleos, assistiam na Sala do Coral, onde se instalou uma tela de transmissão. Bem, e a mesa de som do Lucinei, pequena, ocupava pouco espaço.

A única entrada era através da livraria Irdin, o que tornava o ponto efervescente. Ao ingressar no salão, o buscador crescia em reverência pelo mestre, no palco, aguardando a hora e a todos. Encontrava um mimo perfeitamente alinhado sobre cada assento: trechos de comunicações da Hierarquia, filipetas ou fôlders com mantras ou cânticos a serem entoados pelos corais, fotografias de *Crop Circles*, pinturas de Nicholas Roerich ou a de Nossa Senhora de Figueira. A seleção minuciosa das imagens distribuídas era feita por Trigueirinho, com apoio de colaboradores.

Em dado momento, Trigueirinho se levantava, descia até a plateia, sua mesa era retirada com cuidado, entravam dezenas de coralistas



TEMPO DE MUDANÇAS

*O caos atual será resolvido pela Lei da Purificação.
Prepara-te para recebê-la.*

Fina Regina,

Contamos com sua presença
para juntos vivermos o
42º Encontro Geral de
colaboradores de Figueira.
Amor e Luz

Clemente

Reuniões reflexivas com Trigueirinho,
Shimani, Artur e Dorothy Maclean
Participação dos Corais

Convite individual e intransferível
Confirmação de presença ou ausência
até 11 de agosto de 2008

PROGRAMA

As reuniões serão no auditório de F2

Quinta-feira, 11 de setembro

Chegada até as 12 horas

17h Abertura do encontro com reflexão de Trigueirinho

Sexta-feira, 12 de setembro

Pela manhã Tarefas grupais nas áreas de hospedagem

16h30 Reflexão de Shimani:
"A Revelação da Antártida"
Abertura com o Coral de Figueira

Sábado, 13 de setembro

8h30 Reflexão de Trigueirinho: "Anúncios de transformações"
Abertura com todos os Corais

16h30 Reflexão de Artur e prática de mantras

7h30 Domingo, 14 de setembro

Reflexão de Trigueirinho e de Dorothy Maclean
Abertura com o Coral de Figueira e encerramento

A cada ano mudava aquele que, de próprio punho, redigia o nome de centenas de convidados e assinava os convites para os EGs. Clemente, no caso do 42º Encontro Geral, TEMPO DE MUDANÇAS, realizado no auditório de F2, de 11 a 14 de setembro de 2008, com participação dos corais. O destaque do evento, na sexta-feira, às 16h30, foi a reflexão de Shimani, *A Revelação da Antártida*, antes de ela se tornar monja da OGM. Foi um impacto ouvi-la cantar *Antártida*. Alguns se maravilharam, outros a rejeitaram. O poderoso ser feminino veio a herdar, de Trigueirinho, a continuidade da instrução e parte da regência da Obra, cujos caminhos renovou.

vestidos de branco, e a música celestial elevava a energia. Por vezes, o público ganhava uma surpresa:

PAULUS Figueira é na verdade uma grande escola. Sempre nos oferece imensas oportunidades de aprender e evoluir. Fui pego de surpresa ao final da década de 90. Trigueirinho convidou o grupo estável para dar uma contribuição para o Encontro Geral do mês de março. Recomendou acharmos uma ou mais frases de seu livro *Profecias aos que Não Temem Dizer Sim* (leia-o na citação na entrada deste capítulo). Copiei um parágrafo e lhe enviei. E o texto foi escolhido para ser citado na abertura do encontro, daí a um mês. Eu o li para mais de mil pessoas, nossa! A dirigente do Coral foi incumbida de treinar o impulso a ser dado na leitura e a minha pronúncia – havia a questão de meu sotaque holandês a ser trabalhado.

Todavia, o presente mais precioso era trazido por Trigueirinho quando atraía a vida oculta, ao longo das cinco reflexões passadas durante os quatro dias. Ali estavam todos diante da voz, do amor, do extraordinário carisma. Convidava cada um à cura interior. Construía alicerces de um mundo novo. Navegando através de mistérios milenares, ora mostrava sua face sacerdotal, ora a do governante, mas sempre repetia o mesmo gesto: levava as pontas dos dedos ao coração, fonte primordial de suas palavras.

A partir do 22º Encontro Geral, em setembro de 1998, os EGs passaram a ter temas. O primeiro foi *Cura e Resgate — seus Patamares e sua Prática em Figueira*. Eis outros: *Harmonia no Caos, Símbolos da Vida, Vias Supraterrestres, As Portas do Planeta, O Terafim do Cálice Sagrado, Amor Infinito*.

No programa após 2001, ele substituiu uma de suas reflexões pela prática grupal de mantras. E, desde 2008, gradualmente repassou as reuniões do EG para a sucessora Madre María Shimani.

Finalizados os quatro dias ardentes, cada um, mais iluminado, tomava o caminho de volta a casa. Sentia-se parte de conexões invisíveis do amor, levava clareza para servir o plano divino no mundo tal qual ele é.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

As Hierarquias procuram contato com a humanidade que agora desperta. Vivemos tempos de milagres. Quanto maior o caos e o conflito no planeta, maior a oportunidade de ascensão dos que aspiram à Verdade.
Trigueirinho



A PESSOA ESTÁ PERGUNTANDO, INICIAVA O INSTRUTOR antes de ler alto uma das milhares de indagações de estudantes. As respostas integram a obra escrita e falada dele. A partir do sexto livro, *Caminhos para a Cura Interior*, ele responde perguntas ao final. Também em informativos *Sinais*. Em partilhas, escolhia perguntas de papezinhos recém-postos na caixa de madeira do salão ou uma entre dezenas que carregava meses na maleta.

Compilamos duas Perguntas e Respostas por informarem a fonte das instruções autênticas que, como ele diz: *...jamais se contrapõem aos planos inspirados pela Confederação Intergaláctica e pelo Governo Celeste Central, conhecidos interiormente pelos verdadeiros Instrutores.*

A quem se pode atribuir a autoria de obras espirituais?

Todo aquele que manifesta uma obra de cunho estritamente espiritual sabe que não é dela o autor. Uma obra que espelha realidades supra-humanas é sempre manifestada por intermédio de um grupo que, estando consciente em diferentes níveis de existência e neles atuando, plasma a forma que revestirá o impulso a ser expresso. Tal conjuntura é necessária para conferir à obra abrangência e impessoalidade em grau superior ao que se apresenta quando apenas um indivíduo atua.

Do ponto de vista interno, e não acadêmico, uma obra verdadeira, qualquer que seja, não tem autor, mas uma fonte interna a inspirá-la. Um indivíduo ou um grupo atuam como artífices, como canais no mundo material, para a sua construção externa.

O Nascimento da Humanidade Futura, 1992

Que energia fala aqui nas partilhas?

Na maioria das vezes, o que acontece na partilha é que percebemos a energia da pergunta que chega e principalmente o que tem de ser transformado ali. Notamos qual a energia transformadora adequada para

aquela pergunta. A própria energia da pergunta atrai a energia da resposta. A única preocupação é transformar aquilo que chega.

Então, a ideia vem e depois é revestida pelas palavras. Às vezes conscientemente e, às vezes, automaticamente. Não se mexe na ideia, a não ser que surja a necessidade, durante a reflexão, de se introduzir algo. Nesses casos, o revestimento é mais consciente. Agora, quando a ideia é revestida automaticamente, cabe-nos estar observando o que está sendo dito, porque tudo deve ser transmitido com a nossa concordância. Se não concordarmos, podemos interromper ou mudar o assunto.

Nisso tudo existe a energia do terceiro Raio como condutora, porque a personalidade de quem fala aqui é de terceiro Raio. A experiência nos tem mostrado que o terceiro Raio não se impõe como forma. Como energia de síntese está sempre presente, mas é preciso energia de outros raios revestindo as formas.

Preferimos falar disso em termos de energia, bem impessoalmente, para não cairmos naquelas coisas, às vezes meio supersticiosas, de dizer que fulano ou beltrano está falando. Personalizações, realmente nós não usamos. A energia em si é impessoal. E a fonte de onde a energia surge, mais impessoal ainda.

Não há uma forma de trabalhar melhor do que outra, mais verdadeira, menos verdadeira. Temos fé na forma que usamos até agora e, se tivermos de mudá-la, será para a mais adequada para o bem, para a evolução do grupo e para o desenvolvimento da tarefa a realizar. Então, não sei o nome da energia que fala aqui. Ao nos dispormos a servir o plano evolutivo, já estamos canalizando energias. E as formas de recebê-las variam de ser para ser, assim como a de transmiti-las, de usá-las no serviço.

Toda a luz das consciências trabalhando para o plano evolutivo está presente ali. Porque a luz é onipresente. Você está como receptor e como irradiador de energias a partir do momento em que se entregar ao serviço e for sendo purificado, desobstruído de sua própria força, principalmente de sua mente. Daí vai tornando-se um terreno cada vez mais fértil e mais flexível para as energias atuarem.

Conversas com Trigueirinho, nº 57

UM MAR DE TEMAS

*Cada escola de pensamento, cada instrutor,
cada manifestação da energia espiritual
leva em conta, sempre, o grau de receptividade
do homem para impulsos de um nível mais abstrato.*

A CRIAÇÃO, Trigueirinho

ALQUIMIA, ENERGIA SEXUAL, FRATERNIDADE CÓSMICA, e um mar de temas compõe a obra ecumênica de Trigueirinho. Discorre sobre cada um com grandeza, enchendo de luz o rumo à mente abstrata, ao consciente direito. Seguem dois exemplos premonitórios, um na ciência e outro na arte, relatados por um cientista e um artista:



Sobre Energia Limpa e não Poluente

livro: *Erks – Mundo Interno*, de 1988

A ciência terrestre sabe que há energia do Sol concentrada nas correntes oceânicas em quantidade suficiente para justificar a construção de usinas térmicas marinhas. Através delas poderia ser gerada eletricidade para a produção de hidrogênio líquido, combustível limpo e não-poluente. Essas usinas, além disso, provocariam artificialmente a ascensão de correntes aquáticas, que tornariam a fertilizar a superfície dos oceanos atualmente desvitalizadas, principalmente perto das praias.

FLAMÍNIO LEVY NETO O aspecto cientista do instrutor aflora através de preciosas informações técnico-científicas passadas em sua obra. Por exemplo, Trigueirinho antecipou a possibilidade de se construir usinas térmicas marinhas para produção de hidrogênio líquido e geração de eletricidade limpa e renovável. Menciona a alternativa no livro de 1988, *Erks – Mundo Interno*, do uso de energia solar dos oceanos para a produção de hidrogênio líquido, uma esperança para atendermos a necessidades planetárias. Transcorridas mais de três décadas da publicação, empresas de alta tecnologia estão em pleno desenvolvimento do estudo sobre Hidrogênio Verde. Marco Alverà lançou, em 2022, o livro *The Hydrogen Revolution*, revolucionário no contexto de tecnologias avançadas.



Pintura de Frei Renato, chamado Damián ao criá-la

Sobre a arte transformada

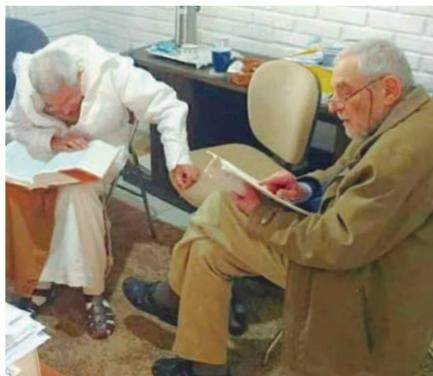
Livro: *O Nascimento da Humanidade Futura*, 1992

Há um trabalho a ser desenvolvido na interação do espírito com a matéria, por meio do que chamamos arte. Porém, tão grande é a deturpação hoje existente nesse setor que só uma aura de extrema cristalinidade e potência poderia propiciar condições para esse trabalho emergir com o necessário grau de pureza e sob inspiração superior... O surgimento da nova arte está intimamente ligado ao de um novo observador... Quando o próprio ser tornar-se um reflexo fiel da realidade interna, o novo passará a emergir a cada instante. Toda a expressão desse ser será arte; a arte estará nele, e assim as formas chamadas artísticas lhe serão desnecessárias, pois a arte se terá unificado à sua vida.

FREI RENATTO DEL CASTO CORAZÓN A vida vai se tornando expressão de uma perfeita harmonia. As 700 pinturas plasmadas em Figueira e logo antes de eu chegar aqui, expressam a ação profética do que um grupo de consciências viveria: a consciência monástica da vida consagrada. Mostram também os Reinos da Natureza em um de seus aspectos divinizados, certo vínculo desses Reinos com a Criação. São imagens mais etéricas do que materiais. Expressam a sutilização dos valores e a sensibilidade humana para perceber a vida espiritual. O que digo não é um comentário, mas depoimentos que ouvi de pessoas após contemplarem as pinturas. Durante sua realização, eu não tive consciência do que estava criando, mas, a partir do que ouvi, fui descobrindo qual era a função ao manifestar essas imagens.

ESTUDOS E CURSOS

Uma educação adequada às necessidades da consciência humana surgirá do contato com a Hierarquia da Instrução.
Trigueirinho



AMIGO DAS LETRAS, DOS DICIONÁRIOS E DAS IDEIAS, Trigueirinho buscou a vida do espírito desde a infância. Nascido em família católica, o destino presenteou-o com um padrinho espírita, que o afilhado idolatrava. Em criança, tinham conversas intermináveis, e o padrinho lhe deu livros espíritas, difíceis para a idade do menino, mas um deleite. A certa altura o padrinho adoeceu, faleceu, e um dia o pai queimou esses livros.

Conhecimentos sagrados mais vastos lhe chegaram nas décadas seguintes, através de publicações e da busca em si mesmo. Quando ficou pronto para conduzir o próprio grupo de buscadores, após 1976 trouxe-lhe cursos, *workshops*, mais e mais reveladores sobre a instrução espiritual para estes tempos. Para um mundo melhor florescer, obteve e entregou conhecimento visando aperfeiçoar o ser humano.

Em Figueira se iniciou a atividade de estudos, tão logo as instalações ficaram prontas. Além dos coordenados por Trigueirinho desde dezembro de 1987 — chegou a dar cinco semanais —, em meados dos anos 90 vieram os estudos do Dr. José Maria Campos (Clemente) toda terça, às 9h. Ele informava a respeito de suas pesquisas intuitivas e não convencionais de cura, desenvolvidas no Centro Espiritual .

No início dos anos 80, na Casa de Retiros São José, em Belo Horizonte, acrescentou dados a estudos teosóficos ao explicar a 25 presentes sobre os sete corpos do homem, gráficos complicadíssimos, e *O Antah-karana*, a ponte entre a mente concreta inferior e a alma, e entre a alma e a Mônada. Anália Calmon participou: *Ele fazia questão de anotarmos em um caderninho o que escrevia em uma lousa de giz. Dava atenção a cada um. Às vezes, passava por mim: “Aqui é com ‘ç’. Aqui faltou o acento agudo”. Colocava cantos gregorianos para ouvirmos. Eu ficava encantada com sua maneira de ser e percebia como nos educava a partir dela.*

**GRUPOS
DE
AUDIÇÕES DE FITAS**

Cursos com Trigueirinho

Este programa é uma oportunidade de contato com informações atualizadas a respeito do que está ocorrendo no planeta Terra, neste importante momento de transição.

Atualmente, rápidas são as transformações. Isto é percebido não só pelas mudanças que ocorrem em nossa consciência, mas também pelos acontecimentos externos.

Existe, portanto, uma necessidade de informações claras e seguras, que venham responder às indagações daqueles que optaram pelo caminho evolutivo.

Cursos presenciais dados por Trigueirinho em várias cidades e na comunidade Nazaré Paulista eram gravados em fitas cassete e depois oferecidos para estudo durante reuniões semanais de grupos na Argentina e nos estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Sergipe, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No 2º semestre de 1989, o fôlder ao lado apresentou o programa com os temas abordados em cursos de duas ou três fitas, com duração de 40 a 60 min cada.

Já em Figueira, ele impulsionava residentes a organizarem seminários, encontros e treinamentos no âmbito de seus setores, tanto para os da comunidade como para inscritos.

Em dezembro de 1995, Teodora e em seguida Francesco deram cursos sobre Alimentação. Iam bem além de receitas nutritivas para tornar o organismo mais puro. Francesco, ao demonstrar a fermentação natural de massas, trazia à luz pontos inerentes ao caminho espiritual, o diálogo entre essência e substância, a influência de correntes imateriais vindas do Sol e de estrelas, que bombardeiam a atmosfera terrestre.

Sobre o que Teodora discorreu, Trigueirinho abriu-lhe as portas para lançar, pela Pensamento, o livro *Seiva da Vida – Receitas e Orientações para uma Alimentação Energética*.

Outro ensino é repetido desde então. De tempos em tempos vemos um grupinho em torno de um secador solar. Dado o valor nutritivo de alimentos secos ao sol, aprendem sobre desidratação de frutas, legumes, folhas, raízes, confecção de secadores e de fogões solares caseiros.

O Calendário Anual de Figueira ficava exposto nos quadros de aviso de cada casa. A programação era feita no ano anterior e os eventos e estudos listados seguidos à risca. Saía também no informativo *Sinais*, facilitando para que colaboradores organizassem a vinda.

Com o objetivo de desabrochar potenciais latentes no ser, a partir de 1996, as ofertas se intensificaram. Além de treinamentos de marcenaria, com duração de seis meses, surgiram os concorridos *Seminários de Segurança*, preparo auxiliar para momentos de emergência em questões vitais como habitação, comunicação, saúde, sobrevivência em situações incomuns. Alguns treinamentos ainda prosseguem.

Coralistas tomavam aulas com professores vindos de fora até, no início de 2000, Trigueirinho liberar-lhes a saída para se aperfeiçoarem.

Na passagem do milênio, havia ciclos de estudos semanais da obra dele em Figueira, em sincronia com todos os seus grupos espalhados pelo país e por outras nações.

Reflexões inspiradas de Trigueirinho e de outros palestrantes vieram a ser gravadas a partir de 1999. Traz alegria ouvir as inúmeras gravações do site da Irдин Editora.

Em 2002, chegou novo estudo semanal na VC, *Encontros com Artur*, às 6h das sextas-feiras. Ele refletia sobre o serviço grupal, a elevação de objetivos e o valor atual de nossa presença na Terra. Dois anos depois, dessa vez às quartas, 9h, Clemente revezou seu estudo semanal com convidados e com Samuel Berkman, Frei Supremo do Rei Jesus, que deu palestras como *Seres Alados* e *As Crianças Índigo*.

Enfim, após 2005, os então chamados *Dias de Estudo* das quartas-feiras passaram das nove para as seis da manhã. A princípio, Clemente, Samuel, Yatri e convidados se revezavam. A partir de 2006, os palestrantes se diversificaram ainda mais trazendo experiências vivas em múltiplas áreas de atuação. Ouvintes pegavam a estrada de madrugada e, a cada encontro, o auditório da VC lotava.

CHARA Tendo morado 7 anos em Figueira, retornei para São Paulo para cuidar de meus pais. Comecei então a escrever matérias sobre o Reino Vegetal para revistas da cidade. Eu as mostrava a José, que me incentivava, dando dicas

e sugestões maravilhosas. No início de 2005, após um procedimento no Saúde e Cura, em Figueira, tive uma visão interna ligada ao Reino Vegetal. E lhe relatei a experiência. Deu-me uma resposta pontual, como sempre sucinta: a visão interna estava em conexão com o meu grupo de almas.

Em seguida, escrevi *Irmã Árvore* e apresentei o roteiro a José que, através da Secretaria, pediu-me um estudo para quarta-feira, 20 de dezembro de 2005, às seis da manhã. Assim que o terminei, ele me chama pelo radioamador: *O estudo mostra muito amor pelo Reino Vegetal*. Um ano depois o refiz, foi gravado e bem divulgado, o que abriu portas em minha vida. Em 2009, veio o estudo complementar *Irmã Água*; ambos estão no site da Irdin.

A diversidade de estudos nas quartas, às 6h, ampliou-se entre 2007 e 2009. Eis uma mostra dos assuntos de Yatri: *Centro Espiritual*; Dra. Isaura Clara: *Saúde Bucal: Ética e Responsabilidade*; Nina Rosa Jacob: *Reino Animal e Compaixão*; Gyoha: *Ciclo Energético da Vida*; Cecília: *A Tecelagem – um Caminho*; Maurício Guidetti: *O Autopreparo para Situações Emergenciais*; Martha Bertazzi: *Coerência e Entrega na Tarefa de Servir*. Um membro do Grupo Apiário deu dois estudos, em 2007:

PAULO ANTÔNIO MACHADO Trigueirinho me pediu um estudo sobre os *Sólidos Sagrados de Platão*, em um singelo bilhete encaminhado por uma residente. Queria estimular nos ouvintes o raciocínio lógico e o discernimento, o uso correto da mente racional. Também facilitar a compreensão sobre simbolismos presentes em seus livros como: *Novos Oráculos*, *Bases do Mundo Ardente*, *Os Números e a Vida*. Disse-lhe que seriam necessários dois estudos e preparei um sobre *Razão Áurea*, apresentado em 21 de fevereiro, e o seguinte sobre *Geometria Sagrada*, em 18 de julho.

O instrutor trocava correspondência com brasileiros e estrangeiros na vanguarda do pensamento espiritual. Convidou palestrantes internacionais a visitar a comunidade, transmitir e trocar experiências. Marieta, conhecida mais tarde como Katarina, encarregava-se da tradução simultânea do inglês para o português.

A argentina Bete Acoglanis, esposa de Sarumah, focalizou estudos em F2. *Acompanhou-o ao vale de Erks em várias ocasiões, inclusive durante a transmutação de Trigueirinho*, afirma Pólux. *Trouxe-nos forte energia feminina nas partilhas, e fez um movimento interno com espelhos de Figueira*.



Presença notável foi a da líder espiritual americana Dra. Carol E. Parrish-Harra. Hospedava-se na Casa do Pátio durante as visitas, trazendo um grupo de seguidores. Autora de livros, conferencista e fundadora da Sparrow Hawk Village, passou por grande transformação após a experiência de quase-morte aos 23 anos. Sempre levou esperança a quem está para falecer e a seus familiares.

Especializou-se no assunto e deu três inspirados estudos gravados em Figueira, em 2004 e em 2007. A gravação das palestras tem tradução ao vivo para o português.



A médica chinesa Fan Xiulan teve passagens inesquecíveis por Figueira. No estudo em 2006, *Biyun – Qi Gong Médico, Preservação da Saúde*, a mestra relata sua redescoberta de antigo método de harmonização, concentração positiva e autocura. Nos arredores de Pequim, fundou uma casa de saúde em 1985, onde pacientes eram reabilitados usando apenas o Qi Gong como método de tratamento.

A palestra em chinês foi simultaneamente traduzida para o inglês pelo suco Nicodemus e o português pela residente Marieta.

A pesquisadora canadense Francine Blake ministrou palestras sobre Crop Circles em vários continentes. Em 2007, apresentou em Figueira uma memorável. Ela se mudara para Wiltshire, Inglaterra, para estudar de perto os misteriosos padrões geométricos que aparecem sobretudo naquela região:

FLAVIA PELLEGRINO Fiz uma grande pesquisa sobre Crop Circles e levei fotografias deles para Trigueirinho. Iniciamos um belo trabalho. Ele era rigoroso na escolha dos ângulos aéreos das fotos. Preferia as com os símbolos e ambiente em torno, um trator passando, o horizonte ao fundo. Seleccionava-as para distribuí-las em EGs ou via cartas, e eu as mandava ampliar.

E me instruiu sobre a contemplação diária do Crop Circle que mais me atraísse. Que eu não pensasse em nada. O trabalho agiria de forma misteriosa, preparando o inconsciente para sermos menos materialistas, mais abstratos.



Registros de Crop Circles começaram a aparecer pouco antes da década 1980, em geral na Europa, sobretudo em lugares do interior da Inglaterra já considerados sagrados. E se intensificaram entre 1998 e 2010. Diminuíram drasticamente nos últimos anos. Vão chegando a partir de abril, com o trigo em determinada altura e, com a colheita feita em agosto, as marcas permanecem no solo. Há relatos de quem se deita neles e tem experiências fortes, chega a desmaiar ou ficar com pressão baixa. Também baterias de celulares ou câmeras descarregam rapidamente e bússolas se descontrolam.

Francine Blake retornou a Figueira em 2010. Hospedou-se, como antes, em Sohín. Trigueirinho me avisou. Fui estar com ela por uma semana, quando me contou experiências, sensações físicas. Já Trigueirinho nos passava conhecimento interno, visto com os olhos da alma.



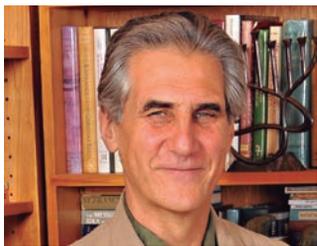
Ana Primavesi, engenheira agrônoma austríaca radicada no Brasil, pesquisadora da agroecologia e da agricultura orgânica, foi responsável por avanços no manejo ecológico do solo. Autora de dez livros, centenas de artigos técnicos e dezenas de trabalhos científicos, prestou colaboração altruísta a Figueira no despertar da consciência ambiental. Em abril de 2005 encarregou-se dos estudos *Amorosos Sinais de Alerta, Biodiversidade e Solo Vivo, Para cada Solo um Sistema de Cultivo*.



Lia Diskin, jornalista especializada na Índia nos filósofos Nagarjuna e Kamala Shila, autora de livros, detentora de inúmeras premiações e coordenadora das visitas de Sua Santidade o Dalai Lama ao Brasil, foi convidada por Trigueirinho. Expôs sobre *A Ética em um Mundo de Contradições*, em 23.9.2009. E retornou seis meses depois para o 44º Encontro Geral de Figueira, em 11.3.2010, oferecendo a palestra *Considerações Contemporâneas sobre Carma e Darma*.

Entre 23 de janeiro de 2002 e 21 de março de 2008, Alan David Berkowitz, Micha-El, ofereceu onze partilhas em Figueira, a convite de Trigueirinho. Eles se conheceram na Suíça, em 1980, durante a visita que o instrutor requisitara a Paul Brunton. O jovem buscador americano Alan, que estava no apartamento de PB como acompanhante, comenta: *O encontro com PB foi um dos acontecimentos mais importantes da vida de José, que a ele se referia com frequência. Falou-me de uma ligação profunda com PB, em nível de seu Regente. Quando se encontraram, PB deu a Trigueirinho orientações sobre o trabalho espiritual a seu encargo. Falou sobre o próprio trabalho e mostrou-lhe manuscritos inéditos do 'Notebooks'.*

Primeiro Trigueirinho e Alan se corresponderam a partir de 1986, sobre publicações dos livros de PB por Larson Publications, nos EUA, e na Editora Pensamento. Em 1997, o instrutor propôs-lhe passar uns dias nas fazendas. Escreve Micha-El:



MICHA-EL Fui convidado pelo fundador da Comunidade Figueira a dar partilhas sobre Paul Brunton (PB) e seus ensinamentos. Eram traduzidas simultaneamente para o português. Trigueirinho, afavelmente, cedia-me o espaço de suas partilhas das quartas-feiras ou das de domingo. Sentava-se a meu lado durante as apresentações, fazendo muitas vezes a introdução delas.

Em Figueira, a palavra usada para apresentação é *partilha*, que significa *compartilhar*. Durante o período em que as realizei, eu me dei conta de que ele me treinava. Na primeira partilha, concordamos com um tópico e levei um considerável tempo preparando-o. Na visita seguinte, ele me deu uma lista de perguntas poucos dias antes, para que eu as respondesse. Da outra vez, suas perguntas me foram entregues no último minuto, não tive tempo de preparar ou pesquisar sobre elas. Na última fase do treinamento, ele sugeriu que eu respondesse às perguntas feitas pelos presentes, escritas em pequenos pedaços de papel e entregues a mim antes da partilha — forma usada por ele próprio. Fui treinado a responder intuitivamente às perguntas, a perceber que o conhecimento para abordar o assunto estava dentro de mim.

Assim como outros visitantes, Micha-El apreciou a amplitude do salão de partilhas, as grandes portas e janelas abertas para a Natureza, por onde entrava o canto de pássaros.

Reverente à luz da instrução vivenciada na Escola Figueira, que frequenta há 30 anos, a coordenadora de grupo cita a lição transformadora, experimentada nos anos 90:

MARIA ARLINDA Figueira ensina-nos a pisar em nosso orgulho, nosso ego. Ensina a nos esquecermos de nós mesmos. É um doar que não cansa. Quanto mais damos, mais percebemos que não demos nada e recebemos muito, sabe? Eu tinha o estigma sobre lavar banheiro. *Lavar banheiro não é para mim, é para os mais humildes*, pensava. Uma vez, cheguei da Bahia à VC com uma rinite forte, por causa do ar condicionado no ônibus. Da distribuição de tarefas antes do desjejum fui em mutirão lavar banheiros. Um senhor lavava o vaso. Eu, a pia. Na sequência, outra pessoa limpava o chão, e outra trocava o papel higiênico. E passávamos para o banheiro seguinte.

Após o desjejum, a coordenadora me indicou consultar com um médico que estava atendendo no Módulo. Quem era? O senhor que lavou o vaso comigo! *Olhe, nós aqui outra vez...* comentou. Mais tarde eu soube que, à noite, haveria uma partilha no auditório de F2, que ainda não tinha piso. Um ex-governador do Espírito Santo, médico, cientista que esteve na Antártida pesquisando sobre aquecimento global nos transmitiria o resultado do estudo. Quem deu a partilha? O mesmo que lavou o banheiro comigo e me atendeu depois. Aqui aprendemos que qualquer tarefa é importante. Lavar banheiros é um bom começo para chegarmos à humildade. Isso é verdade.

Antártida, um encontro com o Divino é nome do artigo publicado em *Sinais de Figueira*, nº 16, de Vitor Buaiz, o médico e ex-governador do relato acima. Ainda sobre a Antártida, as livrarias da Irдин vendiam o livro de Amyr Klink, *Parati – Entre Dois Polos*. Uma fita cassete com palestra de Klink chegara a Figueira. Espirituosa e vivaz, provocava riso. Descrevia a jornada de quase dois anos pelos dois extremos do globo, antes de retornar ao Brasil. Era tão instrutiva, que Trigueirinho organizou duas audições da fita na VC. Ele ia. Sentado perto da porta de entrada, ouvia sobre a viagem no mar e para dentro de si mesmo. Diz Pólux: *Falei com Trigueirinho, e enviei para Amyr Klink o livro "Os Oceanos têm ouvidos"*. Além de audições de palestras e de músicas eruditas, filmes instrutivos também eram exibidos nos auditórios da VC e de F2.

A diversidade de vozes, a gama de cursos e estudos ofertados em Figueira ao longo dos anos atende à multiplicidade dos buscadores, às vias evolutivas de distintas almas e espíritos.

LIVRARIAS, BIBLIOTECAS, QUADROS DE AVISO

*Os grupos, com seus trabalhos, devem “levantar voo”.
Que cada membro assuma a posição que lhe cabe.
Como são “pilotos” ainda inexperientes, uma torre
de comando estará em contato permanente durante
o voo — mas o trabalho manifestado deve “decolar”
e alcançar as alturas. Tudo tem seu tempo e sua hora.*

PASSOS ATUAIS, Trigueirinho

A VENDA DE LIVROS, A BIBLIOTECA, O QUADRO DE AVISOS... tudo começava do zero na sede, a Casa 1. Pela escada subiam caixas com lançamentos de Trigueirinho vindos da Editora Pensamento. Outras, da Editora Senzar, continham fitas cassetes com gravações de suas palestras que, desde 1991, passaram a ser reproduzidas em Figueira. Assim que novas publicações chegavam, Trigueirinho enviava uma assinada para cada morador, movimento vital que formou a consciência grupal.

Livros, cassetes, placas com o preço. Ninguém controlava o pagamento. O comprador escolhia o que comprar e deixava o valor numa caixinha de madeira sobre a mesa. Pegava o troco em dinheiro vivo e ia embora. O sistema funcionou por anos. O método de venda não era utópico. O grupo o experimentou. Contudo, os tempos mudaram, são outros.

Foram abertos e fechados pontos de venda na Casa 1, Casa do Pátio, Alojamento, Sohin. E, na Vida Criativa e em F2, surgiram as maiores livrarias. A de F2 trocou de espaço e prossegue, assim como a na Irdin Editora. Além de oferecerem obras de autores da própria Obra, ali se adquirem livros com conteúdos excelentes de outros escritores e em idiomas diversos. A meta da venda é expandir a consciência, difundir o ensinamento e conseguir recursos para se fazerem mais doações, como obras de grandes autores sendo doadas.

Primeiro se cercou um canto do salão de partilhas da Casa 1 para ser depósito de livros. Nele, Ana Maria Souza foi depois encarregada de formar a biblioteca nº 1. Uma bibliotecária de São Paulo orientou sobre a implantação de normas adequadas a bibliotecas particulares. A nº 2 foi a do Módulo. Após o projeto do mobiliário para bibliotecas e livrarias ser desenhado e aprovado por Trigueirinho, buscaram-se os recursos financeiros para executá-lo. Genny Paglia trouxe de São Paulo

o carpinteiro que atendia às exigências. Aos poucos se montaram nove bibliotecas: Casa 1, Vida Criativa, F2, Casa do Pátio, Alojamento, Sohin, Terras da Irmandade, Terras do Sol e, anos mais tarde, a da Irdin Editora.

Setores e detalhes se manifestavam porque Trigueirinho via longe e a tudo guiava. Sobretudo nos níveis sutis. Cada nova casa precisava ter a estrutura das anteriores, quadro de avisos, biblioteca e, nas principais, um ponto de venda. No início, possuíam um armarinho fechado com livros para empréstimo para se levar aos quartos.



Quadros de avisos eram a internet de hoje. Instalou-se o primeiro no varandão envidraçado ao lado da saleta de vendas da Casa 1. Ocupava a parede. Tinha fixadas a cartografia completa de Figueira e informações atualizadas em papel

A4. Os setores Difusão e Comunicação nasceram deles. Ali se achavam a programação mensal, a planilha das Vigílias de Oração ou as das Vigílias Mensais, encontros, eventos e serviços como EG, EAI, Música e Alinhamento Interior, Rede de Serviço, o encarte *Sinais* com pensamentos mensais, as necessidades de Figueira, estudos como *Observação Noturna do Céu*, instruções como *Amor na Consciência*, e muito mais. Na época não havia diagramadores nem computadores. Trigueirinho passava as frases curtas que queria em cada cartaz. Para preencher a folha, amadores inseriam um título, a ilustração e a frase abaixo. Coligados com a tarefa foram então aproximando-se e tudo embelezaram.

Na própria casa, o instrutor só tinha espaço para pendurar um quadro de avisos pequeno, em que fixava anotações e publicações importantes. Todavia, guardava consigo cópias de todos os cartazes expostos. Ele mesmo assinalava suas posições, quais ficavam em cima, embaixo, à direita, à esquerda, distâncias e alinhamentos precisos.

Trigueirinho descobria a capacidade de cada servidor e o apoiava para expressá-la. Seu amor imenso pela humanidade ou pelo projeto futuro que para ela anteviu, despertava algo nos seguidores, que aderiam às ideias que ele apresentava e as manifestavam, conforme seguiam a Lei da Obediência. Deixando-se conduzir em direção ao que o instrutor indicava, o grupo de almas cresceu junto, aprendeu a se conhecer. E as almas aprendem a lidar umas com as outras.

IRDIN EDITORA

Nossos escritos são ofertados aos que se encontram no caminho de retorno à vida cósmica ou que se preparam para finalmente reconhecê-lo.
Trigueirinho



O SISTEMA DE PALAVRAS E FRASES USADO na Terra tem raiz no idioma cósmico Irdin. No futuro, quando o verbo reencontrar seu valor e uso sagrado, o Irdin surgirá espontaneamente do interior dos seres. Nele se comunica a Irmandade Estelar de mundos avançados e intraterrenos positivos, ensinava Trigueirinho. Ele participou de momentos em que Sarumah entoava mantras de Erks em Irdin para as naves. Mais tarde, canalizou mantras de Mirna Jad em Irdin.

A língua Irdin é mencionada dez vezes ao longo do livro de 1989, *Miz Tli Tlan*, que é um nome Irdin e quer dizer *os homens sábios*. Ali se encontra preciosa instrução: *Cristo em grego quer dizer 'ungido'. Em Irdin quer dizer 'o que aplica as leis universais'*. Chegou o tempo de aplicar as leis que regem a vida planetária e a vida espiritual dos homens.

Em Figueira, a criação da editora Irdin era anunciada desde 1992. Surgiu após coligados terem praticado os ensinamentos e adquirido maior compreensão de leis imateriais. Diz uma fundadora, então responsável pela venda de livros, quadros de avisos e a formação de bibliotecas. E que se tornou a primeira diretora, junto a outros dois.



ANA MARIA SOUZA Um belo dia Trigueirinho me chama para um encontro na Casa do Pátio, naquela salinha de reunião que se tornou parte da cozinha. Juninho estava lá, um rapaz que tinha uma gráfica em Belo Horizonte. Trigueirinho explicou: *Vamos criar uma editora, será um passo importante*. Afirmou que, naquele momento, a Irdin Editora estava sendo fundada. Respondi: *está bem*. Mas não sabia o que fazer, era inexperiente na área, formada em Geologia. Ele, Trigueirinho, foi conduzindo tudo, claro. Juninho se afastou e, em seguida, um colaborador de São Paulo oficializou a questão jurídica.

Em 7 de março de 1996, nasceu a sociedade Irдин Editora Ltda., *sem fins lucrativos, a serviço da expansão da consciência*. Nesse dia se deu o registro público do Contrato Social, na JUCESP. A sede da empresa instalou-se em São Paulo, em uma casa emprestada para abrigar parte do estoque e o recebimento de correspondência. Antes de se mudar para Figueira, o Núcleo servia como escritório e ponto inicial para despacho dos pedidos de produtos vindos do país e do exterior.

País afora e na Argentina começava a distribuição sem custos de sua primeira publicação, o periódico de Figueira *Sinais nº 1*. Bilíngue, ganhou quatro denominações ao longo de 15 anos. Por meio dele se transmitiu a notícia pública sobre a implantação da Irдин, na nota intitulada *Ao Encontro de um Novo Desafio: A Irдин publica obras de caráter filosófico, espiritual e não sectário, de autores novos ou conhecidos, e também livros escritos por grupos, uma vez que o conteúdo tenha reconhecido valor evolutivo espiritual e que os direitos autorais sejam cedidos ao bem comum*. O nº 1 anuncia a edição de bolso, com 64 páginas: *O Resgate*, de Angélica Moura Ribeiro, lançada em 1999, com tiragem de 10 mil exemplares. Já *Sinais nº 5*, de 1997, com tiragem de 75 mil exemplares no Brasil e 10 mil na Argentina, foi dedicado *ao preparo para emergências e ao fortalecimento do contato com o mundo interior*.

Nesse 1997 foram lançados 21 minilivros da *Coleção Sínteses das Palestras de Trigueirinho*, realizadas entre 1983 e 1989. Com 25 mil exemplares cada, têm formato 11 cm x 8 cm e vinte páginas. A coletânea provocou, como preconizado no *copyright*, *o estímulo da descoberta do potencial evolutivo que existe dentro de cada ser*. Reeditados até hoje, a 2ª edição de alguns minilivros somou a tiragem de 50 mil exemplares em dois anos. Ainda em 1999, o autor os reuniu na obra *Mensagens para uma Vida de Harmonia*, com um minilivro por capítulo.



De linha editorial sutil, a Irдин busca que ouvintes e leitores percebam a realidade maior existente por trás das aparências. Além do periódico e de livros, reproduzia o vasto acervo de estudos ao vivo do instrutor em cassetes e os vendia a preço de custo. Posteriormente mudou a mídia para CDs. Desde o início, oferta opúsculos em dois formatos, com capa amarelo-

-claro, em geral ilustrada pelo desenho de um residente e 12 páginas. Entre outros títulos, atualizados com os anos, acrescentam-se novos trabalhos como *Espelhos, Instrução, Reinos, Colaboradores, Hierarquia*.

Antes de a Irdin ser transferida de São Paulo para Figueira, Trigueirinho contava com a ajuda de colaboradores e residentes para revisar publicações:

RONER Trigueirinho sempre teve cuidado com o que dizia e como dizia, respeitando a história e forma de perceber de cada um. Um dia a diretora da Irdin se aproximou, dizendo que ele queria falar comigo. Nossa, nunca conversamos... Ele definiu certo horário. Entramos numa sala e começou a perguntar sobre a minha vida, com o que trabalhava, se era casado. Ele me ouvia e sondava. *Será que Roner poderia colaborar mais? Vem a Figueira três, quatro vezes por mês.* Conversamos meia hora e, ao final, nada disse.

Sempre trabalhei com informática, mas me enviava tarefas de revisão de opúsculos, que Figueira começava a publicar em meados dos anos 90. Queria a minha opinião. Além disso, o rascunho do livrinho *O Resgate*. Por um tempo fez isso, até serem formados os grupos de revisores de português e de tradutores para o espanhol.

Fiquei na época sabendo de histórias. Comigo sempre foi amoroso. Com alguns, impositivo: *Você não pode sair de Figueira. Ou: Você tem de vir para Figueira.* Cada caso era um caso. Claro, via coisas que não sabíamos.

FABIAN MISSIONO A busca da perfeição! Tínhamos de consertar a letra porque ele considerava uma tremenda perda de tempo tentar entender uma palavra mal escrita. Dizia que não podíamos fazer isso com o outro.

Publiquei dois livros pela Pensamento. Quando parei de escrever, ele me colocou no circuito de revisão dos livros de Figueira. Eu chegava em casa às 18h30. Encontrava um malote vermelho na porta do quarto. Tinha o nome que ele me deu, Expeditus, de um lado, da etiqueta e F3, do outro — Rita cuidava dos malotes. E o bilhete dele: *Se possível, devolva no primeiro transporte, amanhã.* O primeiro transporte saía às 5h20.

O que deduz? Tomava um banho, fazia um chá preto. Às 21h pegava o livro até terminar de revisá-lo, entre 2 e 5h. Sabia que não estava fazendo nada de mais, porque todos do circuito faziam o mesmo, no mesmo horário. Eu entrava numa energia, uma onda fluía por mim. No outro dia continuava acordado. Impressionante como isso nos faz atentos até para não fechar os olhos, senão dormimos.

Em 31 de março de 2003 ocorreu uma alteração contratual e a transferência da sede para a Casa 1, Rua Presidente Antônio Carlos, nº 375, Município de Carmo do Cachoeira. Aos 21 de janeiro de 2005 foi fundada a Associação Irdin Editora, de caráter cultural, sem fins lucrativos. Deixou de ser uma empresa Ltda. Atua como entidade beneficente, embora também possa vender produtos. Isso muda o princípio de regência e de funcionamento.

Maria Cristina Ferreira Xavier tornou-se então a Diretora-Presidente. Seguiu-se Geraldo Majella Franklin Ferreira Filho que, ao ingressar na OGM como Frei Santiago, foi substituído por Giovanni Moura de Holanda e, em seguida, Ricardo Rinaldi Baumgartner.

O nome do cargo foi trocado para Gestor Geral a partir de 2014, na gestão de Marcos Artur de Paula Carvalho, substituído por Samuel Berkman Mendonça Santos. José Luis López Cortés assumiu o posto em 2017, e Evandro Oliveira Leite, em 2020. Desde 2022, a Gestora Geral é Elisabeth César Blanco, Madre María Shimani de Montserrat.

Trigueirinho lançava convites em partilhas, especificando os cargos a serem preenchidos na editora e os conhecimentos técnicos necessários. Uma equipe voluntária de colaboradores foi sendo formada e se estabilizando no correr dos anos. Realiza as atividades editoriais, exercendo, entre outras funções, as de Gestor de Conteúdo, Gestor de Relações Institucionais e Legalizações, Gestor Administrativo-Financeiro e Gestor Operacional.

A arrecadação da editora é revertida em novas publicações e doações criteriosas de livros. Parte dos recursos é destinada ao próprio funcionamento — pagar impostos, comprar material de escritório, contratar serviços de contabilidade.

A Irdin se mudou da Casa 1 para a área da Casa do Pátio. A editoração instalou-se numa sala vizinha. A gravação e a embalagem dos CDs se davam na casa redonda, que no passado acolhera os mantras e a cura. Da gestão como diretor na fazenda sobressaem lembranças:



FREI SANTIAGO Foram, dentre outras, lançadas duas obras importantes, em 2008: o primeiro audiobook, e até agora o único, *Os Doze Trabalhos de Hércules*. E o livro *O Chamado das Árvores*, de Dorothy Macleen, à época com 88 anos. A cofundadora da comunidade Findhorn, na Escócia, é especialmente conhecida pela habilidade em se comunicar com a inteligência do Reino Vegetal. O lançamento com *workshops* contou com a presença dela. Tive a grata alegria de participar do evento de Manaus, no Hotel Amazonas, patrocinado pela Universidade Marta Falcão, e do evento da Livraria Cultura, em São Paulo.

Sobre *entregar a autoria do que se faz*, uma passagem me marcou. Trigueirinho me pediu que escrevesse um texto para o quadro de avisos, onde, então, eram publicadas as informações para os hóspedes e membros da comunidade. Ali eram fixados desde reflexões diárias até os dias de partilha, as vindas dos grupos de sustentação, a data dos Encontros Gerais, a programação anual — preparada no ano anterior e cumprida de janeiro a dezembro, integralmente.

Ele disse: *Escreva o texto, que depois passará pelas mãos de várias pessoas. Cada uma dará sua contribuição. Umás farão a revisão gramatical, outras a revisão de conteúdo e, no final, pode ser que você nem reconheça o que escreveu. Poderá até se perguntar 'onde está o texto que fiz?' Pelo resultado aparentemente desconhecido, pode parecer que se perdeu ... Mas isso não é verdade. O que você iniciou, apresentou-se com uma nova forma.*

Você é planeta ou cometa? perguntava o instrutor para muitos que começavam a trabalhar no Setor de Edição Gráfica. Precioso, porém desafiante era rever o material junto àquele cujo olhar percebia como ninguém distâncias precisas entre letras, diagramações da arte gráfica, nuances de cores.

FREI CRISTÓVÃO Senti que José fez um teste comigo. Eu passava pelo setor e chamou-me: *Vem cá, qual tonalidade para o título prefere nesta capa?* Era do livro dele, *Trabalho Espiritual com a Mente*. Escolhi uma das opções, pelo jeito a que o coordenador, ao lado, não queria, e José gostava. Deu um sorrisinho e se definiu por aquela. Assim ingressei na tarefa de diagramação de livros da Irdin Editora. Ele revisava cada página e sempre devolvia as provas com algo a corrigir. Havia muitas idas e vindas até aceitar a impressão. Era implacável!

Eu me pedi uma síntese sobre o percurso próximo a Trigueirinho, na Irdin. Foram 15 anos de criação e aprendizagem a partir de 2003, ano da mudança da editora para Figueira, até ele falecer.



ANA REGINA NOGUEIRA Tendo ele, numa partilha em F2, convocado profissionais para formar o quadro de servidores Irdin, marquei horário com a diretora a fim de oferecer-lhe serviços de fotografia. Cheguei pontualmente, para aflição dela. Esquecera-se de nosso compromisso e se reunia com Trigueirinho e Clemente.

Da porta, cruzei o olhar com o instrutor. Sorriu e convidou-me a entrar, sempre gentil. Foi rápido, intenso. Sem saber o que dizer diante do impasse, contei-lhe que Sastra me pedira um audiovisual sobre Natureza, com música de Vivaldi. Num flash, estava diante de mim, o rosto bem próximo: *Você tem energia bethoviana; estude Beethoven!* Cumpri o comando. Um ano depois levei à sua casa o estudo com chamas dançantes, *Ode à Alegria*, mostrado depois em

Figueira, Núcleos-Luz e Buenos Aires. No encontro inusitado, ele incumbiu-me ainda de criar a capa do livro *Regeneração do Solo*, de Clemente, lançado em 2004. Daí em diante treinou-me e trabalhamos ombro a ombro.

Passou-me desafios práticos, projetos que eu jamais realizara. Nunca parei. Renovei a capa de *Erks*, primeiro livro dele que li. Certo dia chamou-me até as prateleiras com seus livros da Pensamento expostos: *Refaça todas as capas*. Nos anos recriando capas fiz, em paralelo, desenhos gráficos do site dele, do da Irdin e do da Casa Luz da Colina, bem como rótulos dos CDs, entre outros. Em 2004, um novo *design* do *Sinais de Figueira*, logomarcas da Casa Luz da Colina, da Casa Redención e do Parque Francisco de Assis. Ainda fotografias e audiovisuais para estudos de Clemente, Gyoha, Yatri, e meus. Em 2010, indicou-me refazer miolos de seus livros.

Por fim, percebendo que eu vivera certa cura interna, indicou-me escrever livros: *Viver o Amor aos Cães, Por que Ninguém me Disse Isso Antes?*, *Ensolarar Vidas, Fraternidade – Missões Humanitárias Internacionais*.

Quando o telefone fixo tocava em casa, eu sabia, era ele. No que foi embora do plano físico, o telefone calou. E o Conselho me solicitou escrever sobre ele.

Logo que a Casa do Pátio foi designada para se tornar um monastério, no final de semana a Irdin mudou o estoque às pressas para a Casa Azul, na cidade, depois adquirida. Alugou o segundo andar do sobrado ao lado para instalar a editoração, a administração e gravações de CDs.



A Casa Azul, vizinha à Irdin Editora. Fotos: 2010 e 2023.

RICARDO BAUMGARTNER José me chamou após uma partilha: *Agora você mudará de tarefa. Será diretor da Irdin. Quase cai da cadeira. Disse-lhe que nunca tivera experiência gráfica nem editorial. Daquele jeito dele, falou que era bom, começaria do zero, sem vícios. Além de tudo mais, eu recebia três heranças: finalizar a construção da sede da Irdin, conforme o projeto da arquiteta Vanilda, finalizar o índice remissivo das gravações, uma novela, e ativar o sistema do controle financeiro e de estoques.*

Chegando à editora, fiz uma análise do periódico *Sinais*. Além de complexo para ser feito, era caro imprimi-lo. E a logística de distribuição não era fácil, havia exemplares encalhados. Levei a análise para José que, junto com algumas pessoas, achou melhor parar a edição.

Olhei o caixa, pedi para atualizarem o orçamento e lhe falei: *José, dá para terminar a obra com o recurso que temos.* Ele confiou na empreitada. A construção em U subiu rápido, e uma colaboradora de Belo Horizonte se prontificou a criar o jardim. Ficou bonito e prático. No prédio novo, a edição, a direção, a secretaria e o estoque passaram a funcionar de maneira integrada.

Num EG começamos a montar a livraria em Aurora. Levei quase 800 quilos de livros para lá. Na época, fizemos um trabalho grande de divulgação da obra de José, com exposições em livrarias paulistas mostrando seu primeiro vídeo, gravado para o público tomar contato com seu ensinamento.

Estive também na Espanha e em Portugal fazendo a mesma exposição em livrarias. Tudo estava funcionando bem na Irdin, quando mudei de tarefa e fui servir na Fraternidade.

AVE ISIS Trigueirinho chamou-nos para conversar e nos convidou para morarmos na Comunidade Figueira. O convite era irrecusável dada a delicadeza e a energia amorosa que o envolvia. Meu marido e eu nunca tínhamos sentido algo parecido. Mudamos para Carmo da Cachoeira e começamos a trabalhar na Irdin Editora. Anos depois, ele me colocou como membro do Conselho



Gestor e revisora dos livros, embora eu dissesse insistentemente que não era revisora. Apenas replicava: *Estude!* Na tarefa, ele me ligava várias vezes por dia para perguntar-me algo. Enviava-me bilhetes sobre o trabalho. Guardo ainda alguns. Hoje é como revisora de textos que participo da Obra que ele

fundou. É sua *herança* pessoal deixada para mim. Enxergava além, muito além... Sabia de tudo! Era excepcional!!!

Sou grata a Deus por ter-me permitido conviver com Trigueirinho por tantos anos. Também agradeço os momentos de silêncio juntos como num dia em que esperávamos por alguém na Casa do Pátio quando começou a chover. Olhávamos para a chuva caindo mansamente sobre o jardim em profunda quietude; após uns minutos, ele começou a sussurrar e não o compreendi, pois estava preenchida pelo inexplicável. Sim, agora entendo que eu passava por um processo de cura; algo interno, indesejável, estava sendo retirado de mim. Ele não perdia oportunidade para agir, para fazer o bem.

Dos 84 livros, Trigueirinho publicou 75 pela Pensamento. E nove na editora que criou há três décadas, além de 21 minilivros. Em 2018, seus direitos autorais com a Pensamento foram transferidos para a Irdin, que revisa miolos, troca capas e dá continuidade às impressões.

Uma coluna dele era publicada aos domingos no jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte, a partir de 2008. O grupo da cidade se incumbiu do trabalho por um período até, em 2013, o autor solicitar a escrita dos artigos à residente e jornalista Samaria.

SAMARIA O trabalho em conjunto com ele me deixou surpresa; foi um grande aprendizado. Eu definia o artigo a partir de suas partilhas, às vezes retirava-o do *Sinais*. Deveriam ser textos simples para acesso de todos os leitores do jornal. Em um momento, vi a necessidade de imprimir, encadernar e enviar para Trigueirinho o conjunto dos artigos publicados. Ao folheá-los, pensei que ali havia material para um livro, com temas introdutórios. Sugeri a Trigueirinho, que gostou da ideia. O primeiro, *Mensagens Reunidas*, com artigos de 2014, foi lançado no ano seguinte.

Três títulos com base na coluna do jornal surgiram na própria Irdin: *Mensagens para sua Transformação*, *Páginas de Amor e Compreensão* e, em 2018, o livro *in memoriam: Novos Tempos, Novas Posturas*. O instrutor foi certo ao criar a editora. O amor pelo Conhecimento Sagrado pulsa nos voluntários que a sustentam, irradiando, para milhões de leitores mundo afora, o fogo que não queima.

GRAVAR E REPRODUZIR

A instrução das almas ocorre enquanto prestam serviço.
Trigueirinho



O AFINADÍSSIMO OUVIDO DO MESTRE PERCEBIA a diferença entre a vibração do que era gravado em sistema analógico — semelhante ao de nosso corpo — ou em sistema digital — processo artificial binário, zero e um.

Sua primeira palestra gravada, *Cura, Saúde e Origem de Certas Doenças*, deu-se em Belo Horizonte, no ano 1983. Até o início dos 90, a instrução foi registrada em gravador de rolo e divulgada em fitas cassete, depois substituídas por CDs. Em 1986, nasceu a Senzar, editora para reproduzir fitas cassete, com sede em São Paulo, junto à Praça da República. Artur a coordenava, e Renata Secchi gravava. Porém, para suprir a crescente demanda, formou-se uma grande rede, cujos membros multiplicavam as fitas matrizes em casa e as distribuíam de mão em mão. Logo após ingressar no trabalho, Samuel Berkman as despachava para diversos estados brasileiros e outras nações, por correio ou diretamente dos aeroportos paulistas.

Dois voluntários pioneiros ofertaram tempo e conhecimento para se alcançar a melhor qualidade técnica na gravação e nas cópias do ensinamento para larga distribuição.



PÓLUX Quando cheguei a Figueira, em 1990, fui convidado a cuidar da venda de livros na varanda da Casa I e depois no galpão da Vida Criativa. Também me encarregaram de arrumar o microfone de Trigueirinho antes das partilhas e a gravá-las numa pequena mesa de som. Logo iniciei a tarefa de copiar fitas cassete e, anos mais tarde, de reproduzir CDs, até sair no final de 2004.



Em cada casa da comunidade havia fitas da Senzar Produções Ltda., com capas coloridas, títulos diversos e séries *Sonhos*, *Raios*, *Morte*, *Os 12 Trabalhos de Hércules*. Ao lado, um gravador para ali escutá-las e um caderno para se anotar empréstimos e as ouvir no quarto, no próprio aparelho.

Primeiro gravamos as partilhas num aparelho simples. Depois numa pequena mesa de som. Mais tarde, na mesa média da VC e na grande mesa de F2. Comprávamos em SP fitas cassete virgens de ótima qualidade, com 30 minutos de cada lado, A e B. Como era preciso girá-las ao final desse tempo para prosseguir gravando, Trigueirinho e eu combinamos um gesto de mão. Ele parava a instrução por uns segundos, enquanto eu encaixava o lado B. Ao final da partilha, eu lhe entregava a fita para ser trabalhada em casa.

Tudo influencia a qualidade do som, janelas e portas abertas ou fechadas, número menor ou maior de pessoas na sala, chuva, vento. A posição do microfone evita microfônias. Tínhamos microfones de qualidades diferentes, mas um era o titular. Tentamos usar o de lapela; não deu certo.

As matrizes para futuras cópias foram primeiro mantidas na Sala de Som da Casa do Pátio. Reproduzíamos duas cópias por vez. Gravei milhares, etiquetando, pondo capas. Prossigui a tarefa morando na Casa do Rádio, quando o equipamento e os originais das palestras em fita de rolo foram para F3.

As reproduções proviam as casas da Figueira, atendiam pedidos de hóspedes ou dos que solicitavam, via cartas para a Secretaria, que Germano me encaminhava. Eu supria os pedidos quase diários de Trigueirinho, que enviava fitas para pessoas em Figueira, outras cidades e países. Na época de RAs ou EGs, os pedidos multiplicavam. Colaboradores levavam fitas virgens e centenas de usadas, que eu apagava e desmagnetizava antes de reusar. Nos últimos anos, fui ajudado por duas colaboradoras mais dedicadas, Mildreide e Sarita.

Ao final da década de 90, iniciaram-se gravações do Coral e de encontros diversos. E, na Casa do Rádio, edições de partilhas de Trigueirinho digitalizadas no computador, primeiro por Pedro e depois por Augusto, o Frei Zeferias.

Lucinei lida com áudio desde os 7 anos. Estudou eletrônica e se especializou na área de som. Trabalhou numa indústria multinacional, teve estúdio de gravação e empresa de distribuição de equipamentos especiais de áudio e vídeo. Incansável, sua ajuda foi relevante, inclusive na informática, orientação, escolha e compra de material.



Gravação de partilha de Trigueirinho, na Vida Criativa. 7.10.2010



LUCINEI Desde a chegada em Figueira, ganhei um presente do universo: ficar ao lado do José e do Artur quase todo o tempo. Eu os conheci no Teatro Cultura Artística, em 1989, última palestra dele em São Paulo, no período. Minha mãe gostava de coisas místicas e contou sobre uma palestra espetacular. Apesar de ser completamente desligado

do místico, eu me interessei. Ao ouvi-lo, pensei: *Muito consistente*. Não sabia exatamente o que entendera, mas entendera. Fui conversar com os dois, no palco, e disseram que estavam de mudança para Carmo da Cachoeira.

Passei um tempo viajando toda terça até lá, 700 km. Chegava na Casa I quase na hora da partilha. Sentava-me por uma hora e pouco e pegava a estrada de volta. Logo vi que José e Artur tinham dificuldades com as gravações. Decidi ajudá-los, e ali comecei a operar a mesa de som.

Artur sempre gravou as partilhas em gravador de rolo, mesmo os encontros pequenos em Nazaré Paulista. Havia muitas gravações arquivadas com problemas de qualidade. Procurei dar-lhes um caminho melhor, do ponto de vista técnico. Quando se mudaram para a Casa do Pátio, trabalhei no estúdio de som do andar de baixo. E depois em F3, numa casa abaixo da de José.

Ele editava todas as partilhas, um trabalho enorme. Nos cassetes, ele mesmo apagava ruídos e o que devia ser dito apenas ao vivo, como: *Hierarquias trasladaram da Europa para Minas Gerais, a guardiã do amor*. Digitalizei todas as fitas, desde as antigas, e nunca mais o ouvi tocar no assunto... Nos CDs, indicava a minutagem a suprimir. Ao final dessa edição, era montada a fita matriz.

Tivemos grandes batalhas no áudio, problemas absurdos! A locução não ficava boa, sibilava inesperadamente, microfônava demais, surgia um apito junto à voz de José, que o público escutava. Eu falava com ele: *Não estou entendendo...*

Conversava com gente do ramo de áudio, cheguei a ponto de levar à partilha um equipamento sofisticado de laboratório para analisar o som e saber o que era aquela loucura. Vinte minutos após estabilizar, a microfonia voltava em outro ponto. *José, não faz sentido!* Ele só sorria. Uma vez sugeriu que alguém poderia estar na contraparte sutil interferindo para prejudicar a gravação.

Às vezes, ele parava a partilha e ficava olhando para o fundo do salão, a mesa de som: *Vai parar de mexer?* Estávamos apenas girando um botão, mas ele percebia a interferência mínima. Eu lhe avisei: *José, tenho de prosseguir, senão a gente não vence.* E ele: *Ah, tá.* Noutra situação, perguntava alto: *E esse apito? Eu esperneando para achar o problema, entendeu? Era assim...*

Sempre digitalizei o acervo analógico dele, e estive disponível quando me chamava para trabalhos complexos: reparar a qualidade de edições ruins, dar uma opinião. Às vezes eu refazia partilhas ininteligíveis.

31.10.2004

Caro Lucinei,

ontem e hoje usamos a nova acústica do Galpão da V.C., que está bem melhor do que as condições anteriores. Artur me disse que serão colocadas novas placas em volta daquelas já colocadas, e aguardamos que isso aconteça para podermos recolocar os quadros laterais, usados em algumas partilhas. Agradecemos muito pelo que você fez.

Lucinei, estas linhas destinam-se também ao assunto de "recuperação" de algumas fitas antigas, que você está fazendo com dedicação e amor. Você está aí com uma série, que nos entregará proximamente. O seu trabalho tem sido muito útil: com ele, e a minha reedição feita a partir dele, as gravações têm ficado totalmente recuperadas, algumas como se fossem feitas hoje.

Além dessas que estão com você, você teria possibilidade de ver umas 30 outras, que são os primeiros *Atributos do Monastério* que foram gravados? Peço-lhe isso porque teríamos que apresentar, na próxima R.A., todos os 84 Atributos, que foram reeditados, e que estão em bom estado. Se pudéssemos contar com a sua ajuda nesses 30 primeiros, teríamos a coleção toda apresentável.

Você pode fazer isso para nós? Se positivo, dê-me um sinal, e, então, irei preparando o material. E tão logo você nos envie o que ainda está com você, farei este chegar às suas mãos (ou lhe entregarei em mãos, quando você vier aqui).

Sem mais para o momento, envio-lhe nossa gratidão profunda e nossos melhores votos de Paz e Bem.

Em união, *Trigueirinho*

31.10.2004

Caro Luciano,

ontem e hoje usamos a nova acústica do galpão da V.C., que está bem melhor do que as condições anteriores. Ainda me disse que serão colocadas novas placas em volta das velhas já colocadas, e aguardando que isso aconteça para podermos relocalizar os fundos laterais usados em algumas panelhas. Agradecemos muito pelo que você fez.

Luciano, estas linhas destinam-se também ao assunto da "recuperação" de algumas fitas antigas, que você está fazendo com dedicação e amor. Você está aí com uma série, que nos entregará proximamente. O seu trabalho tem sido muito útil: com ele, e a minha re-edição feita a partir dele, as gravagens têm ficado totalmente recuperadas, algumas como se fossem feitas hoje.

Além disso que está com você, você teria possibilidade de ver umas 30 outras, que são os primeiros Atributos do Monastério que foram gravados? Pego. Me irás por favor teríamos que apresentar, na próxima P.A., todos os 84 Atributos, que foram reeditados,

Em uniao,

Após 1999, as gravações foram digitalizadas e surgiu o Setor de Edição. A princípio Trigueirinho resistiu à digitalização devido à grande perda de energia no percurso. Porém, argumentos de Pedro e de Lucinei o convenceram: a partilha que levava dois a três dias para ser editada em processo analógico, no digital estava pronta em horas.

Sobre a introdução de CDs, Pólux, que duas vezes ao ano ia a SP ajudar a reproduzir centenas de fitas cassete para os EGs, combinou com o proprietário do estúdio gravarem um CD experimental. Escolheu o tema *A Paz Existe*, a foto de um céu com nuvens para a capa e o rótulo azul. Na volta, apresentou o CD a Trigueirinho: *Se mudarmos o sistema de gravação e de cópias, o processo será bem mais rápido*. Ele viu, ouviu, gostou e nova fase se iniciou.

Desde a virada do milênio, Trigueirinho editou os áudios de cada partilha, as recentes e as antigas. Um residente dedicava-se a trabalhar ombro a ombro com ele. Inúmeros tentavam, poucos resistiam à tarefa.

Entremeios, a antiga Casa do Rádio foi ampliada e ganhou ótimo tratamento acústico, vindo a ser conhecida como Estúdio de F3. Em 2012, foi equipado com iluminação para filmar ao vivo as Partilhas Mensais de Trigueirinho. O Setor de Edição, após se desenvolver por uma década, tornou-se Setor Som, Imagem e Gravação, SIG, e sua equipe, com cerca de sete pessoas, levou a primeira filmagem ao ar, *A Mãe do Mundo*, em 29.8.2012, uma quarta-feira. As quatro vezes seguintes, sobre o mesmo tema, eram passadas aos domingos. A partir de 2013, definiu-se a segunda-feira, às 20h, como o dia oficial das Partilhas Mensais. No canal virtual, o instrutor sobretudo se dedicava a responder inúmeras perguntas que lhe chegavam dos ouvintes. Nisso as partilhas na VC e F2 também começaram a ser filmadas. E nascia a Misericórdia Maria TV.

Revelações dos Mensageiros Divinos e da Nave Alfa sobre as Flores – Parte 2 foi a última partilha de Trigueirinho. Gravada em julho de 2018, dura quase duas horas. Ele tinha barba longa e branca quando sua voz se despediu do público fiel. Falou das flores *como símbolo de devoção, oferta e serviço do Reino Vegetal ao planeta e à humanidade*.

Passaram 35 anos entre sua primeira e última gravação, 1983 a 2018. Os temas se expandiram, mas o esmero e a integridade da informação vibraram com o mesmo brilho.

EDITAR COM JOSÉ

Os contatos internos atraem a consciência, levando-a à mudança de sua focalização dos fatos externos para mundos impalpáveis.
Trigueirinho



GRAÇAS AO ÁRDUO TRABALHO DE EDIÇÃO, 572 das mais de mil gravações feitas ao vivo por Trigueirinho de 1984 a 2005 estavam disponíveis em CDs e fitas cassete na Associação Irдин Editora, no início de 2006. Algumas com tradução simultânea para o inglês. Versões para espanhol, francês e italiano gravadas pelo autor começavam a ser preparadas.

Sinais de Figueira nº 10 anuncia gravações ordenadas em séries: *A Instrução; A Meditação; A Morte sob Controle; A Paz Existe; Ação Imediata, Saúde e Cura; As Virtudes e os Dons; Atributos do Monastério; Bases Espirituais de Figueira; Bases para Leitura Espiritual; Caminho Espiritual; Conversas; Encontro; Energia Sohín; Estudos sobre as Linhagens das Mônadas; Grupos de Sintonia; Harmonia; Medicina; Monastério; Novas Vias Supraterrestres; O Mundo Ardente; Odontologia; Os Essênios; Os Sonhos; Para Compreender o Ego; Questões Existenciais; Reflexões; Síntese dos Atributos do Monastério; Sons da Vida; Temas Especiais; Trabalhadores Sutis; Verdade; Vias Supraterrestres.*

Mantive conversas *online*, no primeiro semestre de 2023, com aquele que por mais tempo editou com o instrutor, Frei Zeférias, monge que desde 2010 habita na Comunidade-Luz Aurora, Uruguai. Seguem lembranças de sua vivência:

FREI ZEFERIAS Editei palestras com José Trigueirinho por oito anos, diariamente, às vezes das cinco da manhã às seis da tarde. Aperfeiçoei-me até trabalhar em tempo real, com o som tocando sem parar, enquanto ele dizia: *Corta isso, mais isso.* Ele só aceitou o processo digital quando se deu conta de que com ele editaríamos suas duzentas palestras atrasadas.

Em fevereiro de 2002, comecei a aprender a editar com Pedro, o jovem que retomou o processo, parado há anos. José brincava que eu fazia uma cirurgia plástica nas partilhas. Mesmo no processo digital, com tantos recursos de equalização, não era fácil trabalhar com ele. Na palavra *paz*, se o S assobiava, tinha de trocá-lo por outro S! Se alguém tossia ao final de uma palavra, pegava uma sílaba de outra e a colava; era incrível.

O setor transmigrava; ia e voltava entre a Casa do Rádio, uma casinha 40 metros atrás da dele e a Casa da Entrada.

José vivia em estado permanente de vigília, de atenção e amparo a todos. Figueira morava dentro da consciência dele, e tudo o que nela passava o afetava. Percebia coisas nos planos sutis ou mesmo no plano físico da comunidade. Quando campos desarmoniosos ingressavam em sua consciência, detectava o que poderia acontecer. Tinha comportamentos bem diferentes. Estava editando e de repente se levantava calado, descia as escadas rápido, ia até sua casa e voltava calmíssimo.

Sempre que eu conversava com ele, escutava e me olhava como se fosse pela primeira vez. Não tinha preferência por seres. Isso era curioso, sabe? Quando eu acabava de lhe falar, já havia resolvido o assunto. Porque ele realmente escutava as pessoas.

Era silencioso na forma de andar. Sutil. Passava a nosso lado sem nos darmos conta. A forma com que abria a porta e pegava um objeto era silenciosa. Não que ruídos o incomodassem, era como se o ferissem por causa da constituição do ser cósmico e da origem dele. José é um espírito silente, de uma estirpe específica, que existe nas Plêiades. Esses seres trabalham através do silêncio, a base da sua existência. Têm constituição energética de altíssima frequência e estabilidade vibratória. Ele sentia a desarmonia de um barulho como se tivesse sido agredido fisicamente. Por isso ficava bravo. O latido dos cães o irritava demais. Mas foi aprendendo a lidar com a terceira dimensão e a superar tudo isso.

Gostava de chá preto e café guandu. Ou cevada em pó instantânea com um pouco de açúcar mascavo. Na verdade, gostava mesmo era de café comum, que não se tomava em Figueira. Se eu fizesse chá verde, reclamava. Detestava chá de ervas, dizia ser remédio para quem está doente. A edição nos exigia concentração, queimávamos calorias. Eu mesmo sempre estava com fome. Ele adorava torradas fininhas, bem temperadas com azeite, orégano e *shoyu*. Eu fazia uma vasilha grande e ele as comia sem parar. Só que o ruído da torrada me incomodava: *José, não estou conseguindo me concentrar*. Ria demais disso.



Duas irmãs cariocas, que eram residentes e depois se tornaram monjas, Madre Constância e a Madre Esmeralda criaram e dirigiram peças teatrais. A primeira, apresentada em Figueira, chamava-se *Sônia Clotilde* e foi um sucesso total. Depois criaram *Viver de Verdade*, com alunos da primeira escola infantil de Figueira, em Carmo da Cachoeira. José foi às sete exposições. Eu fazia a sonoplastia, ficava lá atrás, e ele ao lado. Quase morreu de rir as sete vezes. Isso me chamou atenção.

Ele tinha senso de humor apurado, e digo, se ficava engraçado era porque precisava se autotransmutar

e a única forma era através do riso. Criava piadas sobre algo dito na partilha e ria demais. Não era sarcástico, era engraçado. Tinha a característica, era meio compulsivo, ria mais que qualquer um. Uma vez teve uma crise de riso e foi para casa. O riso, no ser humano, libera tensões acumuladas nos músculos, e José vivia numa tensão enorme. Energeticamente, sustentava Figueira sozinho. Ainda hoje a consciência dele marca a Obra inteira. Basta aquietarmos onde quer que estejamos e o percebemos. Tinha aspectos de personalidade bem parecidos com os de Padre Pio.

Fui vizinho dele, da casa de baixo. Eu o via do meu quarto. Andava noite adentro pra lá e pra cá. Dormia umas duas horas, às vezes nem dormia, na época. Escutava fitas da palestra recém-dada e anotava num papel o que cortar. Era ordenadíssimo.

Expondo-lhe situações, ponderava. Era flexível, nunca rígido, mas extremamente rigoroso. E impaciente, ficava bravo comigo se eu errasse uma tecla, mesmo corrigindo rapidamente em seguida.

Treinei pessoas para ajudar a pós-produção, a limpeza de cliques e *plexes* — sons da boca, da sala, elétricos. Hoje há tecnologia para eliminar ruídos sobre a palavra. Mas então era preciso substituir o trecho. José era exigente com a velocidade, com a perfeição. As pessoas não conseguiam ficar. Ou ele as mandava embora ou elas não aguentavam nem um mês. Lembro de muitas, e as da Colômbia, da Venezuela, da Argentina. Sobrou eu, não se desapegava de mim.

Agora falarei sobre coisas misteriosas que vivi com ele, não sobre o que me contaram. Ele caminhava de área em área com um guarda-chuva preto e as botas de mutirão. Logo que cheguei a Figueira, morei na antiga Casa do Ipê

e trabalhava na área externa. José aparecia a meu lado sem explicação. Uma vez abaixei para pegar uma pilha de galhos e, quando levantei, ele estava na minha frente. Era estranho. Falou baixinho que queria falar com Geraldo, o Frei Santiago. Apontei que deveria estar na Secretaria. Quando saiu do encontro, subiu pela rua de paralelepípedos em frente à Sagrada Casa Irmão Pio. Virou à esquerda. Saí correndo aqueles metros e não o vi mais. Inexplicável. Ali tinha um barranco, não havia saída... Não só eu tive experiências assim.

Pelo aumento da voltagem do ambiente, eu percebia o grau da Hierarquia entrando nele. Às vezes nem Trigueirinho aguentava. Eu mesmo começava a entrar em colapso, dava tremedeira nas mãos, e pedia: *José, está difícil editar. Diminui a energia, não consigo nem apertar o teclado!* Um dia me respondeu: *E você acha que está fácil para mim? Minha matéria também não suporta.* A gente teve várias vivências e conversas nesse campo.

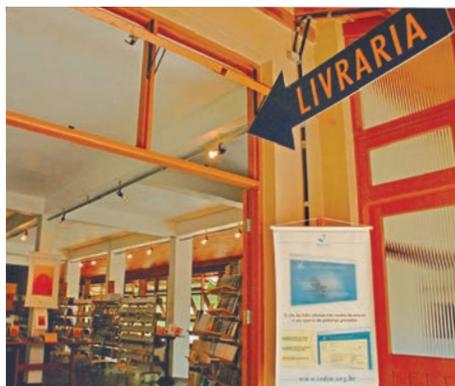
Tudo aprendi internamente, editando com José. Enquanto a minha mente trabalhava, nos planos internos aconteciam outras coisas. Sabe, minha memória ficou desativada por anos, mas agora volto a acessar, a lembrar-me do que aprendi na época. Essa conversa com você foi agendada para eu fazer uma síntese do processo que vivi com José, com Figueira. Está servindo milimetricamente para eu ativar gatilhos iniciadores, que estavam guardados, e agora é o momento de saírem à luz.

Enfim, quando senti que precisava vir para Aurora, em 2010, foi uma prova de desapego para ele. Aceitou que eu treinasse quem me substituiria. Novas tecnologias e melhores programas de edição ajudaram as relações, mas soube que em poucos meses muitos passaram e se foram do setor.

Voltei a morar ao lado dele em seus dois últimos anos de vida, na Sagrada Casa Irmão Pio. Seus dois cachorros eram os que mais latiam; insuportáveis. *José, quem diria, você reclamava tanto e agora teus cachorros latem assim,* eu brincava. Foi legal vê-lo adaptar-se, aprendendo a conviver com o mundo de terceira dimensão.

DIFUNDIR O ENSINAMENTO

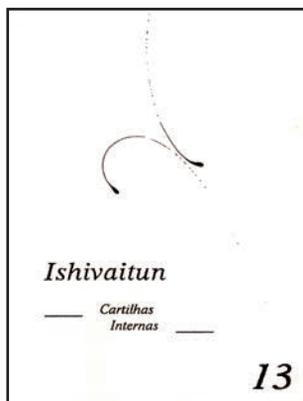
Uma das tarefas dos grupos espirituais é difundir os ensinamentos das Hierarquias que contribuem para a evolução do ser humano.
Trigueirinho



A BOA-NOVA ERA ESPALHADA DE UM PARA OUTRO. Parte da difusão acontecia de boca em boca, enquanto um carro corria estradas de terra de Figueira, de casa em casa. Deixava livros nos pontos de venda. Mais cartazes, alfinetes e um esquema-guia para ajudantes os fixarem em quadros de aviso.

Além disso, Ana Maria Souza cuidava do estoque geral de publicações de Trigueirinho em português, espanhol e demais traduções. Com o valor das vendas, adquiria livros de autores selecionados a dedo pelo instrutor. Por ocasião das partilhas, apesar de Ana Maria chegar três horas antes para alinhar o material, não se sabe como ele notava, no quadro de avisos ou na livraria lá do outro lado: *Aquele livro e tal papel estão tortos.*

A difusão do ensinamento atravessou fases. Sob orientação dele, iniciou de forma humilde, com fôlderes disponíveis para quem estivesse em Figueira. Desenvolveu-se conforme o grupo amadurecia.



Em correspondência enviada a membros do Conselho, em 23.10.1991, ele anuncia as *Cartilhas Internas: ...começarão a circular, a princípio de forma restrita. Já temos três quase prontas, que distribuiremos antes e durante a próxima reunião do Conselho e, depois, mais amplamente. Ishivaitun – Cartilhas Internas* eram inicialmente repassadas para servidores próximos. A primeira, de 6.10.1991, discorre sobre *Espelhos*, núcleos da rede cósmica de comunicação. A última, nº 13, sobre desapego e oração, data de julho de 1992.

Os encontros com TRIGUEIRINHO propõem o aprofundamento do processo evolutivo nos indivíduos e nos grupos.

Realizam-se na fazenda FIGUEIRA no decorrer do ano e, em datas especiais, nas cidades indicadas no calendário geral.

Nessas cidades, os encontros consistem em palestras públicas com entrada franca e em entrevistas pelo rádio, divulgadas com antecedência.

TEMAS DO ANO

RELACIONAMENTOS INTERPLANETÁRIOS
AS CIVILIZAÇÕES SUPERIORES
O DESTINO DO HOMEM TERRESTRE
NOVAS LEIS E NOVA VIDA NO PLANETA
A INTEGRAÇÃO DO HOMEM NA VIDA ÚNICA

*"Cada etapa do desenvolvimento do ser requer uma estimulação especial.
Todo o ser é estimulado quando em contato com o fogo do espaço:
ondas cósmicas influem poderosamente sobre ele."
(do livro AURORA - Essência Cósmica Curadora)*

CALENDÁRIO GERAL DOS ENCONTROS COM TRIGUEIRINHO

| | | |
|--|---|--|
| JANEIRO 01 a 14 FIGUEIRA 15 a 21 Rio de Janeiro 22 a 31 FIGUEIRA | MAIO 01 a 20 Argentina 21 a 31 FIGUEIRA | SETEMBRO 01 a 23 FIGUEIRA 24 a 30 Rio de Janeiro |
| FEVEREIRO 01 a 11 Belo Horizonte 12 a 28 FIGUEIRA | JUNHO 01 a 07 Belo Horizonte 08 a 30 FIGUEIRA | OUTUBRO 01 a 10 FIGUEIRA 11 a 15 Belo Horizonte 16 a 25 FIGUEIRA 26 a 31 Belo Horizonte |
| MARÇO 01 a 15 FIGUEIRA 16 a 25 São Paulo 26 a 31 FIGUEIRA | JULHO 01 a 05 FIGUEIRA 06 a 10 Recife 11 a 31 FIGUEIRA | NOVEMBRO 01 a 10 FIGUEIRA 11 a 30 Argentina |
| ABRIL 01 a 05 FIGUEIRA 06 a 10 Salvador 11 a 30 FIGUEIRA | AGOSTO 01 a 06 Salvador 07 a 13 São Paulo 14 a 16 Brasília 17 a 19 São Paulo 20 a 31 FIGUEIRA | DEZEMBRO 01 a 06 FIGUEIRA 07 a 16 São Paulo 17 a 31 FIGUEIRA |

As palestras são gravadas ao vivo e fazem parte do programa dos grupos de audições de fitas em vários locais durante todo o ano.

Fôlder com Calendário de Encontros com Trigueirinho, em 1990

Os encontros com Trigueirinho propõem o aprofundamento do processo evolutivo nos indivíduos e nos grupos. Realizam-se na fazenda Figueira no decorrer do ano e, em datas especiais, nas cidades indicadas no calendário geral. Nessas cidades, os encontros consistem em palestras públicas com entrada franca e em entrevistas pelo rádio, divulgadas com antecedência.

Temas do ano

Relacionamentos Interplanetários, As Civilizações Superiores,
O Destino do Homem Terrestre, Novas Leis e Nova Vida no Planeta,
A Integração do Homem na Vida Única

Cada etapa do desenvolvimento do ser requer uma estimulação especial.

Todo o ser é estimulado quando em contato com o fogo do espaço: ondas cósmicas influem poderosamente sobre ele. (do livro Aurora – Essência Cósmica Curadora)

Abrindo nova etapa, a partir de 1994 iniciou-se a formação de difusores que, aos poucos, teceram uma rede nacional e internacional. No primeiro semestre de 1995, houve uma série de encontros em Figueira para abordar aspectos do serviço de difusão. E se instalou a Equipe Informativa.

O *Informe 1*, surgido em setembro-outubro de 1994, cresceu em número de páginas. Foram lançados sete números com reflexões acerca da vida interna, noticiando sobre atividades e setores da comunidade. Prepararam a vinda do porta-voz de Figueira e de ensinamentos dos Centros Planetários: o jornal trimestral *Sinais*. Criado em 1996, com tiragem de 40 mil exemplares no Brasil e 5 mil na Argentina para distribuição gratuita e trocou de nome mais três vezes.

Durante 1998, como *Cadernos de Sinais*, ganhou novo formato. A tiragem subiu para 60 mil no Brasil e 15 mil na Argentina. Seu assunto central foi *ramos da arte de curar*. No ano seguinte, já sob o nome *Boletim de Sinais*, voltou a ser trimestral, agora com 100 mil impressos. Era 1999. Figueira completava 12 anos. Em 2000, amorosamente traduzido, veio a circular em sites de língua inglesa.

MARÍA DEL ROSAL Eu dobrava manualmente os *Informe* e depois os *Sinais*, para baratear. Gerava as etiquetas segundo o banco de dados da Secretaria de Figueira. Então as imprimia, colava e envelopava os impressos. Era um trabalho de Hércules. Havia a campanha para arrecadar fundos e, ao alcançar o valor, chegamos a despachá-los para 25 mil endereços via correio.

O número de exemplares foi aumentando de tal forma que eu já não conseguia mais fazer sozinha o trabalho. Começaram os mutirões de dobradura. Herdei uma tendinite por conta do movimento repetitivo que fiz durante muitos anos.

Muitas vezes organizamos esse mutirão da dobradura em Figueira. Outras, aqui em casa. Distribuíamos o material com amigos e pessoas que não podiam ir a Figueira. Dobrar, colocar no saquinho e etiquetar foi uma tarefa grandiosa para constatarmos a força da unidade grupal. Éramos poucos e tínhamos prazo, assim como a rede que subdividia as cidades em áreas, e cada membro os distribuía em consultórios, escritórios, restaurantes, farmácias, locais de trabalho.

Soubemos de infinitas histórias. De repente uma ventania na rua lançou uma folha do *Sinais* na cabeça de alguém, que a leu e se identificou com o trabalho. As pessoas eram sedentas dessa instrução com olhar diferenciado, iluminado.

Nova série do *Informe* foi lançada entre 2002 e 2004. Iniciou com duas páginas A4 e veio a ter quatro. Encerra o resumo do estudo de Trigueirinho sobre o atributo aprofundado na reunião do Monastério do mês. Ainda a música composta para o atributo e artigos com informações sobre o mundo interno, como Linhagens Hierárquicas.

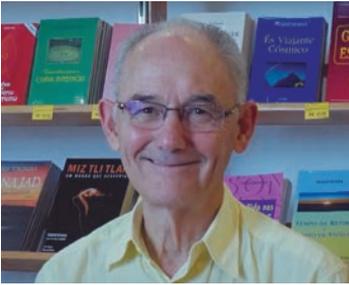
O periódico *Sinais* começava a ser concebido seis meses antes de entrar na gráfica. Com renovado espírito de serviço, voltou a ser quadrimestral de 2003 a 2011. Como *Sinais de Figueira*, lançaram-se 19 edições. A nº 18, com 140 mil impressões em português, foi levada a 25 países. Em espanhol, a 38 países. Uma *Carta ao Leitor* da edição nº 19 anuncia o fim da reprodução do periódico em papel. Foi a única em apenas meio eletrônico. E a última da série. *Sinais, Cadernos de Sinais, Boletim de Sinais e Sinais de Figueira* se despediam dos leitores. Figueira completava 23 anos.



Sobre os livros, Trigueirinho separava séries a serem doadas em bibliotecas, escolas, grupos de estudos, centros culturais sem cobrança ao público, *tornando-os acessíveis a todos, sem impedimentos de caráter econômico, social ou geográfico*. Em postos de venda, os preços eram reduzidos ao máximo.

Em 1994, ele pediu a Genny Paglia, a quem, pelo bom senso, solicitava opiniões, para lhe indicar o primeiro responsável pelo Setor Difusão de Livros, uma tarefa ousada. Surpreendeu-se com a escolha: *Leila Aravechia? É novinha, vai dar conta?* Genny afirmou: *Eu garanto!* Leila, hoje com novo nome, comenta:

MARÍA CARIDAD Ele dava mais crédito para a turma antiga, que o acompanhava há anos. Eu adorava colaborar, mas realmente não tinha experiência. Então me chamou e começamos a conversar e montar o setor. O maravilhoso era ele ficar muito presente. Foi bonito trabalhar com colaboradores incansáveis, apesar de poucos e despreparados. Nascia o embrião do que a Irdin se tornou. Como não conseguíamos fundos para adquirir tantos livros quanto necessários, criamos campanhas. Saía um livro atrás do outro, e pedimos para cada leitor doar seus próprios. Desapegar-se e passá-los para frente. Assim conseguíamos lotes de doação.



Domingos Scatena, de Santo André, SP, tornou-se o maior difusor de livros, de abril de 1994 à atualidade. Até 2019 repassara, sem custos, 52 mil livros e 7.011 gravações a 3.183 bibliotecas do Brasil e de 35 nações de todos os continentes, exceto Antártida. Com planejamento elaborado, escreveu cartas a bibliotecas de todos os municípios brasileiros com

mais de 10 mil habitantes, ofertando obras de Trigueirinho e de outros autores da Irдин Editora. No início, levava pessoalmente os livros, que ele próprio adquire, inclusive em sebos, e posta nos correios. *Para mim, Trigueirinho é um marco. Dá instrução sem entrar em conflito com nenhum ramo da espiritualidade*, diz Scatena.

Em Figueira havia encontros, como o de 8 a 10 de outubro de 1999, das equipes da Irдин Editora, de Sinais e da Difusão de Livros e Fitas. Servidores relatavam entre si como chegaram ao trabalho, trazidos por ardente apelo da alma. A maioria, tendo passado por intenso sofrimento, apaziguara-se através de respostas encontradas em um livro ou palestra do mestre e através de *Sinais*.

Segundo Trigueirinho, *alguns impulsos da Hierarquia se materializam em forma de livros e o grupo tem como tarefa externa distribuí-los da forma mais ampla possível*. Todavia era raro ele aceitar a difusão do trabalho em revistas, jornais, TVs, no intuito de preservar a pureza e a energia de Figueira, a de seus residentes e colaboradores.

A inauguração do auditório de F2 e da livraria montada ao fundo deu-se no Encontro Geral de setembro de 1999. O espaço estava em final de obra, ainda no contrapiso.

MARÍA CARIDAD Trigueirinho me convocou, apesar de eu já não estar no Setor Difusão. Fiquei responsável pela mesa de vendas, achando que ia ser tranquilo. Eu e um colaborador. As pessoas, eufóricas, invadiram o espaço. Foram tantas vendas que, no último dia, ficamos horas fechando o balanço final. Ana Maria, coitada, indo e voltando da cidade com um pequeno grupo, trazendo de tudo do estoque.

Durante os quatro dias do encontro, às cinco da manhã, chegávamos para a limpeza do palco, do auditório, da livraria. Imagine, com a multidão raspando

Meus amigos
Micha-El e Fran
recebam a nossa gratidão
pelo material do Ni-
cholas Roerich Museu
que nos enviaram. Tem
sido utilíssimos aqui,
porque abrem os corações
ao caminho de vida
cósmica, em um mundo
iludido pela vida estru-
tamente material.
Fraternamente,
Jose

o pé no chão, como a poeira branca do con-
trapiso cobria livros, mesas, estantes. Ana Ma-
ria chegava com a equipe, baldes, espanadores.
Ao final do dia, o cabelo estava duro de pó.
Mas foi maravilhoso, uma emoção. Hoje em
dia, observando no que a Irdin se transformou,
lembro-me desse marco lindo. Que prêmio ter
participado!

Nos salões de partilhas, o instrutor ofertava
um gesto de amor. Impressos perfeitamen-
te centralizados eram pousados sobre cada
cadeira: cânticos, orações, fôlderes com in-
formes, fotos de Crop Circles ou de obras
de Nicholas Roerich.

Lembra-se da ativação de ofertas especiais no início dos anos 2000,
quando ele indicou a venda *Livros por R\$ 1,00*? Ninguém acreditava!
Compradores saíam felizes, carregados de volumes para doar. No fecha-
mento do caixa, corações apertavam pelo montante da dívida. Todavia,
a fé grupal contava com doações para pagá-la. Os valores vinham. O
projeto *Livros por R\$ 1,00* prosseguia. Mobilizava o interno. Era tarefa
das almas. Trigueirinho apenas alertou: *Guardem uns cinco exemplares
para cada livraria funcionar amanhã.*

Tudo o instrutor recebia do Alto e colocava a funcionar com tal
impulso que o grupo seguia realizando. Sobre *Livros por R\$ 1,00* disse:
*Temos um exemplo vivo da lei da abundância permanente. Aqui ninguém
vende livro para fazer comércio, mas para pagar a editora, para restituir a
quem nos enviou o livro aquilo que ele custa neste mundo. Não vendemos
para ter lucro, apenas os ofertamos como elemento evolutivo. Para isso
funcionar é preciso que a pessoa que lida com a energia monetária não
tenha ambição pelo dinheiro nem preocupação com o futuro.*

No dia a dia, a Editora Pensamento dava 40% de desconto para
a Irdin, que uma vez vendeu o *Glossário Esotérico* por R\$ 8,00. O custo
das gravações ao vivo era baixo porque as mídias eram inicialmente
reproduzidas na Casa do Pátio, depois na Casa do Rádio, em F3, e por
último, na própria sede da Irdin.

Trigueirinho agia de forma silenciosa, sem dar muitas explicações. Cada um deveria entender do seu jeito. Assim foi que, tocados pela força de irradiação de seu ensinamento, surgiam difusores anônimos.

Uma mãe, por um lado professora universitária, por outro produtora rural, conheceu o mestre através do *Sinais*, num restaurante em Nova Friburgo, RJ, onde entregava verduras. Como professora, escrevia no topo do quadro negro o pensamento do dia que vinha do encarte do informativo, o que suscitava interrogação em alguns alunos. *Eles queriam que eu os explicasse, mas lhes dizia que era para absorverem a mensagem, que em cada consciência ecoava de uma maneira. Quando eu esquecia de escrever, eles me cobravam*, ela conta e prossegue: *Fui agraciada com um prêmio para ir a Cuba em 2000 e levei muitos Sinais em espanhol. Depois de ouvir Fidel falar por seis horas, distribuí-os na universidade de Havana. Aquilo teve eco. Leitores não podiam vir a Figueira fisicamente, não existia internet, mas escreviam pedindo mais.*

Diz a então coordenadora da difusão da instrução de Trigueirinho na América Latina:

VERA IUROVSKI Quando ele retomou o último ciclo de palestras públicas em São Paulo, no Memorial da América Latina, formamos uma equipe organizada e amorosa para montar a livraria no saguão de entrada. Seus livros, CDs e vídeos foram expostos e atendemos a centenas de pessoas. Meu coração se alegrava após as palestras, vendo o público descer as rampas de acesso ao auditório. Era como se tivessem subido ao monte para ouvir palavras de amor e sabedoria do mestre. Não estavam saindo do mesmo jeito que haviam entrado. Após uns dias, em Figueira, Trigueirinho quis falar comigo. Ao término da partilha, na Vida Criativa, aproximei-me.

Agradeceu-me pela harmonia da livraria no dia do evento. Disse que, em razão disso, não foi necessário ficar transmutando certas energias. Respondi-lhe que nós é que agradecemos a oportunidade de servir ao Plano Evolutivo.

LUZ DE LA ESPERANZA Vera Iurovski foi a minha guia dentro da Obra, pois sempre me chamava para ajudá-la em suas tarefas: distribuição de *Sinais*, bibliotecas volantes, CD's Peregrinos, contato com livrarias. Convidou-me a abrir um grupo de audições públicas das palestras gravadas de Trigueirinho e depois para fazer dupla na Coordenação da Difusão Regional de São Paulo. Que alegria estar em um grupo com o mesmo propósito, acolher e ser acolhida!

A pedido de Trigueirinho, a Shasti Association Incorporation S.A., organização sem fins lucrativos, foi criada para publicar os livros dele e os de autores afins, entre demais ações. Seu estatuto assim inicia: *Os principais objetivos da sociedade são favorecer a unidade e a paz planetária; promover o respeito e o amor por todos os seres da Natureza e estimular transformações nos atuais padrões de conduta da humanidade.*

Segundo o Relatório 2011-2012, da Rede-Luz Fraternidade de Luz – América do Norte, em torno de 5 mil livros de Trigueirinho foram transportados da Irdin para os EUA nesses anos. Devido a custos via correio, criou-se o sistema transporte sementes de Luz, com colaboradores e amigos levando-os aos poucos. Foram colocados em cerca de 150 livrarias dos cinquenta estados americanos, incluindo Havá e Alasca. Doados em livrarias de uma Comunidade Espiritual da Flórida e nos arredores de Shasta. Numa Feira Internacional de Livros, em Miami, doados 880 livros em inglês e espanhol para uma população latino-americana, na maioria. No Canadá, para uma Rede de Livrarias. Em torno de mil foram para a África: em inglês para África do Sul e em português para Angola. Além desses, 2.133 foram doados a quatro prisões do estado da Flórida; a maioria colocada em suas respectivas bibliotecas, e os demais ofertados a presidiários que os solicitaram.



GRAN E MICHA-EL BERKOWITZ Nossa história como editores da Shasti Association começa com José enviando-nos pequenos textos para traduzir, até nos convidar para sermos seus tradutores e editores oficiais. Sempre nos acompanhou à distância e nos ensinou durante a jornada, corrigindo os arquivos dos livros que lhe enviávamos para revisar.

Em 2012, a Shasti Association foi oficialmente reconhecida como afiliada norte-americana da Fraternidade – Federação Humanitária Internacional. Desde então, um livro de Trigueirinho foi publicado em alemão e nove em inglês: *Our Life in Dreams, Spiritual Insights for Daily Living, What is Karma, Voice of Amhaj, The Mystery of the Cross in Planetary Transition, Noah's Vessel, Calling Humanity, Signs of Contact, Signs of Blavatsky*. Títulos de outros autores são: *Poems of a Soul to the Sacred and Blessed Heart of Jesus* e *Fraternity International Humanitarian Missions*, em inglês e espanhol.

Como *non profit organization*, Shasti Association apoiou trabalhos da Federação realizados no país; entre eles, a implantação da Ordem Graça Misericórdia.



Com sede em Fátima, Portugal, foi fundada a associação de instrução Ir-din Editora Europa, em 2016. Sem fins lucrativos, segue os princípios da Ir-din Brasil, de onde leva os livros. Esses não têm venda formal; são apresentados como difusão em *stands*, com o valor sugerido para doações espontâneas. Contudo, a Ir-din Europa vende duas publicações impressas em Portugal, sobre o contexto humanitário. Suas obras marcam presença nos eventos dos Mensageiros Divinos, encontros da Rede-Luz, capacitações diversas e palestras públicas de Frei Luciano.

A rede internacional de pioneiros reunidos como velhos conhecidos, cautelosos mas abertos a novas ideias, contribui para um número crescente de buscadores ampliarem a consciência. O advento da internet facilitou o acesso às obras da Ir-din, cujo acervo é composto de livros em português, espanhol, inglês e outros idiomas, mais de 3 mil palestras gravadas ao vivo, DVDs e *pendrives* de música e instruções.

EVANDRO OLIVEIRA LEITE A ideia sempre foi difundir a instrução de Trigueirinho para o mundo. Com a juventude atenta com o que é *online*, o *YouTube* serve como grande difusor. Após o *design* ser submetido à aprovação dos quatro membros do Conselho de Figueira, o canal *Trigueirinho Oficial* entrou no ar em 20.5.2019. Em 2023 estava com quase 20 milhões de visualizações, sobretudo de internautas do Brasil, Portugal, Argentina e Estados Unidos. Pessoas que não o conheceram sentem saudades. Envia comentários lindíssimos. Não uma ou duas, várias, como um grupo de almas que, não o tendo visto externamente, reconhecem o instrutor dentro de si e sentem sua falta.

O acervo é apresentado em duas livrarias da comunidade, uma na própria editora e outra em F2, que abre durante eventos. Pedidos pela *web* são embrulhados e remetidos através do correio da cidade. Notas fiscais, controle do estoque para reposição de livros editados pela própria Ir-din e os de outras editoras, contagem de todos os livros do estoque uma vez ao ano, y *outras cosas* faz aquela a quem o instrutor perguntou:

LÍGIA DA EIRA *Lígia, o que você faz desde que se levanta até a hora de dormir? Comecei a rir, e Trigueirinho ria: Sabe por que estou perguntando? Respondi: Claro que sei, porque você quer me dar mais coisas para fazer! Ele deu risada. Depois quis saber se eu sonhava. Respondi que não. Ele disse: Também, você está sempre de bem com a vida. Pessoas assim não precisam sonhar. E perguntou a mesma coisa para outra pessoa que participava da reunião.*

Eu não estou aqui no planeta para passear. A instrução, para mim, é sagrada. É um dos grandes legados de Trigueirinho, e faço o que posso para preservá-la e vivê-la. De importância capital para adquirirmos conhecimento foi ler todos os livros dele, com raras exceções. Assim que chegava o recém-lançado, ele enviava um para cada residente.

Todas as mudanças na Irdin foram bem pensadas. As mídias digitais... ele sempre relutou, demoramos a entrar na era do celular porque dizia quanto isso interfere em nosso etérico, no do planeta, haja vista como estamos nos comportando hoje em dia com as mídias.

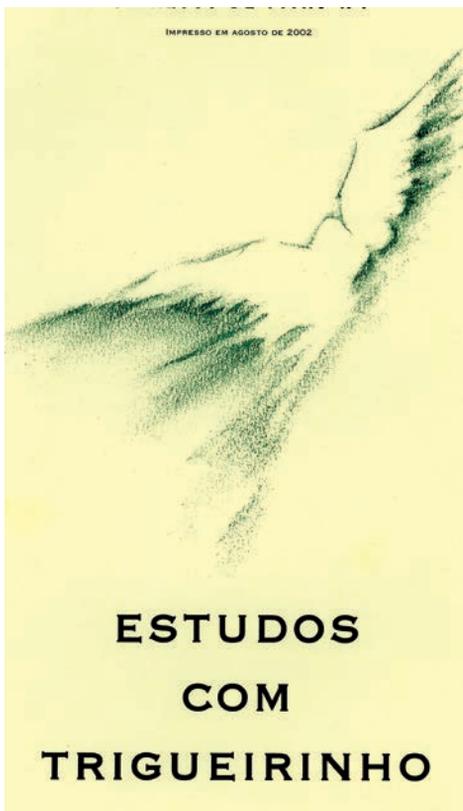
Minuto a minuto, segundo a segundo, tento vivenciar a instrução. A cada ato, a cada piscada, a cada olhar, tenho isso presente. Não que consiga...

Trigueirinho buscava a perfeição a cada passo, em cada tarefa, no cuidado extremo com detalhes. Ao mesmo tempo, era flexível. Sua liberdade de fala e exemplos pessoais surpreendiam ouvintes. Resumimos um caso que narrou em *Conversas com Trigueirinho*, nº 57, 2.2.2002:

Neste mundo a perfeição e a imperfeição estão sempre coexistindo, sempre junto, na mesma hora, no mesmo lugar. Característica deste mundo, que não tem nada completamente perfeito nem nada completamente imperfeito. O perfeito e o imperfeito são tão misturados que, às vezes, mal se vê o limite entre eles. Se você tiver olhos para a perfeição, vê a perfeição em qualquer coisa. Até naquilo que a sua mente diz que é o pior. E se tiver olhos para a imperfeição, vê imperfeição até nos deuses. Acredita? Porque se você olha, vai ver imperfeição ali também. Deus não é estático.

Querer que as coisas sejam perfeitas é uma proposta. Mas nunca vão ser. Eu queria uma prova concreta disso. Então fui andar no telhado da catedral de São Pedro, uma perfeição da arquitetura, para ver se era mesmo perfeito. Não era. Vendo de longe é aquela maravilha. Se visto de perto e de certos ângulos, tem uma coisa e outra fora do lugar. Aí fui curado.

IMPRESSO EM AGOSTO DE 2002



Basta! Naquela coisa perfeita, o imperfeito está dentro. E vice-versa. Na coisa imperfeita, tão suja, tão pecaminosa, o perfeito está ali dentro ao mesmo tempo.

Se você achar que está tudo perfeito, é um iludido. Se achar que está tudo imperfeito, é um iludido também. Na obra da Criação, é interessante ver tudo convivendo. Neste mundo é assim; não é assim em Vênus nem em Mercúrio. Diante daquilo que é positivo, você pode neutralizar a influência da outra parte, mas não fazer desaparecer. Se tem um trabalho a fazer, pode conseguir que o outro lado não crie obstáculo. Mas a imperfeição está inclusive no teu modo de trabalhar. Se a gente percebesse isso, o fígado ficaria sadio de imediato, rim, estômago, esses órgãos que ficam doentes porque não sabemos dessas coisas.

EXTENSÕES DE FIGUEIRA

Núcleos de serviço espiritual que buscam fortalecer a coligação dos participantes com o mundo interior. Oferecem-lhes um ambiente favorável ao recolhimento, à vigília, à oração e ao estudo. Cultivam a simplicidade, o silêncio e a ordem. As atividades práticas grupais e de serviço ao próximo visam a um serviço grupal amoroso que direciona a consciência ao Alto, em atitude de entrega.

Trigueirinho



NÚCLEO-LUZ EM BELO HORIZONTE

*Procurai a verdade saindo para novas buscas,
ignorando os costumes atuais, rompendo as
estruturas que vos atam a velhos conceitos —
buscai o vosso despertar aceitando a mudança
que vos conduz à verdade.*

ERKS, MUNDO INTERNO, Trigueirinho

CÉU AZUL, PROLONGAMENTO DE FIGUEIRA, *se propõe colaborar com o despertar do Homem Novo*, anunciou seu primeiro impresso, em 1990. O núcleo espiritual urbano adotou o nome do bairro em que se instala. O texto em tinta verde do fôlder segue: *O Céu Azul existe através da atuação de colaboradores voluntários que se aproximam em busca da vida interior, de novos padrões de conduta, da autodoação e do serviço. Oferece a oportunidade de se viver e de se trabalhar em grupo. Reuniões de estudos, audições de palestras gravadas, vigílias e vivências são realizadas em caráter de retiro e recolhimento. É mantido por doações espontâneas e não tem vínculos com instituições religiosas ou filosóficas.*

Trigueirinho começou a visitar Belo Horizonte em 1976, oito anos antes de o Núcleo se manifestar. A princípio, instruía buscadores em colóquios, e rapidamente outros foram atraídos, quando ele vinha de São Paulo trabalhar nos dois melhores hotéis da cidade.

Ao mesmo tempo, era inserido nos contatos da professora de ioga Ieda, seguidora que se tornou das primeiras residentes de Figueira, onde veio a chamar-se Maria e Madre Rosimel. A partir daí, foram-lhe sendo abertas portas em salas de ioga, salões de escolas e casas particulares.

Logo ele mostrou seu esmero em organizar retiros espirituais. Ao mesmo tempo, pela cidade formaram-se pequenos grupos para orar em silêncio e dar continuidade ao que ele propunha, até seu retorno. Anotou em agenda temas de 38 estudos dados em Belo Horizonte, entre março de 1979 e fevereiro de 1990.

Em 1980, um casal ofereceu parte da residência para o trabalho. Havia encontros diários pela manhã, ao meio dia e à tardinha para audição de música e leitura de textos espirituais. Aos poucos surgiam tarefas de tear, estudos sobre alimentação vegetariana e se montou a

biblioteca para empréstimo e consulta de livros. Com o falecimento do dono da casa, Hercília Vasconcelos e marido ofereceram um apartamento. Sob supervisão de Trigueirinho, dois membros se mudaram para o imóvel e, com o grupo, assumiram reuniões e cuidados de manutenção e harmonia.

Trigueirinho retornava à cidade três vezes ao ano, fevereiro, junho e novembro, ocasiões em que irmanava os grupos oferecendo-lhes cursos, além de prosseguir com as orientações individuais a quem solicitasse. Palestras públicas iniciaram-se em 1982, quando um salão com 500 lugares no Hospital Mater Dei lhe foi oferecido, e prosseguiram na Associação Médica de MG. Os dispostos a servir lançaram-se à crescente difusão do novo ensinamento em rádios e jornais e, a partir de 1988, 2 mil assentos do auditório no Minascentro eram preenchidos por um público sedento para ouvi-lo e se orientar sobre a caminhada interna que traz alento e dá sentido à vida.

Desde que ele indicou a construção de uma sede para o trabalho, recebeu ofertas de lotes para o propósito até, em 1983, uma colaboradora disponibilizar-lhe quatro. Logo foi analisá-los com um pequeno grupo, aprovou-os e se deu início à obra com profissionais do ramo, impulsionada por mutirões de colaboradores aos sábados e domingos.

Conta Mira, que a partir de 1985 coordenou o Céu Azul e o grupo Minas Gerais por 17 anos: *Nos lotes havia uma casinha velha, onde o grupo se reunia semanalmente para meditar e orar no intuito de ancorar a energia. A casinha tornou-se o barracão de obras e, bem adiante, local de distribuição de roupas. As primeiras construções eram feitas com tijolinhos à vista. No final de 1984 temos a Casa 1 pronta — dormitórios na parte superior e, na parte inferior, a recepção, biblioteca, secretaria e cozinha. Em seguida iniciamos a Casa de Meditação, obra redonda com um teto octogonal desafiador, depois chamada Casa da Harmonia. Nela acontecia nossa Vigília de 24h e tornou-se a Casa de Adoração ao Santíssimo, em 2017. Na parte baixa do terreno plantamos o horto medicinal com chás e ervas, a horta para uso da casa e pés de frutas como bananeiras e mangueiras. Sucedeu algo interessante. Definimos plantar um jardim em frente à Casa 1 e, ao se iniciarem os mutirões, descobrimos no centro do espaço uma Acácia Imperial, também chamada de Chuva de*



Ouro, por se cobrir de flores amarelas. Tiramos arbustos e, em torno da árvore criança, construímos um banco circular para encontros. A partir desse círculo surgiram canteiros de flores.

Em 1987, o instrutor promoveu no Céu Azul a reunião do primeiro Conselho de Figueira. Aí se hospedaram os doze membros, vindos do Rio de Janeiro, de São Paulo e da própria cidade, que colaboradores alojaram com alegria. Desde o início, o grupo belo-horizontino auxilia a materialização de Figueira, as construções, os plantios, e participa de partilhas e de todas as suas propostas. Mira prossegue: *Íamos em dois ônibus mensais e atuamos sobretudo na Vida Criativa até, mais tarde, assumirmos F3, num período intenso de serviço e de bênçãos.*

Atividades internas, externas e de serviço abnegado se intensificaram, estudos de aprofundamento dos livros de Trigueirinho e as audições de fitas. O Coral, criado em 1997, ainda prossegue os ensaios semanais e oferta apresentações musicais e de mantras.

Com crescente amor fraterno, desde 1988 se sucederam ciclos de auxílio a carentes. Em 1994, agregou-se outro lote e se elevou o galpão onde se instalou o Setor de Elaboração de Alimentos, SEA, uma grande cozinha com painéis industriais.

O Céu Azul recebia doações de restaurantes, de sacolões e, vindas do Ceasa, carretas entravam pelo portão para descarregar caixas de frutas e legumes. Parte do grupo distribuía o sopão diário em igrejas e, à noite, no centro da cidade e próximo a hospitais. Até que, em 2003, a Prefeitura da cidade, propondo a retirada das pessoas das ruas, solicitou a não distribuição, coincidindo com mudanças no Ceasa, que parou de doar. As painéis foram encaminhadas para Figueira, a tarefa se modificou, e o galpão tornou-se Sala de Oração.

Outro terreno foi ganho em 1995. Nele se ergueu a casa para monges que vinham dos sete Monastérios de Figueira, e ali se deram as primeiras vivências de retiros monásticos. A casa acolheu depois o Setor Saúde e Cura, SSC até a chegada do Monastério Porta da Paz, da OGM, em 2010. Enfim, em 2013, nela se instalou o Monastério Porta da Divina Misericórdia, feminino.

Na entrada dos anos 2000, comprou-se um lote para a Rede de Serviço distribuir alimentos *in natura* a necessitados da região. O local, ao encerrar a atividade, voltou-se para o atendimento ao Reino



Estimada Beth.
Picorelli;
esta é a Nossa Senhora
dos Países Latinos e
dos Andes, para Proteção
do Céu Azul.
Fraternalmente
Trigueirinho

Em 2017, Trigueirinho enviou a imagem e o bilhete: *Estimada Beth Picorelli, esta é a Nossa Senhora dos Países Latinos e dos Andes, para Proteção do Céu Azul. Comenta Beth: É uma face diferente de Nossa Senhora, com o Menino Jesus de cabelo comprido vestido como um ser feminino. Vimos que simbolizava a junta de sete mulheres coordenadoras do Núcleo, na época.*

Animal. E prossegue. Cachorros e gatos são recolhidos, tratados e postos para adoção por colaboradores que se revezam diariamente. Sobre cuidados ao Reino Vegetal, voluntários se revezam e, quando necessário, aos sábados há mutirões com presença do grupo jovem.

Já a Casa Luz do Caminho, vizinha do Núcleo Sagrado Céu, foi adquirida ao longo de 2008 pelo próprio grupo. Recebeu a Rede de Serviço atuando com oficinas para comunidades em torno, além de oferecer tratamento dentário e atendimento de escuta. O Setor Unidade de Cura nela prossegue atendimentos terapêuticos individuais. O encaminhamento de doações nela captadas avança. Já o Setor da Costura atende demandas do próprio Núcleo, e ainda as de Figueira e associações necessitadas. Com tecidos ganhos confecciona conjuntos de roupa de cama para prover hospedagens do Núcleo, além de fazer cortinas, consertos e reciclagem de peças em desuso.

No centro da capital, entre 2011 e 2020, uma colaboradora pagou o aluguel e as contas da Casa das Crianças, no bairro Santa Efigênia, para membros darem as mesmas oficinas realizadas na Casa Luz do Caminho, de costura, bordados, aulas de canto, terapêutica de artes plásticas, auxílio escolar e psicológico. O serviço foi interrompido quando veio a pandemia, período de revisões e mudança na forma de se estar e servir em grupo.

Em síntese, nove lotes doados ou comprados pelo grupo compõem o Núcleo Sagrado Céu, cujo nome inicial foi mudado em 2014, numa mensagem de Cristo, durante Sua aparição na Maratona da Divina Misericórdia, ocorrida no local.

Orientados pelo Monastério, todos se lançam em intensas liturgias, cujos pontos focais são vigílias diárias de Adoração ao Santíssimo e, no Salão de Oração, transmissões mundiais de eventos dos Mensageiros Divinos, abertas ao público.

O mestre, que com meticulosa delicadeza assistiu cada etapa do amadurecimento grupal através de telefonemas, correspondências, eventuais visitas, hospedou-se no Núcleo pela última vez em 2014: *A chegada dele era sempre uma glória*, conta sorrindo Beth Picorelli, que participa da coordenação geral desde 2011. *Trigueirinho recebia um acolhimento muito amoroso por parte de todos nós. Suas vindas eram valiosas, porque tinha o zelo de ir a cada canto das casas e dos terrenos verificando o que precisava ser corrigido, chamando-nos para mostrar.*

A presença física dele era linda, trazia-nos alegria curadora. Tinha uma vibração fantástica, que nos tocava. De certa forma, ele continua treinando-nos a viver o que viveu e nos ensinou a vida inteira, ou seja, o contato com os mundos internos. Sentimos que está aqui, próximo de nós, porque, se não estivesse, esta Obra não avançaria como tem avançado.

O Núcleo-Luz Sagrado Céu vibra, cresce em poder e alegria. Pessoas aproximam-se. E se transformam ao submergir na luz gerada pela devoção, o dinamismo, as flores e o céu azul que dissolve a escuridão.

NÚCLEO-LUZ EM SÃO PAULO

Diante do amanhã, a inteireza do Agora.

Diante da prova, a decisão de prosseguir.

Diante da Graça, os olhos voltados para o Céu.

Diante do que se acerca, a busca pelo que nele é sagrado.

Diante do que se afasta, a entrega à Sabedoria dos Caminhos.

CARTA DE TRIGUEIRINHO A THEREZINHA LUZZI, 1991

O GRUPO DE SEGUIDORES DESPONTOU EM SÃO PAULO EM 1976. Unido por laços internos, multiplicou-se na década seguinte, a partir da fundação da comunidade Nazaré Paulista e das palestras públicas de Trigueirinho em auditórios lotados. *É hora de arregaçar as mangas* — assim ele se dirigiu aos ouvintes em meados de 89, propondo a abertura de um Núcleo de serviço abnegado na capital, conforme indicação da Hierarquia.

No mesmo ano, tivera início o trabalho grupal na Casa do Planalto, cedida pelo casal Roberto e Kity Abutara, onde ocorriam reuniões de estudos, mantras, vigílias, retiros. Até esse ciclo se encerrar, em 18 de novembro de 1992, a casa sediou também um serviço semanal com crianças mongoloides, depois levadas por um ano até o Módulo da Vida Criativa, amorosamente preparado para recebê-las.

Em palestra no bairro Higienópolis, Trigueirinho anunciou que um terreno fora cedido na Granja Viana. Quando uma grande fazenda fora loteada, Therezinha Luzzi e o esposo adquiriram um fragmento exuberante de Mata Atlântica com 16.155,14 m². Em suma, no dia 19 de abril de 1990, uma quinta-feira, assinou-se um comodato inicial de 15 anos, renovado até os dias de hoje.

Vizinhos demoliam velhas casas e entremeavam árvores do terreno em declive com restos de obras, pedaços de concreto, tijolos, feragens. Assim que ele foi cedido, agendou-se um dia, e cerca de dez pessoas iniciaram a limpeza. Trigueirinho participou da tarefa exaustiva. Deu o tom e o exemplo para mutirões dos anos seguintes. Em ação reverente, fez-se um círculo na abertura e no encerramento para uma breve conexão com o Alto e para orientações práticas. O instrutor poderia ter passado as instruções e ido embora. Mas não. Descia e subia a encosta empurrando um carrinho de mão com entulhos.

Dispostos a expressar o novo padrão de vida, dezenas de pioneiros, guiados por coordenadores, vieram a participar dos mutirões evolutivos. Em automóveis, depois em ônibus fretados, levavam lanche, água, botas, ferramentas e alegria. Destinaram uma clareira com sol pleno para o cultivo. Montaram a Sala Verde com bancos ao ar livre, que ainda recepciona encontros. Instalaram-se caixas de abelhas.

Veio a obra da sede, a Casa 1, com salão, refeitório, dormitórios, biblioteca, livraria, lavanderia. Maria, a Madre Rosimel, tornou-se a primeira residente, seguida de outra zeladora, Íbis, a Madre Anastácia. Para a sede trasladaram-se vigílias, orações, retiros que ocorriam na Casa do Planalto. Também a Secretaria — trabalhos administrativos até então exercidos por colaboradores nas próprias residências.

A filha de 8 anos de uma servidora sonhou com o Núcleo. A Casa 1 pegava fogo. O grupo estava todo lá, e as pessoas entravam e saíam entre as chamas sem se queimarem. Ninguém se agitava. *Mãe, mande o sonho para Trigueirinho*, pediu a menina. O sonho transformou-se em partilha. Era 1995. Ele explicou que o incêndio não era físico e o sonho, um prenúncio. O Núcleo seria o Monastério nº 7 de Figueira, do Ioga do Fogo, o *Governo de Si*. Misto e itinerante, da Linhagem Governantes, combina doze Atributos de 1º e de 3º Raios.

A menina que, no Núcleo, gostava de estar em bancos branquinhos rodeados de flores, voltou a sonhar. Ali se abriu um túnel, em que ela entrou e foi sair em F2. *Mãe, envie o sonho para Trigueirinho*. Na visita seguinte ao Núcleo, o instrutor pediu que a menina lhe mostrasse o local exato da entrada do túnel e, naquele ponto, indicou se erguer a Sala de Oração, hoje Sala de Adoração ao Santíssimo.

A vida no Núcleo baseia-se na ajuda desinteressada, informal e sem custo em benefício de necessitados, ao cuidado de animais abandonados, à recuperação do solo, ao plantio orgânico de espécies vegetais, à vivência do vegetarianismo. Por outro lado, desenvolve o estudo e difunde a instrução filosófico-espiritual, que o grupo busca vivenciar. Divulga e disponibiliza obras filosóficas como livros, CDs de palestras, filmes, boletins, materiais de pesquisa.

A Rede de Serviço sequer tinha esse nome quando o grupo, em 1994, iniciou uma doação concomitante à realizada em Figueira. Às quintas-feiras, cedíssimo, membros subdividiam-se e saíam para recolher frutas e legumes que supermercados descartariam. Após pré-selecionar,



levavam o material para a Granja Viana. Montavam sacolinhas e as distribuíam na vizinhança, onde reinava a pobreza. Na retaguarda, outra parte do grupo orava para proteger e sustentar os servidores.

Atuavam também em um asilo das irmãs de caridade de Madre Teresa de Calcutá, aos sábados pela manhã. Substituíam as freiras nas tarefas para elas se recolherem, descansarem e rezarem. Lavavam à mão a roupa de cama dos velhinhos e serviam-lhes o almoço.

Em 16.6.2003 reacendeu o impulso abnegado e se abriu a Casa de Serviço na Vila Mariana. Em média 60 colaboradores recebiam e distribuíam alimentos, vestuários e utensílios a moradores de rua e albergues, subempregados, pacientes e familiares encaminhados por serviços de assistência. Propiciavam-lhes almoço, atendimento médico, psicológico e fonoaudiológico, aulas de computação, tear, arteterapia, apoio jurídico. O serviço cresceu em 2005 acolhendo pacientes de hospitais da região e oferecendo hospedagem a quem não residia em São Paulo. Em 2009, médicos e terapeutas vieram a cooperar com entidades beneficentes. A atividade se encerrou após intensos 8 anos, em outubro de 2011.

A conexão espiritual se aprofundou com a chegada, nesse ano, do Monastério da Divina Trindade, feminino, da Ordem Graça Misericórdia. A partir daí, colaboradores e residentes se unem às monjas para encontros diários de oração e adoração ao Santíssimo.

No ano seguinte veio a assistência a crianças, jovens, adultos e idosos de um bairro vizinho. Então se atendeu a um pedido de Trigueirinho de levar crianças ao Núcleo para ações com plantas, música, reforço escolar. Ao final, elas tomavam um lanche vegetariano.

Uma colaboradora paulista tomou coragem e, após uma partilha em Figueira, rompeu o silêncio de Trigueirinho: *Qual o valor de atividades simples como cantar, desenhar, ouvir e acolher crianças carentes?* Ela diz: *Ele me fixou bem nos olhos e disse que essas crianças seriam as luzes futuras da comunidade em que vivem. Percebi, pela gravidade do tom, o alcance oculto das tarefas que realizamos.*

Em uma das aparições da Virgem Maria no Núcleo, Ela o denominou *Sagrada Casa de Maria, Mãe Paulista*, através do vidente Frei Elías del Sagrado Corazón de Jesús. Em decorrência da atividade de serviço grupal desinteressado ao próximo e aos Reinos da Natureza, foi aceita, em 2016, a existência jurídica da entidade *Associação Núcleo-*

9/5/2016

9/5/2016

Querida
Therézinha,
Como mãe na Terra deste
Núcleo-Luz em São Paulo,
envio-lhe cópia do documen-
to que os Gestores e os Conse-
lheiros estão recebendo.
Certamente você avaliará a
importância espiritual deste
Grupo, responsável por tarefa
de imprevisível repercussão
diante da Transição Plane-
tária que já dá os seus sinais.
Na Irmandade Cósmica, seu
irmão Trigueirinho,
Sempre grato
por tudo.

Querida Therezinha,
como mãe na Terra deste
Núcleo-Luz em São Paulo,
envio-lhe cópia do documento
que os Gestores e os
Conselheiros estão recebendo.
Certamente você avaliará
a importância espiritual deste
Grupo, responsável por tarefa
de imprevisível repercussão
diante da Transição Planetária
que já dá os seus sinais.

Na irmandade cósmica,
seu irmão

Trigueirinho,

Sempre grato
por tudo.

-Luz de Figueira em São Paulo – Sagrada Casa de Maria, Mãe Paulista.
A associação civil de fins não econômicos, de caráter filantrópico, filo-
sófico-espiritual, beneficente, cultural e ambiental tornou-se uma das
filiações da instituição de cunho federativo Fraternidade – FFHI.

Por razão da abertura da entidade, em 9.5.2016, Trigueirinho
enviou uma correspondência aos gestores e ao Conselho Fiscal. *Mui
queridos e antigos irmãos em Cristo, lê-se nas primeiras linhas, sintam-
o-nos em júbilo cósmico por estarmos confirmando nossa tarefa diante
da Hierarquia Planetária junto a esse Núcleo-Luz. Que os Céus nos pro-
tejam, tendo nós plena consciência dos momentos críticos que o Planeta
atravessa, e assumindo a responsabilidade por tudo o que significará a
situação da região de São Paulo durante a transição da Terra.*

A Virgem Maria indicou que o grupo revitalizasse seu aspecto do
serviço, em 2017. As atividades logo migraram para o Salão Comuni-
tário de uma igreja em Carapicuíba. Para crianças ofertaram-se: teatro,
contação de histórias, alfabetização individual, leitura livre e lúdica,
desenho, tricô, crochê, tear, brincadeiras. E o Setor Saúde e Cura fez a
pesagem delas. Os familiares eram acompanhados em consultas médi-
cas, exames, cirurgias, avaliações oftalmológicas. Foram-lhes doados



óculos, alimentos, vestuário, brinquedos, móveis. Receberam consultoria advocatícia e em reformas de residências. Por fim, o grupo fretou ônibus, e as famílias visitaram, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, as Comunidades-Luz Figueira e Nova Terra. Enfim, após realizarem dinâmicas sobre cuidados preventivos ao contágio dos vírus da Covid-19, e da gripe, encerraram os encontros ao final de 2019.

Intermediado por lideranças comunitárias, o Setor Serviço hoje fornece a famílias carentes cestas básicas compostas por alimentos perecíveis e não perecíveis, além de itens de limpeza e de higiene.

Apesar de a pandemia impor a frequência de menor número de colaboradores, o Setor Reinos arejou com podas a mata preservada, que cobre 90% do terreno; produziu e nutriu com adubo orgânico a agrofloresta, a horta, o pomar, canteiros de flores. As colheitas foram uma festa: repolhos, ervilhas, milho, hortaliças, laranjas, bananas, acerolas.

Naquela carta de 9.5.2016, ele escreve ainda: *Como num recente passado Maria entronizou sua Imagem nos jardins desse Núcleo-Luz, poderemos estar certos de Sua Presença nesse lugar, irradiando Seu Amor e suas melhores vibrações para quantos estiverem coligados com as Suas Maternais tarefas durante situações emergenciais e imprevisíveis.*

Trigueirinho tudo acompanhava à distância. Em raras idas, dava palestras para os membros, respondia-lhes perguntas e os instruía sobre aspectos pontuais do Núcleo-Luz. Algumas vezes, ali se hospedou.

Seu ser era observador, silencioso. O andar e movimentos, serenos. A fala, apesar de intensa, acalmava-nos. Trazia algo que não era da Terra. O conhecimento, além das capacidades humanas regulares, transmitia a segurança da experiência vivida, diz um gestor, e acrescenta: Quando seu olhar se cruzava com o nosso, parecia atravessar camadas profundas e ler nosso interior. Causava certo impacto. Ele disse, que, para São Paulo, o Núcleo significa uma janela aberta para o Céu.

NÚCLEO-LUZ EM SÃO CARLOS, SP

*São Carlos — cidade... Naquela região há um portal,
há uma entrada para um outro tipo de vida, para um
outro espaço... não percebemos ainda a energia disponível
em toda a região... sintetizada, ancorada naquele Núcleo,
na sua parte interna, na sua parte invisível.*

CONVERSAS Nº 572, Trigueirinho

PONTO DE LUZ, RESPIRO PARA A ALMA, diz quem atravessa os portões da *ilha de salvação*, como Trigueirinho considerava o Núcleo-Luz. Beleza no jardim, acolhimento no banho ao ar livre com cristais, vibrações de ordem e reverência nos ambientes. E um doar-se *bonito de se ver*.

Servidores de vinte cidades do interior de São Paulo, reúnem-se na sede a monges, residentes, missionários e hóspedes. Alcançam níveis mais sutis da consciência conforme se entregam ao Plano da Hierarquia, cumprem a liturgia diária e suprem tarefas. Aos sábados há mutirões. *Aqui todo mundo faz de tudo, atende o portão, cozinha, lava, rega horta e jardins, cuida dos animais, carrega tijolo e madeira, limpa calha do telhado, corta galho de árvore, recolhe doações, doa, compra, busca alimento na feira, cuida de enfermos, faz caminhadas e faculdade, toca o sino. O que nos sustenta são quatro encontros de oração grupais diários.*

Os pioneiros se encontraram a partir de 1987, atraídos por ensinamentos de Trigueirinho. A princípio, em São Carlos, reuniam-se para audição de cassetes em residências, chácaras, escolas, centros esotéricos e restaurantes até um participante ceder-lhes uma casinha no bairro Villa Nery, carinhosamente chamada *gruta de São Francisco*. A pulsante vida grupal se espelha em Figueira, a matriz inspiradora. Desde então, o grupo dedica-se ao campo da cura, portal que respeitosamente cruza. Um fundador recorda: *Ao chegar à casinha éramos envolvidos pelo silêncio e o grupo se aquietava por 15 min. Havia atividades intensas de atendimento. Cultivávamos ervas para dar andamento a um laboratório natural. O primeiro tratamento que recebi foram sete compressas no fígado, eu sofria de enxaqueca. Oferecíamos pedilúvios, banhos ao ar livre e de imersão, sono ao ar livre, vigílias permanentes. Juntos estudávamos partilhas. Médicos e psicólogos participavam, iam a Figueira ser orientados por Dr. José Maria Campos, o Clemente.*

Há três décadas os servidores visitam a comunidade-mãe, referência de ser e de agir que lhes indica passos futuros. Ali participaram de encontros com a vida monástica, ritmos no trato das bananeiras, mantras às três da manhã. Ao surgirem as Aparições da Mãe Divina, em 2011, para lá viajam em ônibus peregrinos e automóveis.

Desde a fundação da cidade de São Carlos, a região foi um canal de cura manifestado antes de Mirna Jad, afirmou Trigueirinho ao saber, de uma das mais antigas colaboradoras, a seguinte história: a esposa do Conde de Pinhal aprendera medicina natural com a mãe alemã e tudo renovou em sua fazenda. Fez um horto medicinal e *cuidou de escravos enfermos com as próprias mãos, preparando-lhes chás, compressas, cataplasmas*. A pedido da condessa, o conde permitiu que eles participassem, de longe, da missa celebrada mensalmente na capela da Casa Grande.

Em 1999, um membro iniciou a busca de uma sede própria. Após um mês de esforço infrutífero, proclamou que desistiria naquele dia. Ao visitarem mais um imóvel, a coordenadora pediu um sinal. Elevou o *olhar ao céu, e três pássaros o sobrevoavam em círculo*. A linguagem simbólica indicou: *esta é a casa!* Graças ao empenho de colaboradores de doze cidades, adquiriu-se a extensão de Figueira no Jardim Bandeirantes, São Carlos, primeiro sob regime de comodato e juridicamente constituída como Organização da Sociedade Civil, em 2015.

Formou-se a área verde, a biblioteca-livraria, locais de hospedagem, salas de preparo, e o intenso atendimento no Setor Saúde e Cura prosseguiu. Foi Clemente que, em 2009, deu o impulso para ocorrerem curas mais profundas: *Vamos implantar retiros*. Um fim de semana ao mês se criava a atmosfera sublime do serviço anímico. Os inscritos eram conduzidos aos quartos, no sábado, com a indicação de estarem em paz consigo mesmos. Encontravam cama posta, toalhas e roupão brancos, cestas com frutas, garrafa térmica com chá, jarra de água. Para cada retiro era proposto o trabalho com um atributo do Monastério de Figueira e um quadro de Nicholas Roerich. *Aplicávamos procedimentos terapêuticos no próprio quarto, às 17h, em oração*. O toque de um sino avisava quando as refeições eram postas sobre um banquinho fora da porta. No domingo, após se recolherem depois do almoço, os atendidos participavam do encerramento no Salão, às 15h. Agradeciam. *Nunca voltei a ser a mesma!* Despediam-se, mas atendentes permaneciam harmonizando os recintos.



O verbo cantado se uniu ao serviço da cura. *O coral foi o fogo que manteve acesa a chama do Núcleo.* Por anos, colaboradores viajavam de suas cidades para ensaiar e estudar na sede. Ao trabalhar com sons, afinavam a paciência, arrancavam pela raiz estados internos primitivos. Na fase inicial apenas entoavam atributos do Monastério de Figueira, aos sábados, acompanhados de violão. Anos mais tarde, após a chegada do Monastério da OGM, visitaram famílias e grupos para juntos cantar.

Em júbilo durante um Encontro Geral de Figueira, o coro se somou a 140 coralistas vindos de diversos estados brasileiros e de outros países. Louvaram o Criador no palco de F2, e a vibração se irradiou bem além da plateia. Noutro EG, sessenta cantores vestidos de branco encontraram-se no Pátio de Grãos. Os primeiros raios de sol douravam a roupa da fila silenciosa subindo em direção ao auditório. *Parecíamos um sol!*

A Instrução é a alma da Obra, traz chaves para alcançarmos outro grau de consciência. Trigueirinho se sentou na varanda da sede para instruir membros em 17.2.2000. Um vento forte com chuva lavou o velho e trouxe o novo, e se foi somente após ele transmitir o conhecimento. Já em 4.4.2002, movimentou grande número de ouvintes ao proferir uma palestra pública em um clube. Em visita três anos depois, impregnou com seu verbo quem o ouvia no atual Jardim da Mãe Divina.

Outros palestrantes de Figueira discorriam em escolas, auditórios, no próprio Núcleo. Clemente, sobre o preparo de medicamentos sutis e os *Sete Hidratos Solares*. Em resposta ao convite de Trigueirinho, palestrantes de São Carlos tomaram a estrada até Figueira para apresentar o estudo *A Luz no Núcleo de Figueira*, na VC, numa quarta-feira às 6h, assim como haviam feito os Núcleos de BH e de SP.

O grupo abraçou múltiplos serviços na primeira década do século XX. A Biblioteca Viva, um sábado ao mês *dedicado ao estudo reflexivo e prático para ampliar a consciência*, sobre temas como som, árvores, água, flores, animais, alimento. Distribuía cerca de 500 exemplares do periódico *Sinais* em portas de teatros, universidades, bares e hotéis. Promovia audições públicas mensais na Biblioteca Municipal, restaurantes, escolas, centros de estudos esotéricos. Oferecia livros de Trigueirinho a bibliotecas públicas e estabelecimentos em São Carlos e noutras cidades. Doava livros de bolso. Levava a Biblioteca Ambulante, *uma caixinha com livros e folhetos*, a diversos locais, inclusive a eventos artísticos. Disponibilizava CD's Peregrinos em estabelecimentos comerciais, com a orientação de ouvintes escutá-los e os passarem

adiante. Organizava feiras de livros nas cidades, em shoppings, tendas, universidades e em frente ao Núcleo, eventos que atraíram pessoas que se encontram na Obra. Duas vezes ao mês levava livros para detentos em presídios de cidades vizinhas. Servidores iam a rádios perguntar: *Você passa um trechinho desse CD às seis da tarde?* Algumas aceitavam!

Hoje seguem conectados com a fonte inesgotável de sabedoria através do instrutor Frei Luciano, que lhes leva conhecimento por meio de partilhas no Núcleo ou em palestras públicas na cidade.

Em 2013, a Mãe Divina apareceu quatro vezes na região, em São Carlos, em Campinas e duas em São José de Rio Preto, quando anunciou a fundação do Monastério da Transfiguração, no Núcleo, cuja tarefa seria acompanhar grupos orantes que surgiam na região. Noutra Aparição, de 13.3.2015, Ela denominou a sede como Núcleo-Luz de Figueira em São Carlos Imaculada Casa do Alívio do Sofrimento. E, em 21.9.2016, indicou a fundação do Hospice Casa de São Lázaro.

Acompanhado e regido por Hierarquias curadoras, como o Sacerdote Sohín e Murielh, o Padre Pio, a vocação do Núcleo como fonte de cura aprofunda-se conforme os membros avançam nos processos da unidade, da entrega e da vivência de leis superiores.

A chegada do Monastério em 2014 *foi alegre como encontrar água num deserto*, pois o Núcleo vivia um período de tarefas reduzidas. Antigos colaboradores retomaram os ritmos, atraídos pela liturgia renovada, os cânticos, o entusiasmo de servir. Mais oito cidades aderiram ao trabalho, somando vinte: Amparo, Araras, Batatais, Brotas, Campinas, Catanduva, Descalvado, Franca, Jaú, Limeira, Marília, Mogi-Mirim, Piracicaba, Pirassununga, Porto Ferreira, Ribeirão Preto, São Carlos, São José do Rio Preto, São Roque, Serra Negra, Sorocaba.

O Monastério passou a visitar os grupos das cidades. Ao intensificar o convívio, apoia as distintas formas de cada local servir a asilos, hospital psiquiátrico, aos Reinos da Natureza.

Dois servidores foram treinados para estar na Missão Emergência Chile, em 2017, quando incêndios florestais marcaram o país com um rastro de destruição da vida vegetal, animal e onze vítimas humanas. Além dessa convocação, a Fraternidade - Missões Humanitárias (FMHI) aporta missionários para apoiarem o Núcleo.

A partir de 2015, o grupo prestou atendimentos médicos, odontológicos, terapêuticos. Serviu em clínicas de recuperação de adictos. Teve encontros de oração e música com enfermos. Criou campanha para arrecadar e distribuir alimento e vestuário. Promoveu limpezas urbanas e em margens e águas dos rios. Conduziu mutirões de plantios orgânicos, de árvores. Assistiu mais de mil animais por mês. Ofereceu ciclos de palestras que colaboram com os Reinos Vegetal e Mineral.

A vibrante vida grupal atraiu novo ciclo. Concentrou-se em dois projetos, o *Hospice Casa de São Lázaro* e o *Programa Fraternal Servir*. Nesse último, em um bairro da periferia de São Carlos, monges, residentes do Núcleo, membros da Rede-Luz e colaboradores realizam atividades diárias com crianças, adolescentes e seus familiares, como curso de informática, musicalização, palestras temáticas, atendimento psicossocial. *O objetivo é a inclusão social por meio do acesso à informação e à capacitação, do resgate de valores humanos e culturais, e do estímulo à permanência dos participantes em instituições de ensino, o que eleva a interação sociofamiliar e promove o bem-viver.* Graças ao projeto, o Núcleo se cadastrou em mais de uma entidade de defesa dos direitos humanos do estado.

Avançando na aprendizagem altruísta, foi indicado ao grupo dar ainda mais de si. O Hospice Casa de São Lázaro logo, no tempo do Altíssimo, estará atendendo. Tem a missão de assistir pacientes com doenças que ameacem a continuidade da vida. Serão tratados com cuidados paliativos multiprofissionais, no intuito de aliviar-lhes todas as dimensões do sofrimento e de ampará-los no momento da morte.

Terá sete pavimentos e atuará em quatro eixos: unidade de interação, unidade de pediatria, unidade de agudos e centro de convivência. Nesse último, assistirá familiares dos pacientes para, sentindo-se acolhidos, perceberem o sentido e o valor do momento de perda e dor que atravessam. O serviço tem como meta suprema inspirar os seres a estar em permanente oferta a Deus.

A cura leva à união verdadeira daquilo que está em cima com o que está embaixo. Conforme as monjas rompem os próprios limites e vencem etapas do caminho de ascensão, impulsionam a rede de servidores a darem passos no amor. Almas afins vão-se curando e juntas se integram à família universal. No Núcleo-Luz ascendem pela ponte da sagrada evolução.

FIOS DE OURO

Eis aqui o Senhor da Árvore da Vida, que vem renovar a Árvore da Figueira, que vem trazer-lhes, neste momento, suas origens e seus princípios, as bases que foram fundadas através dos autoconvocados, dos que escutaram o chamado e a mensagem através da Instrução, que ressoou permanentemente através dos tempos e, ainda que não saibam, isso ecoou nas estrelas desde a ascensão do seu instrutor e mestre José.

Cristo Jesus

3.5.2023



Nascer do Sol na direção da Casa I, desde 2010, sede
da Fraternidade - Federação Humanitária Internacional
Carmo da Cachoeira, MG. 5.9.2006, às 7h15

JOSÉ TRIGUEIRINHO

Este planeta está destinado a ser sagrado, com a humanidade consciente em sua superfície. A Terra de hoje é apenas uma sombra do que está destinada a ser.

Trigueirinho

QUEM FOI JOSÉ TRIGUEIRINHO? Uma relíquia, um mestre da humanidade. A nosso lado viveu essa Hierarquia encarnada, que se responsabilizou pessoalmente por cada um dos que atraiu para o caminho que representa. Todavia, não se doava apenas ao grupo com que lidava diretamente. Presença chave no trânsito da Terra para tornar-se um planeta sagrado, tudo fazia visando ao despertar dos seres humanos.

Representante da energia crística, estava ao lado do Filho Solar, Cristo Jesus Glorificado, durante Sua Aparição extraordinária, com mensagem transmitida ao vidente Frei Elías del Sagrado Corazón de Jesús, no Centro Mariano de Figueira, para a 113ª Maratona da Divina Misericórdia, em 3 de maio de 2023. Disse o Mestre dos mestres:

Eu não podia esperar muito tempo sem voltar ao Brasil, porque este lugar foi digno ao receber-Me e aceitar-Me, ao reconhecer o Meu chamado e segui-lo desde a fundação desta Comunidade-Luz Figueira. Eis aqui o Senhor da Árvore da Vida, que vem renovar a Árvore da Figueira, que vem trazer-lhes, neste momento, suas origens e seus princípios, as bases que foram fundadas através dos autoconvocados, dos que escutaram o chamado e a mensagem através da Instrução, que ressoou permanentemente através dos tempos e, ainda que não saibam, isso ecoou nas estrelas desde a ascensão do seu instrutor e mestre José.

Hoje ele está aqui presente Comigo para que possam vislumbrar e contemplar internamente que é possível viver a transformação e a redenção. Através do José, Eu estive presente aqui durante muito tempo, em cada momento de Instrução como em cada momento de manifestação desta Comunidade-Luz e de outras, em cada labor diário e em cada momento compartilhado. ...Este lugar para Mim sempre será um Templo Sagrado onde Deus, através de Suas Hierarquias e de todas as Suas ferramentas, depositará a esperança para o mundo, uma esperança que traz o Amor de Deus, o consolo e a renovação para as almas.

Fios de ouro unem o mestre ao discípulo através do amor que flui e se irradia pelas diversas dimensões, dos níveis materiais a níveis cósmicos superiores. Gratidão e saudade Trigueirinho deixou em muitos dos que tiveram a honra de escutá-lo ao vivo, de colaborar ombro a ombro com ele e até mesmo em quem o conhece hoje e se deixa transformar por sua instrução e feitos.

As sementes que lançou abrangem desde quem está em etapas preparatórias até os que estarão em etapas posteriores à atual transição planetária, futuro da Terra que ele descreveu com detalhes.

Ao longo dos anos, ele ganhou filhos espirituais mundo afora e muitos amigos, muitos, pois era capaz de compreender o interior de cada um. Mantinha contatos e correspondência fiel. Um amigo, como símbolo de todos, recorda vivências em comum:

ROBERTO ABUTARA Vou iniciar o meu relato falando sobre a alegria. Alegria por todas as hospedagens de José aqui em casa. Alegria ao vê-lo descer a escada para as refeições, sorrindo, e ir direto para a cozinha conversar com nossa secretária – até hoje ele lhe traz lembranças saudosas.

Conheci José em 1988. Ele sabia que eu não gostava de suas partilhas. Até um dia... Ele estava sozinho no auditório. Eu, na outra ponta, olhava para ele e via algo diferente. Ele era outro. Quando o levei para casa, perguntei-lhe o que acontecera. Então falou que tinha sido transmutado!!!

Daí para a frente fomos companhia constante um para o outro, numa vivência real, eu recebendo instruções. A primeira delas foi para coordenar o Grupo de São Paulo de Apoio a Figueira.

A vida com José foi dinâmica. Percorriamos as editoras de SP, em especial a Pensamento, onde ele ficava horas conversando, rindo com Diaulas Riedel, que era o dono. Num momento de descontração, Diaulas me perguntou se eu acreditava em tudo que José falava. Nas editoras de Buenos Aires era igual. Ele desenvolvia os trabalhos de publicação mais pela amizade do que comercialmente falando.

Nos aeroportos, já sabia de tudo antes mesmo de nos localizarmos. Dávamos risada.

Um fato aconteceu enquanto almoçávamos na *Esquina das Flores*, em Buenos Aires. Ele me disse: *Está vendo? Ali em frente está uma Hierarquia de Aurora sentada*. Era Maia.

Quando saíamos de carro, de casa, várias vezes me apontava pessoas que tinham desencarnado andando por minha rua. Tudo muito fascinante!

Esperava com ele no aeroporto o grupo da Carol Parrish, para ser levado até Figueira. E quando ficávamos sozinhos na Van, ele saía de onde estava e vinha para meu lado. Respondia com precisão todas as minhas dúvidas e perguntas.

Muitas vezes, perdia a paciência. Ficava *bravo*. Mas nos 18 anos de reuniões do Conselho, de que participamos juntos, apesar dos encontros serem longos e exaustivos, ele apoiava cada um de nós todo o tempo.

No início dos trabalhos em F2, dormíamos em barracas, ele, eu e minha esposa Kity. Passeávamos pela área, e ele nos falava sobre níveis de consciência acima de nós, como a Cidade de Figueira. Sempre nos ensinava. Sobre as construções de F2, como as do monastério, do alojamento, do auditório, dava a última palavra, apesar de aceitar ideias de todos. E não errava.

Um momento em que nos apoiou, foi quando a Kity escreveu o livro infantil *Biba, a formiguinha*. Gostou muito.

Todas as vezes em que dava palestras aqui em São Paulo, no Memorial da América Latina, assim como no Teatro Colón, em Buenos Aires, o número de pessoas superava a expectativa.

Outro fato interessante foi quando confeccionamos a medalha de *Mãe da Divina Conceção da Trindade*. Eu tinha comigo só um modelo. Estávamos no aeroporto e mostrei-lhe para que a aprovasse. Segurou-a, passou-a entre os dedos e guardou-a para si; era a primeira, e única que eu tinha.

Momento marcante foi quando, uma semana antes da passagem dele, ficamos juntos em silêncio, olho no olho por 30 minutos, sem dizer uma palavra.

Sinto falta dos seus telefonemas três vezes por semana, às 6h. Nós nos divertíamos falando sobre algumas pessoas, sempre em nível de puro amor.

Tivemos um grande instrutor, que nos servia a qualquer hora e em qualquer circunstância. Com certeza, ele nos acompanha. Honremos sua memória. Amém. Amém. Amém.

Difícil saber o que a chama ardente de amor fraterno dos olhos profundos do instrutor escreveu nesse discípulo, durante os 30 minutos em silêncio olhando-se olho no olho. Guiou tantos outros através de trocas mais ou menos longas de olhar. Trigueirinho instruíu por dentro.

Falava à alma e ao espírito de forma telepática. Ainda hoje se faz presente através de sonhos, em que alerta seguidores para tomarem certos cuidados. O fio de ouro que une mestre e discípulo não se rompe.

Muitos ouvem diariamente uma palestra dele no celular, em *laptops* ou em telas grandes da TV. Acompanham seu gestual, a voz pausada, se estava frio ou calor no dia da partilha, se usava cachecol e casaco ou apenas colete. Os ouvintes se acalmam ao compreender algo, sentem harmonia, encontram clareza, um impulso para se renovar, como na frase: *ame o outro independentemente dos defeitos dele.*

O que faz uma Hierarquia? Visa ao bem. Por ter leitura interna, vê a luz espiritual resplandecer mesmo em pleno breu, no fundo de uma consciência. Essa alta luz Trigueirinho ressaltava com ardor. Encerremos este volume como o fez na obra *Os Números e a Vida*, visto que o comentário se aplica perfeitamente a ele próprio: *O que seres como Sri Aurobindo materializam é uma mínima parte do seu verdadeiro trabalho. Mesmo que se tenha profunda gratidão por suas realizações, pouco se vislumbra do imenso valor de sua presença entre os homens.*

Com sabedoria e humildade, Trigueirinho cumpriu a parte que lhe correspondia na Operação Resgate, o que impeliu o avanço do Plano de Deus no planeta azul.

HUAMANAYKHA SHIMINIKA

ANEXOS

GRATIDÃO

A gratidão profunda por Trigueirinho foi uma e outra vez ressaltada pelos participantes do livro. Conforme consta em seu livro *Mensagens Reunidas*, a *gratidão transforma-se em tochas ardentes. Irradiadoras de luz.*

Gratidão ao Conselho de Guiança Permanente, que me convidou a escrever a obra *Conversas sobre Trigueirinho*. Os integrantes do Conselho, monges da Ordem Graça Misericórdia Madre María Shimani de Montserrat y de la Preciosísima Faz de Cristo, Frei Luciano da Puríssima Mãe, Madre Maria do Salvador do Sagrado Coração e Frei Supremo do Rei Jesus, sustentam a vida espiritual e apoiam a vida prática da Fraternidade - Federação Humanitária Internacional (FFHI), associação civil sem fins lucrativos, instituída em 2010, e hoje com 27 filiadas — entre elas, a Comunidade-Luz Figueira.

Gratidão a seguidores de Trigueirinho, que erigiram e suprem a Obra. A voluntários que por amor ao mestre e a Figueira cooperaram na construção do livro com centenas de horas de reflexões e vivências e parte das 340 imagens, impressos, fotos, cartas. A Teresinha Pires, revisora de texto com quem percorro o caminho literário a um setênio. A Vanilda Gontijo, pelos desenhos de residências de Trigueirinho na comunidade e por várias plantas. A Anália Calmon da Matta Machado e Eduardo Lima Batista, sempre disponíveis. A Beth Picorelli, Santo Luizes Campos, Madre Cleonice e Irmã Martzthá, representantes dos Núcleos-Luz de Figueira em Belo Horizonte, São Paulo e São Carlos, que coletaram dados e fotos de seus membros. Ao Frei Francisco da Pobreza de Deus, que colaborou com alguns retratos. À Irdin Editora, ao produtor editorial Irmão Juan Gabriel, ao coordenador operacional Evandro Oliveira Leite, à revisora final de textos Fádía Maria Ramos Gonzalez, à revisora gráfica Alice Keiko Taira. Gratidão especial pela alegria da vida familiar e a dádiva da vida grupal! E aos auxiliares invisíveis, que enviam sinais e abrem caminhos.

Que as tochas ardentes da gratidão se multipliquem através dos leitores.

ÁREAS E CASAS

Comunidade-Luz Figueira

Fraternidade – Federação Humanitária Internacional

Casa Luz da Colina

FI

- **ÁREA LUZ** / nome original: **CASA DO EUCALIPTAL**

Galpão de serviços, Casa do Eucaliptal e as casas de costura, da administração e quatro de hospedagem, que hoje abrigam um monastério feminino.

- **ÁREA DA VIDA CRIATIVA**

Módulo, galpão, iglus, casa da fomalha ou da farinha, casa do pomar ou da horta, padaria, cozinha. O Bosque do Pêndulo (atrás dos Iglus) e o Lago, com área de banhos, são marcos importantes na contemplação e no restauro.

- **CENTRO MARIANO**

Casa do Peregrino, Casa da Recepção e, na Colina das Aparições, Casa Imaculada Paz, Ermida do Cristo Glorificado, Campanário, Portal da Paz, Fonte de São José.

- **ÁREA DA SAGRADA CASA IRMÃO PIO**

Outros nomes: **CASA DO PÁTIO** e **ACOLHIMENTO DA ESPERANÇA**

Monastério masculino, setor financeiro da OGM, 7 Casas, Casa Imaculado Coração (nome original: **CASA DO IPÊ**), Associação Maria (nome original: **CASA DA HARMONIA**, onde funcionou a Irldin Editora e a Misericórdia Maria TV), Sede da Ordem Graça Misericórdia (outros nomes: **CASA DA PURIFICAÇÃO**, **CASA DO SILÊNCIO** e **MONASTÉRIO DO RECOLHIMENTO**), Monastério da Transubstanciação, feminino (outros nomes: **ALOJAMENTO** e **CASA ESPELHO**). Três lagos são pontos energéticos importantes de Mirna Jad e Figueira.

F2

- **ÁREA EXTERNA**

Além de espaços ligados aos plantios (grãos, pomares, horta) existem o Labirinto, o curral para bois, o viveiro para gansos, a área de banhos junto a um dos lagos.

- **CASA 1**

Hospedagem, recepção, cozinha, refeitório e sala de oração.

- **CASA 2** / nome original: **ABRIGO**

Construída para acolher pessoas com necessidades específicas. Conta com quartos individuais e coletivos, cozinha, refeitório e lavanderia. Hoje abriga a Sala das Sementes (onde se preparam as sementes para novos plantios), parte da Misericórdia Maria TV, sala de Cura (apoio a emergências), vestiário e copa para o coral, sala e copa para as auxiliadoras.

- **IO CASAS**

Hospedavam enfermeiros, médicos e assistentes de saúde que atendiam no Abrigo. Tornaram-se hospedagem e, hoje, um monastério masculino.

- **CASA DE HOSPEDAGEM PARA MORADORES DE LONGO PERÍODO**

- **GALPÃO DE SERVIÇOS E DE IMPLEMENTOS**

Construído para ser lavanderia, marcenaria, depósito de ferramentas e implementos agrícolas. Hoje os espaços foram remanejados para dar lugar a depósitos de materiais de cenografia.

- **GALPÃO E PÁTIO DE GRÃOS**

Beneficiam e armazenam parte dos grãos colhidos em F2 e nas Terras do Sol.

F3 — ÁREA SILÊNCIO

- **CASA DA ENTRADA**

Salão de reuniões, salas, lavanderia, *trailers*, quartos para retiros. Hoje recebe um monastério masculino. Um círculo de pedras e um jardim circular gramado, com bancos de pedras, são importante local energético.

- **SIG, SETOR DE IMAGEM E GRAVAÇÃO DE ÁUDIO**

Casa de hospedagem adaptada para ser um estúdio, onde se procedia à edição dos áudios de palestras do Trigueirinho e, mais tarde, à filmagem delas.

- **CASAS INDIVIDUAIS**

Originalmente destinadas ao Monastério Eremítico, em uma Trigueirinho viveu mais de 20 anos. Com acréscimos e alterações, hoje são casas de monges. O conjunto recebeu uma sala octogonal para orações e eventos.

- **CASA GRUPAL**

O galpão, construído para ser marcenaria, oficina e hospedagem com cozinha, refeitório e lavanderia, hoje é um monastério feminino.

- **CURRAL**

Abriga bois e cavalos.

ÁREA DO NÚCLEO CORAÇÃO SAGRADO / nome original: NÚCLEO SOHIN

Área externa: Templo das Árvores, Labirinto, pomar, galpão, uma casa de madeira para retiros junto ao lago e à área de banhos, na mata nativa. Além de seu principal setor, o de Cura, a casa acolhe um Monastério, hóspedes, salas de hidroterapia, sala para reuniões da comunidade e sala de Adoração ao Santíssimo para o grupo da casa.

ÁREA JARDIM

A maior parte é uma reserva de mata nativa. A outra parte será destinada à construção da nova sede da Escola Parque Tibetano.

TERRAS DA IRMANDADE

- **QUATRO BLOCOS**

Conjunto com quartos de hospedagem, refeitório e cozinha.

- **CASA DO GUARDIÃO**

Casa original da área, usada para hospedagem.

- **CASA CELEIA**

Hospedagem na antiga **CASA DA PRAXIS**, para tratamentos de *Praxis Vertebralis*, realizados também numa tenda na mata, onde o atendido pernoitava em barraca.

- **12 IGLUS**

Local de hospedagem.

- **CASA DOS PASSOS SILENCIOSOS**

Originalmente **CASA DA PURIFICAÇÃO**, tornou-se local de hospedagem.

- **GEODÉSICA**

Salão destinado a reuniões e liturgias.

- **GALPÃO DE SERVIÇO**

ÁREA CASA ASCENSÃO

Área com uma casa, ali funcionou um setor da Misericórdia Maria TV, depois o setor de suprimentos da Ordem Graça Misericórdia. Hoje é um monastério feminino.

TERRAS DO SOL

Uma casa para hospedagem, Sala de Oração, cinco trailers supridos com banheiros secos e um galpão, que apoia trabalhadores, mutirões e o plantio de grãos, principal atividade da área.

CASA LUZ DA COLINA

Área em zona rural, junto à cidade de Carmo da Cachoeira.

- **CASA DE RESTAURO 1**

A moradia original, chamada Casa da Sede, é utilizada para hospedagem e salas de atendimento do Setor Cura.

- **CASA DE RESTAURO 2**

Uma ala hospeda idosos, a outra ala é um Monastério Feminino.

- **AMBULATÓRIO**

Setor Cura: consultórios e salas de atendimentos ofertados a hóspedes e a colaboradores e moradores de Carmo da Cachoeira.

- **BLOCO DE HOSPEDAGEM**

Construído como salão de eventos e hospedagem coletiva feminina, foi subdividido em consultórios. Hoje é apenas hospedagem. Próximo estão o *trailer* com consultório odontológico e garagem para vans com consultórios médicos e odontológicos ambulantes.

- **CASA DA ADMINISTRAÇÃO**

- **BLOCOS COM COZINHA, REFEITÓRIO, LAVANDERIA, DEPÓSITO**

- **CASINHAS GEMINADAS**

Com sala de oração, de reuniões, escritório e biblioteca; após as monjas se transferirem para o Restauro 2, tornaram-se hospedagem de pessoas do grupo estável.

- **SÍTIO DOS REINOS**

Vizinho da Casa Luz da Colina, tem duas casas, galpão, curral e canil. Acolhe e atende os Reinos da Natureza.

- **TERRAS DA UNIDADE**

Ali se preserva uma mata e cuida-se dos Reinos da Natureza. Tem sete casas.

12 CASAS NA CIDADE DE CARMO DA CACHOEIRA

- **CASA DA FEDERAÇÃO** / nome original: **CASA 1**

Primeiro local de hospedagem e recepção de Figueira. Antes, Trigueirinho dava partilhas num pequeno salão ao lado do corpo principal da casa, onde viveu. Hoje o espaço abriga atividades administrativas da Federação e hospeda missionários.

- **CASA 2**

Segunda casa de hóspedes de Figueira. Abriga o trabalho e hospeda o Grupo do Apiário.

- **CASA 3**

Hospedou o Monastério 4 e a Rede de Serviço, nos anos 90. Aí funcionam a administração financeira de Figueira, a secretaria, a recepção, depósitos gerais. Recebeu por anos o refeitório comunitário que, além de suprir colaboradores que se hospedavam em casas da cidade, era aberto para moradores de Carmo da Cachoeira, serviço que ainda funciona de forma reduzida. As atividades da Arte-Educação hoje compartilham o espaço do refeitório.

- **CASA 4**

Anexada recentemente à comunidade, tem função de hospedagem.

- **CASA AMARELA**

Local de hospedagem.

- **CASA PEREGRINA**

Local de hospedagem.

- **CASA NOSSA SENHORA DOS POBRES**

Tarefas da Associação Maria.

- **CASA ESPERANÇA**

Destinada à assistência a animais de pequeno porte e a mutirões de castração de cães e gatos.

- **IRDIN EDITORA**

Tem duas casas: uma, destinada a tarefas da editora. Outra, a vizinha, a depósito de livros e hospedagem de seus colaboradores.

- **ESCOLA PARQUE TIBETANO**

Espaço com salas, biblioteca, quadra e pátio, que abrigou as atividades da unidade Arte-Educação, da Casa Luz da Colina. Hoje, nele funciona a unidade da Escola Parque Tibetano. A outra unidade fica no Núcleo de Serviço Crer-Sendo.

Carmo da Cachoeira, 4.2.24

A PROLE DE TRIGUEIRINHO

CHEGARA A HORA. MILHARES DE CONSCIÊNCIAS RESPONDERAM ao chamado desde o início em 1976. Guiados por instruções de Trigueirinho, continuam a aprofundar a busca espiritual, a doar-se ao serviço voluntário e a padrões de conduta elevados. Pequenos grupos que ele passou a formar em algumas capitais brasileiras, multiplicaram-se em direção a uma obra internacional.

A partir de 1987, ele implantou a Comunidade Figueira, no município de Carmo da Cachoeira, MG. Sua prole se resguarda, desde 2010, sob as asas da Fraternidade – Federação Humanitária Internacional (FFHI), da qual Trigueirinho foi um dos fundadores.

A entidade acolhe todos os credos, culturas e religiões, não tem vínculos com grupos políticos nem econômicos e é sustentada por doações espontâneas. As atividades promovidas pela FFHI são sem custos e o serviço que a apoia, voluntário. Presente em 26 países, em fevereiro de 2024 dela fazem parte as filiadas:

COMUNIDADES-LUZ

- Comunidade-Luz Figueira — CARMO DA CACHOEIRA, MG, BRASIL
- Comunidade-Luz Nova Terra (Crer-Sendo) - TERESÓPOLIS, RJ, BRASIL
- Comunidade-Luz Flor do Sagrado Tepui de Roraima — BOA VISTA, RR, BRASIL
- Comunidade-Luz Fraternidade de Aurora — PAYSANDÚ, URUGUAI
- Comunidade-Luz da Irmandade — CÓRDOBA, ARGENTINA
- Comunidade-Luz Flor de Lys — FÁTIMA, PORTUGAL

NÚCLEOS-LUZ

- Núcleo-Luz de Figueira em Belo Horizonte — BELO HORIZONTE, MG, BRASIL
- Núcleo-Luz de Figueira em São Paulo — SÃO PAULO, SP, BRASIL
- Núcleo-Luz de Figueira em São Carlos — SÃO CARLOS, SP, BRASIL
- Núcleo-Luz de Figueira em Brasília — BRASÍLIA, DF, BRASIL

ASSOCIAÇÕES CIVIS DE SERVIÇO

- Fraternidade – Missões Humanitárias Internacionais (FMHI)
CARMO DA CACHOEIRA, MG, BRASIL
- Fraternidade – Missões Humanitárias Internacionais (FMHI) — GENEBRA, SUÍÇA
- Fraternidade – Missões Humanitárias Internacionais (FMHI) — FÁTIMA, PORTUGAL

- Casa Luz da Colina — CARMO DA CACHOEIRA, MG, BRASIL
- Casa Cristo do Bem — RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL
- Parque Francisco de Assis — LAVRAS, MG, BRASIL
- Camino del Servicio — VIEDMA, ARGENTINA
- Associação Unidade Fraterna Norte Nordeste — SALVADOR, BA, BRASIL
- Rede-Luz Porto Alegre — PORTO ALEGRE, RS, BRASIL
- Associação Santa Clara de Assis — BATATAIS, SP, BRASIL

ASSOCIAÇÕES DE INSTRUÇÃO

- Irdin Editora — CARMO DA CACHOEIRA, MG, BRASIL
- Irdin Editora Europa — FÁTIMA, PORTUGAL

ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS

- Ordem Graça Misericórdia — CARMO DA CACHOEIRA, MG, BRASIL
- Associação Maria, Mãe da Divina Conceção — CARMO DA CACHOEIRA, MG, BRASIL
- Ordem Graça Misericórdia — FÁTIMA, PORTUGAL
- Grace Mercy Order Community — CALIFÓRNIA, ESTADOS UNIDOS

CENTROS MARIANOS

- Centro Mariano de Figueira — MINAS GERAIS, BRASIL
- Centro Mariano de Aurora — PAYSANDÚ, URUGUAI
- Centro Mariano do Espírito Santo — CÓRDOBA, ARGENTINA
- Centro Mariano do Menino Rei — TERESÓPOLIS, BRASIL
- Centro Mariano Santuário da Criação — CAMBORIÚ, BRASIL
- Centro Mariano Sagrada Arca de Deus — BRASÍLIA, DF, BRASIL

REDE-LUZ

- Rede-Luz Planetária — 257 grupos distribuídos em 26 países

DADOS E ÍNDICE — NOVE PIONEIROS

Criadores da história original, nove abriram os portões. Chegaram a Figueira até 1988, formaram o coração do grupo, e aí vivem. Assentaram as primeiras pedras, ajudados por centenas de colaboradores. Frei Ameino e Madre Rosimel seguiam Trigueirinho desde o início dos anos 70. Quatro faleceram.

1. **ANA MARIA SOARES DE SOUZA** – 5.10.1948, Pedreiras, MA. Geóloga. Participou do Conselho. Foi uma das fundadoras da Irdin Editora. (p. 31, 79, 101, 168, 275, 307, 309, 327, 331, 332)
2. **FREI AMEINO** – Dr. José Maria Campos, Clemente, 21.10.1950, Cláudio, MG – Figueira, 16.7.2020. Médico clínico graduado na UFMG, recebeu formação básica em Medicina Antroposófica em São Paulo e especializou-se na Alemanha e na Suíça. Pesquisador não convencional, abriu o Setor Cura de Figueira, onde desenvolveu os próprios métodos terapêuticos. Escreveu doze livros, publicados em português e espanhol. (p. 37, 43, 56, 62, 74, 89, 106, 107, 108, 109, 113, 115, 120, 130, 135, 143, 147, 153, 154, 162, 168, 171, 177, 178, 181, 182, 191, 193, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 217, 234, 238, 246, 268, 276, 293, 299, 301, 314, 353, 354, 356)
- FREI SUPREMO DO REI JESUS** – Samuel Berkman Mendonça Santos, 19.9.1958, Maceió, AL. Psicólogo. Monge da OGM, é um dos quatro membros do Conselho de Regência e Guiança Permanente da Obra. (p. 14, 63, 84, 106, 111, 132, 139, 160, 178, 210, 240, 258, 301, 312, 317, 366)
3. **GERMANO** – Edson Germano Resende Pinto, 1.4.1945, Três Corações, MG. Ex-bancário, segue Trigueirinho desde 1978. Residiu em Nazaré Paulista. Fundou o Setor de Hospedagem, participou da Junta de Acompanhamento e do Conselho. (p. 29, 30, 34, 37, 51, 56, 57, 70, 80, 82, 106, 126, 139, 159, 167, 198, 210, 219, 220, 238, 278, 318)
4. **MADRE ANASTÁXIA** – Maria Elza Brito Silva, 24.6.1943, Maceió, AL. Psicóloga, desde 1986 habita em comunidades criadas por Trigueirinho, de quem recebeu os nomes Íbis e Samatha. É monja da OGM. (p. 30, 95, 99, 109, 111, 112, 137, 168, 210, 246, 348)
5. **MADRE ISABEL** – Maria Adelaide da Costa; 4.8.1957, Belo Horizonte, MG. Reside em Figueira desde 1989. Técnica em Secretariado. Coordenou áreas e monastérios. Fez tarefas em diferentes setores: Secretaria, acolhimento e acompanhamento de pessoas, cozinha, manutenção de área, horta, Centro Mariano, Saúde e Cura. Cuidou de animais e jardins. É monja da OGM. (p. 60, 104, 105, 151, 179, 212, 231, 275)
6. **MADRE ROSIMEL** – Ieda Brandão Pereira, Maria; Ponte Nova, MG, 19.4.1931 – Figueira, janeiro de 2021. Professora de ioga. Residiu em Nazaré Paulista e, na comunidade Figueira, da fundação até falecer. Recebeu de Trigueirinho, em 1988,

o nome Maria, usado até se consagrar monja da OGM. (p. 31, 32, 79, 108, 238, 348, 264, 341)

7. **SATYA** (significa *Verdade*, em sânscrito) – Niza Vilela Pereira, 30.11.1928,– Figueira, 2022. Uberlândia, MG. Trabalhou no escritório do Táxi Aéreo do pai. Esse nome lhe foi dado por Trigueirinho em 1983. Ajudou a construir a Obra. (p. 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 38, 51, 52, 72, 103, 106, 177, 210, 278)
8. **SOFIA** – Áurea Maria Junqueira Carneiro, Conceição do Rio Verde, MG, 31.12.1931. Faleceu em 2.12.2002. Religiosa da Congregação Santa Doroteia, residiu em Nazaré Paulista e Figueira. De Trigueirinho recebeu, em 1985, o nome Sofia. (p. 30, 37, 51, 55, 70, 80, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 114, 141, 148, 149, 177, 236, 246, 286)

89 DOS QUE ESCUTARAM O CHAMADO

1. **ABEL** – Ana Paula Pereira de Carvalho, 21.4.1981, São Paulo, SP. Fotógrafa, cinegrafista e editora de vídeos. Atua nos Setores de Comunicação e Difusão da MMTV, da FFHI e da Comunidade-Luz Figueira. Membro da Rede-Luz Planetária. (p. 208)
2. **ADILSON SILVA RAMACHANDRA** – 12.1.1973, São Paulo, SP. Editor, escritor e pesquisador na área de história. Conheceu Trigueirinho em 1998, por meio do livro *Miz Tli Tlan*. Tarefas em Figueira: plantios, cozinha, difusão de fitas cassete e de *Sinais*. Hoje colabora com a Irдин Editora como consultor editorial. (p. 265 a 270)
3. **ANÁLIA CALMON DA MATTA MACHADO** – 30.6.1955, Belo Horizonte, MG. Pedagoga Waldorf e terapeuta artística. Segue Trigueirinho desde 1978. Atende áreas educacionais da FFHI. Membro da Rede-Luz Planetária. (p. 33, 35, 80, 286, 299, 366)
4. **ANDREIA SUELI GROSSI CHAVES** – 4.3.1968, Conselheiro Lafaiete, MG. Pós-graduada em Pedagogia. Coordenadora Regional da Rede-Luz Minas Gerais. Junta Civil da Rede-Luz Planetária. Junta da Coordenação do Núcleo-Luz Sagrado Céu. (p. 263)
5. **AVE ISIS** – Maria de Lourdes Tavares Costa, 23.2.1950, São Paulo, SP. Letras. Revisora de livros da Irдин Editora, onde foi gestora de 2009 a 2010 e de 2014 a 2022; responsável pela Secretaria Geral, de 2010 a 2014. (p. 315)
6. **BETH GONTIJO** – Elisabeth Cardoso Gontijo, 4.11.1952, Belo Horizonte, MG. Medicina Chinesa. Residiu em Nazaré Paulista no início do Núcleo, de 1982 a 1984. E, em Figueira, reside desde 2009. (p. 104, 206)
7. **BETH PICORELLI** – Elisabeth Calasans Picorelli, 23.7.1948, Araçuaí, MG. Ex-comerciante, segue Trigueirinho desde 1978. Coordena o Núcleo de Figueira em Belo Horizonte e, com mais duas, a Rede-Luz Minas Gerais. (p. 71, 263, 264, 273, 345, 346, 366)
8. **BIA VERGARA** – 5.3.1958, Rio de Janeiro, RJ. Jornalista, terapeuta, acupunturista. Frequenta Figueira desde 1990. Conduz a Casa Cristo do Bem, no Rio de Janeiro. (p. 193, 206, 283)
9. **CATHIA FERREIRA FIGUEIREDO** – 7.8, Santos, São Paulo, SP. Publicitária, astróloga e assistente de pedagogia Waldorf. Apoia o serviço aos animais do Sítio da Estrela. Reside em Belo Horizonte. (p. 115, 206)
10. **CHARA** – Cynthia de Oliveira Frank, 22.9.1955, São Paulo, SP. Publicitária e escritora. Frequentou o Núcleo Nazaré Paulista. Em Figueira, atuou nos setores Sementes, Reflorestamento, Grupo das Árvores, Áreas Externas. Coordenou casas e F2. Reside em Carmo da Cachoeira. (p. 132, 218, 301)
11. **CIRINEU PINTO** – 18.1.1944, Carmo da Cachoeira, MG. Primeiro trabalhador rural a prestar serviços no início de Figueira. (p. 30, 129, 139, 155)

12. **CLARISSA** – Eulalia Regina da Silva Rivera, 3.3.1951, Niterói, RJ. Cirurgiã-dentista, reside em Figueira desde 2001. Recebeu de Trigueirinho o nome atual. (p. 160, 239)
13. **CLÉLIA SARRAPIO** – 18.5.1941, São Paulo, SP. Pedagoga. Ajuda Figueira desde 1987 como entrevistadora, inclusive *online*; na Secretaria, organizou cadastro; atendeu telefone e portaria, entre outras tarefas. Membro da Rede-Luz Cambuquira. (p. 29, 198)
14. **CONCEIÇÃO MARTIN** – 14.8.1949, São Paulo, SP. Formação em Pedagogia e Direito. Segue Trigueirinho desde 1988. (p. 113)
15. **CRISTIANO** – Mauro Cristiano Cavalcanti, 13.2.1975, Recife, PE. Tarefas em Figueira: Plantios, Emergências, Administrativo, Obras. Na FFHI: Missionário Auxiliar Con-sagrado, Setor Emergências, Setor Viagens em veículos. (p. 164)
16. **DELIANE BARBOSA FERREIRA** – 13.2.68, Rio de Janeiro, RJ. Médica. Residiu em Figueira em 1991, onde trabalhou no Setor Plantios. Hoje atua no Setor Saúde e Cura. Membro da Rede-Luz Rio de Janeiro. (p. 115, 210)
17. **DEOCLECIA AMORELLI DIAS** – 9.9.1945, Areado, MG. Foi desembargadora do TRT-MG. Reside em Belo Horizonte. (p. 51, 80)
18. **DILMA VILLELA SILVEIRA ARRUDA** – 7.3.1942, Rio de Janeiro, RJ. Secretária Executiva. Em Figueira, atuou 11 anos na Secretaria e no Acolhimento, entre outros setores. (p. 285)
19. **EDUARDO LIMA BATISTA** – 26.4.1961, Divinópolis, MG. Ex-bancário. Administrador financeiro da comunidade, pelo estatuto da Associação Comunidade Figueira. (p. 90, 94, 366)
20. **ELIZABETE MASON MACHADO** – 13.5.1955, Orleans, SC. Advogada voluntária; uma das duas coordenadoras do Setor Jurídico da Obra e da FFHI, que conheceu em 2012. (p. 84)
21. **ESTÊVÃO** – Gustavo Gontijo Nogueira, 21.11.1969, Belo Horizonte, MG. Advogado. Conheceu Trigueirinho em palestra no colégio Pitágoras, em 1988. Viveu em Figueira de 1990 a 2001. Foi monge, serviu na informática e outras áreas. (p. 127, 236)
22. **EVA CLÁUDIA MARINHO CORRÊA** – 9.11.1963, Maceió, AL. Enfermeira. Colabora com o Setor Saúde e Cura em Figueira e no Núcleo-Luz Sagrados Reinos, em Brasília. Coordena as Redes-Luz Distrito Federal e Centro-Oeste. (p. 66)
23. **EVANDRO OLIVEIRA LEITE** – 10.11.1978, São Paulo, SP. Em 2015, descobriu a instrução de Trigueirinho e, no ano seguinte, mudou-se para Figueira. Ex-hoteleiro, é um dos gestores da Irdin Editora. (p. 269, 312, 336, 366)
24. **FABIAN MISSIONANO** – Expeditus, 12.12.1966, Osasco, SP. Corretor e comerciante de imóveis. Em Figueira atuou como coordenador de F1, F2, F3 e Terras da Irmandade. E dos setores: Manutenção, Transporte, Rádio e Comunicações, Segurança. Publicou *Guia para Situações de Emergência e Ação Imediata em Emergências*, pela editora Pensamento. (p. 140, 148, 178, 219, 220, 268, 311)

25. **FAUSTO DE JESUS FRANCELINO** – 19.12.1956, Carmo da Cachoeira, MG. Mestre de obras contratado pela Comunidade-Luz Figueira desde 1998. (p. 134, 159)
26. **FLAMÍNIO LEVY NETO** – 4.8.1954, Santos, SP. Ph.D. em Engenharia Mecânica. Foi professor universitário do ITA e da Universidade de Brasília. Colaborador do Núcleo-Luz Sagrados Reinos. Ministra para a Rede-Luz Centro-Oeste palestras mensais *online* sobre Meio Ambiente e Sustentabilidade. (p. 297)
27. **FLÁVIA PELLEGRINO** – 30.4.1973, São Paulo, SP. Juíza federal. Conheceu Trigueirinho com 4 anos. Membro da Rede-Luz São Paulo. (p. 97, 98, 240, 277)
28. **FLORENCE** – Teresa Keiko Shimabukuro, 13.5.1955, Presidente Prudente, SP. Graduada em Serviço Social. Residiu em Figueira de 1995 a 2007 e após 2012. Tarefas: cozinha de F2, galpão de grãos, horta, laboratório da Casa do Pátio, administração, diversas casas. Coordenou a casa das Terras do Sol, com retiros na época; esteve um mês no Núcleo-Luz de Roraima; colabora nas Terras do Sol. (p. 218, 286)
29. **FREI CRISTÓVÃO** – George Takimoto Junior, 3.8.1973, Dourados, MS. Engenheiro mecânico. Residiu em Figueira a partir de 2004. Principais tarefas: Plantios, EAI, setores Solo e Águas, Segurança, Som, Imagem e Gravação (SIG), Irдин Editora, Transporte, Manutenção, Informática. Ingressou na OGM em 2012. (p. 313)
30. **FREI BERNARDO DA SANTA CRUZ** – Hilton Cesar Casagrande, 13.6.1970, São Paulo, SP. Mestrado em Antropologia. Em 1996 mudou-se para Figueira. De Trigueirinho recebeu o nome Sastra. Principais setores em que atuou na comunidade: setores Cura, EAI, Solo e Água, Transportes, Estradas. Em 1998, consagrou-se monge do Monastério de Figueira, o da Cura e, em 2009, da OGM. (p. 95, 131, 151, 168)
31. **FREI LUCIANO DA PURÍSSIMA MÃE** – Francesco Gullo, 11.9.1963, Rio de Janeiro, RJ. Professor de Educação Física. Chegou a Figueira em fevereiro de 1990, onde reside desde então. Recebeu três nomes. De Trigueirinho: Nihos (significa *Sohin* de trás para frente); da Hierarquia: Sivanum, em 2009, (significa *aquele que liga as dimensões*) e Luciano, em 2014, (significa *aquele que ilumina os caminhos*). Principais tarefas: criação e desenvolvimento do Laboratório de Figueira, motorista de Trigueirinho, Cozinha e Padaria Central de Figueira, Setor Plantios de F3 e de F2, Setor Sementes, coordenador do Coral e de áreas de Figueira, Secretário de Trigueirinho, escritor e palestrante, Gestor Geral da Fraternidade – Federação Humanitária Internacional, Gestor Geral da Fraternidade Missões Humanitárias. (p. 84, 109, 129, 141, 236, 239, 245 a 250, 289, 300, 336, 357, 366)
32. **FREI RENATTO DEL CASTO CORAZÓN** – Marcelo Damián Bonialian, 30.1.1979, Buenos Aires, Argentina. Professor Nacional de Artes. Reside em Figueira desde 2000. Tarefas atuais: coordenador do Setor Plantios e Sementes, do Monastério da Sagrada Humildade, do Comitê de F2, membro do Comitê Central da Comunidade-Luz Figueira. (p. 257, 298)
33. **FREI SANTIAGO DE LA HUMILDE PUREZA DE MARIA** – Geraldo Majella Franklin Ferreira Filho, 26.8.1959, Goiânia, GO. Procurador do Estado de Goiás. Reside em Figueira desde julho de 1994. De Trigueirinho, recebeu os nomes Jiva, em

- 16.9.1999, e Jivaé, meses depois. Ao entrar para a OGM, em novembro de 2009, seu nome foi trocado para Santiago. Ordenado sacerdote, em 4.3.2017. (p. 236, 237, 239, 312, 313, 326)
34. **FREI ZEFERIAS DE TARSO** – Augusto dos Reis Vieira e Silva, 19.5.1979, Ribeirão Preto, SP. Musicista e Maestro. Conheceu Trigueirinho em 1994, através de livros e fitas cassete. Em 1998 foi a Figueira pela primeira vez, para onde se mudou em seguida. Trabalhou nos pomares, nas Áreas Externas e no Coral. Em Edição de Áudio, com Trigueirinho, de 2002 a 2010. Consagrou-se monge da OGM em 2011. (p. 151, 196, 283, 318, 323 a 326)
35. **GALILEA** – Ros'Angela Castelar Toledo, 9.11.1960, Tombos, MG. Psicóloga, fundou e coordena o Núcleo de Serviço Crer-Sendo, em Teresópolis, RJ. A partir de 1988, Trigueirinho passou a apoiar sua busca espiritual. Dele recebeu os nomes Rhada e Pama. (p. 238, 239, 240)
36. **GHAMMA** – Liana Rodrigues Batista, 2.8.1967, Carlos Chagas, MG. Cresceu em BH. Curso de Nutrição inconcluso. Conheceu Figueira em 1988, onde residiu por dois períodos de 7 anos, após 1992. Integrou a equipe de construção do monastério feminino e lhe confiaram o Setor de Hidráulica por dois anos; a horta, por quatro. (p. 110, 140, 218, 275)
37. **GRAN** – Magda Beatriz Rockett Berkowitz, 25.11.1957, Bagé, RS. Psicóloga. Em 1995, visitou Figueira, quando já residia nos EUA, onde coordenou o trabalho no país e na América do Norte. Hoje é uma dos dois editores e tradutores de Trigueirinho nos EUA. (p. 334, 335)
38. **HADAR** – Odete Aparecida Tomazoli, 30.1.1959, Cornélio Procópio, PR. Fisioterapeuta. Chegou a Figueira em 1990. Principais tarefas: Plantios, Coral, Saúde e Cura. Membro da Rede-Luz São Paulo. (p. 219, 286)
39. **HANNUAH** – Berta Veloso de Passos, 9.10.1948, Remanso, BA. Atuou em serviço social. Recebeu de Trigueirinho o nome Hannuah em 2010. Reside em Figueira desde 2009. (p. 54, 55)
40. **HUBERTO CORRÊA DA VEIGA LIMA** – 25.4.1944, Carmo da Cachoeira, MG. Economista, ex-bancário. Reside na área rural de Carmo da Cachoeira. (p. 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 36, 38, 39, 79, 82, 110)
41. **IRMÃ SARA DE DIOS** – Adriana Tiziano Simionato, 27.11.1982, Campinas, SP. Monja da Ordem Graça Misericórdia e Advogada. Co-coordenadora do Setor Jurídico da Fraternidade - Federação Humanitária Internacional e filiaidas. (p. 84)
42. **JOSÉ DE ARIMATÉIA** – Ivanilson Costa Barros, 21.5.1957, Rubim, MG. Engenheiro eletricitista pela UFMG. Passou longos períodos em Figueira, onde morou entre 1991 e 2000. Residiu no Núcleo-Luz BH e depois em Figueira desde 2010. (p. 67)
43. **JOSÉ MACIEL** – 19.7.1954, Pompeia, SP. Músico regente e empresário do Coral Meninas Cantoras de Lavras. Em Figueira, atuou como regente e professor de Música. (p. 133, 182, 192)
44. **LÉO TANNOUS** – 26.6.1987, São Paulo, SP. Engenheiro Ambiental e Designer de Assentamentos Sustentáveis. Em Figueira, foi contratado em 2020 para gerenciar

recursos prediais, projetos e obras de hidráulica e recursos hídricos, infraestrutura e transporte, saneamento e construção civil das fazendas. (p. 175)

45. **LÍGIA GARCIA DA EIRA** – 5.10.1956, Araçatuba, SP. Administradora de empresas. Serve na Irдин Editora. Reside em Carmo da Cachoeira. (p. 65, 337)
46. **LILAH TIEMI ASSAOKA HOSSAKA** – 11.10.1953, Assaí, PA. Psicóloga. Chegou ao trabalho em 2004. Desde 2014 coordena a Rede-Luz Curitiba, traduz mensagens; é acolhedora e entrevistadora. (p. 291)
47. **LILIA CRISTINA CESAR MAYNARDES ARAUJO** – 15.9.1951, São Paulo, SP. Estilista-artesã, ecologista, arte-terapeuta. Em Figueira serviu na área alimentar, no laboratório, nos plantios, na lavanderia. (p. 66, 107)
48. **LUCIANA LUZZI** – 14.6.1961, São Paulo, SP. Psicóloga. Acompanha Trigueirinho desde 1983. Membro da Rede-Luz São Paulo. (p. 255, 285)
49. **LUCINEI DE LIMA LUIZ** – 4.8.1952, São Paulo, SP. Técnico em eletrônica. Chegou a Figueira em 1989, e sua tarefa sempre foi com o Som. (p. 96, 145, 318, 319, 292, 320)
50. **LUZ DE LA ESPERANZA** – Isabel Sofia Mesquita de Abreu, 7.9.1961, Lisboa, PT. Conheceu Trigueirinho em 1989. Esteve em coordenações do Setor de Transporte do Núcleo-Luz de Figueira em São Paulo e da Difusão Regional da Instrução. Desde 2012, dedica-se à Associação Maria da Divina Conceção da Trindade. (p. 285, 333)
51. **LUZ HELENA DE FÁTIMA NAVES** – 28.10.1954, Carmo da Cachoeira, MG. Professora de 1ª a 5ª série, aposentada. (p. 34, 181, 278)
52. **MADRE MARÍA DE LA SANTA CRUZ** – Maria Lúcia Franklin Ferreira, 19.4.1931, Goiânia, GO. Farmacêutica-bioquímica. Reside em Figueira desde 1993. Recebeu de Trigueirinho, em 1997, o nome Lumen. Em novembro de 2009, entrou para a OGM, em Aurora, Paysandú, Uruguai. (p. 55, 118, 217, 238)
53. **MADRE MARÍA GLÓRIA** – Elizane Gonçalves Pires, 2.12.1958, Guanhães, MG. Terapeuta Ocupacional. Visitou Figueira em 1990 e, daí a dois anos, para residir. Principal tarefa: Setor Saúde e Cura. Ingressou na OGM em 2009. (p. 232, 233, 236)
54. **MADRE ZOROBABEL DE SANTA BHAKITA** – Vanda Nunes Pinto, 29.1.1951, Rio de Janeiro, RJ. Principais tarefas como coordenadora na comunidade, desde a chegada, em 1995: Manutenção de Áreas, Transporte Geral, Casa do Coral, Segurança geral, Horto Medicinal ligado aos Laboratórios. (p. 218, 285)
55. **MANOELINA DA SILVA** – 7.8.1931, Boa Esperança, MG. Assistente social. Conhece Figueira desde 1988. Mora em Carmo da Cachoeira desde 1990. (p. 283)
56. **MARIA ARLINDA CARVALHO SOUZA** – 20.9.1956, Caçula, BA. Professora primária aposentada e empresária no setor de eventos. Em Figueira atuou nos setores: Difusão, Secretaria, Padaria, Hortas, Mutirão, Casa de Farinha, Cozinha, Acolhimento, Entrevistas, Missão Humanitária Sertão de Alagoas por seis vezes, Missão Enchente no Sul da Bahia. Coordena a Rede-Luz Itapetinga. (p. 131, 161, 284, 306)

57. **MARÍA CARIDAD** – Leila Fonseca Aravechia, 9.1.1959, São Paulo, SP. Professora de Música, Canto e Piano. Em Figueira, atuou nos setores Difusão, Coral, Mutirões para Figueira, Acolhimento e Entrevistas. Membro da Rede-Luz Campinas. (p. 62, 128, 261, 275, 330, 331)
58. **MARIA DAGMAR BASTOS DE PAULA** – 4.8.1952, Belo Horizonte, MG. Psicóloga e musicista. Membro da Rede-Luz Belo Horizonte. (p. 54, 60, 274, 286)
59. **MARIA DE FÁTIMA GUARNIERI** – 6.1.1954, São Paulo, SP. Administração de Empresa. Acompanhou Figueira desde 1989, realizando diversas tarefas. (p. 62)
60. **MARÍA DEL ROSAL** – Rosineide Lima Pereira de Freitas, 11.7.1969, Guarujá, SP. Formação Superior em Secretária Executiva Bilingue. Colabora com Figueira desde 1990, onde serviu na Secretaria, no Setor do Rádio, na harmonização das casas. Teve tarefas como missionária e coordenadora da Rede-Luz São Paulo. (p. 329)
61. **MARIA REGINA GODINHO MARQUES DIAS** – 24.2.1953, São Paulo, SP. Professora de ensino secundário. No Núcleo-Luz de Figueira em São Paulo, atua junto aos Reinos da Natureza. Membro da Rede-Luz. (p. 282)
62. **MARIA RITA CARELLI MENDES** – 20.12.1955, Itápolis, SP. Secretária executiva, é consultora ambiental sobre abelhas no ecossistema. Em Figueira, atua no Grupo do Apiário. Membro da Rede-Luz São Paulo. (p. 63, 74, 75, 92, 93, 284)
63. **MARILDA PELLEGRINO RODRIGUES SOARES** – 5.4.1945, São Paulo, SP. Bibliotecária. Membro da Rede-Luz São Paulo. (p. 25)
64. **MARINA APARECIDA DA ROCHA** – 16.6.1953, Santo André, SP. Reside em Figueira desde 1993, onde se dedicou sobretudo aos plantios. (p. 56, 161, 215, 282)
65. **MAURÍCIO GUIDETTI** – 9.11.1963, São Paulo, SP. Ex-publicitário, conheceu Trigueirinho em 1988 e reside em Comunidades-Luz desde 1993. (p. 113, 142, 235, 302)
66. **MAURO ROTENBERG** – 2.10.1958, Rio de Janeiro, RJ. Psicólogo. Reside em Figueira desde 2011, onde colabora, entre outros, como Tradutor da Associação Maria, Mãe da Divina Conceição. (p. 195, 288)
67. **MENORAH** – Irene Almeida, 16.5.1948, MG. Chegou a Figueira em 1993. Apoiou a Rede de Serviço, o Setor Emergência, participou do Coral. Costureira profissional, é responsável pelo vestuário de estáveis e das casas da comunidade. Foi consagrada como Zeladora, em 2023, quando ganhou seu novo nome. (p. 124)
68. **MICHA-EL** – Alan David Berkowitz, nome hebreu: Eliezer, 12.9.1951, Brooklyn, NY. Psicólogo, especialista em prevenção da violência. Conheceu Trigueirinho durante a visita dele a Paul Brunton. Passaram a se corresponder e foi convidado por ele a visitar Figueira. (p. 305, 334, 335)
69. **MIRA** – Aparecida Maria Carneiro Barquete, 22.4.1944, Conceição do Rio Verde, MG. Dentista. De 1985 a 2005, coordenou o Núcleo Céu Azul, em Belo Horizonte. Em 1997, recebeu de Trigueirinho o nome Mira. É membro da Rede-Luz Planetária. (p. 70, 79, 82, 102, 342, 344)

70. **NARHUN** – Rodrigo Keffer Nogueira dos Santos, 1.7.1969, São Paulo, SP. Mudou-se para Figueira em dezembro de 1990, onde esteve por 15 anos dedicado aos Plantios. Tornou-se monge do quarto Monastério de Figueira, o da Ação Abnegada, em 1994. (p. 167, 236)
71. **NEYDE MAGALHÃES BARRETO** – 17.4.1942, Xique Xique, BA. Funcionária Pública aposentada. Em Brasília, DF, coordenadora de grupo, entrevistadora de candidatos que solicitam conhecer o Centro Espiritual, membro da equipe de radioamadores e da Junta de Coordenação do Núcleo-Luz Sagrados Reinos. (p. 129, 155)
72. **PAULA MASCARENHAS DE F BORGES** – 30.5.1954. Belo Horizonte, MG. Professora de geografia. Conheceu Trigueirinho em 1983. Participou do primeiro grupo da construção do Céu Azul. Em Figueira, atuou sempre no Grupo do Apiário, sendo seu membro mais antigo. (p. 69 a 71)
73. **PAULO ANTONIO FONSECA MACHADO** – 7.5.1950, Belo Horizonte, MG. Professor do Departamento de Matemática da UFMG. Conheceu Trigueirinho em meados de 1989, assistindo a uma palestra do instrutor. Em Figueira, integra o Grupo do Apiário desde 1991. (p. 73, 75, 120, 135, 142, 162, 166, 172, 214, 287, 302)
74. **PAULUS** – 21.2.1964, Boxtel, Holanda. Administrador, dedicou-se ao Turismo. Em Figueira desde 1992, atuou nos setores: Manutenção, Transporte, Plantios, Alimentação, Distribuição, Ensino, Escola, Centro Mariano (guardião), Equipe de Ação Imediata e Coral. (p. 22, 117, 155, 160, 294)
75. **PÓLUX** – Aldo Aroldo Pereira Farias; 12.7.1966, Quaraí, RS. Administrador de Empresas. Residiu em Figueira de 1990 a 2004, sendo 12 anos na Área Silêncio. Tarefas: som das partilhas, do Coral, de encontros e estudos, gravações. Responsável pela Sala de Som e a Casa do Rádio. Foi secretário de Trigueirinho, do Monastério Eremítico e da Área de Silêncio, e guardião das duas áreas. (p. 117, 138, 139, 140, 145, 146, 147, 218, 234, 274, 285, 302, 306, 317, 322)
76. **RAQUEL GERBER** – 23.1.1945, São Paulo, SP. Socióloga, cineasta, terapeuta floral. Membro da Rede-Luz São Paulo. (p. 107,190)
77. **RENATA FALCI** – 28.10.1952, Belo Horizonte, MG. Licenciada em Belas Artes. Apoia a coordenação do Núcleo-Luz Sagrado Céu, em BH. É uma das três coordenadoras da Rede-Luz Minas Gerais. (p. 263, 264)
78. **RICARDO BAUMGARTNER** – 13.12.1954, São Paulo, SP. Formado em Ciências Contábeis e Controladoria. Conheceu Figueira em 1992, para onde se mudou em 2009. Tarefas: apoio à coordenação das Terras da Irmandade, diretor da Irdin, coordenador do Grupo das Árvores e do Setor Água, diretor dos setores Emergências, Administrativo e Financeiro da Fraternidade, coordenou 22 Missões Humanitárias, foi motorista de Trigueirinho, diretor do Projeto da Fraternidade em Roraima, Coordenador Operacional do Projeto da Fraternidade em Roraima e Manaus, membro do Grupo Solar. (p. 168 a 172, 214, 312, 315)
79. **RITA SOUTO** – Bathy; 27.5.1946, Indaiá, BA. Professora de Letras, redatora em Escritório de Advogados. Em Figueira, colaborou com diversos setores. Responsável pela Rede de Serviço, membro do Monastério de Figueira. (p. 125, 236)

80. **ROBERTO ABUTARA** – 12.4.1940, São Paulo, SP. Dentista. Com a esposa Kitty, desde 1987 colaborou na formação de Figueira. Participou do Conselho de Figueira durante 22 anos. (p. 82, 126, 128, 129, 262, 275, 276, 362)
81. **ROBERTO MANFRIN ZUCCA** – 22.11.1959, Niterói, RJ. Engenheiro Elétrico. Chegou a Figueira em outubro de 1990. Colaborou em projetos, construções, manutenções, apresentação de treinamentos e seminários. (p. 155, 174)
82. **RONER ARAUJO CALDEIRA DE MOURA** – 10.5.1963, Belo Horizonte, MG. Engenheiro de Minas, Analista de Tecnologia e Segurança da Informação. Chegou a Figueira em 23.12.1989. Tarefas: plantios, apoio à antiga Casa 1, Coral, Junta da Vida Criativa e da Oração pela Paz nas Nações. Membro da Rede-Luz Planetária. (p. 54, 153, 311)
83. **SALVATO** – Feliciano Henrique Machado Coelho; 28.3.1961, Belo Horizonte, MG. Diretor de cinema. Membro da Rede-Luz Planetária. (p. 152, 192, 288)
84. **SAMARIA** – Regina Celli Prata; 9.10.1962, Ouro Preto, MG. Jornalista. Reside em Figueira desde 2011. Principal tarefa: Direção da Misericórdia Maria TV desde 2018 — núcleo de trabalho que pertence à Associação Maria. (p. 316)
85. **TARCISIO** – Fernando Casas; 13.5.1970, Buenos Aires, AR. Dono de fábrica de móveis para escritório. Mora desde 2012 em Comunidades-Luz, onde atua com o Setor Obras, coordenação de áreas e administração. Em Erks, esteve de 12.2012 a 11.2013. Em Figueira, coordenou F2 e apoiou eventos, de 11.2013 a 2.2021. Em Aurora, coordenou R1 de 3.2021 a 12.2021. Em Figueira desde 2022. (p. 280)
86. **VANILDA FERNANDES GONTIJO** – 3.1.1963, Divinópolis, MG. Arquitetura e Urbanismo, Licenciatura em Música. Conheceu Trigueirinho numa palestra pública, em 1987. Participou do grupo de audição de fitas, em Divinópolis, entre 1988 e 2007, quando se mudou para Carmo da Cachoeira. Em Figueira: Arquiteta do Setor Obras, apoio ao Setor Emergência, professora de Música e de Matemática da Escola Parque Tibetano, participante do Coral de Figueira. (p. 118, 122, 152, 158, 166, 168, 176, 315, 366)
87. **VERA MARIA IUROVSKI PEDRO** – 1.11.1947, São Paulo, SP. Professora de inglês aposentada. Coordenou a manutenção, o transporte, a difusão da instrução de Trigueirinho na América Latina. Apoiou a coordenação da Editora Irдин de 2009 a 2012. Após 2012, é Gestora de Acolhimento e Serviço no estatuto da Associação Núcleo-Luz de Figueira em São Paulo Sagrada Casa de Maria, Mãe Paulista, e membro da junta coordenadora. (p. 333)
88. **WALMA CASTRO BOECHAT GOMIDE** – 2.6.1938, Rio de Janeiro, RJ. Do lar. Disponível para o trabalho, em Belo Horizonte coordenou grupo de estudos, o coral do Céu Azul e participou do setor Saúde e Cura de Figueira e do Núcleo. (p. 31)
89. **ZARA** – Cleusa Maria Brandão; 17.4.1955, São Domingos do Prata, MG. Bancária. Desde 1990, reside e doa-se a Figueira e a Comunidades-Luz coligadas. (p. 61, 128, 137, 149)





36



37



38



39



40



41



42



43



44



45



46



47



48



49



50



51



52



53



54



55



56



57



58



59



60



61



62



63



64



65



66



67



68



69



70



71



72



73



74



75



76



77



78



79



80



81



82



83



84



85



86



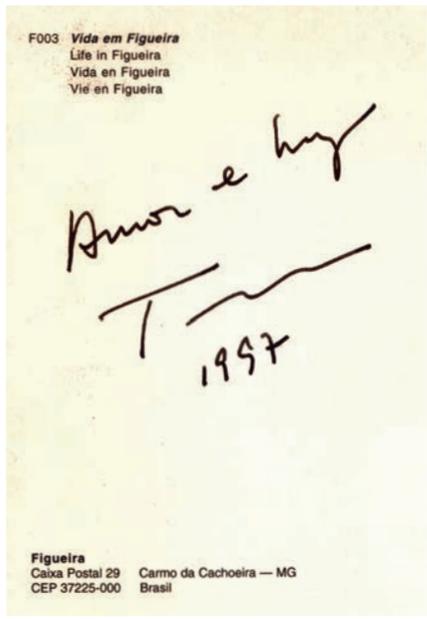
87



88



89



Livros de Trigueirinho

1987

- NOSSA VIDA NOS SONHOS
- A ENERGIA DOS RAIOS EM NOSSA VIDA

1988

- DO IRREAL AO REAL
- HORA DE CRESCER INTERIORMENTE
– *O Mito de Hércules Hoje*
- A MORTE SEM MEDO E SEM CULPA
- CAMINHOS PARA A CURA INTERIOR

1989

- ERKS – *Mundo Interno*
- MIZ TLI TLAN – *Um Mundo que Desperta*
- AURORA – *Essência Cósmica Curadora*
- SINAIS DE CONTATO
- O NOVO COMEÇO DO MUNDO
- A QUINTA RAÇA
- PADRÕES DE CONDUTA PARA A NOVA HUMANIDADE
- NOVOS SINAIS DE CONTATO
- OS JARDINEIROS DO ESPAÇO

1990

- A BUSCA DA SÍNTESE
- A NAVE DE NOÉ
- TEMPO DE RETIRO E TEMPO DE VIGILIA

1991

- PORTAS DO COSMOS
- ENCONTRO INTERNO – *A Consciência-Nave*
- A HORA DO RESGATE
- O LIVRO DOS SINAIS
- MIRNA JAD – *Santuário Interior*
- AS CHAVES DE OURO

1992

- DAS LUTAS À PAZ
- A MORADA DOS ELÍSIOS (1992-1995)
- HORA DE CURAR – *A Existência Oculta*
- O RESSURGIMENTO DE FÁTIMA (*Lys*)
- HISTORIA ESCRITA NOS ESPELHOS
– *Princípios de Comunicação Cósmica*
- PASSOS ATUAIS
- VIAGEM POR MUNDOS SUTIS
- SEGREDO DESVELADOS – *Iberah e Anu Tea*
- A CRIAÇÃO – *Nos Caminhos da Energia*
- O MISTÉRIO DA CRUZ NA ATUAL TRANSIÇÃO PLANETÁRIA
- O NASCIMENTO DA HUMANIDADE FUTURA

1993

- AOS QUE DESPERTAM
- PAZ INTERNA EM TEMPOS CRÍTICOS
- A FORMAÇÃO DE CURADORES
- PROFECIAS AOS QUE NÃO TEMEM DIZER SIM
- A VOZ DE AMHAJ
- O VISITANTE – *O Caminho para Anu Tea*
- A CURA DA HUMANIDADE
- OS NÚMEROS E A VIDA – *Uma nova compreensão da simbologia oculta nos números*
- NISKALKAT – *Uma mensagem para os tempos de emergência*
- ENCONTROS COM A PAZ
- NOVOS ORÁCULOS
- UM NOVO IMPULSO ASTROLÓGICO

1994

- BASES DO MUNDO ARDENTE
– *Indicações para contato com os mundos suprafísicos*
- CONTATOS COM UM MONASTÉRIO INTRATERRENO
- OS OCEANOS TÊM OUVIDOS
- A TRAJETÓRIA DO FOGO
- GLOSSÁRIO ESOTÉRICO

1995

- A LUZ DENTRO DE TI

1996

- PORTAL PARA UM REINO
- ALÉM DO CARMA

1997

- NÃO ESTAMOS SÓS
- VENTOS DO ESPÍRITO
- O ENCONTRO DO TEMPLO
- A PAZ EXISTE
- COLEÇÃO 21 LIVROS DE BOLSO

1998

- CAMINHO SEM SOMBRAS
- MENSAGENS PARA UMA VIDA DE HARMONIA

1999

- TOQUE DIVINO
- AROMAS DO ESPAÇO
- NOVA VIDA BATE À PORTA
- MAIS LUZ NO HORIZONTE
- O CAMPANÁRIO CÓSMICO
- NADA NOS FALTA
- SAGRADOS MISTÉRIOS
- ILHAS DE SALVAÇÃO

2003

- UM CHAMADO ESPECIAL
(publicado originalmente em inglês com o título CALLING HUMANITY)

2004

- ÉS VIAJANTE CÓSMICO
- IMPULSOS
- PENSAMENTOS PARA TODO O ANO

2006

- TRABALHO ESPIRITUAL COM A MENTE

2009

- SINAIS DE BLAVATSKY
– *Um inusitado encontro nos dias de hoje*

2012

- CONSCIÊNCIAS E HIERARQUIAS

2015

- MENSAGENS REUNIDAS
- MENSAGENS PARA SUA TRANSFORMAÇÃO

2017

- PÁGINAS DE AMOR E COMPREENSÃO

2018

- NOVOS TEMPOS, NOVA POSTURA

2019

- SELEÇÃO DE PENSAMENTOS (*4 volumes*)

2020

- VERSOS LIVRES

2021

- COLEÇÃO PEDAÇOS DE CÉU
Aromas do Espaço / Nova Vida Bate à Porta / Mais Luz no Horizonte / O Campanário Cósmico / Nada nos Falta / Sagrados Mistérios / Ilhas de Salvação

2022

- COLEÇÃO SÍNTESES DE LUZ
A Luz dentro de Ti / Portal para um Reino / Não Estamos Sós / Ventos do Espírito / O Encontro do Templo / A Paz Existe / Caminho sem Sombras

Publicados pela IRDIN Editora,
Carmo da Cachoeira/MG, Brasil

Alguns livros do autor estão sendo editados em outros idiomas
pela Associação Irdin Editora, Carmo da Cachoeira/MG, Brasil

Nossa presença digital



WEBSITES:

<https://www.trigueirinho.org.br>
<https://www.irdin.org.br> (obras de Trigueirinho)



YOUTUBE:

<https://www.youtube.com/trigueirinhooficial>
No canal do Youtube temos: “Pensamentos do Dia”
postados diariamente, às 7h; Vídeos inéditos às quartas
(15h30); Vídeos em outros idiomas às sextas (15h30).
Transmissões ao vivo aos domingos, às 20h.



FACEBOOK:

@TrigueirinhoOficial



INSTAGRAM:

@irdin_editora



TELEGRAM:

@trigueirinho
@trigueirinho_partilhas



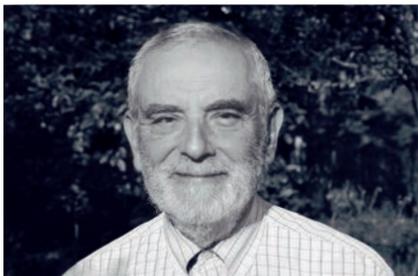
SPOTIFY (Podcast)

Trigueirinho – Ensinos Filosófico-Espirituais



E-MAIL:

Entre em contato conosco através do e-mail:
trigueirinho@comunidadefigueira.org.br



*Deixa o sopro do espírito
Conduzir a tua barca
Ele sabe o rumo a tomar*

*Os mundos elevados
Que queres alcançar
O planeta que te acolhe
As estrelas e o firmamento
Todos passarão
São apenas degraus
De uma escalada infinita*

Vida maior te chama

SOPRO DO ESPÍRITO

Trecho do cântico
composto por Trigueirinho

Esta obra foi impressa no Brasil
pela Meta Brasil,
em papel ofsete 90 g/m², para a
Irdin Editora, em fevereiro de 2024.

Fundada por José Trigueirinho em 1987, a Comunidade-Luz Figueira é o tema deste livro. Trata da reconstituição histórica do poderoso movimento regido pelo instrutor, escritor e filósofo para erigir o Centro Espiritual. Isso se deu e ainda hoje prossegue com doações espontâneas de colaboradores, que o suprem, e com um vasto grupo de voluntários.

Áreas de pastagem ao sul de Minas Gerais tornaram-se belas fazendas reflorestadas, que já receberam mais de 36 mil seres humanos de várias idades e nacionalidades.

Qual o sentido profundo de cada área, casa, labirinto, lago, apiário, onde ancoram o silêncio, orações, mantras, retiros?

Figueira se tornou um laboratório em busca do sagrado, da paz, da harmonia com os Reinos da Natureza. Sem vínculo com religião constituída, as atividades da associação civil sem fins lucrativos são ofertadas sem custos.

Impulsionada, até 2017, pela instrução e a guia de Trigueirinho, a elevação da consciência é o ímã que segue unindo residentes, monges e visitantes da comunidade e de seus Núcleos-Luz. Espelhadas em Figueira, Comunidades-Luz e extensa rede de associações altruístas nasceram na Argentina, no Uruguai, em Portugal, nos Estados Unidos, na Grécia e na Suíça.

A narrativa viaja entre mutirões, observação do céu noturno, vida monástica, energia essênica que une eras, horizontes infinitos. O amor pela vida, sorrisos e solidariedade permeiam a atmosfera desta escrita contemporânea com tendência lírica.

ISBN 978-65-88468-61-6



Associação Irdin Editora
www.irdin.org.br